



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**GLOSSÁRIO SISTÊMICO COMO MATERIAL DIDÁTICO: DESCRIÇÃO DE
TERMOS FORMADOS POR ELEMENTOS ERUDITOS**

REBEKA DA SILVA AGUIAR

Brasília – DF

2018

REBEKA DA SILVA AGUIAR

**GLOSSÁRIO SISTÊMICO COMO MATERIAL DIDÁTICO: DESCRIÇÃO DE
TERMOS FORMADOS POR ELEMENTOS ERUDITOS**

Tese de Doutorado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutora em Linguística.

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística.

Linha de pesquisa: Léxico e Terminologia

Orientadora: Professora Doutora Enilde Faulstich

Brasília – DF

2018

dg da Silva Aguiar, Rebeka
Glossário sistêmico como material didático: descrição de termos formados por elementos eruditos / Rebeka da Silva Aguiar; orientador Enilde Leite de Jesus Faulstich. -- Brasília, 2018.
252 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) -- Universidade de Brasília, 2018.

1. Terminologia. . 2. Terminografia. . 3. Processos de formação de termos constituídos por elementos eruditos. . 4. Glossário.. 5. Divulgação científica.. I. Leite de Jesus Faulstich, Enilde, orient. II. Título.

BANCA EXAMINADORA**Banca examinadora.**

Professora Doutora Enilde Faulstich (UnB/PPGL/LIP)
Orientadora (Presidente)

Professora Doutora Sabrina Pereira de Abreu (UFRGS)
Membro efetivo

Professora Doutora Lindinalva Messias do Nascimento Chaves (UFAC)
Membro efetivo

Professora Doutora Walkíria Neiva Praça (UnB/PPGL/LIP)
Membro efetivo

Professora Doutora Michelle Machado de Oliveira Vilarinho (UnB/PPGL/LIP)
Membro suplente

DEDICATÓRIA

A Deus, criador do Universo.
A minha mãe, que me ensinou as primeiras letras.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida.

A minha orientadora, professora Enilde Faulstich, por ter-me recebido na Universidade de Brasília (UnB) para que eu pudesse cursar o Doutorado, sob sua orientação. Obrigada pelos ensinamentos, orientações e conselhos.

A professora Sabrina Pereira de Abreu, por ter-me recebido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), para estudos do Doutorado Sanduíche.

Aos professores do Programa em Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UnB.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pela bolsa de estudos que me concedeu para me manter em Brasília – DF e investir na minha formação acadêmica.

Aos meus colegas do CentroLexTerm, Patrícia Tuxi, Fausto, Daniela, Messias, Shisleny e Neyara pelos momentos de estudos e pesquisas.

E, por fim, meu marido, Husai, meus pais, Almiro e Dalvani, minhas irmãs, Raquel, Ruth, Sara e meu irmão Artaxexes.

RESUMO

Esta Tese foi desenvolvida no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro LexTerm) da Universidade de Brasília, na área de concentração Teoria e Análise Linguística, especificamente na linha de pesquisa Léxico e Terminologia. O objeto de estudo são os termos constituídos por elementos eruditos, com o objetivo de criar um glossário sistêmico para alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II (EFII). Para o levantamento de dados, utilizamos os livros didáticos do 6º ano do EFII, difundidos pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD)¹, triênio 2017, 2018 e 2019. Identificamos oito estruturas de reconhecimento, a fim de organizar os termos, com a configuração: i) prefixo + base presa (*epífito*); ii) prefixo + base livre (*microrganismo*); iii) base presa + sufixo (*glicose*); iv) base presa + base presa + sufixo (*geocentrismo*); v) base presa + base presa (*ecologia*); vi) base presa + base presa + base livre (*biogeocenose*); vii) base presa + base livre (*geofísica*); viii) base presa + base presa + base presa (*paleontologia*). Apoiada nessas estruturas linguísticas, a sistematização da base de dados ocorreu em duas etapas: em primeiro lugar, fizemos um levantamento de termos de forma manual, e, em segundo, utilizamos o programa *Lexico 3*, com o propósito de atribuir precisão e exatidão à identificação dos dados, por meio das ferramentas do *software*. A Tese se assenta nos fundamentos da Terminologia e da Terminografia, pois essas duas disciplinas ofertam artefatos teóricos e práticos para a sistematização de obras terminográficas de natureza escolar. Além disso, a descrição dos termos constituídos por elementos eruditos se sustenta nos princípios e parâmetros da Morfologia Lexical, em particular, nos processos de derivação, de composição e do *continuum* derivação-composição. Com efeito, elaboramos um glossário sistêmico, que permite ao consulente transitar entre os conceitos veiculados não só pelos termos, mas também pelos formativos eruditos, por meio de *hiperlinks*. Ademais, as definições do glossário foram elaboradas, segundo os princípios da divulgação científica, mecanismo metalinguístico, responsável por facilitar a difusão de conceitos científicos e técnicos para um público menos especializado, no caso desta pesquisa, estudantes que estão em fase de aprendizagem escolar. Esperamos que o modelo de glossário escolar possa servir de base para a elaboração de outros materiais terminográficos para usuários infantis, uma vez que esse público exige a elaboração de macroestrutura e microestrutura de acordo com as particularidades linguísticas, relativas à faixa etária.

Palavras-chave: Terminologia. Terminografia. Processos de formação de termos constituídos por elementos eruditos. Glossário. Divulgação científica.

¹ Órgão vinculado ao Ministério da Educação – MEC.

ABSTRACT

This dissertation was developed at the *Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro LexTerm)* of the University of Brasília, in the area of concentration in Theory and Linguistic Analysis, in the research line of Lexicon and Terminology. The object of study are the terms made up of erudite elements, with the objective of creating a systemic glossary for students of the 6th year of Brazilian Elementary School II (EFII). For the data collection, we used the textbooks of the 6th year EFII, disseminated by the *Plano Nacional do Livro Didático (PNLD)*, triennium 2017, 2018 and 2019. We identified eight structure to organize the terms, with the configuration: i) prefix + prey base (epiphyte); ii) prefix + free base (micro-organism); iii) prey base + suffix (glucose); iv) prey base + prey base + suffix (geocentrism); v) prey base + prey base (ecology); vi) prey base + prey base + free base (biogeocenosis); vii) prey base + free base (geophysics); viii) prey base + prey base + prey base (paleontology). Based on these linguistic criteria, the systematization of the database took place in two stages: firstly, we did a manual survey of terms and, second, we used the *Lexico 3* program, with the purpose of assigning precision and accuracy in the identification through the tools of the software. The dissertation is based on the fundamentals of Terminology and Terminography, since these two disciplines offer theoretical and practical artifacts for the systematization of terminological works of a school nature. Moreover, the description of the terms constituted by erudite elements is based on the principles and parameters of Lexical Morphology, in particular, in the processes of derivation, composition and derivation-composition continuum. In effect, we have developed a systemic glossary that allows the querent to cross between the concepts conveyed not only by the terms, but also by the formative scholars, through hyperlinks. In addition, the definitions of the glossary were elaborated, according to the principles of scientific dissemination, metalinguistic mechanism, responsible for facilitating the diffusion of scientific and technical concepts to a less specialized public, in the case of this research, consultants who are in school learning phase. We hope that this school glossary model could serve as a basis for the elaboration of other terminological materials for children's users, since this public requires the elaboration of macrostructure and microstructure according to the linguistic peculiarities, related to the age group.

Keywords: Terminology. Terminography. Processes of formation of terms constituted by erudite elements. Glossary. Scientific divulgation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa do Dicionário Escolar da Língua Portuguesa Aurélio Júnior _____	48
Figura 2: Exemplo e abonação _____	69
Figura 3: Descrição do termo <i>biosfera</i> _____	138
Figura 4: Livro didático - Investigar e conhecer _____	145
Figura 5: Livro didático - Tempo de Ciências _____	146
Figura 6: Livro didático - Ciências _____	147
Figura 7: Livro didático - Aprendendo com o cotidiano _____	148
Figura 8: Livro didático - Para viver juntos _____	148
Figura 9: Livro didático - Projeto Araribá _____	149
Figura 10: Livro didático - Projeto Teláris _____	150
Figura 11: Codificação numérica e sequencial dos livros em .txt _____	156
Figura 12: Ferramenta para inserção da base de dados _____	156
Figura 13: Figura da etapa inserir a base de dados _____	157
Figura 14: Ferramentas do Lexico 3 _____	158
Figura 15: Valor total de ocorrências _____	159
Figura 16: Identificação dos termos na ferramenta <i>ordre lexicometrique</i> _____	160
Figura 17: Grupo de formas _____	161
Figura 18: Grupo de formas _____	162
Figura 19: Concordância _____	163
Figura 20: Registro das ocorrências dos formativos eruditos _____	164
Figura 21: Campo lexical _____	175
Figura 22: Verbetes _____	213
Figura 23: Verbetes <i>litosfera</i> _____	216
Figura 24: Remissiva _____	217
Figura 25: Remissiva _____	217
Figura 26: Verbetes <i>ecossistema</i> _____	218
Figura 27: Verbetes <i>biossistema</i> _____	218
Figura 28: Verbetes <i>geologia</i> _____	219
Figura 29: Divulgação científica do termo <i>hidrosfera</i> _____	220
Figura 30: Termo <i>hidrosfera</i> _____	221
Figura 31: Verbetes <i>hidrosfera</i> _____	222
Figura 32: Página inicial do glossário _____	224

Figura 33: Apresentação do glossário _____	225
Figura 34: Como usar este glossário _____	225
Figura 35: Verbetes _____	226
Figura 36: Termo entrada _____	226
Figura 37: Categoria gramatical _____	227
Figura 38: Sinônimo _____	227
Figura 39: Definição _____	228
Figura 40: Fonte da definição _____	228
Figura 41: Contexto _____	228
Figura 42: Fonte do contexto _____	229
Figura 43: Remissiva _____	229
Figura 44: Abreviaturas e símbolos _____	230
Figura 45: Página inicial do campo de busca _____	230
Figura 46: Lista em ordem alfabética das entradas _____	231
Figura 47: Microestrutura de <i>aerossol</i> _____	231
Figura 48: Significado de <i>aer(i/o)-</i> _____	232
Figura 49: Campo lexical _____	233
Figura 50: Termo <i>atmosfera</i> _____	233
Figura 51: Busca da microestrutura pelo formativo erudito _____	234
Figura 52: Significado de <i>agro-</i> _____	234
Figura 53: Ficha técnica e referências _____	235

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Termos complexos _____	37
Quadro 2: Classificação dos dicionários conforme as orientações do PNLD (BRASIL, 2012) _____	47
Quadro 3: Verbetes fitogeografia _____	51
Quadro 4: Verbetes recolhedor _____	54
Quadro 5: Verbetes bioma _____	54
Quadro 6: Verbetes biosfera _____	57
Quadro 7: Verbetes ecosfera _____	57
Quadro 8: Verbetes bisnaga _____	57
Quadro 9: Verbetes campainha _____	57
Quadro 10: Verbetes peia _____	58
Quadro 11: Verbetes mesosfera _____	58
Quadro 12: Verbetes oxigênio _____	58
Quadro 13: Verbetes ecossistema _____	59
Quadro 14: Verbetes embasbacar _____	59
Quadro 15: Verbetes efebo _____	59
Quadro 16: Verbetes oxigênio _____	60
Quadro 17: Verbetes croissant _____	60
Quadro 18: Verbetes onívoro _____	60
Quadro 19: Verbetes ditado _____	61
Quadro 20: Verbetes economias _____	61
Quadro 21: Verbetes ecossistema _____	61
Quadro 22: Verbetes ecoturismo _____	62
Quadro 23: Verbetes atmosfera _____	62
Quadro 24: Verbetes biosfera _____	66
Quadro 25: Verbetes monocromático _____	67
Quadro 26: Verbetes monocultura _____	67
Quadro 27: Verbetes agradável _____	67
Quadro 28: Verbetes porcentagem _____	68
Quadro 29: Verbetes biociclo _____	68
Quadro 30: Verbetes baranga _____	68
Quadro 31: Verbetes ecossistema _____	69
Quadro 32: Verbetes inquilinismo _____	70

Quadro 33: Verbetes azeitona-do-mato _____	70
Quadro 34: Verbetes oxímetro _____	71
Quadro 35: Verbetes sushi _____	71
Quadro 36: Verbetes abacateiro _____	71
Quadro 37: Verbetes cutiúba _____	72
Quadro 38: Verbetes monograma _____	72
Quadro 39: Comparação da microestrutura de termos específicos do DA (2004) e do DAJ (2011) _____	74
Quadro 40: Itens lexicais com formativos gregos e latinos em seis línguas _____	81
Quadro 41: Prefixos de origem grega _____	86
Quadro 42: Prefixos de origem latina _____	86
Quadro 43: Prefixos e elementos gregos _____	88
Quadro 44: Prefixos latinos e elementos latinos _____	89
Quadro 45: Termos simples _____	95
Quadro 46: Radicais gregos _____	97
Quadro 47: Radicais gregos _____	98
Quadro 48: Radicais latinos _____	99
Quadro 49: Radicais gregos _____	99
Quadro 50: Compostos morfológicos com vogal de ligação _____	103
Quadro 51: Compostos morfológicos sem vogal de ligação _____	104
Quadro 52: Termos derivados com formativos eruditos _____	107
Quadro 53: Truncamento de formativo que ocupa a primeira posição do vocábulo _____	109
Quadro 54: Lista dos termos com formativos eruditos recolhidos dos livros didáticos _____	151
Quadro 55: Verbetes do DAJ (2011) _____	170
Quadro 56: Prefixo + base presa _____	176
Quadro 57: Prefixo + base livre _____	176
Quadro 58: Base presa + sufixo _____	177
Quadro 59: Base presa + base presa + sufixo _____	177
Quadro 60: Base presa + base presa _____	178
Quadro 61: Base presa + base livre _____	180
Quadro 62: Base presa + base presa + base livre _____	181
Quadro 63: Base presa + base presa + base presa _____	181
Quadro 64: Percurso histórico das gramáticas _____	182
Quadro 65: Significados dos formativos eruditos _____	193

Quadro 66: Estrutura do glossário _____	210
Quadro 67: Modelo de ficha terminológica _____	212
Quadro 68: Ficha terminológica do termo <i>biosfera</i> _____	213
Quadro 69: Análise dos componentes da definição _____	214
Quadro 70: Análise dos componentes da definição _____	215
Quadro 71: Análise dos componentes da definição _____	215

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Ocorrências de elementos eruditos - A - C _____	165
Gráfico 2: Ocorrências de elementos eruditos - C - F _____	166
Gráfico 3: Ocorrências de elementos eruditos - G - L _____	167
Gráfico 4: Ocorrências de elementos eruditos - L - O _____	168
Gráfico 5: Ocorrências de elementos eruditos - O - Z _____	169

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

DA: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa

DAJ: Dicionário Escolar da Língua Portuguesa

DELP: Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa

DH: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

FNDE: Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação

PNLD: Plano Nacional do Livro Didático

UnB: Universidade de Brasília

Cf.: Conferir

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO 1	27
A TERMINOLOGIA E A TERMINOGRAFIA COMO FUNDAMENTOS DO DISCURSO CONCEITUAL DE TERMOS	27
1.1 Terminologia e Terminografia: aspectos teóricos e práticos	28
1.1.1 A aprendizagem da terminologia no espaço escolar	33
1.1.2 Tipos de termos constituídos por formativos eruditos	35
1.1.3 Tipos de produtos terminográficos	40
1.1.4 Macroestrutura de produtos terminográficos	41
1.1.5 Microestrutura de produtos terminográficos	42
1.2 Síntese do capítulo	45
CAPÍTULO 2	46
O REGISTRO DA TERMINOLOGIA EM OBRAS LEXICOGRÁFICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA: DICIONÁRIO ESCOLAR DA LÍNGUA PORTUGUESA AURÉLIO JÚNIOR - DAJ (2011) E NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA - DA (2004)	46
2.1 A classificação dos dicionários escolares conforme as orientações do PNL D (2012)	46
2.2 Avaliação do dicionário escolar da Língua Portuguesa Aurélio Júnior – DAJ (2011)	48
2.3 Avaliação do Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa - DA	63
2.4 Comentários resultantes da análise descritiva do DAJ (2011) e do DA (2004)	73
2.5 Síntese do capítulo	78
CAPÍTULO 3	79
INTERPRETAÇÕES DO TIPO DE PROCESSO DE FORMAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DE TERMOS COM ELEMENTOS ERUDITOS	79

	17
3.1 Os aspectos conceituais e históricos: a gênese do elemento erudito	80
3.2 Divergências acerca dos processos de formação de termos com formativos eruditos	82
3.2.1 Termos com elementos eruditos descritos como processos derivacionais	83
3.2.2 Termos com formativos eruditos descritos como processos composicionais	96
3.2.3 Termos com elementos eruditos descritos como um continuum entre a derivação e a composição	105
3.3 Critérios para o reconhecimento de termos constituídos por elementos eruditos e de sua combinatória interna	111
3.3.1. Formativos: prefixo (elemento erudito) + base livre = microorganismo	114
3.3.2 Formativos: prefixo (elemento erudito) + base presa (elemento erudito) = epífito	115
3.3.3 Formativos: base presa (elemento erudito) + sufixo (elemento erudito) = glicose	115
3.3.4 Formativos: base presa (elemento erudito) + base presa (elemento erudito) + sufixo (elemento erudito) = geocentrismo	115
3.3.5 Formativos: base presa (elemento erudito) + base presa (elemento erudito) = biosfera	115
3.3.6 Formativos: base presa (elemento erudito) + base livre = biodiversidade	116
3.3.7 Formativos: base presa (elemento erudito) + base presa (elemento erudito) + base livre = biogeocenose	116
3.3.8 Formativos: base presa (elemento erudito) + base presa (elemento erudito) + base presa (elemento erudito) = paleontologia	116
3.4 Síntese do capítulo	117
CAPÍTULO 4	118
PRINCÍPIOS E CRITÉRIOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE GLOSSÁRIO COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM DE TERMOS COM FORMATIVOS ERUDITOS NO CONTEXTO ESCOLAR	118
4.1 O glossário do ponto de vista do papel reformulador	118
4.2 O glossário e as novas tecnologias	119

	18
4.3 O glossário e a adequação ao público-alvo	123
4.4 O glossário e a aprendizagem	124
4.5 Aspectos conceituais de glossário sistêmico	127
4.6 Aspectos conceituais da divulgação científica	129
4.6.1 A divulgação científica no discurso conceitual de termos para o público infantil	133
4.6.1.1 Discurso	134
4.6.1.2 Semântica	135
4.6.1.3 Gramática e Léxico na Terminologia	136
4.6.2 A divulgação científica do ponto de vista linguístico	137
4.6.3 Redimensionamento do texto definitório	139
4.7 Síntese do capítulo	140
CAPÍTULO 5	141
METODOLOGIA DA PESQUISA	141
5.1 Delimitação do público-alvo	141
5.2 Constituição da terminologia	142
5.2.1 Padrões estruturais utilizados para a seleção dos dados	142
5.2.2 Coleta dos termos e dos contextos de ocorrência	143
5.2.3 Levantamento das definições dos termos formados por elementos eruditos no DAJ (2011) para divulgação científica	170
5.2.4 Organização dos termos no campo lexical	173
5.3 Categorização dos termos constituídos por formativo erudito	176
5.3.1 Termos: prefixo FORMATIVO ERUDITO + base presa FORMATIVO ERUDITO	176
5.3.2 Termos: prefixo FORMATIVO ERUDITO + base livre	176

	19
5.3.3 Termos: base presa FORMATIVO ERUDITO + sufixo FORMATIVO ERUDITO	177
5.3.4 Termos: base presa FORMATIVO ERUDITO + base presa FORMATIVO ERUDITO + sufixo FORMATIVO ERUDITO	177
5.3.5 Termos: base presa FORMATIVO ERUDITO + base presa FORMATIVO ERUDITO	178
5.3.6 Termos: base presa FORMATIVO ERUDITO + base livre	180
5.3.7 Termos: base presa FORMATIVO ERUDITO + base presa FORMATIVO ERUDITO + base livre	181
5.3.8 Termos: base presa FORMATIVO ERUDITO + base presa FORMATIVO ERUDITO + base presa FORMATIVO ERUDITO	181
5.4 Coleta dos significados dos formativos em compêndios gramaticais e em dicionários da língua portuguesa	181
5.5 Síntese do capítulo	208
CAPÍTULO 6	210
PROPOSTA DE GLOSSÁRIO SISTÊMICO DE TERMOS FORMADOS POR ELEMENTOS ERUDITOS PARA ESTUDANTES DO 6º. ANO DO EFII	210
6.1 Metodologia para a elaboração de proposta de glossário sistêmico: aplicação dos conceitos terminológicos e terminográficos para a elaboração do glossário	210
6.1.1 Aplicação dos princípios e critérios para a elaboração da microestrutura do glossário	211
6.1.1.1 Ficha terminológica	211
6.1.1.2 Remissivas	217
6.1.1.3 A divulgação científica aplicada às definições	219
6.2 Apresentação do modelo de glossário sistêmico de termos formados por elementos eruditos para estudantes do 6º. ano do EFII	222
6.2.1 Glossário sistêmico de termos formados por elementos eruditos	224
6.2.1.1 Apresentação	224
6.2.1.2 Como usar este glossário	225

	20
6.2.1.3 Abreviaturas e símbolos	229
6.2.1.4 Tipos de busca	230
<u>6.2.1.4.1 Ordem alfabética</u>	<u>231</u>
<u>6.2.1.4.2 Campo lexical</u>	<u>232</u>
<u>6.2.1.4.3 Lista dos formativos eruditos</u>	<u>234</u>
6.2.1.5 Ficha técnica	235
6.3 Síntese do capítulo	235
CONCLUSÃO	237
REFERÊNCIAS	239
APÊNDICE	245
GLOSSÁRIO	246

INTRODUÇÃO

Esta Tese se insere na área de concentração Teoria e Análise Linguística, especificamente na linha de pesquisa Léxico e Terminologia do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Nesta pesquisa, estudamos o emprego dos termos constituídos por elementos eruditos, nos livros didáticos do 6º ano do EFII, difundidos pelo PNLD², triênio 2017, 2018, 2019. A leitura desses materiais didáticos demonstrou a presença de uma farta terminologia, sobretudo, de termos com formativos provenientes do grego e do latim.

A estrutura complexa dos termos motivou o objeto de pesquisa, cujo resultado é o desenvolvimento desta pesquisa que tem como propósito elaborar um glossário para estudantes do 6º ano do EFII, que se encontram em fase de aprendizagem de conceitos científicos e técnicos, do componente curricular *Ciências da Natureza*. Identificamos oito estruturas de reconhecimento, para selecionar os dados, quais sejam: i) prefixo + base presa (*epífito*); ii) prefixo + base livre (*microrganismo*); iii) base presa + sufixo (*glicose*); iv) base presa + base presa + sufixo (*geocentrismo*); v) base presa + base presa (*ecologia*); vi) base presa + base presa + base livre (*biogeocenose*); vii) base presa + base livre (*geofísica*); viii) base presa + base presa + base presa (*paleontologia*). A seleção dessas estruturas considerou a constituição interna dos termos.

A hipótese norteadora do estudo parte do seguinte princípio: a descrição semântica dos aspectos morfológicos dos elementos eruditos pode contribuir para a compreensão conceitual dos termos, e, conseqüentemente, para o processo da divulgação científica, por meio do glossário. A Tese que defendemos se sustenta na hipótese de que a descrição gramatical, lexical, semântica e discursiva dos formativos eruditos na microestrutura do glossário, com base nos princípios da divulgação científica, pode auxiliar o estudante na aprendizagem conceitual de novos termos, uma vez que o universo científico é uma realidade no cotidiano das crianças.

Para Faulstich (2013a, p. 80), “as crianças usam as terminologias que estão disponíveis e ao alcance de sua compreensão e interesse, porque a interação linguística com os pares infantis e com os adultos é uma exigência social”. Como a autora enfatiza, a terminologia faz parte do cotidiano da criança, porém o domínio dos conceitos dos termos científicos e técnicos ocorre de maneira gradativa, consoante o desenvolvimento linguístico. Tais considerações evidenciam a proposição de um glossário para alunos do 6º ano do EFII, porque esse público-alvo, além de

² Órgão vinculado ao Ministério da Educação – MEC.

estar na fase de ampliação de vocabulário, está em franco processo de aprendizagem terminológica em diferentes áreas do conhecimento.

No Brasil, a elaboração e difusão de dicionários escolares são recentes, pois, somente em 2001, o Ministério da Educação, por meio do PNLD, publicou o primeiro Edital que contemplava a proposição de dicionários escolares. Estas obras lexicográficas são elaboradas, a fim de atender às necessidades do processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa e das demais disciplinas. De acordo com o material ‘Com direito à palavra: dicionários em sala de aula’, a “[...] função básica do dicionário escolar é a de colaborar significativamente com os processos de ensino e aprendizado [...], favorecendo, ainda, a conquista da autonomia do aluno no uso apropriado e bem-sucedido dos dicionários de referência de sua língua” (BRASIL 2012, p. 21). Em geral, esse tipo de dicionário auxilia o estudante no processo da leitura e da escrita, apresenta o vocabulário de forma sistemática e descreve o significado dos lexemas e dos termos.

Essa situação, entre tantas outras que poderiam ser citadas, justifica a elaboração de uma obra terminográfica para crianças, em razão de, no Brasil, não haver glossários escolares, com o intuito de favorecer a aprendizagem de disciplinas curriculares. Krieger (2006), ao discutir o edital do PNLD (2006), ressalta: “Vale lembrar a total ausência, em nosso meio, de estudos que proponham parâmetros de organização lexicográfica para a escola” (KRIEGER, 2006, p. 250). Nesse sentido, a motivação para a proposição da Tese encontra-se na ausência de materiais terminográficos elaborados especificamente para um tipo de usuário: estudantes entre 10 e 12 anos do 6º ano do EFII.

Para preencher esta lacuna, propomos um glossário sistêmico, que de acordo com Faulstich (1993), é um tipo de obra terminográfica que, por meio das remissivas, cria um caminho para o leitor transitar entre os termos relacionados. Os verbetes serão redigidos com uma linguagem adequada para o público do glossário, que, neste caso, corresponde aos alunos do 6º ano do EFII. O modelo do glossário proposto consiste em apresentar mecanismos que facilitem uma melhor e mais rápida apreensão dos termos com formativos eruditos. Diante dessas considerações, cabe ressaltar também a importância da aprendizagem, uma vez que:

[...] nos radicais gregos reside a fonte inexaurível de onde tem jorrado a água viva de quase todos os neologismos literários, técnicos e científicos. Deles dimanam expressões de gramática, retórica ou filosofia, com eles se formam termos da matemática, mecânica ou astronomia, neles se encontram denominação dos fenômenos físicos, químicos ou biológicos, deles se derivam apelativos numerosos empregados em zoologia ou botânica, geologia, mineralogia ou paleontologia, neles se fundamenta a nomenclatura de vocábulos usados em anatomia ou fisiologia, em clínica, cirurgia ou patologia,

com eles o comércio e a indústria batizam multivariados objetos, aparelhos, produtos e invenções”. (CAMPOS, 1935, p. 17 *apud* CUNHA, 1975, p. 126).

Essa citação deixa claro, então, que os estudantes estão expostos diariamente aos termos científicos. Entretanto, as estruturas linguísticas dos termos não fazem parte da reflexão cotidiana dos estudantes. Em alguns exemplos que seguem, marcamos em negrito as estruturas de base presa complexas: *atmosfera*, *biosfera*, *hidrosfera*, *litosfera*, *troposfera*, *exosfera*, *mamífero*, *herbívoro*, *onívoro*, *fitoplâncton*, *zooplâncton*, *fotossíntese*, *clorofila*, *sísmico*, *sacarose*, *biogeocenose*, *geocêntrico*, *subsolo*, *biociências*, *biodiversidade*, *microrganismo*. A proposta metodológica está fundamentada nos pressupostos da Terminologia, da Terminografia e dos estudos morfológicos.

As perguntas que nortearão o desenvolvimento da pesquisa são:

- i) A Terminologia é uma disciplina que oferta aporte teórico para fundamentar o desenvolvimento de uma obra terminográfica para o público infantil?
- ii) A Terminografia é uma disciplina que oferece fundamentos metodológicos para a elaboração de um glossário escolar?
- iii) Os termos constituídos por formativos eruditos se estruturam com base nos mecanismos da derivação e da composição?
- iv) O Dicionário Escolar da Língua Portuguesa Aurélio Júnior (DAJ, 2011) contém características de minidicionários?
- v) O DAJ (2011) apresenta definições adequadas às particularidades linguísticas dos usuários?
- vi) A divulgação científica como mecanismo metalinguístico subsidia a escrita de definições adequadas ao nível linguístico dos estudantes?

O glossário proposto nesta pesquisa será um produto inovador, tendo em vista que a elaboração deve resultar em verbetes que facilitarão a aprendizagem de unidades terminológicas pelos estudantes. Por esse motivo, a organização se situa na aplicação dos conhecimentos da Linguística aos dados que comporão o glossário. Assim, princípios e critérios convergem para que o produto final – o glossário propriamente dito – possa se constituir em uma ferramenta que auxilie a aprendizagem de termos que contenham na estrutura formativos eruditos. Assim sendo, tomamos como certa a premissa de que um glossário elaborado com fundamentos e princípios linguísticos e metalinguísticos contribui para a aprendizagem de termos científicos.

O objetivo geral da pesquisa é elaborar um glossário de termos com formativos eruditos para os estudantes do 6º ano do EFII. O objetivo geral se apoia nos seguintes objetivos específicos:

- i) Revisar os princípios teóricos da Terminologia, da Terminografia e da Morfologia Lexical, especialmente, os mecanismos de formação de termos, a saber, a derivação e a composição;
- ii) Aplicar os princípios teóricos da Terminologia, da Terminografia e da Morfologia Lexical, especialmente, os mecanismos de formação de termos, a saber, a derivação e a composição;
- iii) Identificar os termos com formativos eruditos nos livros didáticos destinados ao 6º ano do EFII;
- iv) Descrever os termos com formativos eruditos, para explicar as estruturas componentes;
- v) Analisar o Dicionário Escolar da Língua Portuguesa Aurélio Júnior - DAJ (2011) com o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa - DA (2004);
- vi) Descrever os procedimentos terminológicos e terminográficos necessários para a elaboração de uma obra terminográfica para crianças;
- vii) Criar um glossário informatizado, com base nas ferramentas propostas pelas tecnologias digitais;
- viii) Registrar os termos no glossário digital para a consulta dos futuros consulentes;
- ix) Disponibilizar ao público-alvo o glossário elaborado.

O trabalho que estamos propondo justifica-se pelas seguintes razões:

- i) Os termos constituídos por elementos eruditos são recursivos nos materiais didáticos para usuários infantis, contudo é a partir do 6º ano do EFII que se estudam essas unidades numa perspectiva científica, pois, ao final da fase infantil, o estudante encontra-se em efetivo processo de aprendizagem dos domínios científicos e técnicos, que denominam o universo das ciências. É, pois, nessa fase que o indivíduo inicia o processo de reconhecimento dos termos específicos. Além disso, o vocabulário do componente curricular *Ciências da Natureza* é expandido para outras disciplinas e para a vida quotidiana dos falantes. Por isso, desenvolver o aprendizado do vocabulário de especialidade desde cedo amplia a visão de mundo dos estudantes.
- ii) Outra motivação é a ausência de materiais terminográficos adequados. Ainda que no Brasil existam dicionários infantis que contenham termos científicos, estes não são suficientes porque, de certa forma, não acompanham o nível de linguagem dos estudantes. Nesse aspecto, o glossário proposto se configura como uma ferramenta tecnológica que

possibilitará a ampliação do vocabulário terminológico e será um documento de divulgação científica. Em continuidade, organizamos a Tese em seis capítulos e ao final de cada capítulo, apresentamos uma introdução e uma síntese.

No capítulo 1, discorremos sobre os fundamentos teóricos e práticos da Terminologia e da Terminografia, com base nos principais autores que discutem o conteúdo, com o propósito de evidenciar que essas duas disciplinas ofertam aparatos para a sistematização de obras terminográficas de natureza escolar. Além disso, demonstramos que os termos constituídos por formativos eruditos, seguem a mesma classificação de formação do vocabulário comum. Também explicitamos que a seleção da tipologia depende exclusivamente do objetivo e da escolha do público-alvo. Além do mais, mencionamos que a organização da macroestrutura e da microestrutura de glossários são indispensáveis à elaboração de um produto terminográfico. Ao final de cada capítulo, apresentamos uma síntese.

No capítulo 2, analisamos o DAJ (2011) em contraste com o DA (2004), por duas razões: primeiramente, para identificar se há distanciamento de conteúdo entre os dicionários. Em segundo, para analisar as definições dos termos com formativos eruditos entre os dois dicionários. O resultado da comparação fortaleceu a elaboração do glossário escolar.

No capítulo 3, apresentamos os aspectos conceituais e históricos dos elementos eruditos, para mostrar que essas estruturas linguísticas estão presentes em unidades lexicais de diversas línguas, até mesmo das não neolatinas. Ademais, discutimos as divergências acerca dos termos formados por aqueles elementos, com vistas a mostrar que não há consenso entre os teóricos sobre a tipologia de processo de formação envolvido na constituição de termos com formativos eruditos. Nesta perspectiva, evidenciaremos que os termos, ora figuram na formação por derivação, ora na formação por composição, ou ainda no *continuum* derivação-composição.

No capítulo 4, o destaque foi para as novas tecnologias de elaboração de glossários, desde a coleta dos dados, até o registro do termo por meio de ferramentas tecnológicas, em um site. Evidenciamos, ainda, que, para uma obra terminográfica atender às particularidades linguísticas do público-alvo, deve ser sistêmica e apresentar uma linguagem técnica e clara ao público a que se dirige. Nesse contexto, a divulgação científica é um mecanismo metalinguístico útil para a elaboração das definições, conforme as singularidades linguísticas exigidas pela terminografia.

No capítulo 5, descrevemos os procedimentos metodológicos empregados para a recolha dos dados. Em primeiro lugar, definimos o público-alvo da pesquisa. Em segundo, delineamos os caminhos que percorremos para a seleção dos termos formados por elementos eruditos e dos contextos de ocorrência e destacamos os critérios utilizados para a recolha dos

dados. Destacamos que essa segunda etapa da pesquisa, primeiramente ocorreu de forma manual, e, posteriormente, por meio do programa *Lexico 3*. Em terceiro, destacamos os compêndios gramaticais da língua portuguesa e os dicionários utilizados, para a busca dos significados dos elementos eruditos.

No capítulo 6, de início, apresentamos a organização dos termos nas fichas terminológicas, bem como a aplicação dos princípios, critérios e fundamentos discutidos ao longo dos capítulos para a elaboração do glossário escolar. Depois, descrevemos as partes do glossário, elaborado como produto final desta Tese.

Na última parte, apresentamos a conclusão, as referências e o apêndice.

CAPÍTULO 1

A TERMINOLOGIA E A TERMINOGRAFIA COMO FUNDAMENTOS DO DISCURSO CONCEITUAL DE TERMOS

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, discutiremos os aspectos teóricos e práticos da Terminologia e da Terminografia, para evidenciar que os conceitos científicos e técnicos precisam ser sistematizados de maneira que a obra terminográfica atinja o objetivo proposto, uma vez que o discurso especializado apresenta características inerentes a cada público-alvo.

Segundo Faulstich (2013a, p. 61): “quando falamos de terminologia, a impressão é de que estamos falando de linguagem de pouco alcance, que surge da invenção de cientistas e de técnicos altamente especializados”. Ao levar em consideração essa perspectiva, é importante evidenciar que a terminologia surge nas academias científicas, nos laboratórios e nos centros avançados de pesquisa, para posteriormente ser divulgado para a população em geral, por meio de textos que divulgam os vocabulários especializados em revistas de grande alcance ou por meio de comunicação de massa. No entanto, a terminologia pertence não só ao mundo dos adultos, mas é também do universo das crianças.

Esta pesquisa resulta de nossa intenção de elaborar um glossário para estudantes que precisam adquirir o vocabulário que aparece nas disciplinas de ciências, porque a terminologia faz parte dos conteúdos dos livros didáticos com os quais os estudantes trabalham durante o período escolar. Em razão disso, precisamos desenvolver uma terminografia com técnicas apropriadas a esse público, com vistas a facilitar a aprendizagem dos conceitos dos termos formados com elementos eruditos, em repertório lexical.

A discussão, neste capítulo, está dividida nas seguintes partes: i) a terminologia como conteúdo relevante para as interações linguísticas na sociedade contemporânea; ii) a terminologia como disciplina que tem funções explícitas para a sistematização de obras terminográficas; iii) a constituição da terminologia por meio de elementos gramaticais eruditos na estruturação dos termos; iv) a terminologia como léxico especializado presente nos currículos escolares.

Neste capítulo, discutiremos: i) os aspectos teóricos e práticos da terminologia e da terminografia; ii) a aprendizagem terminológica; iii) a caracterização e os tipos de termos

constituídos por formativos eruditos; iv) os tipos de produtos terminográficos; v) a macroestrutura de produtos terminográficos; vi) a microestrutura de produtos terminográficos.

Para fundamentar os aspectos linguísticos da Terminologia e da Terminografia, seguimos: Benveniste (2006³); Sager (1993); Cabré (1993); Faulstich (1995a), (1995b) (1999), (2003), (2006), (2010), (2011) (2013a); Abreu (2012) e (2017). Com relação ao ensino e à aprendizagem do léxico especializado, a discussão se assenta na visão de Pontes (1997); dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1998); de Estopà e Cornudella (2013) e de Estopà (2013). De acordo com os objetivos da pesquisa, o intento é elaborar uma obra terminográfica de cunho escolar, a fim de auxiliar o aluno no processo de aprendizagem de conteúdos das ciências naturais.

1.1 Terminologia e Terminografia: aspectos teóricos e práticos

Desde a Antiguidade, os dicionários e os glossários serviram de repositórios de palavras e termos, uma vez que compartilharam de um mesmo objetivo, qual seja, operar como fonte de pesquisa para consulentes que buscavam o significado e o uso de itens lexicais. Porém, na Modernidade, com a finalidade de registrar os termos das áreas de especialidade, surge a terminologia como disciplina, com a função de sistematizar o vocabulário científico e técnico. A terminologia se consolidou quando Wüster, em 1931, em Viena, publicou “*Die internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektronik*”, na Universidade Técnica de Stuttgart (FAULSTICH, 1995b, p. 13). Assim, a Terminologia assume o papel de descrever as informações das ciências e das tecnologias.

Nesta pesquisa, optamos pela Terminologia como referencial teórico, e pela Terminografia como referencial metodológico, porque ambas as disciplinas oferecem subsídios que estruturam o conhecimento especializado dos significados dos domínios científicos. Na atual conjuntura histórica, política e econômica, é inegável a relevância da Terminologia para a sistematização do conhecimento científico e técnico, pois à medida que o mundo avança no conhecimento, as pessoas se tornam mais exigentes, do ponto de vista do conhecimento porque são inúmeros os termos que nomeiam o universo científico. Em face disso, as terminologias são formadas, ou criadas, para marcar o discurso das ciências e das tecnologias. Benveniste (2006, p. 252), afirmou que:

³ O livro em francês foi publicado em 1974.

A constituição de uma terminologia própria marca, em toda ciência, o advento ou o desenvolvimento de uma conceitualização nova, assinalando, assim, um momento decisivo de sua história. Poder-se-ia mesmo dizer que a história particular de uma ciência se resume na de seus termos específicos. Uma ciência só começa a existir ou consegue se impor na medida em que faz existir e em que impõe seus conceitos, através de sua denominação. Ela não tem outro meio de estabelecer sua legitimidade senão por especificar seu objeto denominando-o, podendo este constituir uma *ordem* de fenômenos, um *domínio* novo ou um modo novo de *relação* entre certos dados. O aparelhamento mental consiste, em primeiro lugar, de um inventário de termos que arrolam, configuram ou analisam a realidade. Denominar, isto é, criar um conceito, é, ao mesmo tempo, a primeira e a última operação de uma ciência. (BENVENISTE, 2006, p. 252).

Para Benveniste (2006), a Terminologia está interligada ao mundo científico de modo singular, pois uma área do conhecimento se reconhece a partir do momento em que apresenta um sistema conceitual para defini-la. Ainda conforme o linguista, a consolidação de uma terminologia se efetiva se os termos científicos estiverem relacionados semanticamente entre si, de modo que forme um discurso marcado capaz de caracterizar determinado domínio científico e técnico. A Terminologia é, portanto, um fato linguístico relevante porque a cada dia as palavras com conteúdo especializado estão mais próximas do usuário comum, em função dos avanços tecnológicos.

Na visão de Sager (1993), a Terminologia está presente na maioria dos programas de ensino contemporâneo. Na perspectiva do autor, a Terminologia é “[...] como una serie de prácticas que han evolucionado en torno a la creación de términos, su recopilación y explicación y, finalmente, su presentación en forma impresa o por medios eletrônicos” (SAGER, 1993, p. 19).⁴ Nesse sentido, a Terminologia se constitui de termos, unidades linguísticas utilizadas para denominar o universo das linguagens especializadas, que por meio de tecnologias eletrônicas podem atingir um número considerável de consulentes.

Em conformidade com Sager (1993, p. 21), a Terminologia “[...] es el estudio y el campo de actividad relacionado con la recopilación, la descripción y la presentación de términos, es decir, los elementos léxicos que pertenecen a áreas especializadas de uso en una o más lenguas”.⁵ O autor adverte que a sistematização da terminologia em glossários passa por três fases: a *recompilação*, a *descrição* e a *apresentação dos termos nos verbetes*. A primeira fase corresponde ao momento em que o elaborador do glossário recompila em diversas fontes materiais para criar a base de dados, tendo em vista que todo trabalho terminológico exige um

⁴ “[...] como uma série de práticas que se evoluíram em torno da criação de termos, recompilação e explicação e, finalmente, a apresentação em forma impressa ou por meios eletrônicos”. Tradução nossa.

⁵ “[...] é o estudo e o campo de atividade vinculado à recompilação, à descrição e à apresentação de termos, ou seja, os elementos léxicos que pertencem a áreas especializadas de uso em uma ou mais línguas”. Tradução nossa.

minucioso levantamento de informações gramaticais, semânticas e pragmáticas para a composição da microestrutura.

A segunda fase corresponde ao momento em que o redator do glossário descreve, com base no material recolhido, o conteúdo terminológico que comporá o verbete; trata-se, portanto, de um estudo dispendioso, porque o glossário necessita atender às singularidades linguísticas e extralinguísticas do leitor para disseminar as informações. A terceira fase corresponde à elaboração final do glossário.

Ainda, para Sager (1993), a Terminologia contém duas funções explícitas, com vistas ao alcance do processamento terminológico: “La principal función es la recopilación de información terminológica, que se realiza para mejorar la comunicación y cuya justificación económica reside en ese objetivo⁶” (SAGER, 1993, p. 286). Diante dessa consideração, a principal função da Terminologia é facilitar a comunicação do domínio especializado mediante o papel econômico do conhecimento no âmbito social.

A segunda função “[...] es facilitar un registro del léxico especializado de un lenguaje, un archivo del uso y de los significados léxicos⁷” (SAGER, 1993, p. 286). Com efeito, essa função é essencial para a disseminação dos conteúdos terminológicos, porque é somente por meio do registro dos significados dos termos que as línguas armazenarão a enorme memória de termos que surgem a cada dia.

Para Cabré (1993), a Terminologia compreende as unidades específicas empregadas nas áreas especializadas, razão pela qual são utilizadas em situações marcadas. Cabré (1993, p. 436) declara que “la terminología permite a los especialistas expresar sus ideas y conceptualizar la realidad; y los términos son el vehículo que permite concebir y redactar las normas sobre los productos”.⁸ A função social da Terminologia, segundo Cabré (1993, p. 11) é “facilitar la comunicación entre los especialistas y el público profano, superando así los obstáculos terminológicos creados por el contacto de lenguas”.⁹ Além disso, segundo a autora, a linguagem de especialidade e a língua comum contêm o mesmo sistema alfabético, o mesmo sistema fonológico, o mesmo sistema morfológico, as mesmas regras combinatórias para sintagmas e orações e os mesmos tipos de orações (CABRÉ, 1993, p. 152). A linguista afirma que a

⁶ “A principal função é a recopilação de informação terminológica, que se realiza a fim de facilitar a comunicação, cuja justificação econômica consiste nesse objetivo”. Tradução nossa.

⁷ “[...] é facilitar um registro do léxico especializado de uma linguagem, de um arquivo de uso e dos significados léxicos”. Tradução nossa.

⁸ “A terminologia permite aos especialistas expressar ideias e conceptualizar a realidade; e os termos são o veículo que permite conceber e redatar as normas sobre os produtos”. Tradução nossa.

⁹ “Facilitar a comunicação entre os especialistas e o público não especializado, com o objetivo de superar os obstáculos terminológicos criados pelo contato das línguas” Tradução nossa.

linguagem de especialidade apresenta algumas características próprias como as que destacaremos a seguir.

Para Cabré (1993, p. 152-153)¹⁰, a linguagem de especialidade apresenta como característica:

- i) textos científicos não são compreendidos pelos leigos;
- ii) categoria nominal é prevalecente;
- iii) estruturas morfológicas compostas por formantes cultos (gregos e latinos);
- iv) existência de unidades sintagmáticas;
- v) presença de siglas, símbolos ou empréstimos especializados;
- vi) nominalizações baseadas em verbos;
- vii) frases muitas curtas e pouca subordinação complexa;
- viii) presença de afixos coloquiais ou pouco cultos.

Como foi demonstrado pela autora, a linguagem de especialidade conserva formantes cultos, ou seja, formativos eruditos de origem grega e latina, um dos objetos de estudo desta pesquisa, com vistas a elaborar um glossário, como já foi dito.

Cabré (1993, p.154)¹¹ chama atenção para os aspectos pragmáticos da linguagem de especialidade ao considerar *temática; usuários e situações comunicativas*. No nosso estudo, podemos dizer que a *temática* equivale ao conteúdo da disciplina Ciências da Natureza e os *usuários* os estudantes do 6º do EFII. A *situação comunicativa* equivale ao contexto escolar, porque, durante as aulas, o professor serve-se dos termos para explicar os conceitos.

Cabré (1993, p. 155-156)¹² chama atenção para os aspectos funcionais que podem apresentar: i) o uso da primeira pessoa do plural como fórmula de modéstia; ii) utilização dos verbos no presente; iii) ausência de exclamações; iv) uso de frases curtas; v) utilização frequente das fórmulas impessoais; e vi) atenção centrada nos sintagmas nominais. Nesse caso, entendemos que as definições devem ter redação funcional, como frases curtas e objetivas.

¹⁰ Não redigiremos o texto na íntegra, pois resumimos as partes do texto que compõem as páginas 152 e 153. Cf. Cabré (1993, p. 152-153).

¹¹ Texto na íntegra: “Puede afirmarse que los lenguajes de especialidad son específicos en lo que respecta a três puntos de vista comentados anteriormente: la temática, los usuarios y las situaciones o <<aproximaciones>> comunicativas” (CABRÉ, 1993, p. 154).

¹² Texto na íntegra: “El uso de la primera persona del plural como fórmula de modéstia; la utilización de los verbos en presente; la ausencia de exclamaciones; el uso de frases cortas; la falta de redundancia innecesaria, en relación con los destinatários del texto; la utilización frecuente de las fórmulas impersonales; la atención centrada en los sintagmas nominales; el recurso a otros sistemas de representación incorporados en el texto” (CABRÉ, 1993, p. 155-156).

Faulstich (1999, p. 168), define a Terminologia “[...] como estudo sistêmico da denominação de conceitos que pertencem a áreas especializadas da experiência humana”. Em vista disso, a Terminologia é uma disciplina cuja finalidade é descrever os conceitos das áreas de especialidades. A autora complementa que é sistêmica, porque possibilita ao consulente consultar termos relacionados por remissivas ou por *hiperlinks*.

Faustich (1999, p. 168) acrescenta que “[...] os trabalhos mais modernos, além de levar em consideração o estudo de sistemas conceituais e de representar redes conceituais, estabelecem denominações que facilitam a comunicação profissional”. Nesse caso, a linguista esclarece que a Terminologia tem o objetivo de garantir comunicação direta entre os usuários do domínio científico e técnico, pois, geralmente, os termos são apresentados em dispositivos eletrônicos, o que garante visibilidade no cenário das comunicações especializadas, portanto, Terminologia é:

[...] uma disciplina de ordem sistêmica que prepara *corpora* especializados para a redação técnica e para a elaboração de dicionários eletrônicos de grande alcance. A grande vantagem dessa natureza sistêmica é que a terminologia internacionaliza léxicos de linguagens de especialidade, pois num mundo moderno, que se desenha multilíngue, a comunicação deve ser rápida e eficiente. (FAULSTICH, 2006, p. 27).

Faulstich (2006) enfatiza que a Terminologia serve para promover a comunicação no cenário internacional, que, nos últimos anos, está acontecendo com celeridade, em razão das mídias digitais, o que facilita a objetividade na propagação de informações, ou pelo discurso *científico e técnico* ou pelo discurso de *vulgarização*. Desse assunto, nos ocuparemos no capítulo 4. Cumpre ressaltar, que os dois primeiros são empregados, geralmente, pelos especialistas e pelas pessoas mais escolarizadas, e o último é usado pelos falantes sem conhecimento das áreas especializadas. Desses três discursos, provavelmente, o mais adequado para o nível linguístico das crianças seja o de vulgarização.

Vale lembrar que os glossários não são feitos aleatoriamente, mas seguem regras lexicais, morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas. No caso de um glossário para estudantes de EFII, é preciso estabelecer quais caminhos terminográficos são adequados para a sistematização dos termos, assunto que discutiremos no capítulo 4.

Vimos nesta parte que, Sager (1993), Cabré (1993) e Faulstich (1999) e (2006) acentuam que a Terminologia abarca estudos do vocabulário das linguagens de especialidades, que pode ser registrado em dicionários especializados e glossários.

1.1.1 A aprendizagem da terminologia no espaço escolar

A Terminologia encontra-se nos livros, revistas, desenhos, documentários e filmes do universo infantil, e, principalmente, nos livros didáticos utilizados no espaço escolar, conforme já afirmamos anteriormente. Para Pontes (1997, p. 44) essa disciplina é: “[...] reconhecida como uma matéria importante para o currículo do ensino contemporâneo, uma vez que o uso de termos técnicos não devidamente definidos ou a inconsistência no uso dos termos origina problemas didáticos tanto a docentes como a discentes”. Como as terminologias estão presentes nos diversos setores do conhecimento, se torna necessária a aprendizagem de conceitos.

Os livros didáticos do componente curricular *Ciências da Natureza* apresentam número expressivo de termos formados por elementos morfológicos advindos do grego e do latim. A constituição do vocabulário científico das línguas ocidentais tem origem no fundo lexical grego e latino, portanto os livros didáticos podem apresentar complexa formação linguística como já afirmado por Cunha (1975). Extraímos do livro *Ciências da Natureza* do 6º dos Anos Finais do EFII um repertório de termos que deverão estar inseridos no *Glossário Terminológico dos termos com formativos eruditos*, por exemplo, *hidrosfera, atmosfera, litosfera, biosfera, herbívoro, fitoplâncton, zooplâncton*, etc. Com relação à Terminologia para crianças, Faulstich (2013a, p. 71) deixa claro que:

Há, portanto, uma distância entre o léxico comum, que se compõe de palavras que nomeiam o que a criança vê, ouve e depois repete, e o léxico de especialidade, que se compõe de termos de áreas específicas, apresentado aos aprendizes nas aulas, durante o ensino das matérias escolares. (FAULSTICH, 2013a, p. 71).

Como se pode ver, a aprendizagem terminológica é diferente da aprendizagem do vocabulário do cotidiano, visto que o discurso terminológico é composto de conceitos abstratos para denominações, que, certamente, não fazem parte da realidade linguística cotidiana do estudante infantil. Na visão de Estopà e Cornudella (2013, p. 1): “[...] ya en la escuela se trabajan [...] (suma, resta, triangulo, esfera, ser vivo, agua, hielo, oxígeno, fuerza, etc). De manera que las bases del conocimiento especializado se adquieren desde los primeros años de vida de una persona”.¹³ Dessa forma, fica evidenciado que a inserção dos termos no universo infantil passa pelo processo da aprendizagem terminológica, de preferência no

¹³ “[...] na escola já se trabalha [...] (adição, subtração, triângulo, esfera, ser vivo, água, gelo, força, etc.). Assim, as bases do conhecimento especializado se adquirem desde os primeiros anos de vida de uma pessoa” Tradução nossa.

ambiente escolar, assim, ainda que seja desde as séries iniciais, é necessária a elaboração de técnicas para direcionar o estudo.

Considerando a complexidade da Terminologia para alunos, Estopà e Cornudella (2013, p. 1) ainda acrescentam: “El conocimiento de la ciência se representa y se transfere a través de palabras que activan un significado especializado, preciso y conciso en un determinado ámbito comunicativo”¹⁴. Como vemos, o significado conceitual, por ser complexo, exige do elaborador de um glossário o conhecimento das singularidades que deverá atingir o leitor por meio da definição com significados claros e precisos. Por essa razão, é importante ter em mente que:

El coneixement de la ciência es representa i es transfereix a través de paraules que tenen un significat especialitzat, precís i concís. L’ accés al coneixement especialitzat permet l’ús adequat de la terminologia. Treballar el llenguatge juntament amb el coneixement científic des dels inicis és crucial (ESTOPÀ, 2013, p. 199).¹⁵

Repetimos que a sistematização dos termos para a Educação Básica deve ser planejada, uma vez que exige métodos que facilite a elaboração dos conceitos e, conseqüentemente, do desenvolvimento da linguagem científica pelo público leigo. Para o sucesso desse conhecimento, é preciso desenvolver políticas linguísticas, que se atenham à elaboração de obras terminográficas destinadas ao público-alvo definido.

Relembramos que a linguagem é a base da comunicação humana, por integrar o homem à sociedade, promovendo a participação social e a expressão de conhecimentos, pensamentos e ideologias. Consoante aos PCNs (1998), no EFII, a linguagem é entendida como ação interindividual na interação entre as pessoas. Também é entendida como uma atividade de interlocução que se realiza em práticas sociais. A prática das linguagens de especialidade na sala de aula contribui para o desenvolvimento das ciências e tecnologias, porque Castilho observa que

a língua é um instrumento de interação social, cujo correlato psicológico é a competência comunicativa, isto é, a capacidade de manter a interação por meio da linguagem. Segue-se que as descrições das expressões linguísticas

¹⁴ “O conhecimento da ciência se representa e se transfere por meio de palavras que ativam um significado especializado, preciso e conciso em um determinado âmbito comunicativo” Tradução nossa.

¹⁵ “O conhecimento da ciência é representado e transferido por meio de palavras que têm um significado especializado, preciso e conciso. O acesso ao conhecimento especializado permite o uso adequado da terminologia. Trabalhar a linguagem, juntamente com o conhecimento científico desde o início, é crucial”. (Tradução livre de E. Faulstich).

devem proporcionar pontos de contato com seu funcionamento em dadas situações (CASTILHO, 2014, p. 64).

As linguagens são diversas. Em nossa pesquisa, discutimos e descrevemos um tipo de linguagem, no caso, a linguagem que é usada nos textos científicos e técnicos e a que mais especificamente interessa é a linguagem que compõe os textos do livro didático de Ciências da Natureza, que apresentam uma terminologia de fundo greco-latino. Na próxima seção, descreveremos a classificação dos tipos de termos formados por elementos eruditos.

1.1.2 Tipos de termos constituídos por formativos eruditos

Os termos, como unidades linguísticas, servem para denominar os conceitos do discurso especializado, que se estruturam, por meio de processos morfológicos; entre eles, a derivação e a composição. Esses processos são empregados para descrever os elementos mórficos envolvidos na formação de lexemas e de termos. Segundo Abreu (2017), os termos, e também as unidades lexicais da língua comum, transmitem conceitos, porém a natureza é distinta, tendo em vista que os termos pertencem a domínios especializados, com a intenção de propagar informações de vocábulos especializados. Se do ponto de vista conceitual há diferença, do ponto de vista do processo de formação morfológica não há disparidade, pois, as unidades terminológicas seguem os mesmos princípios dos processos de formação das palavras do vocabulário comum.

De acordo com Pavel (2011 *apud* ABREU 2017, p. 26): “Os termos simples constituem-se de uma só palavra e, na frase, estão delimitados entre dois espaços em branco”. Assim, *crosta* (Medicina) e *embalsamento* (Enologia) são exemplos de termos dessa natureza, pois são vocábulos constituídos de uma entidade gráfica somente, além de se situarem entre dois espaços em branco, conforme se observa nos excertos¹⁶, a seguir: *A crosta é a denominação dada à escama que se forma sobre certas feridas por dessecação de antisséptico, sangue e outros líquidos. O embalsamento é o ato ou efeito de embalsar.* Partindo do entendimento de Pavel (2011 *apud* ABREU, 2017), os termos simples se caracterizam pela unidade extensional da forma e pela grafia unívoca, quer dizer, apenas uma entidade gráfica, a despeito de elementos derivacionais contidos na estrutura do termo, como é o caso do sufixo *-mento* em *embalsamento*.

¹⁶ Fonte: DH (2001).

Por sua vez, os termos complexos “[...] constituem-se de duas ou mais palavras, separadas por espaços em branco ou ligadas por hífen, e formam uma expressão com sentido único, chamada de sintagma terminológico” (PAVEL, 2011 *apud* ABREU, 2017, p. 27). São exemplos dessa tipologia os termos *onça-pintada* (Mastozoologia) e *cadeia alimentar* (Ecologia). No primeiro caso, a unidade lexical é interligada por hífen e, no segundo caso, é separada por um espaço em branco; assim, mesmo que haja duas palavras na estrutura dos termos, há uma fusão semântica, e, assim, a estrutura passa a denotar um único significado.

No ponto de vista de Abreu (2017), a extensão dos termos simples coincide com o radical, como nos exemplos *ácido* (Química e Mineralogia), *abelha* (Entomologia) e *júri* (Direito Penal). Com referência aos estudos terminológicos, a autora assume que:

[...] os termos denominados simples podem ser constituídos apenas de radical (raiz + vogal = tema) [...], mas também podem servir de base para que outros termos simples possam surgir. Nesse último caso, dizemos que os termos simples também podem resultar da afixação de morfemas a um radical, isto é, são formados através de processos derivacionais. Quando o afixo se antepõe ao radical, são formados por derivação prefixal; quando se pospõe, por derivação sufixal (ABREU, 2017, p. 28).

Abreu (2017) segue os mesmos critérios de Pavel (2011) para identificar os termos simples, haja vista que a pesquisadora afirma que um termo constituído de um único radical pode ser ao mesmo tempo o termo, assim pode servir de base para a formação de outro termo. Nesse sentido, os radicais podem receber afixos, para formar novos termos pelos processos da derivação prefixal e sufixal. Em relação ao primeiro processo, que ocorre da união de um prefixo ao radical, Abreu (2017) cita *reabsorção* (Fisiologia, Petrologia), *deságio* (Economia, Termo Jurídico), *inaptidão* (Termo Jurídico), *ablastia* (Botânica) e *prefloração* (Morfologia Botânica); e, em relação ao segundo processo, que ocorre da união de um radical ao sufixo cita *acidose* (Química), *acidez* (Química), *abelhal* (Entomologia), *abelheiro* (Entomologia) e *jurista* (Termo Jurídico).

Além disso, Abreu (2017) considera que os termos simples também podem ser gerados por intermédio da derivação prefixo-sufixação, parassintética e regressiva. Em relação à derivação prefixo-sufixação, formada pela união de um prefixo e um sufixo a um radical, a linguista cita *desacidificação* e *desacidificante* (ambos da Química), concernente à derivação parassintética, constituída pela união simultânea de prefixos e sufixos ao radical; a autora menciona ainda *embarcar* (Marinha) e *repristinar* (Direito). A derivação regressiva resulta da supressão do sufixo com o acréscimo de uma vogal temática. Esse tipo de derivação é elucidado

com os termos *recuo* (Urbanismo) e *ataque* (Música), derivados dos respectivos verbos *recuar* e *atacar*. Posto isso, acerca das unidades terminológicas simples, Abreu (2017, p. 30-31) elenca quatro possibilidades de estruturação, conforme o critério de unicidade extensional:

- a) formada apenas pelo radical;
- b) formada pelo radical mais o acréscimo de um afixo;
- c) formada pelo radical mais o acréscimo de prefixo e de sufixo, concomitantemente ou não; e
- d) formada por derivação regressiva.

Considerando a classificação de Abreu (2017) para os termos simples, observamos que a autora inclui os termos constituídos de apenas um radical, bem como os termos formados pelo processo da derivação em sua totalidade. Portanto, o cerne dessa tipologia está no fato de que todos os vocábulos que contêm em sua extensão um único radical são unidades terminológicas simples, bem como os termos formados por prefixação, sufixação e prefixo-sufixação.

Seguindo o recorte definicional de Pavel (2011) acerca dos termos complexos, Abreu (2017, p. 31) assim os define: “[...] podem ser constituídos por duas ou mais palavras (ou por dois ou mais radicais). Verifica-se [...] a presença de um substantivo acrescido de um ou mais modificadores. Neste tipo de termo, a junção de dois ou mais radicais, ou de duas ou mais palavras, designa um único conceito”. A fim de ilustrar esse tipo de termo, a autora enumera uma série de exemplos de diversos domínios científicos e técnicos, transcrito no quadro 1.

Quadro 1: Termos complexos

Termo complexo	Domínio	Termo complexo	Domínio
1. <i>abelha-africana</i>	Entomologia	12. <i>ácido nucleico</i>	Bioquímica
2. <i>abelha-alemã</i>	Entomologia	13. <i>ácido-base</i>	Química
3. <i>abelha-amarela</i>	Entomologia	14. <i>ácidoresistência</i>	Química
4. <i>abelha-cachorro</i>	Entomologia	15. <i>doença contagiosa</i>	Infectologia
5. <i>abelha-da-europa</i>	Entomologia	16. <i>doença de chagas</i>	Infectologia
6. <i>abelha-da-terra</i>	Entomologia	17. <i>doença de vaca louca</i>	Veterinária
7. <i>abelha-de-cachorro</i>	Entomologia	18. <i>doença de Lyme</i>	Infectologia
8. <i>abelha-de-cupim</i>	Entomologia	19. <i>doença do sono</i>	Infectologia
9. <i>abelha-italiana-amarela</i>	Entomologia	20. <i>doença de Weil</i>	Infectologia
10. <i>ácido aminado</i>	Química	21. <i>doença sexualmente transmissível</i>	Infectologia
11. <i>ácido forte</i>	Química	22. <i>doença de Addison</i>	Endocrinologia

Fonte: Abreu (2017, p. 31).

O quadro 1 mostra que os termos complexos *abelha-africana*, *abelha-alemã*, *abelha-amarela* e *abelha-cachorro* seguem o modelo da justaposição, porque as unidades lexicais conservam a integridade vocabular. Conforme podemos verificar nestes exemplos *abelha-africana*, *abelha-alemã*, *abelha-amarela*, ao substantivo, situado à margem esquerda do composto, é adjungido o adjetivo, com o fim de modificar o sentido do determinado, enquanto que no termo *abelha-cachorro*, é formado por dois substantivos, entretanto, o último radical exerce função de modificador, mesmo sendo um nome. De acordo com Abreu (2017), essas unidades e outras como *abelha-da-europa*, *abelha-da-terra* e *ácido-base* apresentam hífen, outrossim notamos no quadro os sintagmas plenos ou os sintagmas terminológicos, nomenclatura empregada por Pavel (2011, *apud* ABREU, 2017) para termos que apresentem a estrutura como *ácido aminado*, *ácido forte*, *ácido nucleico*, *doença do sono*, *doença sexualmente transmissível*.

Somam-se a esses termos, os sintagmas plenos criados com base nos epônimos, quais sejam, *doença de Weil*, *doença de Lyme*, *doença de Addison* e de *doença de Chagas* (ABREU, 2017). Ainda conforme essa autora, dos termos listados no quadro, *acidorresistência* é o único que não se insere no rol dos critérios propostos por Pavel (2011) para termos complexos, mas Abreu (2017) prefere classificá-lo nesse conjunto de unidades terminológicas, porque se constitui de duas bases livres na língua. A consoante de ligação *r* empregada para ligar as duas palavras que forma *acidorresistência* não tem valor semântico na língua.

Abreu (2017) também chama atenção para a construção morfológica do termo composto de três unidades lexicais, como *abelha-italiana-amarela*, em que, para o núcleo abelha há dois adjetivos modificadores, italiana e amarela, o primeiro confere estatuto de especialidade, e o segundo caracteriza a base abelha (ABREU, 2017).

Abreu (2017) segue os pressupostos de Pavel (2011) para classificar os termos simples e complexos; estes últimos, por sua vez, se subdividem em: “[...] termos compostos (com ou sem a presença de hífen) e termos sintagmáticos (com a extensão de sintagmas plenos)” (ABREU, 2017, p. 32). Os primeiros ocorrem com a justaposição de dois ou mais elementos, entretanto as formas linguísticas se mantêm independentes do ponto de vista lexical e semântico, a exemplo, de *acidorresistência*, já citado.

Os compostos apresentam o hífen para separar palavras compostas, por exemplo, *abelha-da-europa*, *abelha-da-terra*, *abelha-de-cupim* e *abelha-de-cachorro*. Nesses exemplos, se observa que os sintagmas preposicionados exercem a função de adjetivos, pois acrescentam valor semântico à base que, nestes casos, atua como núcleo da unidade terminológica simples. Os termos sintagmáticos, também conhecidos como unidades terminológicas complexas, “[...]”

constituem um vocábulo através de um conjunto de palavras ligadas por uma relação sintática identificável” (DUBUC, 1992, p. 25 *apud* ABREU, 2017, p. 33). Segundo Abreu (2017, p. 33) “Essa relação pode ocorrer entre um substantivo e um adjetivo, um adjetivo e um substantivo, um substantivo e um sintagma preposicional, entre outras combinações possíveis”. Pelo visto, os tipos de relações combinatórias das unidades terminológicas são bastante diversos e ocorrem de forma análoga aos compostos; no entanto, a diferença está no fato de que aquelas unidades se estruturam sintaticamente. Ainda que a unidade lexical à direita seja responsável por atualizar o conteúdo terminológico da unidade, há uma dependência sintática e semântica para a formação do conceito.

Para Fausltich (2003), os termos complexos sintagmáticos operam por meio da concatenação de um elemento base + predicado, como, por exemplo, *célula-tronco adulta da medula óssea*. Nesse sentido, para a autora os argumentos:

[...] são reoperadores do significado de cada conjunto sintagmático antecedente, com a função de especificar, de tal forma que no intervalo que vai do + geral ao + específico se processa o novo conceito, que seja próprio da área de especialidade a que pertence o termo em causa (FAULSTICH, 2003, p. 15).

Em outras palavras, os argumentos constituem a predicação da base, pois são reoperadores de significação dos elementos sintagmáticos. Nesse sentido, a predicação acomoda a especificidade dos vocabulários dos domínios científicos e técnicos. Assim, a unidade terminológica complexa – UTC, constituída de uma base e de argumentos é responsável pelo processamento de conhecimentos especializados. Nesta seção, discutimos os termos simples e complexos, com base no estudo de Abreu (2017). Esse estudo serve de eixo para análise dos termos constituídos de formativos eruditos, que para alguns teóricos, ora figuram na derivação, ora na composição erudita (ABREU, 2017). À vista disso, Abreu (2017, p. 37-38) afirma que:

[...] em conformidade com os critérios estabelecidos por Pavel (2011), consideramos que termos formados por prefixação com elementos eruditos, como *microvilosidade*, e termo formados por composição erudita, como *enófilo* (caso em que os formativos não têm autonomia, isto é, não funcionam como formas livres), estarão entre os termos ditos simples [...].

O ponto de vista de Abreu (2017), é que não há consenso entre os especialistas acerca da categorização dos termos com formativos eruditos. Assim, a autora classifica os termos com elementos eruditos formados tanto pelo processo de derivação quanto pelo de composição

erudita de termos simples. O termo *microvilosidade*, formado pelo prefixo *micro-* + a base livre *vilosidade*, um caso de prefixação; por seu turno, *enófilo* é constituído de dois formantes *en(i/o)-* + *-filo*, porque apresenta duas bases presas; ainda que não sejam independentes na cadeia sintagmática, as duas bases apresentam significados individuais (ABREU, 2012). Nesta Tese, assumiremos o posicionamento de Abreu (2017), e consideraremos que os termos constituídos por elementos eruditos tanto podem ser formados por derivação quanto por composição.

1.1.3 Tipos de produtos terminográficos

A terminografia pode ser aplicada a diversas obras de cunho terminológico, no entanto, a escolha da tipologia depende basicamente do objetivo do produto e do público-alvo. Faulstich (1995a, p. 10-16) relaciona os tipos de produtos terminográfico, como: *dicionário terminológico, vocabulário, léxico, nomenclatura, banco de terminologia e glossário*. Nossa pesquisa prevê a elaboração de um glossário. Em vista disso, seguiremos a constituição para glossários de Faulstich (1995a, p. 14):

1. Repertório que define termos de uma área científica ou técnica, dispostos em ordem alfabética, podendo apresentar ou não remissivas.
2. Repertório em que os termos, normalmente de uma área, são apresentados em ordem sistemática, acompanhados de informação gramatical, definição, remissivas podendo apresentar ou não contexto de ocorrência.
3. Repertório em que os termos são apresentados em ordem alfabética ou em ordem sistemática seguidos de informação gramatical e do contexto de ocorrência.

Nesta pesquisa, adotaremos as três definições de glossário. Primeiramente, porque pretendemos organizar o glossário de forma sistêmica, por meio das remissivas, que se constituem de caminhos para o leitor do glossário chegar a outro termo relacionado. Segundo, porque esperamos descrever os aspectos gramaticais, definitórios, remissivos e o contexto de ocorrência. Concernente a obras para crianças, Faulstich (2010, p. 174) assegura: “[...] o dicionário [glossário] infantil é projetado e elaborado para a faixa etária a que ele pretende atingir e é editado com tipos de letras grandes e ou em cores”. Mais à frente, a autora adita: “o glossário é um documento terminográfico objetivo, dirigido a usuários específicos que procuram informações lexicais e semânticas precisas, com vistas a melhorar o desempenho linguístico e a aperfeiçoar o conhecimento profissional” (FAULSTICH, 2010, p. 178).

De fato, o glossário é uma obra com propósito delimitado, pois tem o intuito de atender às expectativas de determinado grupo linguístico; nesta pesquisa, por exemplo, o público-alvo

são estudantes que precisam aprender as terminologias do mundo das ciências. Com referência a obras de cunho escolar, Faulstich (2010, p. 174) admite:

Um dicionário [glossário] escolar compõe-se de entradas que, em sua grande parte, contemplam itens lexicais incluídos nos programas de ensino dos currículos escolares, com vistas à transdisciplinaridade, afinal é um dicionário [glossário] que complementarará a compreensão dos significados que circundam os conhecimentos ministrados na escola.

Em vista disso, para uma obra terminográfica, dedicada à descrição de termos contidos nos livros didáticos, é pertinente que o especialista selecione os termos-entrada, de acordo com a necessidade apresentada pelo público-alvo. O termo deve estar em contexto de ocorrência, considerando não só o significado, mas também o uso corrente. Assim sendo, é oportuno destacar que o glossário, elaborado para fins desta Tese, será em formato digital disponibilizado na internet. Na próxima seção, apresentaremos a macroestrutura de um glossário.

1.1.4 Macroestrutura de produtos terminográficos

A macroestrutura é a parte do glossário em que constam a definição do público-alvo, objetivos da obra, as etapas estabelecidas para a confecção, a delimitação do *corpus*, a metodologia adotada, a indicação das obras consultadas e um índice com as abreviaturas dos elementos linguísticos que compõem o verbete. Para Faulstich (2010, p. 169): “[...] a macroestrutura envolve o conjunto da obra, primordialmente introdução, anexos, bibliografia e todos os aparatos que compõem a ordenação”. Em outro artigo, Faulstich (2011, p. 185) afirma: “A macroestrutura é também chamada de paralexigrafia, porque compõe o aparato de ordenação do texto. Os campos das informações gerais devem ser preenchidos com as informações *ipsis litteris*”.

Dessa forma, a macroestrutura abrange toda a obra, a saber: a apresentação, os anexos, a bibliografia, bem como as ilustrações, fotos ou mapas, se for o caso. Em nossa pesquisa, no capítulo 2, avaliamos a macroestrutura e a microestrutura de dois dicionários, quais sejam o DAJ (2011) DA (2004), com a finalidade de averiguar como a terminologia é exposta nessas obras e estabelecermos um parâmetro para sistematizar o glossário, nosso produto final.

No nosso modelo, o glossário se compõe de macroestrutura com *apresentação, como usar este glossário, abreviaturas e símbolos, busca e ficha técnica*. Na *apresentação*, anunciamos o público-alvo, o objeto e o objetivo do glossário. Na parte *como usar este glossário*, preparamos um tutorial para o consulente saber como pesquisar os termos na obra,

que será por meio de três tipos de buscas: (1) pelas entradas em ordem alfabética; (2) pelo campo lexical; (3) pela lista dos formativos eruditos. No campo das *abreviaturas* e dos *símbolos*, listamos as referências utilizadas para redigir as definições e para a recolha dos contextos de ocorrência, seguidas de suas respectivas abreviações, além dos significados dos sinais empregados no verbete. Na parte da *busca*, apresentamos ao consulente as três formas de pesquisar os termos na obra, que, conforme já enunciamos, ocorrerá de três formas distintas. Na *ficha técnica*, listamos os nomes das pessoas envolvidas na criação do *site* do glossário. Na próxima subseção, damos destaque à microestrutura de glossário, porque é parte essencial que descreve os significados dos termos.

1.1.5 Microestrutura de produtos terminográficos

A microestrutura é a parte do glossário que contém todas as informações do verbete, sobretudo, o significado do termo; por essa razão, é a parte mais consultada, posto que uma obra terminográfica tem como principal propósito apresentar os conceitos científicos e técnicos a ser adquirido pelos consulentes. Para Fausltich (2010, p. 169): “A microestrutura é formada pelo conjunto de informações que compõem o verbete; é, de fato, o verbete na sua totalidade, constituído pela metalinguagem de que se provê a palavra-entrada”. Porém, em face do público-alvo e dos objetivos propostos pelo especialista em Terminologia, a microestrutura pode sofrer alterações. Deste modo, para organização dos dados, seguimos o modelo de microestrutura proposto por Faulstich (2010, p. 180-183), que serve para a ordenação dos elementos linguísticos dos termos-entrada.

Na continuidade, apresentamos os itens que compõem a microestrutura: *termo-entrada*, *categoria gramatical*, *gênero*, *sinônimo*, *área do conhecimento* ou *domínio*, *definição*, *fonte da definição*, *contexto*, *fonte do contexto*, *remissiva*, *nota*, *equivalente*, *autora*, *redatora* e *data*. Seguimos o modelo de Faulstich (2010, p. 180). É preciso considerar que, com relação às variantes, destacamos somente um tipo descrito por Faulstich (2001, p. 23), que é a variante coocorrente. Segundo Faulstich (2001, p. 31): “As variantes coocorrentes são aquelas que têm duas ou mais denominações para um mesmo referente. Estas variantes têm por função fazer progredir o discurso e organizam, na mensagem, a coesão lexical”. A autora ainda acrescenta que: “As variantes coocorrentes formalizam a sinonímia terminológica. A sinonímia terminológica relaciona o sentido de dois ou mais termos com significados idênticos e podem coocorrer num mesmo contexto, sem que haja alteração no plano do conteúdo” (FAULSTICH, 2001, p. 31).

Em conformidade com Faulstich (2010, p. 180), o termo é a “unidade linguística que possui o conteúdo semântico da expressão terminológica na linguagem de especialidade. É o *termo* propriamente dito, o termo principal”. A entrada é a “unidade léxica, também chamada de ‘cabeça de verbete’ ou lema, que comanda todas as informações que compõem o verbete” (FAULSTICH, 2011, p. 191). Ainda conforme Faulstich (2014, p. 378): “a entrada é um signo cuja compreensão dá-se por meio de uma paráfrase que interpreta, no mundo exterior, o que o signo quer dizer”.

Nesse aspecto, a entrada é o primeiro caminho para o consulente conhecer o significado do termo, que, por meio da paráfrase, compreenderá o conceito. Além disso, os termos-entrada do glossário são os vocabulários selecionados durante a pesquisa feita pelo terminógrafo acerca da linguagem de especialidade descrita, os quais aparecem em ordem alfabética. Segundo Pires (2015, p. 107), a apresentação do termo-entrada, “[...] normalmente, utiliza algum tipo de recurso de destaque como negrito, letras maiúsculas ou colorido”.

Categoria gramatical: “indicativo da classe gramatical ou da estruturação sintático-semântica do termo. Pode ser s.= substantivo ou n.= nome; v.= verbo; utc = unidade terminológica complexa” Faulstich (2010, p. 180). As entradas que compõem o glossário desta Tese são todos nomes, em vista de estarmos descrevendo uma subárea do conhecimento em que o processo taxionômico se dá essencialmente por nomes.

Gênero: “indicativo do gênero a que pertence o termo na língua descrita, como m = masculino ou f = feminino” (id.; *ibid.*, p. 180). Neste trabalho, consta tanto entradas do gênero masculino quanto feminino.

Sinônimo: “formas coocorrentes no discurso da linguagem de especialidade cujo significado é idêntico ao do termo entrada” (id.; *ibid.*, p. 180-181). São, portanto, variantes coocorrentes.

Área de conhecimento ou domínio: “indicativo da área científica ou técnica em que o termo é usado” (id.; *ibid.*, p. 180-181). No caso desta pesquisa, a área do conhecimento a ser descrita são os termos formados por elementos eruditos relacionados às Ciências da Natureza.

Definição: descrição do verbete, uma vez que será por meio desse elemento da microestrutura que o leitor entenderá o significado do termo-entrada. “A definição é um sistema de distinções recíprocas que servem para descrever conceitos pertinentes aos termos” (id.; *ibid.*, p. 181). Concernente à definição no âmbito das terminologias científica e técnica, Faulstich (2014, p. 377) defende: “A representação semântica é um meio de descrever e de definir um objeto, com vistas a explicitar as características conceituais desse objeto por meio da linguagem”. A nosso ver, a definição terminológica descreve os aspectos conceituais do

discurso científico e técnico, pois a função primordial da linguagem de especialidade é comunicar informações de uma dada área do conhecimento, com vistas a atender as necessidades do usuário do produto terminográfico.

Com base em Cabré (1993), podemos dizer que a definição terminológica deve ser curta, o verbo deve indicar o tempo presente, deve haver ausência de redundância e deve priorizar a nominalização. No caso de definição terminológica para usuários infantis, Faulstich (2010, p. 174) afirma: “O discurso se apresenta próximo da oralidade, induzindo o usuário a pensar que está dialogando com o autor do dicionário”. Como colocado pela autora, o discurso da definição contempla as idiossincrasias do público-alvo. Caso contrário, a obra não atingirá o objetivo proposto.

Fonte da definição: “registro do nome do autor, da obra, data etc. de onde foi compilada a definição. O campo deve ser preenchido mesmo que o autor do dicionário ou glossário seja o autor ou adaptador das definições” (id.; *ibid.*, p. 181). Neste campo, constam as informações sobre a origem das definições.

Contexto: “[...] fragmento de texto no qual o termo principal aparece registrado, transcrito com o fim de demonstrar como é usado na linguagem de especialidade” (id.; *ibid.*, p. 181).

Fonte do contexto: “registro do autor, obra, data etc. de onde foi extraída a frase contextual, também chamada de abonação. O campo deve ser preenchido mesmo que o autor do dicionário ou glossário seja o autor dos contextos” (id.; *ibid.*, p. 181-182).

Remissiva: “sistema de relação de complementaridade entre termos. Os termos remissivos se relacionam de maneira diversas, dependendo da contiguidade de sentido. Podem ser: termos hiperônimos¹⁷, termos hipônimos¹⁸ e termos conexos¹⁹” (id.; *ibid.*, p. 182).

Nota: “comentário prático, linguístico ou enciclopédico, que serve para complementar as informações da definição”. (id.; *ibid.*, p. 182). Aparece em alguns verbetes com a finalidade de complementar a definição dos termos.

¹⁷ Hiperônimo: “Termo cujo significado inclui o significado de outros, por isso é também chamado de termo genérico. Num dicionário ou glossário, o hiperônimo é, normalmente a expressão léxica que inicia a definição” (FAULSTICH, 2010, p. 182).

¹⁸ Hipônimo: “Termo cujo significado representa uma subclasse em relação ao hiperônimo, por isso é também chamado de termo específico. Num dicionário ou glossário, o hipônimo é o termo que contribui na constituição do conteúdo da definição, por isso pode haver mais de um... A soma do conteúdo semântico do hiperônimo mais a do hipônimo delimita e distingue os conceitos na descrição do termo” (FAULSTICH, 2010, p. 182).

¹⁹ Conexo: “Termo que estabelece relação conceitual externa e estreita entre si. Num dicionário ou glossário o termo conexo surge de uma relação conceitual do termo-entrada com outro que mantenha nexos semântico imediato com ele” (FAULSTICH, 2010, p. 182).

Equivalentes: “termos de línguas estrangeiras que possuem o mesmo referente. Num dicionário, incluem-se os termos equivalentes das línguas selecionadas, segundo o plano da obra” (id.; *ibid.*, p. 182-183). Este elemento não fará parte do glossário que elaboraremos, porque será monolíngue.

Autora: “registro do nome do responsável intelectual pela elaboração da ficha terminológica; o registro pode ser feito por meio da sigla ou abreviação”. (id.; *ibid.*, p. 183).

Redatora: “registro do nome do responsável pelo preenchimento/digitação da ficha de terminologia; o registro pode ser feito por meio da sigla ou abreviação” (id.; *ibid.*, p. 183).

Data: “Registro do dia, mês, ano em que a ficha foi preenchida/digitada” (id.; *ibid.*, p. 183).

Feita as considerações sobre a microestrutura de glossário, assunto que será retomado no capítulo 6, para explicar o modelo de glossário proposto, passemos à síntese do capítulo.

1.2 Síntese do capítulo

A discussão, apresentada neste capítulo, demonstrou que a Terminologia é relevante para as interações linguísticas na sociedade contemporânea, uma vez que o discurso especializado faz parte do cotidiano dos falantes, principalmente, daqueles que frequentam espaços escolares, acadêmicos e científicos. Também enfatizou que a Terminologia tem funções específicas no que se refere à sistematização de obras terminográficas, de acordo com o público-alvo e o tipo de material a ser elaborado. Além disso, explicitou que a Terminologia contém elementos gregos e latinos na estrutura morfológica de termos, bem como apresenta uma gramática, por isso os elementos eruditos não se combinam aleatoriamente na estrutura do termo, porém obedecem às regras estabelecidas pelo uso da língua. Por fim, evidenciou que a Terminologia faz parte dos currículos escolares, o que demonstra a importância de se elaborar uma obra direcionada para consultantes que se encontram em fase escolar. No próximo capítulo, analisaremos o Dicionário Escolar da Língua Portuguesa Aurélio Júnior (DAJ, 2011) e o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (DA, 2004), com vistas a verificar as diferenças de conteúdo e identificar as semelhanças entre as definições dos termos com formativos eruditos entre os dois dicionários.

CAPÍTULO 2

O REGISTRO DA TERMINOLOGIA EM OBRAS LEXICOGRAFICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA: DICIONÁRIO ESCOLAR DA LÍNGUA PORTUGUESA AURÉLIO JÚNIOR - DAJ (2011) E NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA - DA (2004)

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, apresentamos as análises do Dicionário Escolar da Língua Portuguesa Aurélio Júnior (DAJ, 2011) e do Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (DA, 2004), com o objetivo de estabelecer um contraponto entre as duas obras, a fim de verificar se o DAJ (2011) é, de fato, dicionário escolar, ou apenas compêndio reduzido do DA (2004), com características de minidicionário. Além disso, cotejamos as definições dos termos formados por elementos eruditos entre os dois dicionários. Escolhemos analisar essas duas obras, porque o DA (2004) é uma das obras lexicográficas mais conhecidas da língua portuguesa. Por essa razão, supomos que o DAJ (2011), elaborado para alunos do 6º ao 9º ano do EFII, também seja o dicionário escolar mais conhecido das escolas brasileiras. Para a análise, empregamos o *Roteiro para avaliação de dicionários de língua comum e de dicionários ou glossários científicos e técnicos*, elaborado por Faulstich (1998/2011). Fundamentados nesse roteiro, analisaremos a microestrutura do DAJ (2011), para propor um modelo diferenciado de glossário escolar terminológico.

2.1 A classificação dos dicionários escolares conforme as orientações do PNLD (2012)

Segundo as informações explicitadas no documento intitulado *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula*, a partir de 2006, o PNLD estabeleceu como meta ofertar às escolas diferentes tipos e títulos de dicionários escolares para os diversos níveis de ensino. Assim, os professores passaram a desfrutar de mais um material nas práticas pedagógicas, além dos livros didáticos, distribuídos periodicamente, a cada três anos. Com o intento de avaliar a sistematização dessas obras, foram estabelecidos parâmetros pelo PNLD (BRASIL, 2012). Conforme as diretrizes determinadas nesse documento, os dicionários devem se adequar às etapas de ensino da Educação Básica, seja pela quantidade de verbetes, seja pelas informações veiculadas. Também, precisam apresentar as características de acordo com os quatro tipos de obras descritas, no quadro, a seguir:

Quadro 2: Classificação dos dicionários conforme as orientações do PNLD (BRASIL, 2012)

Tipos de dicionários	Etapa de ensino	Caracterização
Dicionários de Tipo 1	1º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mínimo de 500 e máximo de 1.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica adequada às demandas do processo de alfabetização
Dicionários de Tipo 2	2º ao 5º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mínimo de 3.000 e máximo de 15.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário.
Dicionários de Tipo 3	6º ao 9º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão de uso escolar, porém adequada a alunos dos últimos anos do ensino fundamental.
Dicionários de Tipo 4	1º ao 3º ano do Ensino Médio	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mínimo de 40.000 e máximo de 100.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica própria de um dicionário padrão, porém adequada às demandas escolares do ensino médio, inclusive o profissionalizante.

Fonte: Brasil (2012, p. 19).

Como se pode observar no quadro acima, os dicionários escolares seguem uma classificação, que se divide em tipos de dicionários, etapa de ensino e caracterização, esta última indica a quantidade de verbetes para cada tipo de dicionário. É lícito supor que há essa diferenciação nas obras lexicográficas, de natureza escolar, em função das particularidades linguísticas dos estudantes. Na figura, a seguir, expomos a capa do DAJ (2011).

Figura 1: Capa do Dicionário Escolar da Língua Portuguesa Aurélio Júnior



Fonte: Ferreira (2011).

A figura mostra que o projeto gráfico da capa está apropriada aos estudantes, com cores vibrantes e um *layout* que expressa o alfabeto de forma bem criativa. Avaliamos a macroestrutura e a microestrutura do dicionário. Nas duas subseções, a seguir, apresentaremos a análise do DAJ (2011) e do DA (2004), com base no *Roteiro para avaliação de dicionários ou glossários científicos e técnicos*, elaborado por Faulstich (2011, p. 183-185).

2.2 Avaliação do dicionário escolar da Língua Portuguesa Aurélio Júnior – DAJ (2011)

Título: Dicionário Escolar da Língua Portuguesa Aurélio Júnior

Autor: Aurélio Buarque de Holanda Ferreira

Editora/edição/data: Positivo/2ª/2011

Local da publicação: Curitiba – Paraná

1. Sobre o autor

1.1 Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira é reconhecido na área da dicionarística, no Brasil, por ter publicado, em 1975, o *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*, conhecido como *Dicionário Aurélio* ou somente *Aurelião* ou *Aurélio*. Trata-se de uma das obras lexicográficas mais conhecidas da Língua Portuguesa. Além de ter publicado esse dicionário, também publicou artigos, contos e crônicas na imprensa carioca. Ao longo de sua carreira profissional desempenhou o ofício de lexicógrafo, filólogo, professor, tradutor, ensaísta, e crítico literário e, também, foi membro da Academia Brasileira de Letras.

1.2 Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?

Na obra analisada não consta essa informação, mas de acordo com as informações veiculadas na internet, o dicionarista colaborou na elaboração do *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa* e no *Dicionário Enciclopédico do Instituto Nacional do Livro*.

1.3 Qual é a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?

A formação não é mencionada, mas o autor formou-se em direito pela Faculdade de Direito de Recife, em 1936.

1.4 Qual é a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

Na época da publicação da obra em análise, o autor já havia falecido, porém, quando a primeira edição do DA (1975) foi publicada, o autor exercia não somente o ofício de dicionarista, mas também de filólogo, professor, tradutor, ensaísta e crítico literário, conforme descrevemos na subseção 1.1.

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

2.1 Há introdução na qual apareçam claramente:

a) os objetivos da obra?

Na obra não há uma seção intitulada introdução, mas sim apresentação. Nela, identificamos que entre os objetivos aparece:

[...] apresentar uma descrição atual da língua portuguesa para estudantes já alfabetizados, que buscam ampliar seu vocabulário e, conseqüentemente, sua cultura geral. Para isso, conta com mais de 30.000 verbetes selecionados para o aluno dos anos finais do ensino fundamental e concebidos por uma equipe de lexicógrafos, com origem em uma base de dados reconhecidamente consolidada. (FERREIRA, 2011, p. 4).

Fundamentado no objetivo proposto, a obra tem o intento de contribuir para a formação linguística e social do estudante.

b) o público para o qual o conteúdo se dirige?

Segundo as informações da apresentação, o conteúdo da obra se dirige para estudantes alfabetizados, que se encontram nos anos finais do EFII.

c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?

Na paralexiconografia do dicionário está exposta a chave do dicionário com todos os componentes que formam a microestrutura. Com o objetivo de auxiliar a compreensão do estudante, são apresentados verbetes, que contêm traços que explicam cada componente. Os constituintes básicos que se destacam na chave do dicionário são: verbete, entrada do verbete, definição, número de definição, categoria gramatical, abreviaturas, índice, sinal, palavras-guia, exemplos, regência, rubrica, remissiva, achega, abonação, ortoépia e transcrição fonética.

Observa-se inadequação na linguagem empregada para explicar os elementos do verbete do DAJ (2011), porque são estudantes que acabaram de finalizar a primeira etapa do Ensino Fundamental I, ou seja, o 5º ano. Sobre isso declara a equipe lexicográfica do programa PNLD, que avaliou os dicionários escolares:

Para consultá-los, o aluno deverá vencer a relativa distância que se estabelece entre esse novo patamar lexicográfico e aquele dos dicionários de Tipo 1 e 2. Além disso, cada um deles apresenta suas informações de uma forma diferente da dos demais, tanto no que diz respeito aos itens contemplados, quanto à linguagem empregada nas definições. (BRASIL, 2012, p. 32).

As definições, principalmente, as terminológicas não demonstram um padrão para os termos, o que sugere adequação de critérios para as futuras obras lexicográficas que serão divulgados à comunidade estudantil. O dicionário, ora analisado, não apresenta uma linguagem adequada para os estudantes, tendo em vista que os leitores do dicionário de tipo 3 finalizaram a fase do conhecimento concreto e entram na fase do conhecimento abstrato, que são as linguagens científicas e técnicas, iniciados no 6º ano do EFII.

Para exemplificar, citemos o termo *fitogeografia*, descrito como substantivo feminino, com a abreviatura *subst. fem.*, distinta da que é redigida no dicionário destinado ao público em geral, *s.f.* apenas. Em seguida, a rubrica em itálico indica a área do conhecimento *Ciências Naturais*, como no quadro:

Quadro 3: Verbetes *fitogeografia*

fi.to.ge.o.grafia <i>subst. fem. Ciências naturais</i> Parte da botânica que trata das relações entre a planta e o meio, sobretudo da distribuição dos vegetais sobre a Terra.

Fonte: Ferreira (2011, p. 434).

A definição descreve que a entrada *fitogeografia* é uma *parte da área de estudo da botânica*. Observamos que não há indicação da remissiva botânica, um hiperônimo que deveria ter remissiva para identificar a área de conhecimento. Dentro desse contexto, a orientação do professor é importante para auxiliar na leitura da obra que exerce um papel social e linguístico na formação escolar.

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus? Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

Na apresentação, os editores do dicionário mencionam que:

Essa equipe teve como referência, para a elaboração do trabalho, uma rica biblioteca de livros didáticos para alunos da faixa etária a que a obra se destina, que serviu tanto para a recolha dos verbetes aqui presentes como para a convergência de sua redação com a linguagem enfocada nesse período escolar. Teve também, como fonte de pesquisa e coleta de palavras vários jornais e revistas, impressos e on-line. (FERREIRA, 2011, p. 4).

Os editores justificam a bibliografia ao afirmarem que selecionaram livros didáticos, empregados pelos alunos durante o período de escolarização, para a formação da base de dados.

3 Sobre a apresentação material da obra

3.1 Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?

Não. Os próprios editores assinam a apresentação.

3.2 A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?

A fonte das letras do dicionário não está adequada ao estudante. No nosso entendimento, deveria ser maior, em função de se tratar de uma obra de natureza escolar.

3.3 As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?

Não há ilustração.

3.4 A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?

O equilíbrio visual da obra se encontra de maneira ordenada. As entradas e a numeração das acepções dos significados estão grafadas em negrito azul e numa fonte maior, já as entradas de línguas estrangeiras estão em negrito azul itálico. A categoria gramatical e o contexto de ocorrência estão escritos em itálico. Além disso, as marcas de uso, como, por exemplo, o pejorativo e o figurado recebem a marca de itálico. Os parênteses são empregados logo após a entrada para explicar a pronúncia da sílaba tônica. Há também figuras geométricas, como, o círculo e o losango, que funcionam como símbolos. A primeira é utilizada para indicar que a entrada muda de categoria gramatical, assim, as informações postas depois desse sinal, se referem à nova classe. A segunda “[...] indica o início da seção de locuções ou de expressões idiomáticas. A locução é constituída por duas ou mais palavras que formam uma nova expressão, sendo uma das palavras a entrada do verbete. As locuções são destacadas sempre em azul” (FERREIRA, 2011, p. 9). A leitura dos recursos empregados pelos editores do dicionário contribui para o equilíbrio visual da obra. Contudo, por se tratar de uma obra de cunho escolar, mesmo que os recursos estejam explicados na chave do dicionário, é preciso atentar para a análise feita pela equipe do PNLN, pois “[...] todos esses títulos²⁰ demandam a mediação do professor” (BRASIL, 2012, p. 32).

²⁰ Todos os dicionários escolares de tipo 3.

3.5 Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?

Os verbetes estão organizados em ordem alfabética. Todas as entradas estão destacadas em fonte maior com o uso de cor.

3.6 A obra contempla uma só língua? Mais de uma?

O dicionário é monolíngue, todavia, apresenta empréstimo linguístico, como, por exemplo, a palavra de origem inglesa, *flash* e a palavra de origem japonesa, *teriyaki*. Mesmo que sejam de outras línguas, são usadas no Brasil.

3.7 O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?

O formato do dicionário não permite manuseio prático e fácil porque tem um tamanho pequeno e volumoso para a quantidade de páginas, por essa razão o estudante, possivelmente, tem dificuldade de folheá-lo, uma vez que a obra lexicográfica só fica totalmente aberta, se o consulente a segurar com as duas mãos.

3.8 A obra está editada em suporte informatizado?

Não.

3.9 A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?

Apesar do dicionário não conter capa dura, poderá ter um tempo expressivo de durabilidade.

3.10 O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?

Sim. As abreviações encontram-se de acordo com a lista de abreviaturas disponibilizada nas páginas 25 e 26. Concernente às abreviações, os editores esclarecem que:

Outra característica a destacar é o uso bastante restrito que se fez das abreviaturas: foram trocadas todas aquelas de uma letra só por reduções fáceis de entender, principalmente no caso das classificações gramaticais (por exemplo, usamos *subst. fem.* em vez de *s.f.*, por entender que assim facilitaríamos a leitura e a compreensão dos alunos), e eliminamos outras em sua totalidade, preferindo a redação por extenso, como no caso das rubricas de área do conhecimento e de uso. (FERREIRA, 2011, p. 5).

Na macroestrutura da obra, a abreviatura *adj.* é usada para designar adjetivo e *subst. masc.* para assinalar substantivo masculino, a título de exemplo, o verbete do lexema recolhedor:

Quadro 4: Verbetes recolhedor

re.co.lhe.dor (ô) <i>adj.</i> 1. Que recolhe. ● <i>subst. masc.</i> 2. Aquele que recolhe.

Fonte: Ferreira (2011, p. 746).

O símbolo (círculo) aponta a mudança de categoria gramatical. Com relação às abreviaturas e aos símbolos, aqueles consultados por nós na microestrutura, estão alocados na macroestrutura com a devida significação. O verbete do termo *bioma* ilustra como ocorre a descrição da rubrica:

Quadro 5: Verbetes *bioma*

bi.o.ma <i>subst. masc. Ciências Naturais</i> Comunidade (5) de uma determinada região, como uma floresta tropical, um deserto, etc.

Fonte: Ferreira (2011, p. 144).

Pelo quadro, nota-se que o domínio do conhecimento aparece escrito em itálico e por extenso.

3.11 A obra possui ampla divulgação?

Sim, principalmente porque foi um dos dicionários selecionados pelo PNLD, o que significa a presença da obra nas bibliotecas públicas das escolas de Educação Básica. Todavia, a análise realizada pela equipe do programa constatou que as obras do tipo 3, que é o caso do DAJ (2011), apresentam características típicas de minidicionários de uso geral:

Registram entre 19.000 e 30.000 palavras;
 Só se valem – quando é o caso – de ilustrações funcionais, jamais recorrendo, portanto, a universos ficcionais ou perseguindo objetivos puramente motivacionais;
 Configuram-se como representativos do léxico do português brasileiro, incluindo palavras de todas as classes e tipos; e, algumas vezes, siglas, símbolos afixos etc.;
 Têm uma estrutura de verbete mais complexa que os dicionários dos dois tipos anteriores;
 Trazem um maior número de informações linguística sobre as palavras registradas;
 Usam, nas definições e explicações, uma linguagem mais impessoal, às vezes, mais especializada ou técnica, nem sempre diretamente acessível para o aluno.
 (BRASIL, 2012, p. 32).

As características, elencadas pela equipe que avaliou o dicionário de tipo 3, demonstram a necessidade de um redimensionamento da elaboração de obra lexicográfica para o público escolar.

4 Sobre o conteúdo

4.1 As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?

O DAJ (2011) expõe uma seleção lexical bastante diversificada. Nessa obra, podemos encontrar palavras compostas e derivadas; palavras que hoje estão em desuso na língua portuguesa; locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas; prefixos; sufixos; abreviaturas; e derivados e cognatos.

Como exposto pela equipe lexicográfica do PNLCD, o DAJ (2011) é um dicionário de tipo 3, que não contém as características de uma obra de cunho escolar, pois se assemelha ao formato dos minidicionários da língua comum. Conforme pode-se constatar na obra, não há critérios para a seleção de palavras ou termos empregados nos componentes curriculares, estudados pelos alunos durante o período de escolarização. De modo geral, as entradas do dicionário consistem de uma compilação da versão resumida do DA (2004). Diante dessa realidade, é preciso que os editores do DAJ (2011) revejam os critérios de seleção, a fim de priorizarem lexemas e termos dos domínios especializados utilizados pelos estudantes no processo de aprendizagem. No nosso entendimento, é preciso selecionar o *corpus*, com base nos livros didáticos usados pelos alunos, pois assim haverá a extração dos lexemas e dos termos, de acordo com a realidade linguística dos consulentes.

4.2 Há entradas que se referem a áreas de especialidade?

Sim. Convém ressaltar que as áreas de especialidade estão marcadas, de acordo com as disciplinas estudadas pelos alunos na escola. À vista disso, os editores mencionam:

Uma novidade que este dicionário apresenta são as rubricas que reúnem áreas do conhecimento antes muito diversificadas. Por exemplo, termos que poderiam ser indicados como integrantes da *Geometria*, da *Trigonometria* ou da *Álgebra* são assinalados como Matemática ou, da mesma forma, alguma outra área incluída nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ao adotar esse critério, objetivou-se também auxiliar os estudantes a terem uma visão mais integrada das diferentes áreas do conhecimento, de acordo com uma postura mais moderna em relação às ciências. (FERREIRA, 2011, p. 4).

Dessa forma, os consulentes terão mais facilidade para identificar os domínios especializados, haja vista que os componentes curriculares são conhecidos. Além disso, as rubricas estão redigidas por extenso, o que pode simplificar a compreensão do leitor, porém, no

nosso entendimento, para que o aluno tenha consciência do significado das rubricas, carecerá da orientação do professor. Ainda segundo os editores do Brasil (2011, p. 10): “A rubrica também pode referir-se ao uso ou ao nível de linguagem em que as palavras são usadas, como *Gíria, Figurado, Depreciativo*, etc. Pode ainda especificar uma região geográfica, no caso dos regionalismos, por exemplo, *Brasileirismo, Minas Gerais e Sergipe*”. Como se pode observar, os lexemas do dicionário também expressam marcas de uso, assim como as áreas de especialidade estão escritas por extenso, no entanto, na microestrutura não há uma explicação para cada elemento.

4.3 Os verbetes apresentam:

a) categoria gramatical?

Sim. Todas as entradas contêm a categoria gramatical a que pertencem, seguida do gênero; assim sendo, ela aparece logo após a entrada ou a pronúncia, de forma abreviada. A título de ilustração, citemos o substantivo masculino, que tem como abreviatura *subst. masc.*; verbo transitivo direto, *verbo trans. dir.* Ademais, assinala a flexão de gênero e de número e a regência verbal. Na lista da abreviatura, disposta na macroestrutura, há a explicação para cada categoria gramatical.

b) gênero?

Sim. Somente os substantivos recebem a marca de gênero, masculino ou feminino.

c) sinonímia?

Sim. Aparece com objetivo de indicar que a entrada contém outro lexema com o mesmo significado. No DAJ (2011) se situa no final do verbete entre dois colchetes.

d) variante (s) da entrada?

Sim. Na obra constam variantes, entretanto, não há orientação na macroestrutura concernente a esse elemento do verbete, à guisa de exemplo, o verbete *biosfera*:

Quadro 6: Verbetes *biosfera*

bi.os.fe.ra *subst. fem. Ciências naturais* O conjunto das regiões da crosta e da atmosfera terrestres ocupadas pelos seres vivos; ecosfera.

Fonte: Ferreira (2011, p. 144).

Como se nota, a variante coocorrente da entrada *biosfera* é o termo *ecosfera*, que se apresenta no final do verbete, após o ponto e vírgula. Na remissiva da variação, os editores não colocam nenhuma marca para indicar que o item lexical contém o mesmo significado, apenas colocam a palavra a que foi remetida.

Quadro 7: Verbetes *ecosfera*

e.cos.fe.ra *subst. fem. Ciências naturais* Biosfera.

Fonte: Ferreira (2011, p. 344).

e) variante (s) da definição?

Não apresenta.

f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?

Não há critérios para diferenciar homonímia de polissemia.

g) marcas de uso? Como se classificam?

Na macroestrutura do dicionário, não há uma lista com as marcas de uso, todavia no campo das remissivas são listadas as seguintes, sem abreviatura: brasileirismo, popular, gíria, depreciativo e nomes dos estados nos quais os lexemas são empregados, dentre outros. Vejamos alguns exemplos:

Quadro 8: Verbetes *bisnaga*

bis.na.ga *subst. fem.* **1.** Tubo de plástico ou de chumbo usado para conter tinta, dentifrício, medicamento, etc. **2.** *Brasileirismo* Longo pão cilíndrico, fino nas pontas.

Fonte: Ferreira (2011, p. 145).

Quadro 9: Verbetes *campainha*

cam.pa.i.nha (a-í) *subst. fem.* **1.** Pequena sineta manual. **2** Dispositivo (elétrico ou mecânico) instalado em portas de habitação, telefones, etc., e que, premido ou impulsionado, emite som característico. **3.** *Popular* Úvula (**2**).

Fonte: Ferreira (2011, p. 173).

Quadro 10: Verbetes peia

<p>pei-a <i>subst. fem.</i> 1. Prisão de corda ou ferro que segura os pés das bestas. 2. <i>Figurado</i> Embaraço, estorvo. 3. <i>Brasileirismo</i> Açoite, chicote.</p>
--

Fonte: Ferreira (2011, p. 669).

Cada uma das entradas apresenta acepções diferentes na marca de uso – brasileiro, popular e brasileiro –, respectivamente.

h) indicação de área ou subárea de especialidade?

Conforme pode-se verificar nos verbetes, a seguir, são indicadas as áreas de especialidades dos termos científicos e técnicos:

Quadro 11: Verbetes *mesosfera*

<p>me.sos.fe.ra <i>subst. fem.</i> <i>Geografia</i> Camada atmosférica entre a estratosfera e a ionosfera.</p>

Fonte: Ferreira (2011, p. 590).

Quadro 12: Verbetes *oxigênio*

<p>o.xi.gê.nio (cs) <i>subst. masc.</i> <i>Ciências naturais</i> Elemento químico, gasoso, constituinte do ar atmosférico e indispensável às formas de vida que utilizam a respiração (que são quase todas) [símbolo: O].</p>
--

Fonte: Ferreira (2011, p. 647).

As rubricas que aparecem nos verbetes correspondem às disciplinas estudadas pelos alunos.

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

Apenas alguns verbetes contêm contexto. De acordo com os editores do DAJ (2011): “A abonação é um tipo de exemplo retirado de texto literário, jornal, revista ou letra de música. O texto da abonação vem entre aspas. Em seguida, entre parênteses, o nome do autor e o título da obra de onde foi retirada a abonação, em itálico” (FERREIRA, 2011, p. 13). A título de exemplificação, mencionamos o termo ecossistema que contém abonação:

Quadro 13: Verbetes *ecossistema*

e.cos.sis.te.ma *subst. masc. Ciências naturais* O conjunto formado pela comunidade e pelo meio ambiente: as relações que os seres vivos de uma comunidade estabelecem com os fatores ambientais, como o solo, ar, água, etc.: “Um lago é um ecossistema. Uma floresta é um ecossistema. O mar é um ecossistema. O deserto é um ecossistema. Não importa o tamanho”. (Inácio de Loiola Brandão, *O Manifesto Verde*.) [Sinônimo: *biogeocenose*].

Fonte: Ferreira (2011, p. 344).

Em *ecossistema*, a abonação aparece após a definição, entre aspas e com a indicação de autoria. Já os “os exemplos, criados pelo autor, ilustram e explicam algumas definições. Vêm sempre em itálico, após dois pontos” (FERREIRA, 2011, p.10), como aparece a seguir:

Quadro 14: Verbetes *embasbacar*

em.bas.ba.car *verbo trans. dir.* 1. Causar admiração, espanto a: *Sua resposta embasbacou os presentes. Intrans. e pronominal* 2. Ficar espantado; pasmar-se. [Conjugação: *trancar*.].

Fonte: Ferreira (2011, p. 351).

No lexema *embasbacar*, o exemplo ilustra somente a primeira acepção.

j) equivalente (s)?

Não há equivalentes, pois a obra é monolíngue.

k) formação da palavra?

Não há indicação de formação de palavras.

l) indicação de pronúncia?

A indicação de pronúncia ocorre de forma parcial, após a entrada entre parênteses, em conformidade com os verbetes abaixo:

Quadro 15: Verbetes *efebo*

e.fe.bo (ê) *subst. masc.* **1.** Na Grécia antiga, rapaz que atingiu a puberdade. **2.** *Por extensão* Homem jovem; rapaz.

Fonte: Ferreira (2011, p. 345).

Quadro 16: Verbetes *oxigênio*

o.xi.gê.ni:o (cs) <i>subst. masc. Ciências Naturais</i> Elemento químico, gasoso, constituinte do ar atmosférico e indispensável às formas de vida que utilizam a respiração (que são quase todas) [símbolo: O].

Fonte: Ferreira (2011, p. 647).

m) origem e etimologia?

Não há indicação da origem e da etimologia dos lexemas e dos termos, somente nos empréstimos linguísticos se destaca a origem, como no verbete abaixo:

Quadro 17: Verbetes *croissant*

➡ croissant (croassã) [Francês] <i>subst. masc.</i> Pãozinho de massa folhada ao qual se dá a forma de crescente (4).
--

Fonte: Ferreira (2011, p. 267).

n) divisão silábica?

As entradas dos verbetes contêm divisão silábica:

Quadro 18: Verbetes *onívoro*

o.ní.vo.ro <i>adj. Ciências naturais</i> Que se alimenta de animais e de vegetais.

Fonte: Ferreira (2011, p. 638).

o) nomenclatura científica?

Não há nomenclatura científica na obra analisada.

p) remissivas úteis entre conceitos?

Na lista de abreviaturas, as remissivas são indicadas pela letra “V – veja” e por números entre parênteses. Além disso, notamos que há remissivas indicadas por ponto e vírgula, geralmente variantes, localizadas no final do verbete. Na visão dos editores do DAJ (2011):

A remissiva, que pode ser total ou complementar, é identificada pela palavra Veja, seguida por outra palavra em itálico. O leitor deve então procurar essa palavra no dicionário, pois ela trará uma definição com o significado semelhante ou complementar ao do verbete que havia sido originalmente consultado. A remissiva também pode ser indicada por número(s) entre

parênteses. Esse(s) número(s) representa(m) uma (ou várias) acepção(ões) específica(s) em verbete a ser pesquisado, caso ele tenha várias acepções. (FERREIRA, 2011, p. 10).

A seguir, ilustramos as remissivas na obra:

Quadro 19: Verbetes ditado

di.ta.do *subst. masc.* **1.** O que se dita ou se ditou para ser escrito. **2.** Veja *provérbio*.

Fonte: Ferreira (2011, p. 333).

Quadro 20: Verbetes economias

e.co.no.mi.as *subst. fem. pl.* Dinheiro acumulado pelo corte de gastos. Veja *poupança* (2).

Fonte: Ferreira (2011, p. 344)

Em ditado, a remissiva acontece por meio da indicação do verbo no imperativo *Veja*, contudo em economias ocorre não só por meio da indicação *Veja*, mas também pela numeração, nesse caso específico, o número (2) entre parênteses significa que a acepção correspondente é a 2, no verbete *poupança*.

q) fontes?

A obra não atesta as fontes, mas assegura que o dicionário foi elaborado, com base nos livros didáticos dos componentes curriculares. Em alguns verbetes, é possível verificar a fonte de onde foi retirada a abonação, como, por exemplo, o verbete:

Quadro 21: Verbetes *ecossistema*

e.cos.sis.te.ma *subst. masc.* *Ciências naturais* O conjunto formado pela comunidade e pelo meio ambiente: as relações que os seres vivos de uma comunidade estabelecem com os fatores ambientais, como o solo, ar, água, etc.: “Um lago é um ecossistema. Uma floresta é um ecossistema. O mar é um ecossistema. O deserto é um ecossistema. Não importa o tamanho.” (Inácio de Loiola Brandão, *O Manifesto Verde*.) [Sinônimo: *biogeocenose*].

Fonte: Ferreira (2011, p. 344).

Neste verbete, a fonte é *Manifesto Verde*, de Inácio Loiola Brandão.

r) notas?

A obra não apresenta notas.

4.4 A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

A definição é constituída de um único enunciado, mas as acepções são separadas por ponto final.

Quadro 22: Verbetes *ecoturismo*

<p>e.co.tu.ris.mo subst. masc. Turismo voltado para a observação da natureza e que visa a incentivar, no turista, a defesa do meio ambiente, demonstrando-lhe a necessidade de preservar o ecossistema; turismo ecológico.</p>

Fonte: Ferreira (2011, p. 344).

4.5 A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

As definições apresentadas no DAJ (2011) não atendem às particularidades linguísticas do usuário, tendo em vista que o conteúdo das definições se assemelha ao contido no DA (2004). Além disso, contêm lexemas e expressões linguísticas que não fazem parte do vocabulário dos estudantes do 6º ao 9º ano, como veremos na análise do verbete do termo *atmosfera*.

Quadro 23: Verbetes *atmosfera*

<p>at.mos.fe.ra subst. fem. 1. Envoltório gasoso dos astros em geral. 2. Camada de ar que envolve a Terra. 3. O céu. 4. Unidade de pressão aproximadamente igual à pressão exercida pela atmosfera terrestre sobre um corpo ao nível do mar.</p>

Fonte: Ferreira (2011, p. 115).

Na primeira acepção, o hiperônimo precisa de explicação semântica. Por outro lado, o conteúdo da acepção 4 não é definição, mas poderia constar como nota explicativa.

5 Sobre a edição e publicação

5.1 Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

Recomendamos novas edições da obra com ressalvas, porque a formatação física precisa ser redimensionada por causa da quantidade de verbetes e de algumas definições que precisam ser reescritas em vista do nível de compreensão dos alunos.

5.2 *Quais serão os principais pontos de difusão da obra?*

As escolas de EFII são os principais pontos de difusão da obra.

2.3 Avaliação do Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa - DA

Título: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa

Autor: Aurélio Buarque de Holanda Ferreira

Editora/Edição/Data: Positivo/3ª/2004

Local da publicação: Curitiba – Paraná

Volume: 1

Epígrafe: Há três epígrafes.

Não enfatizaremos a primeira seção do *Roteiro para avaliação de dicionários de língua comum e de dicionários ou glossários científicos e técnicos*, porque os dois dicionários têm o mesmo autor e editores. Dessa forma, iniciaremos na seção 2.

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

2.1 *Há introdução na qual apareçam claramente:*

- a) os objetivos da obra?

A obra não apresenta introdução, mas no prefácio está escrito que o dicionário:

[...] apresenta uma descrição revista e ampliada do português contemporâneo, que resulta do trabalho de pesquisadores especializados em diversas áreas, e do nosso esforço para dar continuidade à tarefa começada por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, quase que imediatamente após a publicação da segunda edição (FERREIRA, 2004, p. IX).

- b) o público para o qual o conteúdo se dirige?

A obra não apresenta o público-alvo, mas podemos supor que se trata de uma obra para o público em geral.

c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?

As orientações para o usuário estão disponíveis no campo *Como usar este dicionário*. Esta parte se compõe dos seguintes elementos: índice, sinal (para indicar a mudança da categoria gramatical, “[...] o fim da seção de definições de um verbete e o início da seção de locuções ou expressões idiomáticas que incluam a palavra em questão, com significados específicos” (FERREIRA, 2004, p.X)), definição, exemplo, abonação, cabeça do verbete, categoria gramatical, achega, número da definição, etimologia, abreviações, ortoépia, transcrição fonética, remissiva, regência e rubrica. Todos esses elementos presentes na microestrutura estão devidamente explicados, a fim de que o consulente possa entender o funcionamento do dicionário.

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o *corpus*? Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

Ao final do dicionário há extensa bibliografia utilizada para a seleção lexical das entradas. No prefácio redigido pelas editoras, há bibliografia justificada, quando assinalam que:

A via técnica foi nos fornecida pelos pesquisadores, como já referimos (os seus nomes constam da página V); a popular, familiar, da linguagem do dia-a-dia, pela nossa pesquisa em livros recém-editados, revistas, jornais, pela correspondência que nos chega de todo o país, e ainda pela TV, pelo rádio pelo cinema. (FERREIRA, 2004, p. IX).

3. Sobre a apresentação material da obra

3.1 Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?

O prefácio, como informamos anteriormente, foi redigido pelas editoras da obra.

3.2 A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?

Tendo em vista que na obra não há indicação para quem foi escrito, consideramos que o tamanho e o tipo de fonte estejam adequados ao usuário adulto.

3.3 As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?

Não há ilustrações.

3.4 A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?

Sim. Na parte superior de cada página, a palavra que inicia a lauda está redigida numa fonte maior e em negrito azul. As entradas estão registradas em negrito azul, bem como os sinais empregados para avisar o consulente acerca da mudança gramatical, elemento de composição, sigla e palavras estrangeiras. As definições seguem um padrão, o que garante o equilíbrio visual da obra.

3.5 Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?

Os verbetes são apresentados em ordem alfabética.

3.6 A obra contempla uma só língua? Mais de uma?

O dicionário é monolíngue, por isso contempla lexemas da língua portuguesa, com algumas entradas em línguas estrangeiras porque são palavras incorporadas ao léxico português.

3.7 O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?

Sim. A obra apresenta um tamanho adequado, o que torna a consulta acessível.

3.8 A obra está editada em suporte informatizado?

Sim. A obra apresenta a versão informatizada.

3.9 A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?

O dicionário contém capa dura, boa encadernação e as folhas são de excelente qualidade, características que asseguram a durabilidade da obra.

3.10 O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?

Sim. As abreviaturas e os símbolos aparecem no verbete, conforme demonstrado na página XIII do dicionário.

3.11 A obra possui ampla divulgação?

Sim, pois se trata de uma das obras lexicográfica mais conhecida no Brasil.

4. Sobre o conteúdo

4.1 As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas etc.?

A obra abrange de maneira significativa o léxico da língua portuguesa. Há palavras que denotam os aspectos culturais, geográficos e históricos do português do Brasil, como, por exemplo, *tucupi* e *maniçoba*, expressões usadas correntemente na região Norte. Além disso, contempla, por exemplo, palavras derivadas (*inquilinismo*), composta (*couve-flor*), expressão latina (*habeas corpus*), elementos grego e latino (*bio-* e *occipito-*), prefixo (*epi-*), sufixo (*-ismo*), empréstimo (*fantoches* do francês), abreviatura (*a/c* aos cuidados de) e siglas (*ONU*). No interior do verbete, também encontramos unidades terminológicas complexas, como *lente* e *anastigmática*, por exemplo.

4.2 Há entradas que se referem a áreas de especialidade?

Sim, por exemplo, o termo *biosfera* que pertence à área de especialidade *ecologia*.

Quadro 24: Verbetes *biosfera*

biosfera. [De <i>bi(o)-</i> + <i>-sfera</i> .] <i>S.f. Ecol.</i> Conjunto de todos os ecossistemas da Terra; biociclo, ecosfera.

Fonte: Ferreira (2004, p. 299).

4.3 Os verbetes apresentam?

a) categoria gramatical?

Sim. Todas as entradas contêm categoria gramatical, que aparecem em negrito e itálico, antes do início da definição.

Quadro 25: Verbetes *monocromático*

mo.nocromático [De *mon(o)-* + *-cromat(o)-* + *-ico*².] **Adj. 1.** V. *monocrômico*. **2.** Fís. Diz-se de radiação com um só comprimento de onda. ~ V. *aberração —a, luz —a e onda —a.*

Fonte: Ferreira (2004, p. 1354).

b) gênero?

Sim, com abreviatura em itálico:

Quadro 26: Verbetes *monocultura*

monocultura [De *mon(o)-* + *-cultura.*] **S.f.** Cultura exclusiva dum produto agrícola. [Opõe-se a *policultura.*]

Fonte: Ferreira (2004, p. 1354).

c) sinonímia?

Sim. A sinonímia é empregada para definir certas entradas, com vistas a cooperar na explicitação dos significados da cabeça do verbete:

Quadro 27: Verbetes *agradável*

agradável [De *agradar*¹ + *-vel.*] **Adj. 2 g. 1.** Que agrada. **2.** Aprazível, deleitável:²¹ *ambiente agradável.* **3.** Bom, prazenteiro, grato: *Disse-lhe palavras agradávels de ouvir.* **4.** Afável, delicado, cortês: *pessoa de trato agradável.* **5.** Que agrada, dá prazer aos sentidos: *cheiro agradável; sabor agradável.* [Superl. abs. sint.: *agradabilíssimo.*] Substantivo masculino. **6.** Aquilo que agrada: *Unir o útil ao agradável.* [Pl.: *agradáveis.* Cf. *agradáveis*, do v. *agradar.*]

Fonte: Ferreira (2004, p. 71).

d) variante (s) da entrada?

²¹ Não foi possível inserir o sinal que indica o exemplo.

Sim. O dicionário abarca variantes gráficas: porcentagem/percentagem.

Quadro 28: Verbetes porcentagem

porcentagem. [Da loc. *por cento* + *-agem*.] *S.f.* V. *percentagem*: “Em 1900 os negros formavam 11, 6% da população norte-americana; em 1910, essa porcentagem desceu a 10, 7.” (E. Roquete-Pinto, *Seixos Rolados*, pp. 58-59.).

Fonte: Ferreira (2004, p. 1602).

e) variante (s) da definição?

Na obra, acontece com mais regularidade a definição aristotélica de caráter lógico, intencional e analítico, que é constituída por gênero próximo e diferenças específicas e tem por finalidade descrever o conteúdo das entidades linguísticas.

Quadro 29: Verbetes *biociclo*

biociclo [De *bi(o)-* + *-ciclo*.] *S.m.* **1.** Biol. Conjunto de etapas por que passa um determinado ser vivo, do nascimento à morte [Sin.: *ciclo biológico* e *ciclo vital*]. **2.** Ecol. V. *biosfera*. **3.** *P. ext.* Cada uma das porções distintas da biosfera. V. *epinociclo*, *limnociclo* e *talassociclo*.

Fonte: Ferreira (2004, p. 298).

f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?

Não são mencionados critérios para diferenciar homonímia de polissemia.

g) marcas de uso? Como se classificam?

A obra emprega as seguintes marcas de uso, que constam na lista de abreviaturas, siglas e sinais convencionais: antiq. antiquado; arc. Arcaísmo; bras. Brasileirismo; burl. Burlesco; deprec. Depreciativo; desus. Desusado; fam. Familiar; fig. Figurado; gír. Gíria; onom. Onomatopeia; pleb. Plebeísmo; poét. Poético; pop. Popular; p. us. Pouco usado; var. Variação; vulg. Vulgar.

Quadro 30: Verbetes *baranga*

baranga *Bras. gír. Adj.* **2 g. 1.** de má qualidade; de pouco ou nenhum valor. ● *S.f.* **2.** Mulher muito feia ou muito maltratada, sem trato.

Fonte: Ferreira (2004, p. 264).

e) indicação de área ou subárea de especialidade?

Sim. As indicações da área de especialidade aparecem, em itálico e abreviado, após a categoria gramatical.

Quadro 31: Verbetes *ecossistema*

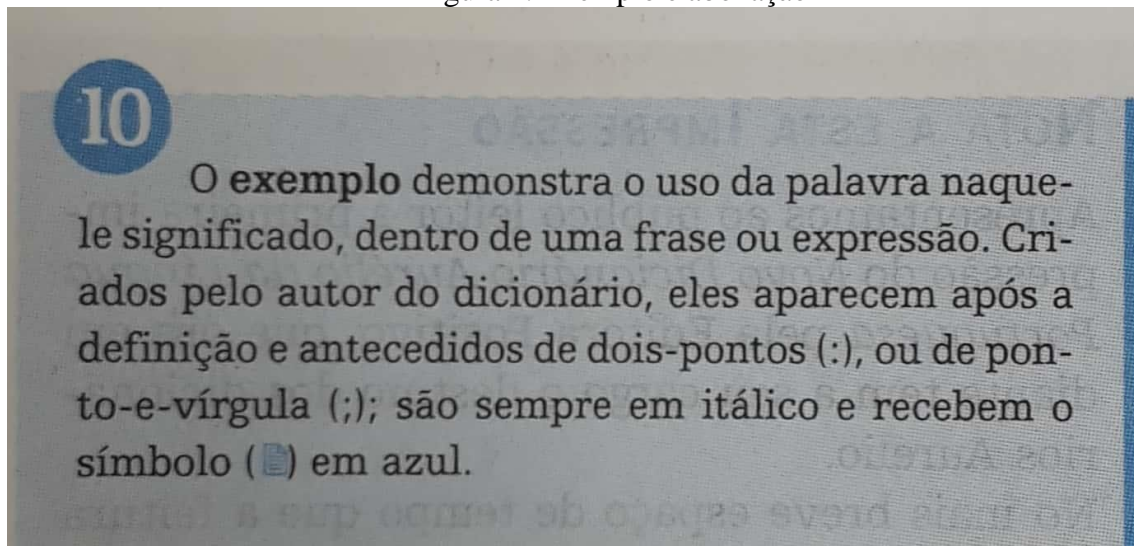
ecossistema [De *eco*-¹ + *sistema*.] **S.m.** *Ecol.* Conjunto dos relacionamentos mútuos entre determinado meio ambiente e a flora, a fauna e os microrganismos que nele habitam, e que incluem os fatores de equilíbrio geológico, atmosférico, meteorológico e biológico; biogeocenose.

Fonte: Ferreira (2004, p. 712).

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

Nos verbetes são apresentados exemplos e abonações que auxiliam o consulente na compreensão do significado. Estão alocados após a acepção, antecedido por dois pontos. As editoras informam que:

Figura 2: Exemplo e abonação



11

A **abonação** é um exemplo retirado de texto literário, jornal ou revista, ou ainda de letra de música e apresenta o próprio **texto de abonação** (entre aspas), **autor** (entre parênteses, em tipo redondo), **título**, dentro dos mesmos parênteses, em itálico, seguido do número da página [dos livros], ou da data de publicação [dos periódicos]. A abonação vem sempre depois de dois-pontos (:), ou de ponto-e-vírgula (;), e do símbolo (📖), em azul. A bibliografia completa e a lista dos periódicos encontram-se nas últimas páginas deste dicionário.

Fonte: Ferreira (2004, p. X).

Os editores utilizam desses dois recursos para exemplificar o item lexical no contexto.

j) equivalente (s)?

A obra não dispõe de equivalentes de línguas estrangeiras.

k) formação da palavra?

Sim. O autor indica os processos de derivação e composição que aparecem logo após a entrada.

Quadro 32: Verbetes inquilinismo

inquilinismo [De *inquilino* (2) + *-ismo*.] *S.m. Ecol.* Vida de um ser no corpo de outro sem causar-lhe dano, como, p. ex., no caso das orquídeas em outros vegetais.

Fonte: Ferreira (2004, p. 1110).

Quadro 33: Verbetes azeitona-do-mato

azeitona-do-mato *S.f. Bot. Bras.* Árvore da família das mirsináceas (*Rapanea ferruginea*), de até 7m de altura, flores alvas, e drupas carnosas, oleaginosas, comestíveis em conserva; capororocaçu, capororoca-vermelha, pororoca, camará (MG). [Pl.: *azeitonas-do-mato*.]

Fonte: Ferreira (2004, p. 242).

l) indicação de pronúncia?

Sim. A indicação de pronúncia aparece parcialmente entre parênteses, após a entrada.

Quadro 34: Verbetes *oxímetro*

oxímetro (cs) [De *ox(i)-* + *-metro.*] *S.m.* 1. Instrumento com que se faz a oximetria.

Fonte: Ferreira (2004, p. 1461).

m) origem e etimologia?

Com base na seção Abreviaturas, siglas e sinais convencionais, listamos as seguintes indicações de origem das palavras: açoriano, africano, cabo-verdiano, catalão, céltico, chinês, cingalês, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, germânico, grego, hispano-americano, hebraico, holandês, húngaro, inglês, irlandês, islandês, italiano, japonês, latim, lusitano, malaio, moçambicano, norueguês, português, russo, sânscrito.

Quadro 35: Verbetes *sushi*

→ **sushi** [suʃi] [Jap.] *S.m. Cul.* Iguaria japonesa feita com bolinho de arroz temperado com saquê e vinagre, acompanhado de uma pequena fatia de peixe cru, ou fruto do mar aferventado, e que se serve com molho de soja e pasta de raiz-forte.

Fonte: Ferreira (2004, p. 1901).

n) divisão silábica?

Não há divisão silábica.

o) nomenclatura científica?

Sim. A obra registra a nomenclatura científica na definição, conforme notamos no verbete abaixo:

Quadro 36: Verbetes *abacateiro*

abacateiro [De *abacate* + *-eiro.*] *S.m. Bot.* Árvore da família das lauráceas (*Persea americana*), procedente da América Central e do México, hoje cultivada por toda parte em virtude dos seus frutos de grande valor nutritivo, e cujas folhas se usam como diurético. [Sin. (bras., BA): *abacado.*]

Fonte: Ferreira (2004, p. 2).

Neste verbete, identificamos a família lauráceas (*Persea americana*), como nomenclatura científica.

p) remissivas úteis entre conceitos?

De acordo com as editoras:

A remissiva, que pode ser total ou complementar, é identificada por um V., em tipo redondo e claro, seguido por uma palavra ou expressão italizada, e conduz o leitor a outro verbete, ou locução, ou definição que descreve um significado semelhante ou complementar ao da palavra no contexto em que está sendo pesquisada, ou ainda, que o confronta com outras definições que vão esclarecer melhor o significado. A remissiva ~ V., por sua vez, leva para uma locução na qual uma das palavras é a que encabeça o verbete que está sendo consultado no momento (em geral, como adjetivo). Neste caso, a palavra substituída por um travessão, o qual pode ser seguido por uma indicação de flexão de gênero ou de número [...]. (FERREIRA, 2004, p. XI).

O verbete abaixo ilustra como se dá a remissiva na obra:

Quadro 37: Verbetes cutiúba

cutiúba [De or. tupi, poss.] <i>S.f. Bras. Bot. V. cupiúba.</i>
--

Fonte: Ferreira (2004, p. 595).

q) fontes?

Sim. No final da obra, os editores expõem a bibliografia empregada para a sistematização do dicionário, nas páginas 2099 a 2120.

r) notas?

Os verbetes não apresentam notas.

4.4 A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

Sim.

Quadro 38: Verbetes monograma

autocinético [De <i>aut(o)</i> - + <i>-cinet(o)</i> - + <i>-ico</i> .] <i>Adj.</i> Capaz de mover-se sozinho.
--

Fonte: Ferreira (2004, p. 231).

4.5 A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

Considerando que a obra se destina ao público em geral, podemos dizer que as definições atendem às particularidades linguísticas dos usuários, uma vez que apresenta um vocabulário básico, geralmente, utilizado no cotidiano, com exceção das definições dos termos das linguagens de especialidade que apresentam um discurso mais científico e técnico.

5. Sobre a edição e publicação

5.1 Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

Sim. Trata-se de uma das obras lexicográficas mais conhecida no Brasil, além disso pode ser utilizada pela maioria dos falantes de língua portuguesa.

5.2 Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

Livrarias, bibliotecas, escolas, universidades e sites eletrônicos.

2.4 Comentários resultantes da análise descritiva do DAJ (2011) e do DA (2004)

Nosso objetivo foi estabelecer um contraponto entre as duas obras, a fim de verificar se há diferença entre a microestrutura do DAJ (2011) e a do DA (2004), relativamente ao registro de termos constituídos por elementos eruditos. Esse procedimento serviu para investigar se as definições do DAJ (2011) não são apenas uma compilação do DA (2004). Assim, este dicionário atuou como parâmetro de análise e aquele como referência para observar como as definições em dois dicionários da série Aurélio, um para público geral e outro para público escolar, descreviam os termos com formação erudita. Selecionamos, então, dez termos, que aparecem listados no quadro abaixo:

Quadro 39: Comparação da microestrutura de termos específicos do DA (2004) e do DAJ (2011)

DA (2004)	DAJ (2011)
<p>atmosfera. [De <i>atm(o)-</i> + <i>-sfera.</i>] <i>S. f.</i> 1. Envoltório gasoso dos astros em geral. 2. <i>Geofís.</i> Camada de ar que envolve a Terra. [Sin., nessas acepç.: aerosfera.] 3. <i>P. ext.</i> O estado atmosférico; o tempo; o céu: <i>Com a chuva, a atmosfera clareou.</i> 4. <i>Fís.</i> <i>V.</i> <i>atmosfera física.</i> 5. <i>Fís.</i> Atmosfera técnica. 6. <i>Fig.</i> Ambiente moral: <i>Vive numa atmosfera de intrigas.</i> Atmosfera física. <i>Fís.</i> Unidade de medida de pressão, igual a $1,01325 \times 10^5$ Pa. É equivalente à pressão exercida por uma coluna de mercúrio de 760 mm de altura e de massa volumétrica igual a $13,5951 \text{g/cm}^3$, sujeita à aceleração normal da gravidade ($980,665 \text{cm/s}^2$); atmosfera normal. [Tb. Se diz apenas <i>atmosfera</i>. Símb.: <i>atm</i>; tb. Se usa, apesar de não recomendado, <i>at.</i>] Atmosfera livre. <i>Met.</i> Parte da atmosfera onde o movimento do ar não sofre praticamente influência da fricção com a superfície da Terra. Atmosfera litro. <i>Fís.</i> Unidade de medida de energia: trabalho de expansão de um gás que se expande contra uma pressão constante de uma atmosfera, e cujo volume aumenta de um litro. Uma atmosfera (física) litro é igual a 101,3278J; uma atmosfera (técnica) litro é igual a 98,0692J. [Símb.: <i>atm.l.</i> ou <i>at.l</i> ou <i>l.at.</i>] Atmosfera normal. <i>Fís.</i> <i>V.</i> <i>atmosfera física.</i> Atmosfera técnica. <i>Fís.</i> Unidade de medida de pressão igual à de um quilometro-força por centímetro quadrado. Vale $9,80665 \times 10^4$ Pa. [Tb. se diz apenas <i>atmosfera</i>. Símb.: <i>at</i>] Atmosfera territorial. <i>Jur.</i> Espaço aéreo situado acima do território dum Estado e respectivas águas territoriais.</p>	<p>at.mos.fe.ra²² <i>subst. fem.</i> 1. Envoltório gasoso dos astros em geral. 2. Camada de ar que envolve a Terra. 3. O céu. 4. Unidade de pressão aproximadamente igual à pressão exercida pela atmosfera terrestre sobre um corpo ao nível do mar.</p>
<p>biologia. [De <i>bi(o)-</i> + <i>-logia.</i>] <i>S.f.</i> Estudo dos seres vivos e das leis da via. Biologia diferencial. <i>V.</i> <i>biotipologia.</i> Biologia geral. Estudo dos seres vivos como um todo, sem particularização animal ou vegetal; estudos das leis gerais da vida; estudo das características gerais dos seres vivos. Biologia molecular. Área de conhecimento na fronteira entre a biologia e a química ou, mais especificamente, a bioquímica, e na qual são estudadas as estruturas, as funções e os mecanismos de atuação dos biopolímeros, esp. Proteínas e ácidos nucleicos. Biologia social. Conjunto de estudos em que se aplicam os conhecimentos biológicos à análise e solução de problemas de natureza social (como poluição, superpopulação, etc.). [Cf. <i>sociobiologia.</i>]</p>	<p>bi:o.lo.gia²³ <i>subst. fem.</i> A ciência que estuda os seres vivos: sua estrutura, funcionamento, evolução, distribuição e as relações existentes entre eles. Biologia marinha. Ramo da biologia que estuda os organismos marinhos. Biologia molecular. Área da biologia que estuda principalmente, proteínas e ácidos nucleicos.</p>
<p>biosfera. [De <i>bi(o)-</i> + <i>-sfera.</i>] <i>S. f. Ecol.</i> Conjunto de todos os ecossistemas da Terra; biociclo, ecosfera.</p>	<p>bi:os.fe.ra <i>subst. fem.</i> <i>Ciências naturais</i> O conjunto das regiões da crosta e da atmosfera terrestres ocupadas pelos seres vivos; ecosfera.</p>
<p>ecossistema. [De <i>eco-1</i> + <i>sfera</i>] <i>S.m. Ecol.</i> Conjunto dos relacionamentos mútuos entre determinado meio ambiente e flora, fauna e os microorganismos que nele habitam, e que incluem os fatores de equilíbrio</p>	<p>e.cos.sis.te.ma <i>subst. masc. Ciências Naturais</i> O conjunto formado pela comunidade e pelo meio Ambiente: as relações que os seres vivos de uma comunidade estabelecem com os fatores ambientais,</p>

²² O DAJ (2011) não indica a área de especialidade para atmosfera.

²³ Os dois dicionários não indicam a área de especialidade para biologia.

geológico, atmosférico, meteorológico e biológico; biogeocenose.	como solo, ar, água, etc.: “Um lago é um <u>ecossistema</u> . Uma floresta é um <u>ecossistema</u> . O deserto é um <u>ecossistema</u> . Não importa o tamanho”. (Inácio de Loiola Brandão, O Manifesto Verde.) [Sinônimo: Biogeocenose.]
geologia ²⁴ . [Do lat. med. <i>geologia</i> (v. <i>ge(o)-</i> e <i>-logia</i> .)] S.f. 1. Ciência cujo objetivo é o estudo da origem, da formação e das sucessivas transformações do globo terrestre, e da evolução do seu mundo orgânico. 2. Tratado ou compêndio dessa ciência. 3. Exemplar de um desses tratados ou compêndios.	ge:olo.gi.a <i>subst. fem. Geografia</i> Ciência cujo objetivo é o estudo das origens, formação e sucessivas transformações e evoluções do globo terrestre.
hidrosfera . [De <i>hidr(o)-l</i> + <i>-sfera</i>] <i>S.f. Geogr.</i> Camada aquosa da crosta terrestre, que compreende os oceanos, mares, os rios, lagos, e outras águas; talassosfera. [Cf. litosfera.]	hi.dros.fe.ra <i>subst. fem. Geografia</i> As águas oceânicas e as águas continentais da superfície terrestre, incluindo os lençóis subterrâneos e o vapor aquoso da atmosfera.
litosfera . [De <i>lit(o)-</i> + <i>-sfera</i> .] <i>S.f. Geofis.</i> A parte externa consolidada da Terra; crosta da Terra, crosta terrestre, orosfera. [Cf. <i>hidrosfera</i> .]	li.tos.fe.ra <i>subst. fem. Geografia</i> A parte externa, consolidada, da Terra; crosta da Terra.
meteorologia . [Do gr. <i>meteorologia</i> .] S.f. Ciência que investiga os fenômenos atmosféricos, e cujas observações possibilitam a previsão do tempo.	me.te:o.ro.lo.gia ²⁵ <i>subst. fem.</i> O estudo do tempo e dos fenômenos da atmosfera. [Veja <i>meteoro</i> (1).]
nitrogênio . <i>S. m. Quím.</i> Elemento de número atômico 7, existente na atmosfera, gasoso, incolor, inodoro, pouco ativo, mas que participa de grande número de compostos [símb.: N].	ni.tro.gê.ni:o <i>subst. masc. Ciências Naturais</i> Elemento químico, gasoso, que é o constituinte principal do ar atmosférico e que participa de grande número de compostos essenciais à vida [Símbolo: N].
oxigênio (cs). [De <i>ox (i)-</i> + <i>-gen (o)-</i> + <i>-io₃</i> ; fr. <i>oxygène</i> .] <i>S. m. Quím.</i> Elemento de número atômico 8, gasoso, na temperatura ambiente, incolor, inodoro, insípido, com atividade química bastante grande, indispensável à vida [Símb.: O; form.: O ₂].	o.xi.gê.ni:o (cs) <i>subst. masc. Ciências Naturais</i> Elemento químico, gasoso, constituinte do ar atmosférico e indispensável às formas de vida que utilizam a respiração (que são quase todas) [símbolo: O].

Fonte: DA (2004) e DAJ (2011).

O quadro ilustra que os verbetes do DA (2001) apresentam os processos de formação dos elementos eruditos entre parênteses, após a definição ou a pronúncia do vocábulo, quando houver. Já os verbetes do DAJ (2011) não descrevem tal informação. De modo geral, as definições do DAJ (2011) são compilações ou reduções do DA (2004).

Na definição do termo *atmosfera* do DAJ (2011), conforme elucidada o quadro acima, houve compilação das duas primeiras acepções. O verbete não expõe o significado por extensão completo, apenas destaca a expressão, *o céu*. Diferentemente do DA, não apresenta as marcas de uso, exemplos, abonações, rubricas e nem as unidades terminológicas complexas, como *atmosfera física*, *atmosfera livre*, *atmosfera litro*, *atmosfera normal*, *atmosfera técnica*, *atmosfera territorial*.

Na definição do termo *biologia*, notamos um texto extenso, com palavras complexas, como estrutura, funcionamento, evolução, distribuição e as relações existentes. A nosso ver, a

²⁴ Não há indicação da área do conhecimento.

²⁵ Os dois dicionários não indicam a área de especialidade para meteorologia.

definição do DA contém uma linguagem mais simples e adequada aos alunos do 6º ano EFII. O verbete não apresenta remissão, mas mostra as definições de duas unidades terminológicas complexas, a saber: *biologia marinha* e *biologia molecular*.

Na definição do termo *biosfera*, verificamos que a unidade linguística *conjunto* é ideal para superordenar o conceito, no entanto, as unidades terminológicas *regiões da crosta* e *da atmosfera terrestre* não são suficientes para denominar biosfera, considerando o público-alvo, bem como a ausência das três regiões que formam a biosfera. O termo *crosta* referente à área de domínio Geografia necessita do argumento *terrestre*, haja vista que a unidade lexical *crosta* pode se referir a outros campos do conhecimento, como a Medicina. Na definição de biosfera, *regiões da crosta* corresponde à *litosfera*.

A definição encontra-se inapropriada para os estudantes, por se compor de hipônimos, que necessariamente deveriam mostrar itens remissivos que complementassem o conceito do termo, quais sejam, *crosta*, *atmosfera*. Para um estudante do 6º ano, a expressão *regiões da crosta* não oferece entendimento imediato da unidade terminológica biosfera. No que se refere ao aspecto conceitual, *regiões da crosta* não compreende a *hidrosfera*. Não há remissiva para essa unidade terminológica, bem como para atmosfera terrestre. A variante sinonímica *ecosfera* também não apresenta marcação, nem tampouco remissiva para informar ao consulente que esse termo possui o mesmo conceito de biosfera. Apesar de o DA (2004) indicar os dois sinônimos, *biociclo* e *ecosfera*, no final da definição, não há remissão para o termo *ecossistema* que se encontra no interior da definição, como podemos observar no quadro acima.

Na definição do termo *ecossistema*, constatamos que o texto do DAJ (2011) se diferencia do texto do DA (2004), pois, enquanto este se utiliza de termos técnicos como *flora*, *fauna*, *microorganismos*, *equilíbrio geológico*, *atmosférico*, *metereológico* e *biológico*, aquele se utiliza de palavras do cotidiano para explicar o conceito, quais sejam, *solo*, *água* e *ar*, além de se valer de uma definição de tipo explicativo, ao utilizar o advérbio *como*. Diferentemente do DA (2004), emprega a abonação para situar o termo no discurso, o que facilita o entendimento do consulente.

Na definição do termo *geologia*, identificamos que o texto do DAJ (2011) é uma compilação da primeira acepção do DA (2004). Do texto definitório, destacamos o pronome relativo *cujo*, de pouco uso na linguagem corrente hoje.

Na definição do termo *hidrosfera*, encontramos algumas expressões inadequadas para uma definição direcionada a alunos do 6º ano do EFII. A expressão *águas oceânicas*, por exemplo, poderia ser substituída pela locução *águas dos oceanos*, tendo em vista que o sentido de propriedade indica compreensão mais concreta do conceito. As unidades terminológicas

águas continentais da superfície terrestre e vapor aquoso da atmosfera também consideramos complexas para o público-alvo, em razão de ser um conceito amplo constituído por unidades lexicais que precisam de remissivas para complementar o entendimento da definição. Nesse sentido, *águas continentais*, que significa as águas que cercam os cinco continentes do mundo, é uma composição sintagmática técnica que faz sentido para um público mais especializado. O adjetivo *aquoso* da unidade linguística *vapor aquoso*, que significa vapor de água, é uma unidade lexical que não faz parte do repertório linguístico do estudante do 6º ano, e o significado, para ser entendido, precisa de remissiva para *aquoso*.

Na definição do termo *litosfera*, comprovamos que o texto do DAJ (2011) é uma compilação do DA (2004). Há contudo, remissão para *hidrosfera*, no DA (2004), conforme se nota no quadro 38.

Na definição do termo *meteorologia*, há semelhança entre os textos dos dois dicionários, porém, há uma troca de hiperônimo: enquanto no DA (2004) está registrado *ciência*, no DAJ (2011) aparece *estudo*; enquanto no DA (2004) aparece *fenômenos atmosféricos*, no DAJ (2011) aparece *fenômenos da atmosfera*, além do que naquele dicionário há o acréscimo de mais informações.

Na definição do termo *nitrogênio*, os textos definitórios dos dois dicionários também são semelhantes. No entanto, a diferença se estabelece na definição do DAJ (2011), pois os redatores se utilizaram da definição quando escrevem *que é o constituinte principal do ar atmosférico*, para explicar o que é o nitrogênio é um *elemento químico e gasoso*, enquanto, na definição do DA (2004), os redatores não explicam o hiperônimo, porque vão direto à função do elemento químico.

A definição do termo *oxigênio*, no texto do DAJ (2011), embora se assemelhe, em parte, a do DA (2004), é adequada para o entendimento dos alunos do 6º ano do EFII, uma vez que descreve o que é e para que serve, por meio de uma linguagem mais acessível à faixa etária.

A análise das definições permite-nos concluir que: i) o vocabulário científico encontrado no DA (2004) com linguagem de adultos é transferido para o DAJ (2011), dicionário escolar, sem adaptação adequada do conteúdo terminológico, o que demonstra a necessidade da aplicação dos princípios e fundamentos da divulgação científica; ii) o dicionário escolar, apesar de haver indicação para crianças, não apresenta um tratamento linguístico dos conceitos que explicam o conteúdo terminológico, porque as unidades linguísticas empregadas para escrever o texto definitório são complexas para o nível linguístico dos estudantes; iii) os termos constituídos por elementos eruditos não são acompanhados de informações semânticas que auxiliem o aluno na compreensão conceitual dos termos, haja vista que são vocábulos, com

valor lexical independente, mesmo que na cadeia sintagmática operem de maneira dependente (ABREU, 2012); e iv) as análises dos dois dicionários mostraram que não há um tratamento terminográfico para a linguagem empregada na escrita das definições, principalmente do DAJ (2011) . Na seção seguinte, apresentamos a síntese do capítulo.

2.5 Síntese do capítulo

Neste capítulo, por meio das análises dos dicionários, constatamos que o DAJ (2011) contém as características de um minidicionário, tanto pela quantidade de verbetes, quanto pela descrição do texto definitório. Com base na análise, sugerimos um redimensionamento do dicionário, sobretudo, das definições dos termos científicos e técnicos, com o intuito de atender às singularidades do público-alvo. Em vista disso, no capítulo 4, descrevemos os procedimentos necessários para a sistematização de um glossário escolar, para preencher parte dessa lacuna e, conseqüentemente, subsidiar a aprendizagem de terminologias dos componentes curriculares. Ademais, percebemos que os dois dicionários, analisados, não apresentam tratamento terminográfico para os termos formados com elementos eruditos, a esse respeito, o DAJ (2011) não menciona que esses termos são constituídos de formativos, detentores de significado, por sua vez, o DA (2004) menciona não apenas que os termos formados por elementos eruditos são formados de dois ou mais elementos, mas também explicita os formativos como entradas, indicando o significado. No próximo capítulo, apresentaremos os processos de formação dos termos formados por elementos eruditos.

CAPÍTULO 3

INTERPRETAÇÕES DO TIPO DE PROCESSO DE FORMAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DE TERMOS COM ELEMENTOS ERUDITOS

INTRODUÇÃO

As disciplinas estudadas por crianças no EFII são repletas de termos que contêm elementos gregos e latinos em sua construção. Assim, não é raro encontrar, em materiais didáticos direcionados a este nível de ensino, unidades terminológicas (ou termos) que abriguem em sua constituição elementos eruditos responsáveis por veicular sentidos especializados desta ou daquela área de conhecimento; como, por exemplo, *geometria*, *polígono*, *fitogeografia*, *litografia*, *litosfera*, dentre outros. Na maior parte das vezes, esses termos são constituídos essencialmente por formativos gregos e latinos, além de serem conhecidos por estruturar as terminologias ditas clássicas, principalmente, de áreas do conhecimento como a Biologia, a Botânica, a Química, a Física, a Matemática e a Gramática (CUNHA, 1975).

Como exposto na introdução desta Tese, temos como objetivo elaborar um glossário escolar para alunos do 6º ano do EFII, com foco em termos formados por elementos eruditos. Mais especificamente, o glossário será formado por termos que contenham, em sua estruturação, elementos eruditos. A razão pela qual se deu a escolha desse tipo de termo para a elaboração do glossário está atrelada ao fato de que parte dos vocabulários técnicos e científicos encontrados nos livros didáticos Ciências da Natureza são constituídos por elementos eruditos.

Com esta situação em mente, pretendemos selecionar adequadamente os termos que constituirão a nomenclatura do glossário, assim como projetar a microestrutura dos verbetes, de tal forma que as informações relevantes acerca dos sentidos que esses elementos eruditos veiculam na construção do conceito fiquem evidenciadas. O nosso intento, ao nos propormos a elaborar uma obra terminográfica de tal tipo, é o de disponibilizar essas informações de maneira dinâmica e acessível, de modo que possam auxiliar os futuros consulentes na compreensão dos conceitos veiculados por termos constituídos por formativos eruditos e facilitar, assim, a aprendizagem dos conceitos veiculados pelas unidades terminológicas. Para tanto, é preciso discorrer previamente sobre o que se entende por “elemento erudito”, também denominado, no âmbito dos estudos morfológicos, de “formativo erudito”, assim como adentrar nas discussões que os morfologistas fazem a respeito dos processos de formação que podem ser tipificados com elementos eruditos.

A pergunta que guiará nossa exposição neste capítulo é a seguinte: vocábulos formados com elementos eruditos seriam advindos de um processo derivacional ou de um processo composicional? Ao respondê-la, apresentaremos nosso ponto de vista sobre essa discussão. Em seguida, abordaremos os critérios elegidos por nós como essenciais para caracterizar os processos de formação dos termos com elementos eruditos.

Com base nos objetivos específicos deste capítulo, organizamos nossa exposição da seguinte maneira: i) na seção 3.1, apresentamos aspectos conceituais e históricos sobre os elementos ditos “eruditos”; ii) na seção 3.2, trazemos à discussão as divergências acerca dos processos de formação de termos com formativos eruditos; e iii) na seção 3.3, discorreremos sobre os critérios utilizados para se fazer o reconhecimento de termos que contêm tais elementos em sua constituição, bem como sua combinatória interna. Para tanto, fundamentamos o presente capítulo em três pontos de vista, quais sejam: gramatical, linguístico e terminológico. Do ponto de vista gramatical, nos baseamos nos ensinamentos encontrados em Said Ali (1965; 1966), Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2009). Do ponto de vista linguístico, Camara Jr. (1970), Basílio (1987), Sandmann (1992), Villalva (1996), Alves (2007), Duarte (2008a-b) e Gonçalves (2011a-b) constituem as nossas referências. Do ponto de vista terminológico, consideraremos os textos de Abreu (2012 e 2017). Por fim, na seção 3.4, destacamos os argumentos relevantes decorrentes de discussões realizadas nas seções anteriores acerca das possíveis interpretações dos processos de formação de palavras, envolvidos na constituição de termos que apresentam elementos eruditos. Neste tópico, procuramos deixar clara a nossa visão sobre o assunto, e também esclarecemos a forma como esse tipo de formação lexical será considerada e descrita no glossário escolar que propomos nesta Tese.

3.1 Os aspectos conceituais e históricos: a gênese do elemento erudito

Conforme o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 1.0* (2001), doravante DH (2001), os vocábulos formados com elementos eruditos foram transplantados para a língua portuguesa via erudição, ou seja, por meio do helenismo e do latinismo.²⁶ Isto significa que a presença de elementos eruditos na formação de palavras direcionou-se naturalmente para a formação de termos, isto é, para a formação de unidades lexicais que designam conceitos de áreas técnicas e/ou científicas.

²⁶ Uma das acepções de *cultismo* que contém o mesmo significado de *eruditismo*: “Componente linguístico (léxico, morfológico, fonético, sintático etc.) que se introduz em uma língua literária a partir de outra mais ou menos conexas por via erudita, ou seja, da tradição escrita (como, p.ex., o latinismo e o helenismo, cultismos de grande incidência no português); eruditismo” (DH, 2001).

Com base nestas considerações encontradas no DH (2001), constata-se que a ocorrência de elementos eruditos na formação de vocábulos da língua portuguesa já era identificada nos primórdios de sua estruturação, e sua aquisição, diferentemente dos vocábulos usados na vida diária, não se dava mediante interações linguísticas do cotidiano. Era, e continua sendo, preciso aprendê-los de forma sistematizada, geralmente na escola, por intermédio de livros descritores da linguagem científica e técnica.

No entanto, a questão da gênese de vocábulos eruditos é um pouco mais complexa do que expusemos até aqui. Em compêndios gramaticais de caráter histórico, por exemplo, encontram-se estratos do vocabulário da língua portuguesa advindos do grego e do latim (RIBEIRO, 1904; RIBEIRO, 1915; GOMES, 1915; NOGUEIRA, 1918; BUENO, 1944; ALMEIDA, 1952; ROCHA LIMA, 1962; SAID ALI, 1965; QUADROS, 1969). Assim, é legítimo questionar qual seria a diferença entre elementos de origem grega e latina presentes em uma unidade lexical da língua comum e aqueles que formam termos, ou seja, o que, de fato, pode ser considerado como um elemento erudito na constituição de unidades lexicais da língua comum e de unidades lexicais de linguagens de especialidade?

Para responder a esta questão, buscamos amparo no trabalho de linguistas que têm se dedicado aos estudos morfológicos. Ludeling (2009²⁷, citado por Gonçalves, 2011a, p. 7) diz que a procedência etimológica grega e latina não é suficiente para que se considere um item lexical como um vocábulo erudito. Para reforçar a afirmação desse autor, Gonçalves (2011a) lembra que, durante a expansão do Império Romano, a língua latina e, em parte, o grego foram línguas francas e oficiais em diversos territórios conquistados. Por essa razão, não é raro encontrar, no vocabulário de diversas línguas do mundo – até mesmo no das não neolatinas – unidades lexicais com elementos originários destas duas línguas, como ilustra o quadro 40, a seguir, elaborado por Gonçalves (2011a) e reproduzido aqui para fins de ilustração do que afirma o autor:

Quadro 40: Itens lexicais com formativos gregos e latinos em seis línguas

Português	inglês	Alemão	francês	Holandês	Romeno
<i>biólogo</i>	<i>biologist</i>	<i>biologe</i>	<i>biologiste</i>	<i>bioloog</i>	<i>biolog</i>
<i>biógrafo</i>	<i>biographer</i>	<i>biograph</i>	<i>biographe</i>	<i>biograaf</i>	<i>biograf</i>
<i>ecologia</i>	<i>ecology</i>	<i>ökologie</i>	<i>écologie</i>	<i>ecologie</i>	<i>ecologie</i>

Fonte: Adaptado de Gonçalves (2011a, p. 8).

²⁷ Ludeling, Anke. **Neoclassical word-formation**. Berlin: Universitat zu Berlin, 2009.

A partir da análise desse quadro, Gonçalves (2011, p. 8) chama a atenção do leitor para o fato de que os formativos gregos e latinos estão presentes similarmente em todas as línguas descritas, embora percebamos que, em algumas delas, haja alterações gráficas em função da língua-alvo, como, por exemplo, o elemento grego *graphê,ês* em *biógrafo* na língua portuguesa, *biographer* na língua inglesa, *biograph* na língua alemã, *biographe* na língua francesa, *biograaf* na língua holandesa e *biograf* na língua romena. Em relação ao português, a unidade lexical *biógrafo* passou a ser grafada dessa forma a partir da Reforma Ortográfica de 1911, que aboliu os dígrafos *th*, *rh*, *ph*.

À vista disso, em algumas unidades lexicais, certos elementos eruditos, a exemplo de *bio-*, não sofreram alteração na estrutura; outros, por sua vez, como *eco-* no alemão (*öko-*), estão mais próximos do grego *oikos*. Outros elementos eruditos ainda, a exemplo de *-logo*, permanecem com a mesma estrutura em todas as línguas, porém, apresentam apenas alterações fonéticas-fonológicas. Em português, o elemento grego *lógos realiza-se -logo*, em vez de *lógos*; nesse caso específico ocorreu apócope; no inglês e no francês *lógos*, recebem o sufixo *-ist* e *-iste*, respectivamente.

Feitas as considerações acerca da presença de elementos oriundos do grego e do latim em diversas línguas, constata-se, com base no que nos ensina Gonçalves (2011a), que as estruturas linguísticas que atuaram na formação de unidades lexicais do grego e do latim se espalharam por diferentes tipos de línguas para denominar, marcadamente, o universo conceitual do discurso técnico e científico.

Em continuidade às reflexões já percorridas, exporemos, a seguir, as discussões feitas por estudiosos da Morfologia em relação ao tipo de processo de formação lexical envolvido na constituição de termos com elementos eruditos.

3.2 Divergências acerca dos processos de formação de termos com formativos eruditos

Considerando os avanços nos estudos da Terminologia, não há como excluir os aspectos linguísticos implicados na formação estrutural dos termos, pois os estudos terminológicos evidenciam que essas unidades lexicais, da mesma maneira que as unidades lexicais da língua comum, são constituídos por elementos linguísticos responsáveis pelos processos de formação de palavras. A diferença está no fato de que nos termos esses elementos linguísticos exercem um papel semântico especial: contribuem para a designação de conceitos. Nesse sentido, Cabré (2006, p. 8) afirma que: “[...] las unidades terminológicas son signos lingüísticos, pertenecen a las lenguas naturales, forman parte de sus gramáticas y se describen

a través de las mismas propiedades, estructuras y condiciones que describen las unidades lingüísticas”²⁸. Partindo desse pressuposto, os termos, assim como as unidades lexicais da linguagem comum, seguem as mesmas regras e os mesmos mecanismos de formação de palavras.

À vista disso, não se pode apartar o conhecimento morfológico do estudo terminológico, dado que os termos são formados por meio de processos responsáveis pela estruturação de componentes linguísticos na constituição de uma unidade lexical qualquer, mas esses constituintes, nas unidades terminológicas, estão a serviço da denominação de conceitos científicos e técnicos das linguagens de especialidade.

Na perspectiva dos estudos no âmbito da Morfologia Lexical, é sabido que há ausência de consenso entre os estudiosos acerca do tipo de processo de formação envolvido na constituição de termos com elementos eruditos. Por isso, apresentamos, a seguir, os motivos pelos quais se erguem tais divergências. Primeiramente, na próxima seção, expomos as contribuições dos autores que descrevem o processo de formação de termos com elementos eruditos por meio da derivação, com a finalidade de estabelecer as diferenças do ponto de vista gramatical, linguístico e terminológico com aqueles que defendem que a composição é o processo responsável pela formação desses termos, cujo ponto de vista será apresentado na seção seguinte.

3.2.1 Termos com elementos eruditos descritos como processos derivacionais

A derivação é o processo pelo qual novos termos podem ser formados por intermédio da inserção de afixos à uma base. Na língua portuguesa, os termos com elementos eruditos descritos pelos processos derivacionais geralmente se estruturam por meio da derivação²⁹ prefixal e sufixal, conforme se observa nas listas de prefixos e sufixos oriundos do grego e do latim, disponíveis nos compêndios gramaticais de Said Ali (1966, p. 229-253), Cunha e Cintra (2008, p. 98-115) e Bechara (2009, p. 357-370). Segundo esses gramáticos, os afixos, pertencentes a essas línguas, são empregados especificamente na constituição de vocabulários científicos e técnicos. Sobre isso, Said Ali (1966, p. 244) expressa: “Em linguagem científica

²⁸ “[...] as unidades terminológicas são signos linguísticos, pertencem às línguas naturais, formam parte de gramáticas e descrevem-se por meio das mesmas propriedades, estruturas e condições que são descritas as unidades linguísticas”. Tradução nossa.

²⁹ A derivação parassintética, a derivação regressiva e a derivação imprópria também são tipos de processos derivacionais mencionados pelos gramáticos Said Ali, (1966); Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2009), porém, nesta pesquisa, enfatizaremos somente a derivação prefixal e sufixal pelo recorte teórico estabelecido.

[o sufixo -ismo] caracteriza certos fenômenos: magnetismo, galvanismo, timpanismo, meteorismo, ptialismo, reumatismo, traumatismo, sincronismo, estrabismo, etc.”. Com vistas a explicitar os mecanismos envolvidos na formação de termos constituídos por elementos eruditos, de acordo com o processo de derivação, a exposição que faremos detalhará os aspectos concernentes à prefixação e à sufixação paralelamente.

Na perspectiva das gramáticas tradicionais, a prefixação consiste na afixação de um prefixo à margem esquerda do radical. Nesta ótica, o prefixo é visto como um afixo que precede o radical com o propósito de acrescentar novos significados e é considerado como um elemento preso. Said Ali (1966), Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2009) destacam a autonomia lexical de certos prefixos, ainda que limitada, em função de algumas formas serem originadas de advérbios e preposições oriundas do grego e do latim. Essa autonomia pode ser verificada, por exemplo, nos prefixos *contra-* e *entre-*. No entanto, estes mesmos autores esclarecem que outros prefixos, em particular, não apresentam independência lexical no discurso. São eles: *retro-*, *re-* e *des-*, por exemplo.

Em relação aos prefixos com existência independente na língua, Said Ali (1966, p. 229) assinala que esses formativos

[...] que se colocam antes da palavra derivante, e se chamam prefixos; tal processo é o da derivação prefixal. Mas os prefixos são, na maior parte, preposições e advérbios, isto é, vocábulos de existência independente, combináveis com outras palavras. Equivale isto a dizer que não está bem demarcada a fronteira entre a derivação e a composição. (SAID ALI, 1966, p. 229).

Segundo o gramático, é evidente a autonomia linguística conservada em certos prefixos, tal entendimento se fundamenta no princípio de que essas formas linguísticas se gramaticalizaram³⁰, pois, antes, no grego e no latim, pertenciam às classes de palavras dos advérbios e das preposições. Entretanto, as ditas formas presas³¹, a exemplo, de *retro-* em

³⁰ Nesta Tese, assumimos a definição de Castilho (1997, p. 31): “a gramaticalização ocorre quando um item lexical/construção passa a assumir, em certas circunstâncias, um novo *status* como item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais, podendo mudar de categoria sintática (=recategorização), receber propriedades funcionais na sentença, sofrer alterações semânticas e fonológicas, deixar de ser uma forma livre e até desaparecer como consequência de uma cristalização extrema”.

³¹ Segundo Leonard Bloomfield (1933, p.160, *apud* Camara Jr. 1970, p. 59) “[...] as unidades formais de uma língua são de 2 espécies: 1) formas livres, quando constituem uma sequência que pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente (ex.: <<Que vão fazer?>>. Resposta: <<Proscrever>>. <<Proscrever o quê?>>. Resposta: <</é/>>); 2) formas presas, que só funcionam ligadas a outras (como *pro-* de *proscrever*, *prometer* etc.). Para Camara Jr. (1970, p. 60) “[...] são formas dependentes, em português, as partículas proclíticas átonas, como o artigo, as preposições, a partícula *que* e outras mais.

*retrogosto*³² e *ante-* em *antebraço*, só têm funcionalidade quando está ligada a um radical. Por isso, para Said Ali (1966), o fato de certos elementos eruditos se posicionarem à esquerda da base e demonstrarem independência na língua não é razão para retirar a prefixação da derivação, pois os prefixos não têm mais características de preposições nem conteúdo semântico semelhantes aos radicais. Em suma, para Said Ali (1966) a autonomia vocabular não é argumento consistente para diferenciar a derivação prefixal da composição.

Quando discorre sobre sufixação, Said Ali (1966) não se aprofunda em descrever como funciona esse processo de formação de palavras, porém assinala que este mecanismo se inclui na derivação. O autor apresenta, ainda, uma lista de sufixos seguida de explicações e exemplos. Quanto aos sufixos empregados na linguagem técnica e científica, o gramático cita a forma erudita *-ato*, presente nos termos da química *nitrato*, *carbonato*, *silicato*, *sulfato*, por exemplo, e *-ismo*, nos termos *magnetismo* (Física), *timpanismo* (Patologia), *meteorismo* (Medicina), *ptialismo* (Medicina), *reumatismo* (Medicina), *traumatismo* (Medicina), *sincronismo* (Artes Audiovisuais) e *estrabismo* (Oftalmologia), dentre outros.

Para Cunha e Cintra (2008), alguns prefixos são mais autônomos que os sufixos, pois se originaram das preposições e dos advérbios gregos e latinos, duas classes de palavras que demonstram e demonstraram autonomia lexical quando entraram para a língua portuguesa. Os prefixos (1) *des-* em *desnaturação*³³ (Genética) e *trans-* em *transaminase*³⁴ (Bioquímica) são diferentes dos prefixos (2) *ultra-* em *ultravírus*³⁵ (Microbiologia), *micro-* em *microcomputador*³⁶ (Informática) e *super-* em *superinfecção*³⁷ (Genética), em função dos exemplos evidenciados em (2) apresentarem independência lexical. Na visão desses autores, o comportamento dos elementos eruditos nos exemplos em (1) evidencia casos de derivação prefixal; nos exemplos em (2), evidencia casos de composição.

Embora Cunha e Cintra (2008) questionem o comportamento dos prefixos, estes preferem categorizar os termos em (1) e (2) como inerentes ao processo da derivação prefixal, pois a autonomia lexical se restringe a um conjunto de prefixos (CUNHA; CINTRA, 2008). Dos prefixos gregos e latinos listados na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Cunha e Cintra (2008), reproduziremos, neste corpo de texto, apenas uma parcela, em razão da

³² Fonte: Abreu (2012, p. 529).

³³ Fonte: Abreu (2012, p. 531).

³⁴ Fonte: DH (2001).

³⁵ Fonte: DH (2001).

³⁶ Fonte: DH (2001).

³⁷ Fonte: DH (2001).

grande extensão deste rol. Em primeiro lugar, destacamos a lista dos prefixos gregos e, posteriormente, o elenco dos prefixos latinos:

Quadro 41: Prefixos de origem grega

Prefixos de origem grega	Significado	Exemplificação
<i>an-</i> (<i>a-</i>)	‘privação, negação’	anarquia, ateu
<i>catá-</i>	‘movimento de cima para baixo, oposição’	catadupa, catacrese
<i>dis-</i>	‘dificuldade, mau estado’	dispneia, disenteria
<i>endo-</i> (<i>end-</i>)	‘posição interior, movimento para dentro’	endotérmico, endosmose
<i>hiper-</i>	‘posição superior, excesso’	hipérbole, hipertensão
<i>metá-</i> (<i>met-</i>)	‘posterioridade, mudança’	metacarpo, metátese
<i>pará-</i> (<i>par-</i>)	‘proximidade, ao lado de’	paralogismo, paramnésia
<i>sin-</i> (<i>sim-</i> , <i>si-</i>)	‘simultaneidade, companhia’	sinfonia, simpatia, sílaba

Fonte: Cunha e Cintra (2008, p. 101).

Quadro 42: Prefixos de origem latina

Prefixos de origem latina	Significado	Exemplificação
<i>ab-</i> <i>abs-</i> <i>a-</i>	‘afastamento, separação’	abdicar, abjurar abster, abstrair amovível, aversão
<i>cis-</i>	‘posição aquém’	cisalpino, cisplatino
<i>dis-</i> <i>di-</i> (<i>dir-</i>)	‘separação, movimento para diversos lados, negação’	dissidente, distender dilacerar, dirimir
<i>extra-</i>	‘posição exterior (fora de)’	extra-oficial
<i>intra-</i>	‘posição interior’	intradorso, intravenoso
<i>ob-</i> <i>o-</i>	‘posição em frente, oposição’	objeto, obstáculo, ocorrer, opor
<i>retro-</i>	‘movimento mais para trás’	retroceder, retrospectiva
<i>soto-</i> <i>sota-</i>	‘posição inferior’	soto-mestre, sotopor sota-vento, sota-voga
<i>super-</i> <i>sobre-</i>	‘posição em cima, excesso’	superpor, superpovoado sobrepôr, sobrecarga
<i>trans-</i> <i>tras-</i> <i>tres-</i>	‘movimento para além de, posição além de’	transpor, transalpino trasladar, traspasar tresvariar, tresmalhar
<i>ultra-</i>	‘posição além do limite’	ultrapassar, ultrassom
<i>vice-</i> <i>vis-</i> (<i>vizo-</i>)	‘substituição, em lugar de’	vice-reitor, vice-cônsul visconde, vizo-rei

Fonte: Cunha e Cintra (2008, p. 98-100).

Por meio dos exemplos listados no quadro 41, observamos que os prefixos gregos estão presentes na formação de termos como se lê a seguir³⁸: *anarquia* (Política); *catacrese* (Linguística, Retórica); *dispneia* (Patologia); *endotérmico* (Fisioquímica, Fisiologia zoológica); *endosmose* (Física); *hipérbole* (Estilística, Retórica, Geometria); *hipertensão* (Medicina); *metacarpo* (Anatomia Geral); *metátese* (Fonética, Linguística); *paralogismo* (Lógica); *paramnésia* (Psicopatologia); *sinfonia* (Música); *simpatia* (História da Medicina, Medicina, Psicologia); *sílaba* (Fonética).

O quadro 42, comparativamente ao quadro 41, mostra que os prefixos latinos são mais numerosos do que os gregos e que também formam termos do domínio técnico e científico, tais como: *intradorso* (Arquitetura); *intravenoso* (Cirurgia, Medicina); *soto-mestre*, *sota-vento* e *sota-voga* (Marinha) e *ultrassom* (Acústica, Física e Radiologia).

Ao registrar as particularidades da derivação sufixal, Cunha e Cintra (2008) abordam o tema de maneira sucinta. Para os autores, é por meio desse processo que se formam substantivos, adjetivos e advérbios. Ademais, a sufixação é resultado da combinação de um sufixo com um radical.

No que se refere aos sufixos empregados na denominação de terminologia científica, Cunha e Cintra (2008) destacam o sufixo *-ismo* em *daltonismo* (Genética, Oftalmologia); *-ato*, *-eto*, *-ito* na formação dos nomes de sais, como no caso de *clorato*, *cloreto*, *clorito* (Química); *-ina* na referência aos alcaloides e álcalis artificiais, como em *cafeína*, *anilina* (Química); *-io* na correspondência aos corpos simples, como se vê em *potássio*, *sódio* (Química); e *-ol* na relação com os derivados de hidrocarbonetos, como, por exemplo, *fenol*, *natfol* (Química). Além disso, apresentam os sufixos aplicados na nomenclatura da mineralogia e da geologia: *-ita* para os nomes das espécies minerais, como em *pirita*; *-ito* para os das rochas, como ocorre em *granito*; e *-ite* para os fósseis, como no caso de *amonite*. Por fim, mencionam os sufixos diminutivos eruditos de origem latina *-ulo* (*-ula*) e *-culo* (*-cula*), com as variantes *-áculo* (*-ácula*), *-ículo* (*-ícula*), *-úsculo* (*-úscula*) e *-únculo* (*-úncula*) nos seguintes termos: *corpúsculo* (Anatomia Geral); *glóbulo* (Bioquímica); *grânulo* (Cinema, Fotografia e Farmacologia); *homúnculo* (Alquimia, História da Biologia); *montículo* (Anatomia Geral); *nódulo* (Farmacologia, Anatomia Geral, Mineralogia, Morfologia Botânica); *partícula* (Gramática, Liturgia Católica e Física); *película* (Medicina, Cinema e Fotografia); *radícula* (Morfologia Botânica e Anatomia Geral); *versículo* (Liturgia e Música).

³⁸ Os gramáticos não listam as áreas do conhecimento, porém fizemos o reconhecimento no DH (2001) com a finalidade de corroborar a ideia dos autores de que os prefixos gregos e latinos formam termos de áreas técnicas e científicas.

Bechara (2009), por sua vez, não se aprofunda na descrição dos processos de derivação prefixal e sufixal, apenas define que a derivação tem o papel de formar palavras por intermédio dos afixos. Assim:

De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos de tipo português quando este sofreu a evolução própria da história da língua: *áureo* (e não ouro), *capilar* (e não cabelo), *aurícula* (e não orelha), etc. (BECHARA, 2009, p. 357).

Embora Bechara (2009) não se atenha à descrição do processo em si, fornece informações acerca dos prefixos e dos sufixos envolvidos na formação de termos com elementos eruditos. Para o gramático, os prefixos mais importantes da língua portuguesa são os de origem latina e grega; porém, muitos desses prefixos se equivalem às preposições de origem latina. Portanto, o prefixo “[...] empresta ao radical uma nova significação e [...] se relaciona semanticamente com as preposições” (BECHARA, 2009, p. 338). Ainda segundo Bechara (2009, p. 357):

[...] os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, patenteando, assim, sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária. Baseados nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um processo de composição de palavras.

O gramático utiliza a nomenclatura “prefixos” e “elementos gregos” para se referir ao elemento que aparece à esquerda da base, conforme exposto no quadro 43:

Quadro 43: Prefixos e elementos gregos

Prefixos e elementos gregos	Significado	Exemplificação
<i>anfí-</i>	‘duplicidade, ao redor, dos dois lados’	Anfíbio
<i>catá-</i>	‘movimento para baixo’	catacumba, catarata, católico
<i>diá, di-</i>	‘através de’	diálogo, diagrama
<i>epi-</i>	‘sobre, em cima’	epiderme, epitáfio
<i>hemi-</i>	‘metade, divisão de duas partes’	hemiciclo, hemisfério
<i>perí-</i>	‘em torno de’	perímetro, período, periscópio
<i>proto-</i>	‘início, começo, anterioridade’	protótipo, proto-história, proto-mártir
<i>tele-</i>	‘distância, afastamento, controle feito à distância’	telégrafo, telepatia, teleguiado

Fonte: Bechara (2009, p. 368-369).

Bechara (2009) apresenta outros prefixos, além desses. Porém, com a finalidade de evidenciar que esses elementos eruditos listados no quadro 43 são utilizados na criação de termos, pesquisamos, no DH (2001), suas respectivas áreas, a seguir transcritas: *anfíbio* (Ecologia e Herpetologia); *catacumba* (História); *diálogo* (Informática, Música, Política e Teatro); *epiderme* (Anatomia Geral; Anatomia zoológica, Anatomia botânica); *epítáfio* (Literatura); *hemiciclo* (Arquitetura); *hemisfério* (Geometria, Geografia, Astronomia); *perímetro* (Geometria e Oftalmologia); *protótipo* (Artes gráficas, Informática, Indústria); *telepatia* (Parapsicologia). No quadro 44, listamos os prefixos latinos, os significados e a exemplificação.

Quadro 44: Prefixos latinos e elementos latinos

Prefixos latinos e elementos latinos	Significado	Exemplificação
<i>ambí-</i>	‘duplicidade’	ambiguidade
<i>de-</i>	‘movimento para baixo, separação, intensidade, negação’	depenar, decompor
<i>extra-</i>	‘fora de, além de; superioridade; o a final passa, às vezes, a o’	extradição, extralegal, extrafino, extroverter
<i>infra-</i>	‘abaixo’	infra-assinado
<i>inter-, entre-</i>	‘posição no meio, reciprocidade’	entreter, interpor, intercâmbio
<i>pluri-</i>	‘muito’	pluricelular
<i>semi-</i>	‘metade de, quase, que faz as vezes de’	semicírculo, semibárbaro, semivogal
<i>uni-</i>	‘unidade’	uniforme

Fonte: Bechara (2009, p. 366-368).

O quadro 44 apresenta os seguintes termos: *ambiguidade* (Linguística³⁹); *pluricelular* (Biologia); *semicírculo* (Geometria, Matemática, Música); *semivogal* (Fonética, Fonologia); *extralegal* (Termo jurídico)⁴⁰, *interpor* (Termo jurídico). As demais entidades linguísticas, a saber: *depenar*, *decompor*, *extradição*, *extrafino*, *extroverter*, *infra-assinado*, *entreter*, *intercâmbio*, *semibárbaro* e *uniforme* são unidades lexicais do vocabulário da língua comum.

Para Bechara (2009), os sufixos não são formas independentes na língua, por isso, são consideradas por este autor como formas presas. Contudo, servem para “[...] formar uma nova palavra, emprestando-lhe uma ideia acessória e marcando-lhe a categoria (substantivo, adjetivo, etc.) a que pertence” (BECHARA, 2009, p.338). Em relação à formação de termos, afirma que

³⁹ O DH (2001) também lista as rubricas Automação e Filosofia para ambiguidade.

⁴⁰ Fonte das áreas do conhecimento: DH (2001).

há sufixos específicos utilizados na denominação de unidades técnicas usadas nas ciências, como podemos observar nos exemplos que apresentam a estrutura radical + sufixo, tais como: em *clorato*, *cloreto* e *clorito* (*clor (o)-* + *-ato*, *-eto*, *-ito*).

Com referência ao processo de prefixação, Said Ali (1966), Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2009) reconhecem que certos prefixos dispõem de valor semântico suficiente para figurar de forma autônoma na língua. De acordo com Bechara (2009), por exemplo, este comportamento serviu para que os gramáticos antigos e alguns linguistas da atualidade considerassem o elemento erudito, que se antepõe à base e que se assemelham às preposições e aos advérbios latinos como participantes de um processo de composição, e não de derivação. No entanto, os demais gramáticos não defendem esta interpretação, pois consideram que certos elementos eruditos alcançam funcionalidade na língua somente quando se ligam ao radical, ou seja, seriam casos de derivação prefixal.

Na perspectiva da Linguística Estruturalista, Camara Jr. (2000, p. 92) afirma que a derivação procede da “[...] estruturação de um vocábulo, na base de outro, por meio de um morfema [...] que não corresponde a um vocábulo e introduz no semantema⁴¹ uma ideia acessória que não muda a significação fundamental”. Com base no entendimento do autor, o semantema é a parte do vocábulo que expressa significação conceitual, ou seja, corresponde ao morfema lexical, por esse motivo não contempla os morfemas de natureza exclusivamente gramatical. Ainda conforme, o autor, a derivação ocorre com o acréscimo de um morfema gramatical a um morfema lexical.

Em relação à derivação prefixal, Camara Jr. (1969, p. 39) não estabelece critério para designar que tipos de prefixos se inserem na composição, se os empregados no vocabulário do cotidiano ou os empregados no vocabulário científico e técnico, mas ressalta que

devemos considerá-la uma composição, é certo, porque os prefixos são elementos vocabulares com valor significativo de preposições, embora vários deles não se usem como preposições e outros sejam alomorfes de preposições (cf. *ex-*, de um lado, e, de outro lado, *in-* em face de *em*, ou *super* em face de *sobre*, que diferem da situação de *com*, *de*, *em*, ou *super* em face de *sobre*, que diferem da situação de *com*, *de*, *em*, que funcionam tanto como prefixos quanto como preposições). Nisto diferem dos sufixos, que são formas presas sem valor significativo específico.

⁴¹ “O termo semantema, lançado por Vendryes (Vendryes, 1921, p. 86), tem por base uma raiz grega que quer dizer “significação” (v. significação). Em seu lugar, também se usa morfema, indiferenciadamente, visto que também é forma (v.), ou ainda lexema (v.)”. (CAMARA JR, 2000, p.215). Além disso, semantema é a “Representação mental que uma forma linguística evoca. A significação é EXTERNA quando corresponde a dados do mundo extralinguístico; é indicada pelo radical (v.) das palavras (v.), a que, em função de sua significação externa, se dá o nome de SEMANTEMA”. (CAMARA JR, 1956, p. 188).

Com base no excerto, supomos que Camara Jr. (1969) insere todos os vocábulos formados com prefixos na composição, sejam os lexemas da língua comum, sejam os termos das linguagens de especialidade, mediante a pressuposição de que os prefixos da língua portuguesa, originalmente, eram preposições ou advérbios no latim. Por essa razão, são elementos de natureza lexical com autonomia vocabular, morfológica e semântica na língua. Além disso, adicionam novo valor semântico subsidiário ao semantema, motivo pelo qual deveriam ser categorizados na composição e não na derivação.

Em referência à sufixação, Camara Jr. (1977) afirma que os sufixos podem ser classificados em sufixos lexicais e sufixos flexionais. Diante disso, informamos que, na presente pesquisa, trataremos apenas dos sufixos lexicais, tendo em vista o foco deste trabalho. Os sufixos lexicais podem alterar a categoria gramatical do vocábulo formado pela derivação – por exemplo, substantivo para adjetivo com vistas à criação de novos termos. Assim, na ótica de Camara Jr. (1977), o termo *hidrato* (Química)⁴², por exemplo, é constituído do morfema lexical (semantema) *hidr (o)-* + o sufixo lexical *-ato*. Em suma, o autor não afirma que os sufixos apresentam valor semântico; no entanto, esclarece que essas formas acrescentam informação gramatical ao semantema, pois determina o gênero e pode alterar a classe gramatical, quando é o caso.

Ainda do ponto de vista estruturalista, Sandmann (1992) afirma que os prefixos sempre atuam como determinante (DT), fato que os iguala ao processo da composição de termos com formativos eruditos, pois o primeiro elemento localizado à esquerda sempre é determinante (DT), enquanto o segundo é o determinado (DM). Além disso, os prefixos transmitem ideias gerais, porém, não são capazes de emitir “ideias particulares” (SANDMANN, 1992, p. 37).

Para o autor, os sufixos, exceto os de grau, têm estatuto de determinado (DM), o que indica a classe lexical e gramatical do vocábulo. Ainda de acordo com Sandmann (1992), além dos sufixos de grau, certos sufixos também podem conter função semântica, pois algumas bases não expressam conteúdo semântico suficiente. É o caso do sufixo *-ice* adicionado a *suburbano*, que forma *suburbanice*.⁴³ Para o autor, esse derivado resulta em um sentido depreciativo.

Alves (2007, p. 15) também classifica a derivação em dois tipos: prefixal e sufixal. Para a autora, as diferenças entre esses dois processos não se referem somente à posição dos afixos nas margens da palavra recebedora dos elementos, mas também no que se refere ao aspecto semântico e gramatical. Consoante a autora, “[...] a derivação prefixal é um processo extremamente produtivo no português contemporâneo. Ao unir-se a uma base, o prefixo exerce

⁴² Fonte: DH (2001).

⁴³ Fonte: Sandmann (1992).

a função de acrescentar-lhes variados significados: “grandeza, exagero, oposição, pequenez, repetição...” (ALVES, 2007, p. 14-15).

Nesses termos, o prefixo adiciona significado à base, com isso, altera o significado da base, mas não muda a categoria gramatical. Por exemplo, o prefixo *re-*, ao se juntar ao verbo de ação-processo *fazer*, não apresenta mudança de categoria, apenas de significado, tendo em vista que esse prefixo indica “de novo”, ou seja, “repetir o processo”. Além disso, certos prefixos podem assumir estatuto de lexemas no discurso, por isso, podem ser “[...] partículas independentes ou não-independentes que, antepostas a uma palavra-base, atribuem-lhe uma ideia acessória e manifestam-se de maneira recorrente, em formações em série” (ALVES, 2007, p. 15).

Em relação à derivação sufixal, Alves (2007, 29) afirma que:

Por meio da derivação sufixal, o sufixo, elemento de caráter não-autônomo e recorrente, atribui à palavra-base a que se associa uma ideia acessória e, com frequência, altera-lhe a classe gramatical. Na imprensa contemporânea, esse processo tem-se mostrado bastante produtivo.

Nesta perspectiva, diferentemente do prefixo, o sufixo é somente uma partícula não autônoma, portanto, dificilmente terá valor de lexema. Porém, no vocabulário das ciências, determinados morfologistas consideram que certos itens eruditos podem atuar com propriedade de sufixo, neste caso, contém valor semântico, posto que formativos eruditos contêm valor semântico mais expressivo que o prefixo (SANDMANN, 1992).

No âmbito da perspectiva da Linguística Gerativista, Basílio (1987, p. 29) defende que a derivação “[...] se caracteriza pela junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base para formação de uma palavra. Assim, dizemos que uma palavra é derivada quando ela se constitui de uma base e um afixo”. Com referência à prefixação, Basílio (1987) afirma que esse processo tem a finalidade de formar palavras que apresentem uma relação semântica com a base, como, por exemplo, o prefixo *hiper-* em *hiperacuidade*, *hiperacusia*, *hiperalgesia* (Medicina)⁴⁴. A autora acresce que a formação de palavras não ocorre somente com a união de um afixo e de uma base livre, mas também com a ligação de um afixo à base presa, a exemplo de *piscológico*, constituído do elemento grego *psicolog-* + o sufixo *-ico*⁴⁵. Esse último caso, segundo a autora, é decorrente da sufixação.

⁴⁴ Fonte dos três termos: DH (2001).

⁴⁵ Fonte: Basílio (1987).

Para Rocha (1998), a maioria das palavras da língua portuguesa tem sido criada com base em outras já existentes nesta língua. O autor ressalta também, assim como Basílio (1987), que certos formativos eruditos se juntam a sufixos para formar palavras, tais como: *agrário* e *gástrico* (*agr-* + *-ário*; *gastr-* + *-ico*)⁴⁶. Neste sentido, vale mencionar que “[...] o número de sufixos associados a bases presas é bem limitado: -ico, -al, -eo, -ismo, -ista, entre outros poucos”. (DUARTE, 2008, p. 122).

Para Villalva (1996), os termos formados por *afixos* estão no campo da *afixação*. Diferentemente dos gramáticos que compõem o embasamento inicial desta Tese e dos outros autores até aqui mencionados, a autora supracitada emprega essa nomenclatura, *afixos* e *afixação*, para se referir aos vocábulos derivados. De acordo com Villalva, os afixos estão divididos em derivacionais e modificadores, e se diferenciam basicamente pelo fato de “[...] aos primeiros caber a determinação da categoria sintática da nova palavra, enquanto os afixos modificadores preservam a categoria sintática da forma base” (VILLALVA, 1996, p. 5). Em outras palavras, os afixos derivacionais, ou seja, os sufixos, têm o papel de modificar a categoria gramatical da nova palavra formada, como, por exemplo, *form* (radical nominal) deriva *formal* (adjetivo), *formato* (nome) e *formoso* (adjetivo), citados pela autora. Os afixos modificadores, por sua vez, têm a função de adicionar valor semântico à forma base por meio não só dos prefixos, à guisa de exemplo, (antiabortivo), mas também dos sufixos, como ilustram as formações – *form* (radical nominal) que forma *forminha* (nome) e *fórmula* (nome). Portanto, os sufixos participam ativamente dos dois processos de formação,

Embora os dados descritos pela autora para ilustrar os afixos derivacionais e os afixos modificadores não descrevam elementos eruditos, ainda assim nos fornece parâmetros para mostrar que a natureza dos afixos derivacionais e, sobretudo, a dos afixos modificadores são pertinentes para a compreensão de como os prefixos e os sufixos eruditos atuam na mudança dos significados dos vocábulos. Isso porque o prefixo, na língua portuguesa, “[...] ocorre quase exclusivamente no domínio da modificação” (VILLALVA, 1996, p. 6) como se observa nos casos listados pela autora: *anti-* em *antirugas* e *a-* em *acaule*.

Adentrando, finalmente, na última parte desta seção, vamos abordar algumas opiniões acerca da formação de termos com elementos eruditos na perspectiva da Terminologia.

Abreu (2012), em um estudo que se intitula *Sobre a presença de elementos eruditos na formação de termos: entre a derivação e a composição*, procura estabelecer critérios para classificar, no âmbito de um quadro geral de formação terminológica, os termos formados com

⁴⁶ Fonte: Rocha (1998).

elementos eruditos. O problema que a autora levanta diz respeito ao fato de alguns autores considerarem os termos constituídos por formativos eruditos como termos simples (aqueles que têm apenas uma entidade morfológica) e outros, como termos complexos (considerados como sendo aqueles que têm extensão sintagmática ou que apresentam autonomia semântica quando constituídos por mais de um radical). Com referência aos termos *simples*, Abreu (2012) menciona os trabalhos de L’Homme (2004) e Barros (2007) para situar sua discussão acerca da classificação dos termos constituídos com elementos eruditos. L’Homme (2004, p. 59 *apud* ABREU, 2012, p. 520), afirma que o “[...] *terme simple servira à designer les unités lexicales composées d’une seule entité graphique*”⁴⁷. Por termo simples, L’Homme (2004) classifica aqueles constituídos apenas por uma base, como, por exemplo, *torneira*, *chave* e *mercado*, e também aqueles formados por “*un radical et un ou plusieurs morphèmes dérivationnels*”⁴⁸, como, por exemplo, *antitanque* e *microcomputador*, entre outros.

Então, de acordo com o ponto de vista de L’Homme (2004 *apud* ABREU, 2012), os termos simples são constituídos de um base presa ou livre, acompanhada de um prefixo ou sufixo; no entanto, vale observar a ressalva da autora “(*une seule entité graphique*)”, conforme destaca Abreu (2012, p. 520). Segundo Abreu (2012), dessa perspectiva, tanto termos formados por prefixação quanto por sufixação são termos simples, com base no critério de que deve haver somente uma estrutura linguística sem hífen e sem espaço.

Por fim, Barros (2007, p. 399 *apud* ABREU, 2012, p. 521), ao analisar termos da Dermatologia, classifica os termos constituídos por elementos eruditos de termos simples, assim como L’Homme (2004, *apud* ABREU, 2012), enfatizando que termos simples são todos aqueles que se manifestam em um único lexema, independente do processo de formação morfológica que o tenha constituído, ou seja, tanto termos formados por prefixação quanto por sufixação são considerados termos simples por essa autora, o que reforça a questão da identificação do termo simples com a ocorrência de uma “única entidade gráfica”, citada por L’Homme (2004, *apud* ABREU, 2012).

Pontualmente, ao tratar de termos que apresentem em sua constituição elementos eruditos nos vocabulários da Análise Sensorial Enológica (ASE), Biologia Molecular (BM) e Hemodinâmica (HEMO) Abreu (2012) considera que os termos formados por prefixação são simples, “[...] *independente de se manifestarem por meio de uma unidade gráfica ou de se separarem por hifens*” (ABREU, 2012, p. 528). Por fim, Abreu (2012) apresenta o

⁴⁷ “termo simples servirá para designar as unidades lexicais compostas de uma única entidade gráfica”. Tradução nossa.

⁴⁸ “um radical e um ou mais morfemas derivacionais”. Tradução nossa.

entendimento de que a combinação de um prefixo a uma base constitui termo simples como, por exemplo:

[...] casos como *revascularização* (da HEMO) e *microvilosidade* (da BM), pois em ambos os casos os determinantes (*re-* e *micro-*, respectivamente) estão antepostos aos determinados (*vascularização* e *vilosidade*), e os determinantes veiculam sentidos mais gerais (*‘repetição de x’* e *‘pequena em relação a x’*). (ABREU, 2012, p. 528).

Com base no excerto, observa-se que a autora parte do princípio do sentido veiculado pelos prefixos para determinar a classificação desses tipos de termos em relação ao seu processo de formação. Para tanto, Abreu (2012) pautou-se em três critérios estabelecidos por Sandmann (1992), ao caracterizar a derivação prefixal com formativos eruditos, a saber: i) os termos deveriam apresentar a estrutura determinante-determinado; ii) os formantes deveriam expressar ideias mais gerais e relativizáveis; e iii) “*o tipo de ligação que se estabelece entre os elementos eruditos (se são formas presas ou livres)*” (ABREU, 2012, p. 529). No quadro a seguir, ilustramos o termo *retrogosto* do vocabulário da ASE.

Quadro 45: Termos simples

Análise sensorial enológica – termo simples				
Prefixação com formativo erudito				
TERMO	DEFINIÇÃO	ESTRUTURA	SENTIDO	TIPO DE FORMA
<i>retrogosto</i>	Sensações desagradáveis percebidas ao final da degustação.	<i>retro-</i> + gosto	<i>retro-</i> ‘rejeição, repulsa’	presa

Fonte: Abreu (2012, p. 529).

Pela descrição do termo evidenciado no quadro 45, notamos que critérios aplicados para caracterizar a prefixação com elemento erudito são evidenciados, pois há a ocorrência do determinante antecedendo o determinado, em outras palavras, “[...] veiculando o sentido de ‘aquilo que ocasiona repulsa, que é desagradável’. Trata-se, portanto, de uma ideia relativizável. O elemento erudito *retro-* apresenta autonomia, sendo uma forma presa.” (ABREU, 2012, p. 529).

De modo geral, o estudo realizado por Abreu (2012) demonstrou que os prefixos constantes nos vocabulários da ASE, BM e HEMO: i) são formas presas, por isso, não apresentam autonomia morfológica (não funcionam como forma livre na língua); ii) transmitem ideias gerais ou relativizáveis; iii) apresentam o padrão determinante-determinado; iv) as formas livres aparecem pospostas aos determinantes, isto é, aos prefixos; e, por fim, a autora

ressalta que v) os prefixos são semanticamente autônomos, ou seja, contribuem de forma efetiva para a veiculação do conceito que o termo carrega.

Em síntese, com as evidências apresentadas no estudo desenvolvido por Abreu (2012), chegamos à conclusão de que os prefixos, enquanto elementos eruditos, transmitem ideias gerais e relativizáveis, razão pela qual apresentam significado relevante para a base e estariam tipificados no âmbito dos processos derivacionais. É importante enfatizar que Abreu (2012) não considera que a designação “sentido geral e relativizável” possa ser interpretada como “acessória” ou “dispensável” na formação terminológica, ou seja, para a autora, em *retroalimentação* (Medicina), o conteúdo semântico de *retro-* contribui de forma significativa para delimitar o conceito ‘*fluxo de realimentação retrógrada através do sistema nervoso*’, aparecendo claramente no conceito por meio do adjetivo *retrógrado* que significa ‘que retrógrada, que anda para trás’. Sem a presença do prefixo, o conceito seria impreciso, falho, inexato.

Nesta seção, vimos o ponto de vista dos gramáticos tradicionais, de alguns estudiosos que adotam a perspectiva estruturalista, de outros que se baseiam na perspectiva gerativista e também de alguns pesquisadores, no âmbito da Terminologia, acerca do tipo e processo de formação lexical envolvido na constituição de termos com elementos eruditos, particularmente no que diz respeito ao entendimento de que esses termos são formados via processos derivacionais. Na seção subsequente, abordaremos o processo de composição com formativos eruditos.

3.2.2 Termos com formativos eruditos descritos como processos composicionais

Há também quem defenda que os elementos eruditos participam do processo morfológico chamado *composição erudita*. Esta nomenclatura, empregada pelos gramáticos tradicionais e por alguns linguistas, recebe outras nomeações, dentre as quais, *composição com compostos morfológicos* e *composição neoclássica*. No entanto, independentemente da denominação, a composição erudita é reconhecida nos estudos da Morfologia Lexical pela presença de dois ou mais formativos grego e/ou latino, ou vice-versa – *litocromia*⁴⁹ (*lit(o)-* + *-cromia* – Artes gráficas) na constituição da unidade lexical. Nesta seção, assim como explicamos a derivação, apresentamos o entendimento de estudiosos acerca da composição com a presença de elementos erudidos sob três vieses, a saber: o ponto de vista de gramáticos, de linguistas e de terminólogos.

⁴⁹ Fonte: DH (2001).

Sob o ponto de vista gramatical, a composição erudita consiste na formação de termos por meio de dois ou mais radicais que não têm autonomia, ou seja, não funciona na língua. Said Ali (1965⁵⁰, p. 118) não define especificamente a composição erudita, porém, apresenta o conceito de palavra composta, numa perspectiva geral, a saber: “[...] combinação de dous ou mais vocábulos com a qual se designa algum conceito nôvo, diferenciado do sentido primitivo dos têrmos componentes”. Além disso, o autor lista apenas os radicais gregos, como nos exemplos relacionados, a seguir:

Quadro 46: Radicais gregos

Radicaís	Significados	Exemplos
<i>aer, aer-os</i>	‘ar’	Aeronauta
<i>aiti-a</i>	‘causa’	Etiologia
<i>ant-os</i>	‘flor’	Antologia
<i>bar-is</i>	‘pesado, grave’	Barômetro
<i>cron-os</i>	‘tempo’	Cronologia
<i>fon-e</i>	‘voz’	Fonógrafo
<i>hid-or, atos</i>	‘água’	Hidrogênio
<i>neur-on</i>	‘nervo’	Nevralgia
<i>or-os</i>	‘montanha’	Orografia
<i>seism-os daí sism</i>	‘estremecimento’	Sismologia

Adaptado de Said Ali (1965, p. 120-124).

Dos itens evidenciados por Said Ali (1965), todos pertencem a domínios científicos e técnicos, o que demonstra que os elementos eruditos servem para denominar conceitos terminológicos. Para Cunha e Cintra (2008, p.120), a composição erudita apresenta características particulares, o que a diferencia da composição com elementos do vernáculo, pois, nos compostos que: “entraram por via erudita, ou se formaram pelo modelo da composição latina, [...] o primeiro elemento é o que exprime a noção específica, e o segundo a geral”. Essa noção de sentido é ilustrada com o termo *agricultura*, constituído de *agr(i)-* + *cultura*, que expressa cultivo do campo (CUNHA; CINTRA, 2008).

Ainda conforme os gramáticos recém-mencionados, a composição erudita é um processo que forma vocabulários de áreas científicas e técnicas. Sobre isso, os autores afirmam: “A nomenclatura científica, técnica e literária é fundamentalmente constituída de palavras formadas pelo modelo da composição greco-latina, que consistia em associar dois termos, o primeiro dos quais servia de determinante do segundo” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 122). Do ponto de vista da forma, os compostos eruditos seguem os mesmos princípios da composição

⁵⁰ Utilizamos esta gramática de Said Ali (1965) para descrever os radicais gregos, porque, na gramática que utilizamos para descrever os prefixos e sufixos gregos e latinos, o autor não menciona os radicais eruditos.

com elementos propriamente oriundos do português, pois formam unidades terminológicas pelo mecanismo da justaposição. Porém, do ponto de vista do sentido, o elemento à esquerda é o determinante e o elemento à direita, o determinado.

Na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Cunha e Cintra (2008) apresentam uma lista com radicais gregos e latinos que figuram, especialmente, à direita e outros, à esquerda, como organizado no quadro a seguir:

Quadro 47: Radicais gregos

Primeiro elemento da composição	Forma	Significado	Exemplos
	<i>anemo-</i>	‘vento’	anemógrafo
	<i>biblio-</i>	‘livro’	biblioteca
	<i>crono-</i>	‘tempo’	cronômetro
	<i>farmaco-</i>	‘medicamento’	farmacologia
	<i>hemo-</i>	‘sangue’	hemoglobina
	<i>lito-</i>	‘pedra’	litografia
	<i>meso-</i>	‘meio’	mesóclise
	<i>necro-</i>	‘morto’	necrotério
	<i>oxi-</i>	‘agudo, penetrante’	oxígono
	<i>psico-</i>	‘alma, espírito’	psicologia
	<i>taqui-</i>	‘rápido’	taquicardia
	<i>topo-</i>	‘lugar’	topografia
	<i>zoo-</i>	‘animal’	zoógrafo
Segundo elemento da composição	<i>-agogo</i>	‘que conduz’	pedagogo
	<i>-céfalo</i>	‘cabeça’	microcéfalo
	<i>-dromo</i>	‘lugar para correr’	hipódromo
	<i>-fobia</i>	‘inimizade, ódio, amor’	fotofobia, hidrofobia
	<i>-grafia</i>	‘escrita, descrição’	ortografia, geografia
	<i>-logia</i>	‘discurso, tratado, ciência’	arqueologia
	<i>-morfo</i>	‘que tem a forma’	antropomorfo
	<i>-tomia</i>	‘corte, divisão’	nevrotomia

Fonte: Cunha e Cintra (2008, p. 124-127).

Dos itens listados, no quadro 47, destacamos alguns que pertencem a áreas técnico-científicas, como, por exemplo, *anemógrafo* (Meteorologia), *biblioteca* (Informática), *hemoglobina* (Bioquímica), *fotofobia* (Medicina), *nevrotomia* (Cirurgia) e *topografia* (Anatomia Geral)⁵¹. De acordo com os gramáticos, a maioria dos elementos gregos de primeira posição é terminada em *-o*. Além disso, os termos compostos com este tipo de elemento erudito

⁵¹ Os gramáticos não listam as áreas do conhecimento, porém fizemos o reconhecimento no DH (2001) com a finalidade de demonstrar que os prefixos gregos e latinos formam termos de áreas técnicas e científicas.

são mais numerosos e “[...] fonte de quase todos os neologismos filosóficos, literários, técnicos e científicos” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 123).

No quadro 48, arrolamos alguns dos radicais latinos que figuram, essencialmente, à esquerda e à direita.

Quadro 48: Radicais latinos

Primeiro elemento da composição	Forma	Origem latina	Significado	Exemplo
	<i>equi-</i>	<i>aequus, -a, -um</i>	‘igual’	equilátero
	<i>vermi-</i>	<i>vermis, -is</i>	‘verme’	vermífugo
	<i>uni-</i>	<i>unus, -a, -um</i>	‘um’	unicaule
Segundo elemento da composição	<i>-cola</i>		‘que cultiva, ou habita’	taxícola
	<i>-fugo</i>		‘que foge, ou faz fugir’	febrífugo
	<i>-pede</i>		‘pé’	palmípede
	<i>-voro</i>		‘que come’	herbívoros

Fonte: Adaptado de Cunha e Cintra (2008, p. 122-123).

Dos termos inscritos, no quadro 48, todos são empregados no discurso científico e técnico. Segundo Cunha e Cintra (2008), os elementos de primeira posição de natureza latina, em geral, terminam em *-i*. Para Bechara (2009), os elementos gregos empregados na linguagem técnica e científica entraram na língua portuguesa por meio do latim que, por sua vez, emprestou daquela língua elementos linguísticos para elaboração de obras científicas e filosóficas. Assim, não é raro encontrar na língua portuguesa termos híbridos constituídos com elementos do grego e do latim ou vice-versa, como, por exemplo, *automóvel*⁵² (radical grego + radical latino). No quadro a seguir, ilustramos alguns dos radicais gregos indicados por Bechara (2009).⁵³

Quadro 49: Radicais gregos

Radical grego	Sentido	Exemplos
<i>aér; aér-os</i>	‘ar, vapor’	aeronauta
<i>agr-ós</i>	‘campo’	agronomia
<i>atmós</i>	‘vapor’	atmosfera
<i>bí-os</i>	‘vida’	anfíbio
<i>clorós, klorós</i>	‘verde’	clorofila
<i>édr-a</i>	‘base, lado’	poliedro
<i>gê, geo</i>	‘terra’	geologia
<i>hid-or – hýd-or</i>	‘água’	hidrogênio
<i>litos, líthos</i>	‘pedra’	litografia
<i>lóg-os</i>	‘discurso, tratado, ciência’	epílogo

⁵² Fonte: Bechara (2009, p. 372).

⁵³ Não listaremos os radicais latinos, porque os exemplos apresentados pelo autor não são termos formados pelo processo da composição erudita.

<i>métron</i>	‘medida’	barômetro
<i>neûron</i>	‘nervo’	neuralgia
<i>nóm-os</i>	‘lei, administração, porção’	astronomia
<i>sism-os – seism-ós</i>	‘estremecimento’	sismologia

Fonte: Bechara (2009, p. 374-380).

Os itens formados com radicais gregos listados por Bechara (2009) – selecionados por nós para exemplificar o ponto de vista do gramático – são termos técnicos e científicos.

Sob o viés da Linguística mais de cunho estruturalista, Sandmann (1992) afirma que os compostos eruditos apresentam traços morfológicos diferentes das palavras compostas da língua portuguesa, pois, nos compostos da língua comum, a estrutura da palavra é DM-DT (determinado-determinante), tal como em *couve-flor* (DM-DT), como já diziam os gramáticos que vimos há pouco. Nesse tipo de formação, o elemento à margem esquerda é o determinado e o elemento à margem direita é o determinante, em oposição às palavras compostas com elementos eruditos que seguem o modelo da composição latina. Assim sendo, *oftamologia* (Medicina)⁵⁴ opera pelo processo inverso, pois a base *oftalm(o)-* é o determinante, e a base *-logia* é o determinado, nesse aspecto, este exemplo se iguala aos casos de prefixação DT-DM (determinante-determinado) No entendimento de Sandmann (1992),

[...] os compostos formados pelo modelo clássico ou estrangeiro, compostos que chamamos de neoclássicos, têm estrutura igual à das prefixações, isto é, DT-DM [*fungicida*⁵⁵, *telescópio*⁵⁶], e são justamente esses que dificultam a distinção entre composição e prefixação [*microscópio*⁵⁷, *micróbio*⁵⁸], sendo necessário encontrar pontos que permitam essa separação.⁵⁹ (SANDMANN, 1992, p. 36).

Nessa perspectiva, para Sandmann (1992), estruturalmente os compostos eruditos não se diferem da prefixação [DT-DM]. Isso ocasiona, por vezes, classificações divergentes em relação ao processo efetivamente envolvido na formação de palavras compostas com elementos eruditos e de palavras prefixadas que seguem o mesmo padrão [DT-DM] estrutural.

⁵⁴ Fonte: DH (2001).

⁵⁵ Fonte: DH (2001).

⁵⁶ Fonte: DH (2001).

⁵⁷ Fonte: DH (2001).

⁵⁸ Fonte: DH (2001).

⁵⁹ Segundo Abreu (2012, p. 526), em relação às unidades terminológicas, o parâmetro que parece estabelecer diferença entre a derivação prototípica e a composição erudita se encontra no critério semântico, visto que os prefixos transmitem “ideias mais gerais” (cf. Sandmann, 1992, p. 37), enquanto os formantes eruditos transmitem ideias mais específicas, talvez por contribuírem para a formação de conceitos de vocabulários técnico-científicos.

Alves (2007) traz sua contribuição para esclarecer como funciona a composição erudita. Assim, esse tipo de composição

[...] pode ocorrer entre bases não-autônomas ou entre uma base autônoma e uma não-independente, ou vice-versa. Geralmente originárias de fonte erudita, grega ou latina, as bases não-autônomas compõem itens léxicos característicos de vocabulários especializados. (ALVES, 2007, p. 49).

Isso posto, observamos que a base não autônoma se refere exclusivamente aos elementos eruditos conforme a própria autora esclarece. Assim como Basílio (1987), que veremos a seguir, Alves (2007) explica que a composição com formativos eruditos pode ocorrer não somente com duas bases presas, mas também com uma base presa e uma base independente (ou livre).

Para ilustrar o posicionamento de Alves (2007), citamos dois exemplos elencados pela autora: *onicomicose*, *onico-* “unha” e *tropicologia -logia* “indicativo de ciência”. Esses dois termos contêm em sua formação bases não autônomas – *onico-* e *-logia* – e bases independentes – *micose* e *trópico*. Nesse sentido, a autora destaca que há relação de subordinação entre o elemento situado à margem esquerda com o elemento situado à direita, haja vista o primeiro ser determinante do segundo, que, por sua vez, é o determinado. Assim, “onicomicose designa a “*micose da unha*” e *tropicologia* denomina o “*tratado a respeito dos trópicos*” (ALVES, 2007, p. 50).

Passando a tratar da composição erudita por meio de uma visão gerativista, apresentamos o ponto de vista de Basílio (1987). Para a autora (1987, p.28), os elementos eruditos recebem a designação de *base presa* que são “[...] formas que dependem de outras para sua ocorrência”. A autora menciona que esse tipo de composição se caracteriza pela adjunção de duas bases presas ou de base presa mais base livre, como se vê abaixo.

No português também é muito comum a formação de palavras ou radicais a partir de combinações em bases presas. Citamos como exemplo [...] as formas *agricultura*, em que *agri-* é uma forma presa, e *sociolinguístico*, em que *sócio-* é uma base presa. Esse tipo de composição é de grande produtividade na língua formal (BASÍLIO, 1987, p. 35).

Diante do excerto, a combinação dos elementos eruditos ocorre de maneira variada, porque não se restringe apenas às bases presas, mas também às bases livres. No entanto, a autora informa que a formação com as bases mais produtivas, por exemplo, “[...] a base *log-*, que figura

em palavras como *psicologia*, *ornitologia*, *patologia*, *futurologia*, *gramatologia*” (BASÍLIO, 1987, p. 35), com o tempo poderão se tornar verdadeiros sufixos (BASÍLIO, 1987).

Basílio (1987, p. 36) também enfatiza que, na composição com pelo menos uma base presa, “[...] o segundo termo é o núcleo e o primeiro é o especificador, ao contrário do que encontramos na composição de bases livres, em que o primeiro termo é o núcleo e o segundo o especificador”. Em outras palavras, o núcleo revela a categoria lexical e gramatical do termo e o especificador indica o novo valor semântico resultante da adjunção das duas bases, tal qual em *litomarga* (Mineralogia), *biodiversidade* (Ecologia) e *socioterapia* (Psicologia). Para finalizar a exposição sobre a composição com elementos eruditos, Basílio (1987) ressalta que se trata de um processo bastante produtivo, indispensável para denominar as entidades conceituais da linguagem científica e tecnológica.

Uma autora que tem contribuído para a descrição da morfologia da língua portuguesa é Villalva (1996), para quem a composição com elementos eruditos é denominada composição morfológica, como assinalamos na seção precedente, porque o primeiro elemento da composição é qualificado como radical que, por sua vez, é seguido de uma vogal de ligação. A autora destaca que este tipo de formação é frequente nos vocabulários das terminologias científicas e técnicas, assim como na constituição de neologismos de natureza erudita. Sobre essas formações, Villalva (1996) alega também que a composição morfológica se sucede por meio dos radicais neoclássicos, isto é, de empréstimos das línguas clássicas grega e latina. Por essa razão, são pouco utilizados na criação de palavras do léxico comum, como particularmente verificamos em *piscicultura*, em contrapartida com *peixaria* e *peixeira* (VILLALVA, 1996, p. 8).

Villalva (1996, p. 8), observa que, apesar de os elementos eruditos geralmente se adjungirem a outro elemento erudito, este fato “[...] não impede, no entanto, o recurso a radicais vernáculos ou a outro tipo de empréstimos, o que mostra a produtividade deste processo: *autocarro*, *partidocracia*, *ministricida*, *decalcomania* e *skatódromo*”. Estes exemplos, apresentados por Villalva, evidenciam a fluidez dos elementos eruditos na formação lexical.

Três propriedades que tipificam a composição morfológica fazem parte da posição linguística de Villalva (1996), quais sejam: a primeira delas é a posição do elemento erudito na formação das unidades linguísticas, porquanto um mesmo formativo pode advir, ora à margem esquerda do termo ora à margem direita. No entanto, a pesquisadora ressalta que o significado do formante, nesses contextos, é alterado. Assim sendo, essa evidência se constata no formativo *tecn(o)*, inserido em “*tecnologia* = conhecimento da *técnica*”; e *-tecnia*, encontrada em “*pirotecnia* = *técnica* da utilização do fogo” (VILLALVA, 1996, p. 8).

A segunda propriedade, segundo Villalva (1986), é a posição do núcleo. Em estruturas como *neuro-cirurgia* e *micro-neuro-cirurgia*⁶⁰, o composto morfológico à direita é o núcleo. À vista disso, a autora afirma que:

Sendo o núcleo o constituinte portador de informação sintaticamente relevante, conclui-se que, em português, a regra de atribuição do núcleo se aplica ao constituinte da direita. Essa conclusão baseia-se no facto de se encontrar, nessa posição, a informação acerca da categoria lexical, nas palavras morfológicamente complexas. (VILLALVA, 1986, p. 123).

Do ponto de vista de Villalva (1986) a respeito da composição com elementos eruditos, o núcleo determina a categoria lexical, a classe gramatical e marca a noção de gênero do composto morfológico. Desta feita, “trata-se de estruturas binárias” (VILLALVA, 1986, p. 8), pois os compostos morfológicos contêm dois significados independentes, apesar de haver subordinação sintática entre as estruturas. Em palavras compostas com vocábulos da língua vernácula, por sua vez, o processo ocorre de maneira inversa, uma vez que ambos os elementos participam da categorização e se desvinculam do significado de seus componentes, com vistas ao estabelecimento de um novo significado.

Dessarte, a terceira e última propriedade destacada por Villalva (1996, p. 9) é a presença de um elemento que atua na fronteira entre os dois elementos eruditos. Nas palavras da autora, “este constituinte, designado de ligação, é um *-i-* quando precede um radical latino, em estruturas de subordinação [...] e um *-o-* em todos os outros contextos [...]”. A autora ilustra esse critério por meio de exemplos. Destacamos alguns deles no quadro 50, abaixo.

Quadro 50: Compostos morfológicos com vogal de ligação

-i- antes de radical latino			-o- e outros contextos		
<i>agr</i>	<i>i</i>	<i>cultor</i>	<i>antrop</i>	<i>o</i>	<i>fagia</i>
<i>herb</i>	<i>i</i>	<i>voro</i>	<i>dem</i>	<i>o</i>	<i>cracia</i>

Fonte: Villalva (1996, p. 9).

Neste quadro, observamos que a vogal *-i-* e *-o-* ligam as bases presas para formar novos termos. Villalva (1996) também ressalta que há ausência de vogal de ligação quando o segundo elemento do composto morfológico se inicia com vogal. O quadro 51, a seguir, exemplifica esta observação:

⁶⁰ Fonte: Villalva (1996).

Quadro 51: Compostos morfológicos sem vogal de ligação

<i>ped</i>	<i>agogo</i>
<i>psiqu</i>	<i>iatra</i>

Fonte: Villalva (1996, p. 9).

Sobre as propriedades evidenciadas nos elementos eruditos, Villalva (1996) entende ser essencial a compreensão do funcionamento e do sentido dos elementos morfológicos, a fim de se evitar a ocorrência de grafias inadequadas, a título de exemplo, *organigrama* em vez de *organograma*, que, em nossa avaliação, também pode interferir na compreensão semântica do conceito (VILLALVA, 1996). Passaremos agora a discorrer sobre perspectiva da Terminologia acerca da composição erudita.

Como dito na seção precedente, Abreu (2012) realizou um estudo dos termos formados com elementos eruditos nos vocabulários da Análise Sensorial Enológica (ASE), Biologia Molecular (BM) e Hemodinâmica (HEMO). Com relação à classificação (se são termos simples ou termos complexos) desse tipo de termo, a autora cita Alves (1990, p.50) que diz que termos constituídos de dois elementos linguísticos são complexos e ocorrem quando “membros integrantes de um segmento frasal se encontram numa íntima relação sintática, tanto morfológica quanto semanticamente, de forma a constituírem uma única unidade léxica”. Já L’Homme (2004) e Barros (2007) (*apud* ABREU, 2012, p.521), consideram que termos constituídos de elementos eruditos são simples, desde que se manifestem por uma única unidade gráfica. Portanto, para estas duas últimas autoras, tanto os termos derivados por prefixação, por sufixação ou por prefixo-sufixação quanto os termos formados com elementos eruditos seriam classificados como termos simples, tendo em vista que o traço caracterizador de um termo simples e o traço caracterizador de um termo complexo se centram no fato de o termo apresentar ou não unicidade gráfica. As autoras reservam a designação “termo complexo” para as unidades terminológicas de caráter sintagmático, como, por exemplo, *angioplastia seletiva* (Hemodinâmica).

Para Abreu (2017), a classificação dos termos complexos deve ser mais abrangente e comportar também os termos compostos: “os termos complexos podem ser divididos em termos compostos (quando, na maioria dos casos, duas ou mais palavras aparecem unidas por hífen) ou termos sintagmáticos (que se realizam como sintagmas plenos no curso da cadeia sintagmática)”.

Ainda nos estudos, Abreu (2012) declara:

Em todos os casos, o determinante antecede o determinado, e os sentidos dos elementos eruditos, em sua maioria, veiculam ideias específicas e não relativizáveis. Geralmente, quando o termo é constituído de dois elementos, como, p. ex., *nucleotídeo*, os sentidos são certamente não relativizáveis. Isso também acontece quando a combinação desses elementos é constituída de três formas presas, como no caso de *procarioto*, em que as ideias veiculadas pelos três elementos parecem manter a relação determinante-determinado. No entanto, quando o termo é constituído de duas formas presas e uma livre, como é o caso de *polinucleotídeo*, a relação determinante-determinado se estabelece apenas entre dois elementos eruditos (*nucle (i/o) +ídeo*) e o elemento que se antepõe a esse núcleo conceitual, no caso *poli-*, comporta-se semanticamente como os prefixos, veiculando uma ideia mais geral e relativizável. (ABREU, 2012, p. 533-534).

Dessa forma, a autora, seguindo critérios já apontados por Sandmann (1992), entende que é preciso olhar com cuidado a constituição de um termo composto com elementos eruditos, a fim de que se possa identificar exatamente qual é o papel que cada formativo desempenha na formação do conceito.

Em suma, a composição com elementos eruditos é um processo morfológico abundante na constituição dos vocabulários técnico-científicos e suscita reflexões de gramáticos, de linguistas de diferentes perspectivas teóricas e de linguistas que se dedicam especialmente a estudar terminologias.

Na próxima seção, apresentaremos o ponto de vista de autores que defendem o princípio de que certos elementos eruditos transitam na fronteira da derivação e da composição.

3.2.3 Termos com elementos eruditos descritos como um continuum entre a derivação e a composição

Conforme visto nas duas seções anteriores, na tradição dos estudos da Morfologia, a composição e a derivação são mecanismos de formação de palavras que se diferem pela presença de uma base acrescida de afixos à esquerda e/ou à direita (derivação) e pela presença de duas ou mais bases (composição). Todavia, para alguns teóricos, certos elementos eruditos transitam entre a fronteira que separa a derivação da composição. A respeito desse ponto de vista, vamos observar algumas características dos vocábulos formados com elementos eruditos descritas por Duarte (1999, 2008a-b) e Gonçalves (2011a-b).

- (i) é possível que certos prefixos sejam, de fato, pseudoprefixos (DUARTE, 1999);
- (ii) é possível que certos elementos eruditos figurem como raízes, por isso, podem alcançar status de lexemas, gerando, assim, derivados (BESSA, 1986, *apud* DUARTE, 2008a);

- (iii) é possível existir mobilidade distribucional dos formativos eruditos na estrutura morfológica dos termos (BESSA, 1986 *apud* DUARTE, 2008b);
- (iv) é possível que ocorra mudança de estatuto morfológico, isto é, afixos podem se originar de palavras ou de bases presas ou vice-versa (BAUER, 2005 *apud* GONÇALVES, 2011 a-b); e
- (v) é possível que esses elementos participem de recomposição, “mecanismo pelo qual se cria um composto a partir de um truncamento de outro”. (GONÇALVES, 2011b, p. 72).

Em vista do que foi enumerado, a primeira característica que elencamos é o fato de que prefixos podem ser considerados como pseudoprefixos. De acordo com Carvalho (1974, p. 554 *apud* Duarte, 2008b, p. 111), essas formas linguísticas:

[...] distinguem-se dos restantes dos prefixos, por possuir, cada um deles, uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes, de tal modo que o significado do todo a que pertencem se aproxima de um conceito complexo, e, portanto, do de um sintagma. (CARVALHO, 1974, p. 554).

Isto é o que acontece hoje em dia com muitas palavras da língua portuguesa quando, por exemplo, um falante usa *super-* para denominar *supermercado*, ou seja, estes pseudoprefixos adquirem valor de lexemas, como ocorre com os casos citados por Duarte (1999, p.348): *multi-*, *vice-*, *micro-*, *pré-*, *pós-*, *homo-*, *hetero-*, *hiper-*.

Outrossim, os pseudoprefixos são reconhecidos por dois parâmetros: “a pauta acentual e o emprego braquissêmico, este último entendido como derivação truncada estrutural e a redução contextual” (DUARTE, 1999, p. 352). Em relação ao primeiro parâmetro, Duarte (1999) esclarece que o acento secundário é um dos traços caracterizadores do pseudoprefixo, porque confere ao falso prefixo um estatuto semelhante ao da palavra. Em relação à braquissêmia, Duarte (1999, p. 346) diz que esse mecanismo morfológico “[...] consiste no emprego de parte do lexema por todo ele”. Para esse autor, a braquissêmia também garante denominar os falsos prefixos de prefixoides⁶¹, por convertê-los em substantivos. Assim sendo, a ocorrência da braquissêmia em certos compostos resulta em truncamento, ou seja, na redução da palavra composta, mas com o conteúdo semântico da parte eliminada recuperado pelo uso

⁶¹ Para Duarte (2008, p. 101) “o termo prefixoide, à luz de seus constituintes, prefixo e oide, significa “semelhante ao prefixo”. Isto implica dizer que o prefixoide partilha de certas semelhanças com o prefixo e também ostenta algumas diferenças com ele”.

do prefixoide como se um vocábulo fosse, a exemplo do termo *microcomputador*, referido, em diversos discursos, apenas como *micro* (DUARTE, 1999).

A segunda característica explica a ocorrência dos casos que ficam no *continuum* entre derivação e composição. Duarte (2008a) afirma que os elementos eruditos só podem ser considerados raízes quando servirem para formar novos vocábulos pelo processo de derivação sufixal. Assim sendo, *hidr(o)-* e *eletr(o)-* seriam considerados raízes porque formam novos vocábulos por meio da derivação – *hídrico* e *elétrico*.

Conforme Bessa (1986, *apud* DUARTE, 2008a), os elementos eruditos *hidr(o)-* e *eletr(o)-*, ao se unirem a bases livres da língua portuguesa, como *massagem* e *doméstico* para formar *hidromassagem* e *eletrodoméstico*⁶², apresentam *status* de prefixo por se posicionarem à esquerda das bases livres. No DH (2001), por exemplo, encontramos outros vocábulos formados pela mesma estrutura, são eles: *hidroginástica*, *hidroavião*, *eletrobomba*, *eletrochoque*. Consequentemente, se seguirmos o entendimento deste autor, reconheceremos que os formativos nesses vocábulos funcionam como prefixos e são formados por processo derivacional.

Em uma linha similar de raciocínio, Gonçalves (2011b, p. 76) afirma que os elementos eruditos que, conforme a gramática tradicional, se posicionam à direita da base, quais sejam, “[...] -metro, -grafo e -logo, seriam interpretados como radicais por atuar à esquerda”, ou seja, por aparecerem como radicais, conforme podemos observar no quadro a seguir.

Quadro 52: Termos derivados com formativos eruditos

métrico	logosfia	grafar
metragem	logomania	grafema
metrista	lógica	grafia

Gonçalves (2011b, p. 76).

Diante do que foi exposto no quadro 52, os elementos eruditos poderiam exercer o papel de radical nesses vocábulos, porque, mesmo que ocorra frequentemente à direita do radical, nesses casos figuram como os próprios radicais e admitem a afixação de sufixos, formando, assim, novos vocábulos. Portanto, nestes casos, teríamos vocábulos derivados de bases presas com a adjunção de sufixos.

A terceira característica que faculta que se afirme que as formações com elementos eruditos estão num contínuo entre a derivação e a composição diz respeito à mobilidade distribucional dos elementos eruditos. Certos formativos podem ocupar as margens direita ou

⁶² Exemplos citados por Duarte (2008).

esquerda do corpo do vocábulo, como, por exemplo, *filo-*, em *filocomunista/francófilo*, e *fono*, em *fonógrafo/hipnofono* (DUARTE, 2008b). Este autor reconhece a possibilidade de movimento nas formações de vocábulos com elementos eruditos, porém ressalta que se trata de casos que ficam na fronteira entre a composição e a derivação. Duarte (2008a, p. 123) traz, a esse respeito, uma importante citação de Chevalier *et al.* (1987), que reproduzimos aqui:

Examinemos a palavra *pitecantropo*: nenhum dos elementos que a constitui tem existência autônoma no léxico. Não se pode, portanto, falar nem de composição nem de derivação; seria aliás muito difícil considerar *pitec-* como prefixo e *-antropo* como sufixo, uma vez que no sinônimo *antropopiteco* a ordem deles é invertida. Trata-se de um modo de formação particular, onde os elementos, de origem latina e sobretudo grega, somente se manifestam em união uns com os outros. (CHEVALIER, 1987, p. 56-57, *apud* Duarte 2008a, p. 123).

Com base na característica da mobilidade distribucional dos elementos eruditos, os autores esclarecem que os elementos presentes na constituição de *pitecantropo* e *antropopiteco* não têm valor de lexemas, tampouco valor de prefixos e sufixos. No entanto, vale fazer uma ressalva quanto ao posicionamento de Chevalier *et al.* (1987 *apud* Duarte, 2008a) quando afirmam que elementos linguísticos de origem latina e, sobretudo, grega, não se unem a bases livres de línguas vernáculas. Como vimos há pouco, Bessa (1986, *apud* Duarte 2008a) justamente mostra que *hidr(o)-*, ao se unir a uma base livre, *massagem*, forma *hidromassagem*.

Iorgu e Manoliu (1980 *apud* Duarte, 2008a, p. 123), destacam que a mobilidade de formativos na disposição de termos, como se observa em “[...] *filo* em *filofrancez*, *filogerman*, *francofilo*, *germanofilos*”, não é característica típica dos prefixos, por isso os designa de pseudoprefixos⁶³. Sandmann (1989 *apud* DUARTE, 2008a, p. 123) reconhece a mobilidade dos formativos, entretanto, chama *filo-* de prefixo em *filogermânico* e de sufixo em *germanófilo*.

Assim, por meio desses exemplos, de fato, é possível constatar que os elementos eruditos podem figurar em posições diferentes na formação do vocábulo, podendo aparecer no início ou no final do vocábulo. Nesta perspectiva, a característica da mobilidade distribucional apontada por Bessa (1986 *apud* DUARTE, 2008a) parece ser realmente uma evidência de que formações com elementos eruditos podem flutuar entre a derivação e a composição.

A quarta característica listada por nós para explicar os casos limítrofes entre derivação e composição diz respeito à mudança morfológica. Marchand (1969 *apud* CAETANO, 2010, p. 133) explica que uma forma presa é um elemento morfológico que aproxima a composição

⁶³ Apresentaremos mais à frente a definição referente a este conceito.

com elementos eruditos e a derivação prefixal na língua vernácula, visto que, tanto na composição quanto na prefixação, o elemento que fica à margem esquerda do vocábulo é uma forma presa. Desse modo, Marchand (1969 *apud* CAETANO, 2010, p. 133) compreende *geo-* em *geoestatística* um prefixo, e como tema em *geometria*, portanto, casos de prefixação e composição, respectivamente.

Bauer (2005 *apud* GONÇALVES, 2011b, p. 67), observa que:

O problema não está na distinção entre composição e derivação – definidas a partir da oposição palavras/afixos obrigatoriamente presos; nesse sentido, tudo funciona bem. O problema está em certos elementos terem ou deixarem de ter estatuto compatível com uma outra categoria: formas que ocorrem na segunda posição em compostos, preposições/advérbios que se comportam como prefixos, morfemas únicos em processo de independência, pedaços de palavras ascendendo ao status de afixo. (BAUER, 2005, p. 107 *apud* GONÇALVES, 2011b, p. 67).

Nessa direção, Gonçalves (2011b) acredita que a composição e a derivação são processos instituídos em uma linha extrema de um *continuum*, ou seja, os formantes ora apresentam traços prototípicos de um processo de formação lexical, ora de outro. Gonçalves (2011b, p. 62-63) revela ainda que “*diacronicamente, itens morfológicos nem sempre preservam seu estatuto original*”, pois sofrem mudanças decorrentes do uso que se faz desses itens. A título de exemplificação, observam-se, no quadro a seguir, possíveis mudanças morfológicas que alguns formativos eruditos, listados nas gramáticas como ocupantes da primeira posição do vocábulo, podem sofrer mediante o truncamento:

Quadro 53: Truncamento de formativo que ocupa a primeira posição do vocábulo

Tive que fazer dois <i>eletros</i> .
Comprei dois <i>micros</i> .
Fiz duas <i>ultras</i> ontem.
Estou fazendo <i>psico/sócio</i> .
Meus filhos são <i>héteros</i> .
A casa dispõe de duas <i>hidros</i> .
O <i>gastro</i> de lá é péssimo.
Meu filho passou para <i>odonto</i> .
Meus <i>oftalmos</i> são excelentes.
A faculdade só tem quatro <i>retros</i> .
Tenho que me consultar com um <i>neuro</i> .
Precisamos urgentemente de um <i>pneumo</i> .

Fonte: Adaptado de Gonçalves (2011a, p. 19).

Nas gramáticas tradicionais de Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2009), formativos desta natureza estão alocados na categoria dos radicais eruditos; no entanto, esses contextos

apresentados por Gonçalves (2011a) mostram a mudança no *status* morfológico, o que confirma o postulado de Bauer (2005 *apud* GONÇALVES, 2011b) acerca das bases presas que adquiriram valor de lexema no discurso. Assim, pelo comportamento de certos elementos eruditos na língua, nota-se que o comportamento de bases presas é bastante heterogêneo, o que contribui para os casos que dificultam estabelecer uma divisão clara entre a derivação e a composição, no que diz respeito aos vocábulos formados com elementos eruditos.

A quinta e última característica arrolada por nós para mostrar os problemas que resultam em uma indecisão, em relação à classificação do tipo de processo envolvido na formação de vocábulos constituídos por elementos eruditos, é a recomposição. Em conformidade com Gonçalves, (2011b), a recomposição é um “mecanismo pelo qual se cria um composto a partir de um truncamento de outro” (GONÇALVES, 2011b, p. 72). Ainda conforme o autor, os novos termos formados por esse processo recuperam o significado do termo que lhe deu origem, por esse motivo se distancia do significado original. Ademais, a grande maioria dos formativos responsáveis por formar vocábulos pela recomposição opera na primeira posição combinada com base livre (GONÇALVES, 2011b). É o caso de *eco-* em formações como *ecoturismo*, *eco-casa*, *eco-resort* e *eco-atitude*. Nesses termos, *eco-* é uma redução de *ecologia*. Por essa razão, não atualiza diretamente o significado de ‘casa, habitação’ típico do elemento antepositivo *ec(o)-*. Antes, designa ‘aquilo que está de acordo com a preservação do meio ambiente’. Portanto, podemos caracterizar a recomposição pelo significado recuperado por intermédio do truncamento, bem como pela formação exclusiva com bases presas que, *a priori*, se localizam à margem esquerda. Como a base presa se localiza à esquerda – razão de ter comportamento de prefixo – e se une à base livre, a recomposição transita entre os casos fronteirços de derivação-composição. Com isso, se distancia da composição tal como a conhecemos.

Além desse caso de bases presas à direita do vocábulo se comportarem como prefixos, Gonçalves (2011a) registra que os elementos eruditos gregos *-logo*, *-latra*, *-grafo*, *-metro* e *-dromo*, na constituição de vocábulos do português contemporâneo, podem apresentar propriedades de sufixos, e não de radicais. Ao observar casos como *teatrólogo*, *fotógrafo*, *alcoólatra*, *velódromo* e *barômetro*, entre outros, o autor constata que os elementos eruditos nesses vocábulos apresentam, pelo menos, um traço que os aproxima da derivação sufixal, pois figuram à direita do vocábulo e desempenham o papel de “cabeça lexical”, “[...] pois determinam tanto o gênero quanto a categoria lexical do produto, sendo, por isso, interpretados como sufixos” (GONÇALVES, 2011a, p. 28). Segundo o autor: “a posição da cabeça lexical [...] nivela as formas aos casos mais gerais de sufixação em nossa língua” (GONÇALVES,

2011a, p. 21). Nesses casos, os elementos eruditos destacados aqui apresentam comportamento igual ao processo de derivação sufixal com base livre, uma vez que o sufixo acomoda tanto a informação lexical como gramatical.

Por fim, Gonçalves (2011a) demonstra que todas as características apresentadas pelos formantes *-dromo*, *-grafo*, *-metro*, *-logo* e *-latra* caminham para o estabelecimento de um *continuum* derivação-composição.

Na Terminologia, pesquisadores também têm-se dedicado ao estudo do comportamento dos elementos eruditos, mostrando que os casos de derivação prefixal e composição erudita são, muitas vezes, difíceis de separar quando se analisa termos. Para Abreu (2012):

No universo terminológico, a questão evidenciada pela presença de elementos eruditos na constituição de termos é que ocorrências como *ultramicroscópio* (*ultra-* + *microscópio*) e *ultramicroscopia* (*ultra-* + *microspia*) são descritas tanto como sendo resultante de derivação prefixal, em função de conterem prefixos latinos ou preposições latinas antepostas, quanto como de composição, se se entender que alguns prefixos eruditos funcionam com autonomia de significado, como já acontece com termos formados com o prefixo grego *micro-*, entre outros. (ABREU, 2012, p. 525).

Em síntese, para esta autora, a distinção entre os dois processos está no fato de que os prefixos ora adjungidos às bases expressam autonomia semântica, tendo em vista que já podem ser encontrados no discurso da língua portuguesa essas formas com estatuto de lexemas, tal qual *micro-*, conforme Abreu (2012) menciona e também citado por Duarte (1999), ou de muitos outros exemplos encontrados em outros autores citados neste capítulo.

3.3 Critérios para o reconhecimento de termos constituídos por elementos eruditos e de sua combinatória interna

Desde o início deste capítulo, temos reforçado a ideia de que os elementos eruditos desempenham um importante papel nas interações linguísticas, uma vez que servem “para nomear entidades que facilitem a internacionalização conceptual e temática entre instituições e especialistas de difentes países” (CONTENTE, 2008, p. 32). Sobre a funcionalidade dos elementos eruditos, chegamos à conclusão de que é unânime, desde os gramáticos antigos até os linguistas e os especialistas em Terminologia, a concepção de que essas formas linguísticas são empregadas na formação de vocabulário científico e técnico. Portanto, servem para padronizar os conceitos, com o objetivo de facilitar a comunicação científica internacional,

tendo em vista ser a objetividade um princípio da linguagem científica na difusão de conteúdos formais.

Entretanto, dado o conteúdo exposto nas seções anteriores, observamos a ausência de consenso entre morfologistas em relação aos processos envolvidos na formação de vocábulos com elementos eruditos, o que demonstra que um estudo do comportamento desses elementos na constituição do novo vocábulo requer critérios apropriados de acordo com a finalidade da pesquisa em curso.

Com base em tudo o que vimos neste capítulo, e considerando que a presente Tese objetiva elaborar um glossário de cunho terminológico de termos formados com elementos eruditos, assumiremos os seguintes critérios para a execução de nossa pesquisa:

- i) usaremos a designação *forma presa* para referenciar prefixos e sufixos que eventualmente aparecerem nos termos que constituirão a nomenclatura do glossário. Este critério se baseia nos preceitos estruturalistas de Bloomfield (1933, p. 160, *apud* Camara Jr. 1970, p. 59), que são citados por Bechara (2009) e por Abreu (2012);
- ii) empregaremos a designação *base presa* para nos reportarmos aos elementos eruditos reconhecidos no DH (2001) como elementos de composição, e a designação *base livre* para referir os lexemas que apresentam autonomia sintática e semântica, como demonstram os exemplos: *litofilo* (*lit(o)-* + *-filo*), composto de duas bases presas, e *litogravura* (*lit(o)-* + *gravura*), composto de uma base presa mais uma base livre. Esse critério, como vimos, encontra respaldo no trabalho de Basílio (1987), que utiliza *base presa* para se reportar às formas sem autonomia sintática no discurso, e, *base livre* para se referir aos lexemas com autonomia sintática e semântica;
- iii) consideraremos que os elementos eruditos formam termos mediante ambos os processos: derivação e composição. Com referência à derivação, admitimos que este processo resulta da adjunção de um afixo a uma base presa ou livre. No caso da derivação prefixal, ocorre a combinação de um prefixo a uma base livre; porém, no caso da derivação sufixal, ocorre a junção de um sufixo a uma base presa. Dessa forma, partindo da compreensão de Basílio (1987), neste trabalho, entendemos que a derivação não ocorre somente com a ligação de um afixo à base livre, mas também com a combinação de um afixo à base presa;
- iv) assumiremos que a composição erudita pode ocorrer por meio da união de duas bases presas ou da união de uma base presa seguida de uma base livre, conforme Basílio (1987), Villalva (1996) e Alves (2007);

- v) adotaremos o ponto de vista de Sandmann (1992), Villalva (1996), Alves (2007) e Cunha e Cintra (2008) para tratar da estrutura dos termos derivados, isto é, no caso da derivação por prefixação, o prefixo é *determinante*, pois contém conteúdo semântico suficiente para alterar o significado da base, e o sufixo é determinado, porque é o núcleo da estrutura e concede à base ideia acessória, com vistas à modificação do sentido da base (ALVES, 2007); (VILLALVA, 1996). Portanto, em relação à natureza semântica dos afixos, adotaremos o entendimento apresentado por essas duas autoras, para quem os afixos são estruturas modificadoras de sentido da base. Com isso, pressupomos que não só os prefixos mas também os sufixos de origem grega e latina têm valor semântico, que podem acrescentar novos significados à base. Em relação aos termos compostos (formados por composição erudita), seguiremos esses mesmos princípios estruturais aplicados à derivação prefixal, ou seja, o determinante é o primeiro elemento do composto, e o determinado é o segundo elemento, tanto em casos de base presa + base presa quanto em casos de base presa + base livre;
- vi) consideraremos os termos formados por derivação como *termos simples* por serem constituídos de um prefixo seguido de uma base livre ou de uma base livre seguida de sufixo (ABREU, 2012). Quanto à classificação dos termos formados por composição, na esteira do que diz Abreu (2012), vamos considerá-los como *termos complexos*.
- vii) assumiremos também que os elementos eruditos que participam da formação de um termo complexo do tipo termo composto, apesar de não figurarem na cadeia sintagmática de forma autônoma, pois para tanto precisam se adjungir a outro elemento morfológico para constituir uma unidade lexical, apresentam autonomia do ponto de vista semântico. A nosso ver, o entendimento de que os elementos eruditos expressam significado é indispensável para categorizá-los no processo de composição, considerando que os elementos constituintes dos termos formados por este processo expressam ideias específicas (ABREU, 2012);
- viii) adotaremos também as três propriedades propostas por Villalva (1996) para caracterizar os termos complexos formados por composição com elementos eruditos, ou seja: a) as bases presas se movimentam na estrutura do termo, mas assumem significados diferentes, como, por exemplo, *democracia* = governo do povo e *epidemia* = surto de doença infecciosa em dada população; b) a base à direita do termo é o núcleo, por isso determina a categoria lexical e gramatical; c) a ocorrência da vogal de ligação *-i-* quando precede uma base presa de origem latina e a ocorrência da vogal de ligação *-o-* quando precede uma base presa de origem grega;

ix) caracterizaremos como termos complexos formados com elementos eruditos também aqueles que se encontram no *continuum* da derivação-composição. Dos cinco postulados discutidos na seção anterior, elegeremos dois. O primeiro é a formação de derivados por meio de bases presas. É o caso, por exemplo, de *hidr(o)-* e *eletr(o)-*, considerados elementos de composição pelos gramáticos e linguistas, mas que podem servir de base para receber o sufixo *-ico*, formando, assim, os termos *hídrico* e *elétrico*. O segundo é a recomposição, mecanismo que explica a formação de novos termos com base no truncamento de outros, como, por exemplo, *ecoturismo* – termo constituído com o significado de *ecologia/ecológico* –, por isso, não recupera o conteúdo semântico da base presa *eco-* (DUARTE, 1999; GONÇALVES, 2011b).

Nesta seção, com base nos princípios de estudos gramaticais, linguísticos e terminológicos, fundamentamos nosso posicionamento do ponto de vista lexical, morfológico e semântico em relação aos termos constituídos por elementos eruditos. A seguir, apresentamos, de forma breve, as possíveis características estruturais que esse tipo de termo pode apresentar.

3.3.1. Formativos: prefixo (elemento erudito) + base livre = microorganismo

Concebemos os termos constituídos de prefixos eruditos e base livre como termos formados por derivação prefixal. E, como resultado, estes prefixos apresentam as seguintes características:

- i) se adjungem a uma base livre; não se movimentam na estrutura do termo (MATEUS *et al.*, 1990);
- ii) exercem função de determinante (SANDMANN, 1992); modificam o sentido do termo a que se adjunge (VILLALVA, 1996);
- iii) apresentam autonomia semântica, expressando ideias gerais ou relativizáveis (ABREU, 2012);
- iv) formam termos simples (ABREU, 2012);
- v) são formas presas, por isso, ou seja, sem a base, não exibem autonomia na cadeia sintagmática (ABREU, 2012); e
- vi) figuram na posição anterior à base livre (ABREU, 2012).

3.3.2 Formativos: prefixo (elemento erudito) + base presa (elemento erudito) = epífito

Entendemos que a derivação prefixal com elementos eruditos ocorre também entre um prefixo erudito, seguido de uma base presa. Nesse caso, os prefixos apresentam as mesmas características da seção anterior.

3.3.3 Formativos: base presa (elemento erudito) + sufixo (elemento erudito) = glicose

Na mesma linha do caso anterior, neste estudo, assumimos que os termos simples constituídos de base presa seguidos de um sufixo são formados por derivação sufixal. Nesses casos, os sufixos:

- i) têm lugar marcado na estrutura morfológica do termo (MATEUS, *et al.*, 1990);
- ii) acrescentam significado acessório à base presa (ALVES, 2007);
- iii) modificam o significado da base (VILLALVA, 1996);
- iv) participam da formação de *termos simples* (ABREU, 2012);
- v) são formas presas, ou seja, sem a base presa, não exibem autonomia na cadeia sintagmática (ABREU, 2012); e
- vi) aparecem em posição posterior à base presa.

3.3.4 Formativos: base presa (elemento erudito) + base presa (elemento erudito) + sufixo (elemento erudito) = geocentrismo

Nesta pesquisa, assumimos que é possível existir termo constituído de duas bases presas, seguido de sufixos. Destacamos que os sufixos deste tipo de formação morfológica apresentam as mesmas singularidades descritas na seção anterior.

3.3.5 Formativos: base presa (elemento erudito) + base presa (elemento erudito) = biosfera

Ainda diante da caracterização de aspectos apresentados no presente estudo, admitimos que os termos constituídos de base presa seguidos de outra base presa formam termos por meio da composição. Para tanto, em nosso estudo, ambas as bases presas devem ser reconhecidas no DH (2001) como elementos de composição.

Os termos assim formados:

- i) resultam da adjunção de duas bases presas (ALVES, 2007);
- ii) assumem a estrutura determinante + determinado, ou seja, o primeiro elemento é determinante e o segundo é determinado (SANDMANN, 1992);

- iii) admitem a inserção da vogal de ligação *-i-* após uma base presa de procedência latina (VILLALVA, 1996);
- iv) admitem a inserção da vogal de ligação *-o-* antes de uma base presa de origem grega (VILLALVA, 1996);
- v) apresentam a possibilidade de que ambas as bases se movimentem na estrutura do termo (VILLALVA, 1996); e
- vi) apresentam como núcleo a base à direita do termo (VILLALVA, 1996).

3.3.6 Formativos: base presa (elemento erudito) + base livre = biodiversidade

Entendemos que a composição pode ocorrer entre uma base presa adjungida à base livre (VILLALVA, 1996; ALVES, 2007; GONÇALVES, 2011b). Nesta pesquisa, a base presa que participa deste tipo de termo deve ser reconhecida no DH (2001) como elemento de composição. Cumpre acrescentar que termos com essa combinatória se formam particularmente pela recomposição, conforme evidencia o estudo de Gonçalves (2011b).

Esses termos apresentam as características descritas a seguir:

- i) a base presa é o determinante;
- ii) a base livre é o determinado;
- iii) a base livre é o núcleo do termo; e
- iv) a base livre pode advir do vocabulário vernáculo.

3.3.7 Formativos: base presa (elemento erudito) + base presa (elemento erudito) + base livre = biogeocenose

Assumimos que os formativos eruditos também se combinam entre duas bases presas, seguidas de base livre. Nesse tipo de formação, os compostos eruditos preservam o significado de origem, portanto, não se trata de recomposição. No entanto, do ponto de vista estrutural, tanto as bases presas, quanto as bases livres, deste último critério, contêm as mesmas particularidades da seção anterior.

3.3.8 Formativos: base presa (elemento erudito) + base presa (elemento erudito) + base presa (elemento erudito) = paleontologia

Por fim, no presente trabalho, assumimos que os formativos eruditos também se combinam entre três bases presas. Nesse tipo de formação, a unidade terminológica também se ordena pela composição, assim como os termos formados por duas bases presas.

3.4 Síntese do capítulo

Este capítulo teve por objetivo apresentar os aspectos conceituais e históricos acerca do que é um elemento erudito. À vista disso, vimos por meio do trabalho de Gonçalves (2011a) que os elementos eruditos são formas existentes, não só nas línguas neolatinas, mas também nas não neolatinas, utilizados com fins específicos para a formação de novas terminologias, à medida que surge tal necessidade.

Nesse sentido, Benveniste (2006)⁶⁴ registra que a maioria dos vocabulários científicos é formada de elementos greco-latinos, tanto que, ainda hoje, os cientistas buscam no fundo lexical do grego e do latim a denominação das plantas, dos seres vivos, dentre outros. Outrossim, à medida que as pesquisas científicas avançaram, surgiram novas realidades para serem denominadas. Por essa razão, os pesquisadores recorrem às duas línguas que constituem a base lexical das línguas românicas para a criação de novos termos das linguagens técnicas e científicas.

Ainda neste capítulo, discutimos a respeito das divergências concernentes aos processos de formação dos vocábulos e dos termos constituídos por elementos eruditos. Dos estudos apresentados, depreendemos que há falta de consenso entre os morfologistas acerca do tipo de processo envolvido na formação desse tipo de unidade lexical (derivação ou composição). Partimos das principais referências que tratam do assunto para, ao final, apresentar os critérios que adotaremos para a eleição dos termos que constituirão a base do glossário que vamos elaborar. Embora haja desacordos quanto à categorização dos processos de formação de termos com elementos desta natureza, preferimos considerar que os formativos participam da derivação e da composição, bem como certos formativos, no atual estágio da língua portuguesa, se encontram em uma linha fronteira entre a derivação e a composição.

Por fim, com base nas contribuições dos autores estudados ao longo do capítulo, sintetizamos os critérios que serão aplicados ao reconhecimento dos termos constituídos com elementos eruditos. Tais critérios serão retomados no capítulo 5, quando apresentaremos a metodologia da presente pesquisa. No próximo capítulo, destacaremos os princípios e critérios para a elaboração de uma obra terminográfica.

⁶⁴ O livro, em francês, foi publicado em 1974.

CAPÍTULO 4

PRINCÍPIOS E CRITÉRIOS PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE GLOSSÁRIO COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM DE TERMOS COM FORMATIVOS ERUDITOS NO CONTEXTO ESCOLAR

INTRODUÇÃO

O objetivo deste capítulo é caracterizar a sistematização de um glossário sistêmico. O capítulo se organiza em seis partes: a primeira mostra que o glossário se estrutura do ponto de vista do papel reformulador, ou seja, o glossário é um material didático empregado para descrever termos científicos e técnicos para determinado público. A segunda evidencia a importância das novas tecnologias para a elaboração de glossários, desde a organização da base de dados até a sistematização do material terminográfico para o usuário. A terceira mostra que, para um glossário atingir os objetivos propostos, precisa estar de acordo com as singularidades linguísticas e extralinguísticas do público-alvo. A quarta enfatiza que o glossário pode ser ferramenta útil para a aprendizagem dos termos com elementos eruditos. A quinta esclarece que o glossário sistêmico é um dos atributos de uma obra terminográfica, que pode auxiliar o estudante no processo de aprendizagem dos domínios especializados. A sexta mostra que a divulgação científica é um recurso metalinguístico empregado para redigir definições terminológicas, conforme as exigências do público em geral e do público escolar. E, por fim, registramos a síntese do capítulo, em que delinearemos nosso ponto de vista e nossas conclusões.

4.1 O glossário do ponto de vista do papel reformulador

Nos livros didáticos brasileiros, os glossários, quando existem, encontram-se no final da obra como lista de termos em ordem alfabética, usados para explicitar o significado de termos que supostamente aparecem nos textos do livro. Alguns livros, por meio do processo da remissão, informam ao leitor que o significado de determinado termo se encontra no glossário; outros, por sua vez, não anunciam. Nesse caso específico, o uso do glossário só ocorrerá, sob a orientação do professor, pois este conhece a estrutura didática do livro escolar. Segundo Faulstich e Vilarinho (2016, p. 22):

do ponto de vista da política da língua, fazem parte do material didático como apêndice que aparece nos livros de ensino; é um ‘elucidador sinonímico’ das palavras ‘difíceis’ que aparecem nos textos. E, nessa percepção, a finalidade dos glossários é justapor dois discursos; um mais hermético e outro menos hermético, num contínuo que vai de uma linguagem + difícil para uma linguagem – difícil. (FAULSTICH; VILARINHO, 2016, p. 22).

Porém, diferentemente de outros gêneros textuais a que criança está habituada a ler, os glossários se sistematizam com fins deliberados, uma vez que:

do ponto de vista do papel de ‘reformulador’ do texto científico, é um repertório que dispõe ‘palavras especializadas’, os termos, num tipo lexicográfico específico, por meio de uma operação linguística formada de paráfrases textuais ou sinonímicas. Como são objetos de natureza da política de línguas e da ordem da terminologia científica e técnica, exigem um rigoroso controle na formulação de definições, pois as paráfrases são assertivas e necessitam, além de representação linguística correta, de que a informação cultural seja real e objetiva”. (FAULSTICH; VILARINHO, 2016, p. 22).

Nesse aspecto, o elaborador do glossário se utiliza dos recursos que a língua oferece no ato da comunicação, como a paráfrase, por exemplo, que serve para explicar o conceito, com vistas à compreensão do indivíduo. É de conhecimento que o leitor infantil ainda se encontra em processo de aprendizagem linguística, principalmente, de termos científicos e técnicos; por essa razão, acomodá-los no repertório lexical, exige instrução e orientação. Desse modo, os glossários destinados ao público infantil devem expor termos científicos com definições redigidas, assentadas em critérios terminográficos, a fim de estarem adequados ao contexto pragmático dos estudantes. Na próxima seção, explanaremos sobre a relevância das novas tecnologias para a elaboração de glossários.

4.2 O glossário e as novas tecnologias

Nos últimos anos, a tecnologia tornou-se uma ferramenta fundamental para a confecção de obras terminográficas, haja vista fornecer mecanismos fundamentais na metodização dos glossários, com a intenção de facilitar maior interação entre esses instrumentos e o consulente. Além do que, tornou-se mais fácil pesquisar os conceitos, pois, numa simples busca, o usuário tem à disposição um repertório de termos para descobrir os significados, e, conseqüentemente, acrescentar novos termos ao rol do vocabulário, e aprimorar a comunicação. De acordo com Tebé (1996), os avanços tecnológicos, principalmente na área da informática, cooperaram para o aperfeiçoamento das pesquisas terminológicas, dado que o especialista em Terminologia passou a se valer de técnicas que proporcionassem:

[...] l'accés a les fonts de consulta i de referència, el procés d'elaboració de diccionaris i vocabularis, les possibilitats d'edició de productes terminològics, l'intercanvi de dades lèxiques i terminològiques, i les noves viés de difusió d'informació [...]. (TEBÉ, 1996, 26).⁶⁵

A Terminologia é uma disciplina da informatização, o que permite ao pesquisador aparatos, desde a coleta de dados até a elaboração da obra final. Conforme Tebé (1996), um outro aspecto a ser levado em conta, são as obras lexicográficas e terminográficas, que, antes dos artefatos tecnológicos, eram elaboradas e fundamentadas nas nomenclaturas das obras preexistentes, com isso havia somente uma recompilação de dados, assim,

[...] molts errors perpetuats en successives edicions de diccionaris, d'incoherències que es reproduïxen exactament igual en obres de diferents autors i editorials, de dubtes impossibles de resoldre a l'hora d'actualitzar o revistar una obra terminològica o lexicogràfica. (TEBÉ, 1996, p. 27).⁶⁶

Porém, com a sistematização pelas novas tecnologias, esses contratempos deixaram de existir, pois, hoje os glossários são elaborados, não com base em lista de termos de outros inventários linguísticos, mas, sim, com base em um *corpus textual* sobre determinada área do saber. Ainda segundo o autor, caso o especialista em Terminologia queira elaborar um glossário sobre meio ambiente para estudantes de bacharelado, é necessário a sistematização de um longo *corpus*, elaborado com base nos livros das disciplinas estudadas pelos alunos, a fim de que a obra reflita, de fato, os termos que os estudantes terão que aprender durante a fase escolar.

No que diz respeito aos progressos da informática para o trabalho em Terminologia, Tebé (1999) apresenta três funções: a *preparação do trabalho terminológico*, a *elaboração da terminologia* e a *edição e apresentação da terminologia*.

No que se refere à *preparação do trabalho terminológico*, nas palavras de Tebé (1996), o *corpus* reunido pelo terminógrafo, em primeiro lugar, deve ser organizado num formato eletrônico para constituir a base de dados, cuja finalidade é “[...] emmagatzemar, processar i recuperar informació textual” (TEBÉ, 1996, p. 28).⁶⁷ O autor apresenta dois tipos de programas: os *programas de análise textual* e os *programas de extração de terminologia*. O primeiro

⁶⁵ “[...] o acesso às fontes de consulta e de referência, o processo de elaboração de dicionários e de vocabulários, as possibilidades de edição de produtos terminológicos, o intercâmbio de dados léxicos e terminológicos e os novos caminhos de difusão e informação [...]” (Tradução livre de E. Faulstich).

⁶⁶ “[...] muitos erros eram perpetuados em sucessivas edições de dicionários, incoerências se reproduziam exatamente igual em obras de diferentes autores e editoras, dúvidas não se resolviam na hora de atualizar ou revisar uma obra terminológica ou lexicográfica. (Tradução livre de E. Faulstich).

⁶⁷ “[...] armazenar, processar e recuperar informações textuais”. Tradução nossa.

consiste na listagem dos termos, que pode ocorrer tanto pela frequência, quanto pela ordem alfabética. Com esse programa, é possível comprovar a frequência dos termos mais recorrentes no banco de dados e selecionar o contexto de ocorrência do uso do termo, que melhor se adapte ao glossário.

O segundo tem o papel de substituir o trabalho mecânico de identificação dos termos que, anteriormente, era feito por meio da leitura e da compreensão dos textos. Ademais, auxilia o elaborador do glossário a constatar as unidades terminológicas dos textos, bem como a localizar os candidatos a termos, que, posteriormente, poderá ser validado por especialista da área científica descrita. Para concluir sobre a *preparação do trabalho terminológico*, Tebé (1996) menciona os seguintes benefícios: constituição de um *corpus* confiável, identificação dos termos, reconhecimento das áreas temáticas, extração do contexto e das fontes de procedência. O autor sugere ainda que os dados sejam alocados numa ficha terminológica digital.

No que se refere à *elaboração da terminologia*, Tebé (1996) menciona a ficha terminológica, que antigamente era preenchida manualmente no papel. Nela, o elaborador do glossário selecionava todas as informações de forma mecânica para, posteriormente, transcrevê-la para a ficha. Hoje, com os programas informatizados, é possível transferir as informações do corpus textual, automaticamente, para os campos da ficha terminológica digital.

As ferramentas dos programas possibilitaram “[...] comparar i fusionar diverses terminologies, la presentació de plantilles predeterminades per a diversos tipus de diccionaris [...], la detecció automàtica de termes duplicats, la generació automàtica de fitxes de remissions per als sinònims, i altres facilitats segons els programes” (TEBÉ, 1996, p. 30)⁶⁸. Fica patente a importância das ferramentas dos programas informatizados, sobretudo, para marcação das remissivas, elemento de busca do glossário que serve para relacionar o conceito de um termo a outro termo. Assim, o que antes era feito por busca manual, no glossário impresso, por meio das indicações dos símbolos, ver ou conferir, no glossário digital é feito apenas com um clique.

É de conhecimento público que, além de tornar a busca mais rápida, a informática possibilitou mais agilidade na confecção de uma obra terminográfica, posto que os recursos disponíveis nos programas auxiliam na elaboração de campos lexicais e de mapas conceituais, na seleção de banco de ilustrações e na ordenação alfabética dos termos-entradas. Para obras

⁶⁸ “[...] comparar e aglutinar diversas terminologias, a apresentação de planilhas predeterminadas para diversos tipos de dicionários [...], a identificação automática de termos duplicados, a geração automática de fichas de remissões para sinônimos e outras facilidades segundo os programas” (Tradução livre de E. Faulstich).

terminográficas destinadas ao público infantil, as novas tecnologias facilitaram a criação de glossários, em função dos recursos que oferecem, como as cores, os *hiperlinks*, as formas geométricas, a feitura de tutorial prático, a interação mais didática e lúdica. Nesse sentido, é importante considerar que as crianças estão conectadas ao mundo digital, que oferece informações atualizadas diariamente. Com efeito, também permite a atualização, a qualquer momento, da base de dados, bem como do sistema de entradas do glossário digital.

No que se refere à *apresentação da terminologia*, Tebé (1996, p. 32) cita o hipertexto como ferramenta para divulgação das informações científicas e técnicas. Para o autor: “L’hipertext [...] és una aplicació informàtica que te com a objectiu facilitar la creació i la lectura de documents electrònics basats en textos no lineals”⁶⁹. Como foi colocado, o hipertexto é a forma pela qual informações podem ser disseminadas de múltiplas formas num mesmo material didático, sem a preocupação com o ordenamento linear dos dados difundidos. Embora as informações não tenham uma organização sequencial como o gênero notícia, por exemplo, elas estão relacionadas do ponto de vista semântico.

Na visão de Vilarinho e Faulstich (2013, p. 182): “O hipertexto é um conjunto de dados ligados entre si, editado no computador. [...] Nos hipertextos, as informações são organizadas em forma de redes; assim sendo, permitem consultas que não são hierárquicas e nem lineares necessariamente” (VILARINHO; FAULSTICH, 2013, p. 182). Além dos hipertextos, nos glossários informatizados, é possível empregar os *hiperlinks*, que “[...] são dispositivos informáticos que criam elos entre os dados. Os *hiperlinks* são constituídos por *links*, que são “mecanismos de referência digital”, segundo Xavier (2009, p. 192), autor citado pelas autoras. Esse aparato tecnológico leva o leitor do glossário a pesquisar outras partes do hipertexto; em vista disso, o consulente comum, principalmente as crianças, tem mais facilidade para investigar, e, conseqüentemente, aprender o conteúdo terminológico, descrito no texto da definição. Em última análise, o sistema remissivo, mediante os *hiperlinks*, proporciona busca rápida e atende às expectativas da sociedade contemporânea que, ao longo dos anos, tem se demonstrado exigente, em busca de conhecimento objetivo e sucinto, como veremos na próxima seção.

⁶⁹ “O hipertexto [...] é uma aplicação informatizada que tem como objetivo facilitar a criação e a leitura de documentos eletrônicos baseados em textos não lineares”. (Tradução livre de E. Faulstich).

4.3 O glossário e a adequação ao público-alvo

O glossário, como ferramenta de aprendizagem, atinge o objetivo proposto, à medida que esse material obedece aos princípios de adequação, conforme as exigências do público-alvo. Nesse sentido, a linguagem dos glossários deve estar de acordo com as necessidades do contexto social e linguístico, para quem a obra está sendo elaborada. Para Cabré (1993, p. 293):

[...] todo trabajo terminológico sobre un tema determinado debe tener en cuenta el público al que se dirige. [...] Un público poco especializado socilita un tipo de trabajo ágil, de lectura y consulta fáciles; por el contrario, un público muy especializado rechazaría un trabajo con información excesivamente básica o demasiado redundante.⁷⁰

É importante ressaltar que o terminógrafo, ao selecionar os textos especializados, que servirão para elaborar o banco de dados, deve priorizar publicações de domínio científico a ser descrito. Assim, o elaborador do glossário estabelece critérios para que o glossário descreva, de fato, conceitos precisos e objetivos de acordo com a realidade linguística dos estudantes, porque “identificar o consulente é o primeiro passo de um trabalho terminográfico, pois determina a estrutura e o tipo de obra que será elaborada” (FAULSTICH, 1995b, p. 35). Diante de tal concepção, é necessário lembrar que, para o glossário ser um recurso de aprendizagem, necessita atender às demandas dos leitores interessados, pois cada público tem um interesse distinto, por isso,

en las buenas prácticas terminográficas, la adecuación del trabajo terminológico a las condiciones específicas de cada situación es indispensable para asegurar el éxito de un diccionario, entendiendo en este caso como éxito la posibilidad de su uso como herramienta habitual de consulta (ESTOPÀ, 2014, p. 576).⁷¹

Segundo Estopà (2014), compreendemos que a terminografia escolar direcionada ao público infantil deve seguir critérios linguísticos e extralinguísticos, para se adequar ao nível de entendimento dos estudantes, assim, o glossário alcança o objetivo com que foi produzido.

⁷⁰ “[...] todo trabalho terminológico sobre determinado tema deve-se considerar o público para o qual se dirige. [...] Um público pouco especializado exige um tipo de trabalho ágil, de leitura e consulta fáceis; ao contrário, um público muito especializado rejeitaria um trabalho com informação excessivamente básica ou demasiadamente redundante”. Tradução nossa.

⁷¹ “Nas boas práticas terminográficas, a adequação do trabalho terminológico às condições específicas de cada situação é indispensável para garantir o êxito de um dicionário, neste caso, entende-se como êxito a possibilidade de uso como ferramenta habitual de consulta”. Tradução nossa.

Na nossa perspectiva, quando se fala em adequar o glossário para leitores específicos, essa ação compreende aspectos relacionados desde à seleção do *corpus* registrado até à elaboração da definição, principal elemento do verbete, haja vista que é por intermédio dela que o leitor apreende o significado do termo. Portanto, o aceite do glossário pelos usuários depende da construção linguística da macroestrutura e da microestrutura, elementos indispensáveis de qualquer obra terminográfica. Na próxima seção, discorreremos sobre o glossário como ferramenta de aprendizagem dos termos com formativos eruditos.

4.4 O glossário e a aprendizagem

Como foi dito, o glossário é um instrumento de aprendizagem de significados dos termos de determinada área científica. Com referência à aprendizagem na fase infantil, Rey-Debove (1984, p.45) afirma que a criança tem duas formas de aprender a língua:

Uma, natural, por tentativas cada vez mais aperfeiçoadas de comunicação que chegam a conhecimentos memorizados dessa língua (competência natural), como o da criança na família, e, nesse caso, pode-se dominar perfeitamente uma língua sem se ser capaz de descrevê-la. A outra, artificial e metalinguística, pela consulta de dois tipos de obras descritivas conhecidas como indispensáveis e complementares: a gramática e o dicionário.

Na primeira forma, o indivíduo aprende a língua por meio de interações linguísticas quando está apto para se comunicar. Esse processo ocorre quotidianamente, conforme as experiências adquiridas pelo sujeito com a família e o meio social. Complementarmente, o indivíduo aprende a língua por meio de materiais didáticos, como é o caso da gramática e do dicionário, que são repositórios das línguas naturais de uma nação. Essa aprendizagem se dá na escola, com a orientação de um professor, que é um mediador do conhecimento no processo de escolarização.

Nesta perspectiva, Estopà e Cornudella (2013, p. 1), cita Marzano (2010, p. 1), quando afirma: “Teaching specific terms in a specific way is probably the strongest action a teacher can take to ensure that students have the academic background knowledge they need to understand the content they will encounter in school”.⁷²

⁷² “Ensinar termos específicos de uma forma particular é, provavelmente, a atitude mais consciente que um professor pode tomar para garantir que os alunos tenham o conhecimento especializado de que precisam para compreender o conteúdo que irão encontrar na escola”. Tradução nossa.

Outro aspecto fundamental destacado por Marzano (2010), citado por Estopà e Cornudella (2013, p. 1), são as seis fases para facilitar o processo de aprendizagem do vocabulário especializado:

- Fase 1. Dar una descripción, explicación o ejemplo de un término nuevo;
- Fase 2. Preguntar a los estudiantes que expliquen con sus palabras el significado del término;
- Fase 3. Pedir a los estudiantes que lo representen gráficamente;
- Fase 4. Motivar a los estudiantes para que realicen actividades que les ayuden a alimentar el uso de ese nuevo término;
- Fase 5. Periodicamente poner en común y discutir con otros compañeros el significado de un término;
- Fase 6. Jugar con los términos trabajados.⁷³

No entendimento de Estopà (2013), a linguagem de especialidade só passa a ter sentido para os estudantes, se o professor investir nas técnicas de ensino do vocabulário científico durante a ministração das aulas. À vista disso, a autora (2013, p. 200) cita os especialistas em didática da ciência, Marzano e Pickering (2005) que defendem:

Given the importance of background knowledge and the fact that vocabular is such an essential aspect of it, one of the most crucial services that teachers can provide, particularly for students who do not come from academically-advantaged backgrounds, is systematic instruction in importante academic terms.⁷⁴

Partindo dessa premissa, podemos dizer que o entendimento dos termos é fundamental para a aprendizagem dos conteúdos presentes nos livros didáticos, pois, sem a compreensão dos significados do vocabulário, os estudantes não avançam na apreensão dos conceitos presentes na comunicação especializada, ou seja, não apreendem a matéria proposta nos currículos. Nessa direção, os autores aditam “without a basic knowledge of these terms, students will have difficulty understanding information they read or hear” (MARZANO; PICKERING, 2005, p. 2-3).⁷⁵ Nesse aspecto, observamos a importância do ensino da Terminologia para todos os

⁷³Fase 1. “Dar uma descrição, explicação ou exemplo de um termo novo;

Fase 2. Perguntar aos estudantes que expliquem com suas palavras o significado do termo;

Fase 3. Pedir aos estudantes que o representem graficamente.

Fase 4. Motivar os estudantes para que realizem atividades que os ajudem a alimentar o uso desse novo termo;

Fase 5. Periodicamente compartilhar e discutir com outros companheiros o significado de um termo;

Fase 6. Brincar com os termos trabalhados”. Tradução nossa.

⁷⁴ “Dada a importância do conhecimento prévio e do fato de que o vocabulário é um aspecto fundamental, uma das atividades cruciais, que os professores podem oferecer, particularmente para alunos que não têm conhecimento especializado prévio, é a instrução sistemática de termos especializado”. Tradução nossa.

⁷⁵ “Sem um conhecimento básico desses termos, os alunos terão dificuldade em entender as informações que leem ou ouvem”. Tradução nossa.

componentes curriculares, desde as séries iniciais. Assim sendo, a educação tende a melhorar, caso os estudantes tenham domínio eficiente das terminologias.

Embora as crianças não tenham consciência de que Terminologia é uma disciplina que apresenta termos e conceitos capazes de descrever determinado domínio científico e técnico de uma situação comunicativa, “as crianças usam as terminologias que estão disponíveis e ao alcance de sua compreensão e interesse, porque a interação linguística com os pares infantis e com os adultos é uma exigência social” (FAULSTICH, 2013a, p. 80). Como as crianças são curiosas, é essencial que se aproveite esse sentimento para promover a leitura de dicionários especializados e glossários em sala de aula, pois é o conhecimento dos termos que permitem uma comunicação eficiente e sem resíduos, sobretudo, quando se trata do discurso especializado.

Do exposto, nesta seção, entendemos que são indispensáveis para o aprendizado terminológico, o *professor* e o *material didático*, entre estes dicionários e glossários. O *professor* é o profissional que domina o conteúdo da disciplina ministrada e cria estratégias de ensino e o material didático é o suporte terminográfico que auxiliará o aluno na aprendizagem dos conceitos.

A eficiência da aprendizagem das terminologias dos componentes curriculares exige do *professor* domínio do conjunto de conceitos científicos e técnicos, porque é ele quem conduz às crianças ao conhecimento abstrato dos termos das matérias ministradas na escola. Nesse contexto, o uso do *glossário*, como fonte de pesquisa, auxiliará o professor durante o ensino, em vista de desenvolver no aluno autonomia de ação e pensamento conceitual. O glossário atua, portanto, como recurso didático favorecedor do desenvolvimento da criança, pois, quando o estudante lê um glossário ou dicionário, ela adquire novos conhecimentos e assimila novos termos para repertoriar o universo linguístico. Cabré e Lorente (1996, p. 20) ressaltam que

interessa, doncs, en aquest terreny, que els ensenyants assumeixin que són professor de terminologia i que els alumnes s'adonin del paper que els termes tenen en l'adquisició i en l'organització de conceptes. A més, en les assignatures de llengua, convé ressaltar que l'increment del cabal lèxic, en una cultura com l'actual, passa irremissiblement per l'adquisició de terminologia especialitzada, més que per la conservació de le léxic poc usual. En aquest sentit, és important recuperar la idea que els ensenyants són usuaris directes i indirectes de terminologia, a fim que proposin l'elaboració de materials terminològics per a la docència, i que també podem ser terminòlegs, per tal que participin activament en la proposta.⁷⁶

⁷⁶ “Interessa, portanto, neste terreno, que os professores assumam que são professores de terminologia e que os alunos se deem conta do papel que os termos têm na aquisição e na organização de conceitos. Além disso, convém, nas disciplinas de língua, ressaltar que o incremento do conjunto lexical, em uma cultura que se atualiza, passa irremediavelmente pela aquisição de terminologia especializada, para, além do mais, a conservação do léxico

Em vista disso, o professor deve assumir o comprometimento social de profissional que desencadeia, no espaço educacional, um ambiente promissor para o progresso dos estudantes. Assim, fica claro que, se o aluno reconhecer a natureza linguística, semântica e pragmática dos termos das variadas áreas de especialidade, possivelmente, terá desempenho acima do satisfatório nos exames escolares, nos vestibulares, e, sobretudo, nas leituras de textos científicos e técnicos que é uma exigência social. Cabré e Lorente (1996, p. 20) ainda que:

Com hem anat defensant al llarg d'aquest article, la terminologia apareix naturalment en la docència de les matèries conceptual, de les matèries lingüístiques i, fins i tot, de les matèries pràctiques. El professor de química usa terminologia pròpia de la química; el professor de llengua incorpora terminologia de la lingüística i s'ocupa de reforçar la terminologia d'altres àrees dins de les activitats de lèxic; el professor d'educació física fa referència a instal·lacions i a activitats amb la terminologia pròpia dels esports.⁷⁷

Como mostram as autoras, a Terminologia está presente em todos os campos do saber, e, por causa disso, a escola, como principal agência de letramento da sociedade contemporânea, precisa formar estudantes com capacidade de compreender vocabulários das linguagens de especialidade. Para dotar os estudantes de materiais de ensino suficientes, o Estado deve investir em políticas linguísticas para a criação de obras descritivas do léxico de todas as disciplinas estudadas pelos alunos durante o período de escolarização, que compreende toda a Educação Básica. Estas considerações refletem os avanços de uma sociedade letrada, dado que a ampliação do leque terminológico atende às expectativas do mundo social e político das instituições públicas e privadas, cada vez mais exigentes de pessoas capazes de se comunicar adequadamente, em todos cenários linguísticos.

4.5 Aspectos conceituais de glossário sistêmico

A remissiva é um dos elementos do verbete que serve para o leitor consultar os lexemas ou termos que estão indicados, geralmente, pela abreviatura V. = Veja. Nos últimos anos, com

pouco usual. Neste sentido, é importante lembrar que os professores são usuários diretos e indiretos de terminologia, a fim de que venham a propor a elaboração de materiais didáticos terminológicos para o ensino, e que também possam ser terminólogos, de tal maneira que participem ativamente da proposta”. (Tradução livre de E. Faulstich).

⁷⁷ “Como defendemos ao largo deste artigo, a terminologia aparece naturalmente no ensino de disciplinas conceituais, de disciplinas linguísticas e, por fim, de disciplinas práticas. O professor de química usa terminologia própria da química; o professor de língua incorpora terminologia da lingüística e se ocupa de reforçar a terminologia de outras áreas afins com atividades de léxico; o professor de educação física faz referência aos materiais e às atividades com a terminologia própria dos esportes”. (Tradução livre de E. Faulstich)

os avanços tecnológicos o processo de remissão se tornou mais eficaz nos dicionários e glossários eletrônicos, em função dos *hiperlinks*. Em conformidade com Faulstich (1993), o glossário sistêmico é um tipo de obra terminográfica que, por meio das remissivas, cria um caminho para o leitor transitar entre os termos relacionados. Um glossário remissivo contribui para o leitor entender os significados dos termos, porque a remissiva relaciona significados. Dentro desse contexto, a remissiva é componente do verbete responsável por auxiliar o leitor a buscar significados de termos, por isso funciona como percurso nos glossários, ao criar uma rede conceitual entre os termos (FAULSTICH, 1993).

Nesta Tese, escolhemos elaborar um glossário sistêmico, porque a remissiva é um recurso essencial para o leitor do glossário consultar automaticamente os termos da definição que necessitam de informação complementar. Nesta perspectiva, “cabará ao lexicógrafo funcionar como um guia dentro da própria obra, a fim de abastecer o leitor de informação” (Faulstich, 1993, p. 92). Dessa forma, um termo serve de complemento da informação terminológica, e, como resultado, amplificar o conhecimento do domínio especializado. Para Faulstich (1993, p. 174) a remissiva é:

cada item léxico que possui conteúdo semântico próprio. É, formalmente, a unidade semântica contida numa definição, ou seja, aquela palavra que provoca no leitor a curiosidade de saber o que significa, para que ele possa melhor compreender o conteúdo definicional do termo-entrada. Funcionalmente, as remissões se constituem em verdadeiros trajetos de constituição de significados. (FAULSTICH, 1993, p. 174).

Por seu turno, a remissão é “o processo de remeter a informação de um ponto a outro” (FAULSTICH, 1993, p. 174). Considerando que as ferramentas tecnológicas podem facilitar o processo de aprendizagem de terminologias, convém ressaltar o posicionamento de Vilarinho e Faulstich (2013) sobre as remissivas nos dicionários eletrônicos da língua portuguesa, produzidos no Brasil. Nas palavras das autoras, “as remissões enriquecem as obras lexicográficas por representarem caminhos que o consulente pode percorrer para compreender os significados dos lexemas” (VILARINHO; FAULSTICH, 2013, p. 179).

Segundo as autoras (2013, p. 180), as remissões contribuem para a “[...] compreensão do significado”, isto é, serve para complementar o sentido de algum termo que, porventura, não tenha ficado esclarecido. Quando isso ocorre, se o glossário engloba índice remissivo, basta ao consulente seguir os sinais indicados pela obra, que, geralmente, são *ver* e *conferir*, em caso de glossário impresso. No entanto, em caso de glossário digital, o leitor deve procurar o termo, mediante os *hiperlinks*. Desse modo, o glossário sistêmico é o tipo de obra que utiliza as

remissivas, como ferramenta terminográfica, para estabelecer relações conceituais entre os termos, por meio das relações semânticas, como destaca Faulstich (1993 p. 93): “hiperonímia, hiponímia, sinonímia, antonímia e conceito conexo”.

Em nossa pesquisa, as definições dos termos serão complementadas com os conceitos remissivos de hiperônimos, hipônimos e sinônimos. A remissiva permitirá que as definições fiquem conectadas entre si, para melhor apreensão dos significados do termo. Na próxima seção, discutiremos os aspectos conceituais da divulgação científica.

4.6 Aspectos conceituais da divulgação científica

A divulgação científica é um mecanismo metalinguístico que pode ser empregado na difusão de obras terminográficas, uma vez que a linguagem técnica e científica contém conceitos, que são dominados geralmente por especialistas. Sobre a importância desse recurso, Zamboni (2001, p. 47) assegura que: “É preciso destacar, na caracterização da divulgação científica dirigida a leigos, o peso que os especialistas em comunicação atribuem ao fator “linguagem”. No trabalho de “recodificação”, parece residir a tarefa de maior envergadura que cabe ao divulgador”. Nesse sentido, a divulgação científica pode ser uma grande aliada para a sistematização de obras escolares, pois é preciso adequar o discurso complexo das ciências em um discurso mais simples, que atenda às singularidades do universo infantil.

Tornar acessível a linguagem científica, para Zamboni (2001), é o mesmo que divulgação científica, em razão de ser o termo mais recorrente pela comunidade científica brasileira e também por estar “[...] imune à eventual crítica de carregar conotação pejorativa” (ZAMBONI, 2001, p. 48). Como a expressão vulgarizar, grosso modo, significa tornar comum, popularizar e banalizar, para muitos especialistas, esse termo não é adequado para ser empregado na difusão de informações científicas numa linguagem que seja entendida por todos, eis a razão pela qual, Zamboni (2001) prefere empregar a expressão *divulgação científica*. Segundo a autora, esta unidade linguística recebe outras denominações, como: *vulgarisation scientifique* (francês), *popularizations* ou *science journalism* (inglês), *periodismo científico* (espanhol) e acrescenta no português, os termos *popularização*, *vulgarização científica* e *divulgação científica* equivalentes no mesmo espaço de comunicação. Assim sendo, para Zamboni (2001, p. 45-46), a divulgação científica é

[...] entendida, de modo genérico, como uma atividade de difusão, dirigida para fora de seu contexto originário, de conhecimentos científicos produzidos e circulantes no interior de uma comunidade de limites restritos, mobilizando

diferentes recursos, técnicas e processos para veiculação das informações científicas e tecnológicas ao público em geral.

Nesta Tese, empregaremos a expressão divulgação científica, porque é de nosso interesse aproximar discursos escritos em linguagem altamente científica a uma linguagem mais acessível ao público em geral. Para Pasquali (1979, p. 18), autor citado por Zamboni (2001, p. 47), divulgação é “o envio de mensagens elaboradas, mediante a recodificação de linguagens críticas a linguagens omnicompreensíveis, à totalidade do público receptor disponível”. Dito de outra forma, a divulgação científica tem por finalidade difundir conteúdos que circulam em veículos de comunicação restritos aos grupos de especialistas. Na verdade, o objetivo é propagar informações científicas, escrita de maneira compreensível para um grupo amplo de pessoas, constituído tanto por especialistas em outras áreas do conhecimento, quanto por pessoas não dominantes de nenhum conhecimento técnico.

Na continuidade de nossa discussão, Bueno⁷⁸, citado por Zamboni (2001, p. 47) declara que a divulgação científica “pressupõe um processo de recodificação, isto é, a transposição de uma linguagem especializada para uma linguagem não especializada, com o objetivo de tornar o conteúdo acessível a uma vasta audiência”. Com os avanços tecnológicos, a ciência tem-se aproximado do cotidiano das pessoas de forma significativa, por meio, por exemplo, de tutoriais, bulas, catálogos e manuais. E Zamboni (2001), apresenta, mais uma vez, o pensamento de Bueno:

A divulgação científica inclui, para Bueno, o jornalismo científico - identificado, com rigor conceitual, como espécie da divulgação -, os livros didáticos, as aulas de ciências do segundo grau, os cursos de extensão para não-especialistas, as estórias em quadrinhos, os suplementos infantis, folhetos de extensão rural e de campanhas de educação voltadas para determinadas áreas (como saúde e higiene), os fascículos de ciência e tecnologia produzidos por grandes editoras, documentários, programas especiais de rádio e televisão etc. (ZAMBONI, 2001, p. 47).

Como podemos constatar, a divulgação científica também pertence ao universo infantil, porque a criança tem acesso à ciência por meio das obras elaboradas especialmente para elas. A preocupação em sistematizar conceitos em obras destinadas às crianças exige esforços para que o resultado seja alcançado. Faulstich (2013a) constatou essa problemática numa refinada análise da linguagem utilizada pelos especialistas responsáveis pela elaboração da cartilha dos jogos ambientais da Ema 4.⁷⁹ Como vemos a seguir: “[...] mesmo sem perder o valor

⁷⁸ A autora não cita o ano da obra de Bueno, mas indica que o excerto se encontra na página 19.

⁷⁹ Disponível nas livrarias da Embrapa.

informativo e a riqueza de informações, apresenta um texto menos próximo da compreensão infantil e mais próximo do mundo adulto” (FAULSTICH, 2013a, p. 69). A autora constatou essa incongruência ao analisar a definição de lixo: “O lixo é tudo que alguém descarta por não querer mais ou por não perceber uma utilidade imediata. Assim, o lixo é também um resíduo, mas que foi aproveitado” (FERRAZ *et al.*, 2004, *apud*, Faulstich, 2013a, p. 69). Sobre a definição a autora analisa da seguinte forma:

Nessa relação inclusiva de todo-parte, resíduo é um conceito genérico que contém o significado específico de lixo, como um tipo de resíduo. Ocorre que, na fala da criança, o conceito que prevalece é aquele que aparece na primeira afirmativa: “tudo que alguém descarta é lixo”; em outras palavras, “tudo que alguém joga fora é lixo” (FAULSTICH, 2013, p. 69).

A discussão feita por Faulstich (2013a) esclarece a importância de se vulgarizar os textos de forma conveniente ao universo infantil, caso contrário, as obras serão apenas transcritas sem tratamento metalinguístico. Voltando às concepções de Zamboni (2001), a autora, além de caracterizar a divulgação científica, chama atenção para o sentido de partilha social, no ato de propagação de informações do universo científico e técnico, haja vista que, por meio da divulgação, é possível atingir um maior número de pessoas interessadas em conhecer determinado conteúdo. Conforme a autora, em função dos avanços tecnológicos pelos quais o mundo passa, é fundamental que, por intermédio da popularização do discurso científico, atinja as camadas menos favorecidas que se encontram afastadas do mundo letrado. Dada a relevância da ciência para todos os grupos sociais Zamboni (2001, p. 49) argumenta:

[...] é preciso chegar ao homem comum, mantido distanciado e, por isso, alienado do mundo cada vez mais especializado das ciências; e é preciso vencer a “ruptura cultural” instalada entre uma elite à qual se outorgou o direito de saber e uma massa relegada à exclusão do saber (muitos, inclusive, excluídos até da aprendizagem das primeiras letras e da aritmética mais elementar).

O desenvolvimento social vivenciado pela sociedade contemporânea permitiu o acúmulo de conhecimento, com isso em vez das ciências se aproximarem das classes menos favorecidas, ocorreu o inverso, pois os estudos ampliados ao longo dos anos não alcançaram as grandes massas. Por essa razão, a divulgação científica atua como ferramenta na tarefa de partilha social do saber, de vez que, em vários lugares do mundo, a taxa de analfabetismo é elevada. Com isso, a população não tem acesso aos bens de consumo intelectuais, como, por

exemplo, o ato de ler um livro, tarefa tão comum para pessoas que vivem em países desenvolvidos.

Nas palavras de Reis (1967, p. 702), autor citado por Zamboni (2001, p. 49), a divulgação científica compreende uma função educativa, principalmente nos países pobres “com tanta gente sem escola ou precocemente fora dela, porém ávida, de saber, ou de ascender por esse meio”. Tomando por base esse entendimento do autor, a divulgação científica pode ser a porta de entrada para o conhecimento científico, por causa da linguagem acessível empregada pelos divulgadores no ato de transplantar o discurso científico para o discurso popular. Além disso, pode ser uma forma de incluir as pessoas ao mundo da leitura científica e técnica, tão distante daqueles que nunca frequentaram uma escola ou um espaço cultural. Cumpre ressaltar que a realidade, vivida nos grandes centros do mundo, não se equivale à realidade das populações, distantes dos saberes formais.

Segundo Zamboni (2001), se o discurso científico e técnico for redigido por especialistas, a título de exemplo, por um jornalista, o homem comum terá acesso ao conhecimento do qual foi afastado e separado, pois esse especialista utiliza diversos gêneros discursivos, como a paráfrase, o resumo e a resenha para trazer à tona aquilo que, por vezes, está oculto dos olhos da maioria dos falantes. De nossa parte entendemos que, se houver obras terminográficas elaboradas por especialistas em Terminologia e Terminografia, a divulgação científica pelos materiais didáticos, certamente terão linguagem compreensível. Os pressupostos da divulgação científica são de aproximar o discurso científico e técnico das pessoas comuns, o caso específico, dos alunos. Zamboni (2001) adverte que:

Quando ultrapassa o muro da comunidade científica, a “língua” dos cientistas torna-se, para a maioria da coletividade leiga, uma língua estrangeira, necessitando de um “tradutor” que a torne acessível à grande massa de homens comuns, dissociados da elite científica e, portanto, colocados, à margem de um saber cada vez mais técnico, numa sociedade cada vez mais funcionalmente especializada. (Zamboni, 2001, p. 50).

Então, a divulgação científica precisa ser uma aliada no processo de ensino e aprendizagem na escola, desde que o professor faça o papel de divulgador, como o jornalista faz ao apresentar nas matérias jornalísticas o conteúdo científico; e o glossário, nessa perspectiva da divulgação deve ter linguagem objetiva e clara, como subsídio para o aluno sanar as dúvidas. A divulgação científica, portanto, é uma ferramenta utilizada para inserir as pessoas no mundo letrado, tendo em vista que o principal propósito dos avanços das ciências é proporcionar à população bem-estar, e, nesse quesito, a educação deve estar em primeiro lugar

na lista de prioridades das políticas públicas. Como a Terminologia preenche os conteúdos dos currículos escolares, faz-se necessário a discussão desse fenômeno para a aplicação em uma obra terminográfica. Após as considerações acerca do conceito e da função social da divulgação científica, passamos ao empreendimento desse recurso metalinguístico para as crianças. Na próxima seção, mencionaremos os níveis de análise para a divulgação científica do discurso conceitual de termos para o público infantil.

4.6.1 A divulgação científica no discurso conceitual de termos para o público infantil

Conforme discutimos na seção anterior, a divulgação científica é um fenômeno recorrente no que se refere à elaboração de materiais didáticos e paradidáticos para as crianças. Nesse seguimento, Zamboni (2001) apresenta uma análise do texto *O mistério das tartarugas roubadas*, escrito especialmente para crianças, publicado na revista *Ciências Hoje*, do cientista Cléber J. R. Alho, um estudioso das tartarugas da Amazônia. A autora analisa esse texto, com base em três níveis de análise: organização textual, sintaxe e vocabulário, seguindo a metodologia de Myers (1994).⁸⁰ Interessa-nos, aqui, comentar a análise feita sobre o vocabulário.

Segundo Zamboni (2001), o vocabulário está centrado em termos do cotidiano, provenientes da linguagem familiar do dia a dia. Para explicar os termos utilizados na narrativa, a pesquisadora afirma que o cientista quebra o fluxo do texto para explicar o significado, como acontece com o excerto, a seguir:

Em janeiro do ano passado, fiz uma viagem até a reserva biológica do Rio Trombetas, no Pará, para acompanhar o nascimento das novas tartaruguinhas. *Reserva é uma área de que o governo toma conta para assegurar a conservação de certas espécies animais e vegetais, consideradas raras*” (ZAMBONI, 2001, p. 127. (grifo da autora).

Para Zamboni (2001), a explicação é um recurso metalinguístico essencial porque torna o texto destinado às crianças mais didático de fácil compreensão. Fora esses recursos, a autora finaliza com destaque para a conotação, como um mecanismo metalinguístico, assim

⁸⁰ “Esse autor, que examinou as diferenças linguísticas em textos científicos e popularizados na área da biologia molecular, defende que muitas dessas diferenças podem ser descritas em termos de narrativas subjacentes contrastivas, que veiculariam duas visões de ciência contrastantes entre si. Os artigos científicos criam o que ele chama de narrativa da ciência: eles seguem o argumento do cientista, organizam o tempo em séries paralelas de eventos simultâneos e enfatizam na sintaxe e no vocabulário a estrutura conceitual da disciplina. Os artigos popularizados, por sua vez, apresentam o que ele chama de narrativa de natureza, na qual o assunto é uma planta ou um animal, e não a atividade científica em si mesma. A narrativa é cronológica e a sintaxe e o vocabulário enfatizam a exterioridade da natureza em relação às práticas científicas” (ZAMBONI, 2001, p. 125).

considerado por ela na análise do texto do cientista. Mais dois fragmentos, servem exemplo: “Escolhido o local, a tartaruga faz um buraco de mais ou menos 60 centímetros de profundidade [...]. O fundo do buraco fica liso *que nem tigela*”. (ZAMBONI, 2001, p. 127). “Cada tartaruga pode botar mais de cem ovos de uma vez, todos redondos como bola de *pingue-pongue*” (ZAMBONI, 2001, p. 127).

Como visto, a divulgação científica, situa os objetos no texto. Nesta pesquisa, o mecanismo será aplicado à terminografia para crianças. Seguimos Zamboni (2001) e elegemos quatro níveis de análise semelhantes aos selecionados pela autora, a saber: discurso, semântica, gramática e léxico, que desenvolveremos a seguir.

4.6.1.1 Discurso

O discurso é o sistema da língua responsável pelo uso dos enunciados nas distintas esferas da comunicação, ou seja, é o sistema que ordena as categorias e as subcategorias organizadas no *lexicon mental*, com a intenção de haver comunicação entre o locutor e o interlocutor. Acrescente-se ainda que o discurso não se forma de estruturas linguísticas arbitrárias, mas sim de lexemas ou termos já instituídos na sociedade, por isso, quando os falantes interagem, precisam estar imersos num campo discursivo, para garantir a comunicação eficaz, e, dessa forma, dar ao discurso o sentido quando expresso em espaços sociopragmáticos marcados, Castilho (2014, p. 133) afirma que:

O discurso é aqui entendido como o conjunto de negociações em que se envolvem o locutor e o interlocutor, através das quais (i) se instanciam as pessoas de uma interação e se constroem suas imagens; (ii) se organiza a conversão através da elaboração do tópico discursivo, dos procedimentos de ação sobre o outro ou de exteriorização dos sentimentos; (iii) se reorganiza essa interação através do subsistema de correção sociopragmática; ou (iv) se abandona o ritmo em curso através de digressões e parênteses, que passam a gerar outros centros de interesse (CASTILHO, 2014, p. 133).

Para Martelotta (2011, p. 58), o discurso é “o uso criativo da língua nos diferentes contextos da comunicação”. Nesta perspectiva, é por meio do discurso que o falante se relaciona com o outro nas situações comunicativas, para isso, não basta somente conhecer os fonemas, os morfemas e a estrutura dos sintagmas, mas também ajustar a gramática ao contexto onde está inserido. Em vista disso, para cada ato comunicativo, é necessário expressar-se de uma determinada forma, com o intuito de se encaixar nos padrões linguísticos estabelecidos socialmente, porque a efetivação do discurso exige o envolvimento de aspectos linguísticos e extralinguísticos. Assim, na escola o estudante conhecerá os diversos discursos que formam as

terminologias e aprenderá que cada área do conhecimento é designada por termos específicos que caracterizam a funcionalidade da linguagem de especialidade.

Nesta Tese, a divulgação científica do nível discursivo se dará na escrita do texto definitório do glossário, uma vez que utilizaremos recursos metalinguísticos, como frases curtas e explicações para facilitar o entendimento do aluno no processo de aprendizagem dos conceitos científicos. Além disso, empregaremos letras grandes e coloridas para marcar os termos-entrada, sistema de remissivas por meio dos *hiperlinks*, ilustrações e estruturação de campo lexical. Posto isso, pretendemos demonstrar que o discurso terminológico é o uso criativo do verbete, pois esse elemento do glossário descreve e explica o uso pragmático do termo, seja por meio da definição, seja por meio do contexto de ocorrência.

4.6.1.2 Semântica

A semântica integra o estudo do significado interno da estrutura do lexema. No pensar de Lyons (1987⁸¹, p.115): “A semântica é o estudo do significado das palavras, das frases e dos enunciados”. Castilho (2014, p. 122) observa que “a semântica é o sistema através do qual criamos os significados” (2014, p. 122). Dentro desse contexto, Abreu (2012, p. 524) explica:

Em linhas gerais, os autores dizem que certos formativos eruditos – geralmente prefixos greco-latinos ou elementos de composição neoclássica –, apesar de não figurarem autonomamente na cadeia sintagmática, apresentam autonomia semântica, mas não funcionam como uma forma livre.

Os formantes gregos e latinos, formantes de termos em línguas românicas possuem o mesmo significado, considerando o princípio de que o discurso terminológico científico prima por uma padronização dos conceitos. Assim, o significado do termo *biologia* na escrita científica é o mesmo, pois o significado linguístico está no étimo do grego. Seguindo o pensamento de Abreu (2012), mencionamos que o significado de um termo com formativo erudito depende do significado de seus formativos constituintes na composição sintagmática, mas o significado dos formantes não dependerá do significado do discurso em que aparecem.

Na nossa pesquisa, nos interessa discutir o signo linguístico em sua completude, visto que o significante dos termos com formativos eruditos se compõe de formativos gregos e latinos e, estes, por sua vez, contêm significados cristalizados. Apreendemos por significado a parte do signo linguístico, que juntamente com o significante, forma o signo linguístico

⁸¹ A primeira versão em Língua Inglesa foi publicada em 1981.

(SAUSSURE, 2012). Henriques (2011, p. 9) assim interpreta Saussure acerca das duas faces do signo: “O significante é o dado concreto do signo, a sua realidade material, tanto do ponto de vista sonoro quanto gráfico. Já o significado é o dado imaterial, conceitual do signo, algo que remete a uma representação mental provocada pelo signo”.

O significado é imaterial, porque não é constituído de matéria, mas, sim de uma representação abstrata, conceitual, mental, portanto, não é palpável. O significante é material porque tem uma face acústica e uma face gráfica. Em vista disso, ambos são dependentes porque o significado sem o significante é semelhante a um computador sem *software*, ou ainda, é semelhante a uma internet sem computador. Numa perspectiva mais prática, podemos dizer que com frequência utilizamos os parâmetros da semântica no cotidiano, pois geralmente procuramos compreender o que significam palavras usadas nos discursos.

Em nossa pesquisa, a divulgação científica, do nível semântico, corresponde à descrição dos significados dos formantes eruditos na estrutura do verbete, porque se o estudante conhecer os sentidos desses elementos poderá aprender novos termos que tenham o mesmo formante, e poderá ter uma aprendizagem mais eficiente dos termos constituídos pelos elementos eruditos.

4.6.1.3 Gramática e Léxico na Terminologia

O sistema gramatical é fechado, do ponto de vista da mudança linguística, quando comparado ao sistema que recebe influência direta dos falantes. O domínio da gramática pelo falante está condicionado ao pleno uso das estruturas nos reais espaços de interação. Com relação a essa questão, Martelotta (2011, p. 56) certifica que: “A habilidade linguística do falante é, então, vista como constituída das regularidades no processamento mental da linguagem em situações de uso”. Por conseguinte, o falante busca no sistema linguístico formas que se adequem ao ato comunicativo que contenham termos científicos. Assim, se os estudantes entenderem que as terminologias clássicas são formadas por elementos compostos, adquirirão novos termos, já que os formantes se repetem numa diversidade de termos, na maioria das vezes, com o mesmo significado semântico. A formação linguística de termos é pouco explorada pelos proponentes de glossários, principalmente para crianças; nesse aspecto, esperamos que o modelo de glossário proposto contribua para a aquisição do conhecimento lexical, gramatical e semântico de expressões linguísticas de natureza erudita.

Visto que há falhas na informação científica nos materiais didáticos que descrevem o léxico terminológico, conduzimos nossa pesquisa para recuperar o valor gramatical e semântico

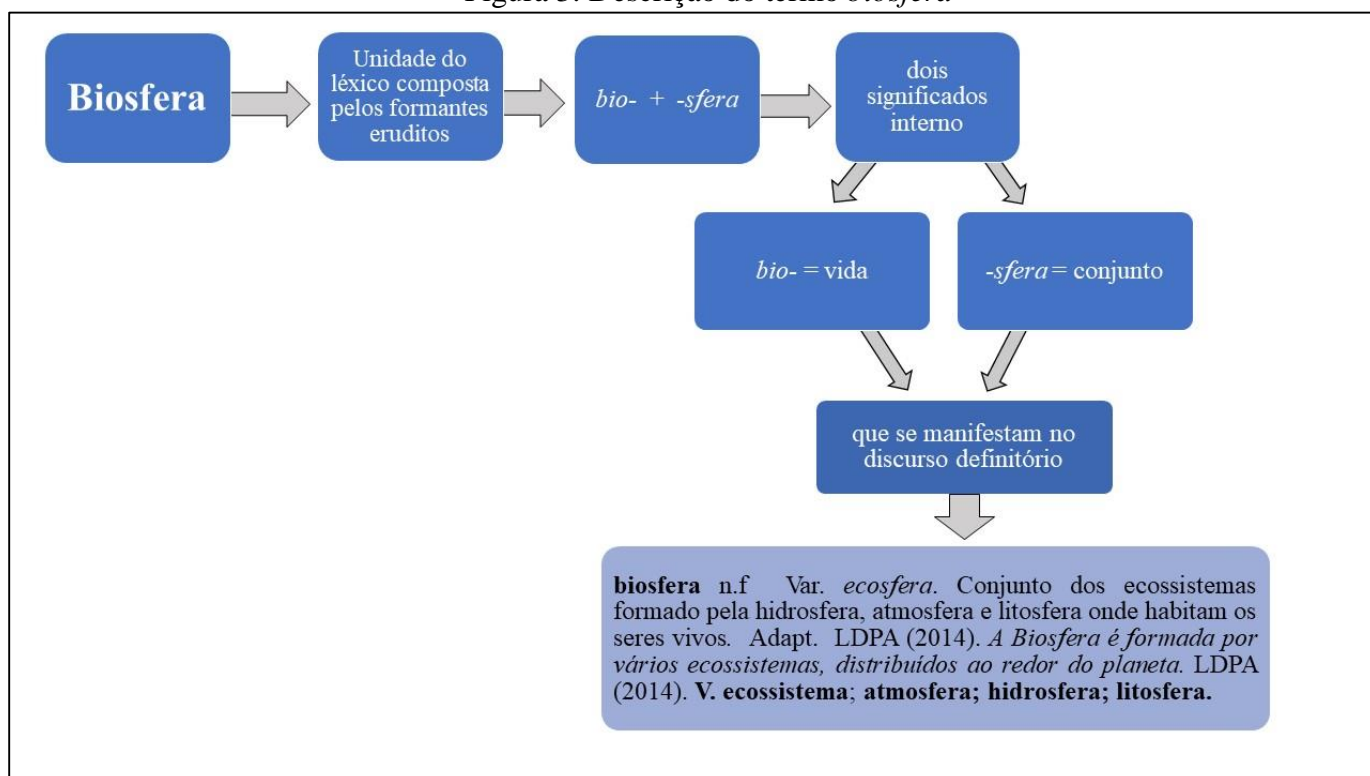
dos termos com formativos eruditos. Para isso, a inspeção no passado se faz necessária, por isso, é pertinente dizer que no ato de divulgação científica dos termos com formativos eruditos para crianças, a intenção é mostrar que as estruturas linguísticas com formantes greco-latino carregam um significado semântico que deve ser buscado na etimologia das palavras. Portanto, conhecer o étimo da palavra é uma estratégia de linguagem que demonstra que as categorias cognitivas presente no léxico, que muitas vezes se tornam *opacas*, são detentoras de significados, razão pela qual o inventário linguístico não é totalmente arbitrário, mas também motivado, especialmente pelos formantes dos termos.

Mediante esse raciocínio, a divulgação científica do nível lexical decorrerá do uso de vocabulário mais próximo da realidade linguística dos estudantes no ato da sistematização da escrita da definição terminológica, como será explicitado no capítulo 6. Merece comentários, na finalização desta parte, a divulgação científica do ponto de vista linguístico.

4.6.2 A divulgação científica do ponto de vista linguístico

Do ponto de vista linguístico, consideramos não só a relação binária do signo linguístico, significante e significado, mas também as funções pragmáticas. Isso porque as definições dos dicionários de língua comum, não seguem critérios e padrões linguísticos que satisfaçam o grau de abstração dos estudantes do 6º ano do EFII, conforme observamos no capítulo 2. Faulstich (2011, p. 191) adverte que: “Em cada unidade do verbete, o autor [de uma obra] reúne as informações de gramática e de léxico que descrevem a entrada, de forma que o leitor tenha, naquela estrutura mínima, o máximo de informação”.

Desse ponto de vista, a definição é a parte mais importante de um verbete, porque descreve as propriedades conceituais das unidades lexicais, de modo que o leitor do dicionário ou glossário compreenda o significado do objeto descrito. Com esse pressuposto, entendemos que o ensino de terminologias, principalmente, que contenham expressões linguísticas greco-latinas, deve se sustentar num modelo que considere a compreensão linguística do termo, como reunimos no mapa conceitual que segue.

Figura 3: Descrição do termo *biosfera*

Esse esquema explicita que os formantes eruditos se encontram no léxico, constituídos por formantes grego e latino; a justaposição dos formantes padroniza a unidade linguística, com significado que se manifesta no discurso. O elaborador de dicionário didático deve, antes de tudo, decompor em partes termos que contenham mais de um elemento de formação para que ele próprio entenda os significados e possa, depois disso, compor a definição adequada à compreensão do aprendiz.

Com relação à composição do verbete, Faulstich (2014, p. 378) também explica que “a entrada é um signo cuja compreensão dá-se por meio de uma paráfrase que interpreta, no mundo exterior, o que o signo quer dizer. Nestes termos, a linguagem descritora é responsável pela compreensão do conceito que faz a ponte do significado entre a entrada e definição”. O terminógrafo, ao escrever a definição de um glossário especializado, necessita ter conhecimento da linguagem científica, caso não tenha, a pesquisa em bons livros da área facilita a compreensão do conceito, além de consultar o especialista da área para validar o conteúdo semântico da definição proposta.

Neste trabalho, a escrita de definições vulgarizadas segue princípios linguísticos precisos, a fim de que o leitor possa aprender as linguagens terminológicas que, no dia a dia está a nossa disposição, em razão da dinamicidade do mundo científico. Daí a importância da boa definição, da representação do signo linguístico. A linguagem, empregada nas definições

dos termos científicos e técnicos do DAJ (2011) e do DA (2004), mostra-se complexa para o nível linguístico do estudante do EFII, sobretudo, dos alunos do 6º ano, por causa da falta de critérios na composição do verbete.

Concernente à escrita da definição, Faulstich (2011, p. 187) esclarece: “Se o dicionário tiver crianças como público-alvo, as informações devem ser breves porque, também, o verbete é mais sucinto”. Por essa razão, procedemos à um redimensionamento do texto definitório, com o intuito de atender às singularidades do público-alvo. Desse modo, o glossário desenvolvido busca preencher parte dessa lacuna, com o propósito de ofertar aos estudantes um material de forma sistêmica para facilitar a aprendizagem de terminologias. Na próxima seção, enfatizaremos o redimensionamento do texto definitório.

4.6.3 Redimensionamento do texto definitório

Do ponto de vista social e linguístico, as definições dos termos com formativos eruditos em dicionários e glossários estão padronizadas para atender ao nível de aprendizagem de estudantes do EFII porque observamos que a linguagem descritora das definições do DAJ (2011) não está adequada à faixa etária, do 6º ano. Apesar de esse dicionário ser direcionado para esta etapa do ensino, apresenta uma linguagem mais próxima do universo adulto.

Ademais, a motivação social para a realização desta pesquisa encontra-se na ausência de materiais terminográficos adequados para crianças. Embora no Brasil haja dicionários infantis que contenham termos científicos, estes não são suficientes para sanar as particularidades linguísticas que a aprendizagem exige. Em razão disso, é indispensável a elaboração de obras lexicográficas e terminográficas concebidas, especialmente, para estudantes de diferentes anos de escolaridade, visto que, “por ter curiosidade por palavras e significados, a criança precisa ser motivada a consultar os dicionários [glossários], para que, também, desenvolva o espírito crítico em torno da gramática do léxico e dos significados” (FAULSTICH, 2013a, p. 80).

Nesse sentido, o glossário atua como um instrumento facilitador que promove o conhecimento especializado, com o propósito de satisfazer as perspectivas do mundo científico, técnico e tecnológico, à medida que a sociedade eleva o índice de letramento. Esses fatos justificam a elaboração de glossários especializados para estudantes da Educação Básica. O componente curricular *Ciências da Natureza* faz parte do currículo, desde o EFI, contudo é a partir do 6º do EFII que se estuda essa unidade numa perspectiva científica, e é nessa fase que o indivíduo processa os conceitos dos termos específicos.

Diante dessas considerações, justificamos a sistematização de um glossário com os termos da disciplina *Ciências da Natureza*, por não haver glossários terminológicos de termos com formativos eruditos para os estudantes do EFII. Nesta perspectiva, o glossário é uma ferramenta que possibilita ao estudante pesquisar os conceitos científicos, por ser um suporte para divulgação científica. Nessa direção, Faulstich (2013a, p. 61) argumenta que

na contemporaneidade, os recursos tecnológicos avançados dão praticidade e dinamismo à vida, independentemente da faixa etária. Como resultado, crianças e adultos acompanham as mudanças do mundo e acrescentam ao vocabulário a terminologia da ocasião. (FAULSTICH, 2013a, p. 61).

Com os avanços tecnológicos, as terminologias se aproximaram dos leitores, uma vez que a difusão do conhecimento aumentou significativamente. Hoje, existem políticas linguísticas que promovem a elaboração de livros didáticos, livros de literatura, além de dicionários escolares, conforme a faixa etária do usuário. No entanto, vale destacar que, embora haja políticas linguísticas dessa natureza, são necessários profissionais especializados para a elaboração de obras lexicográficas e terminográficas.

4.7 Síntese do capítulo

Um glossário escolar para o 6º ano do EFII deve apresentar as funções de atender às peculiaridades do público-alvo, com base em projetos bem estruturados. Projetos corretos consideram a linguagem que fazem parte das conversas do cotidiano também de crianças que usam o discurso terminológico no cotidiano. Um glossário bem elaborado expõe pressupostos da divulgação científica, uma vez que o léxico é de compreensão mais difícil; nesse caso os procedimentos metodológicos precisam estar bem claros num material didático que fundamentará a compreensão. A seguir, apresentaremos a metodologia da pesquisa.

CAPÍTULO 5

METODOLOGIA DA PESQUISA

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, descrevemos os procedimentos metodológicos que conduziram a pesquisa. O capítulo está organizado em quatro seções, com o propósito de sistematizar as técnicas empregadas na recolha dos dados. Na primeira, apresentaremos a justificativa da escolha do público-alvo. Na segunda, delinearemos os procedimentos adotados para a seleção dos termos formados por elementos eruditos e dos contextos de ocorrência, com destaque para os critérios empregados para a seleção dos dados, bem como para a recolha de conteúdo terminológico para a elaboração das definições. Na terceira seção, explicaremos como utilizamos os compêndios gramaticais da língua portuguesa e os dicionários da consulta para coleta dos significados dos formativos eruditos. Por fim, na quarta seção, sintetizaremos os aspectos tratados neste capítulo.

5.1 Delimitação do público-alvo

A seleção do público-alvo é uma das principais decisões assumidas pelo pesquisador, ao elaborar um glossário terminográfico. A elaboração considera a linguagem a ser utilizada na escrita da definição, a escolha do suporte de divulgação (digital ou impresso), a feitura do *layout*, em que os termos serão transcritos e as idiossincrasias do público-alvo. Sobre este último aspecto, Faulstich (1995a, p. 21) afirma que “o usuário é uma boa pista para a seleção da área de conhecimento a ser sistematizada, porque é ele quem denuncia a falta de documentos de referência dos quais precisa para ampliar seus conhecimentos”. Essa tomada de decisão interfere não só no conteúdo linguístico e extralinguístico veiculado nos glossários, mas também na tipologia e na estrutura de obras terminográficas.

Quando Faulstich (1995b) refere o público-alvo e as especificidades linguísticas destes, como ponto de referência para a elaboração de obras terminográficas, nós seguimos esse raciocínio para dar o correto tratamento da linguagem do leitor infantil. Do ponto de vista social e cultural, a criança adquire não somente o vocabulário cotidiano, mas também os termos especiais como atesta Faulstich (2013a, p. 80): “criança usa terminologia no dia a dia, seja nas línguas orais, seja nas línguas visuais, porque não existe língua sem vocabulários de língua comum e de linguagens de especialidade”. De fato, a linguagem científica e técnica é uma

realidade no desenvolvimento social e linguístico da criança, em razão dos multiletramentos experienciados pelos pares infantis, por meio dos livros didáticos e paradidáticos, revistas, televisão e mídias digitais.

Posto isso, justificamos a delimitação do público-alvo desta Tese, que é do 6º ano do EFII, com idade de 10 a 12 anos, conforme declara a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências, Título I, Art. 2º: “[...] considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”. Essa Lei nos dá amparo para designar ‘criança’ o público para quem se destina o glossário aqui elaborado.

5.2 Constituição da terminologia

As pesquisas na área da Terminologia exigem a formação de um banco de dados concernente à alguma área do conhecimento. Para realizar uma pesquisa nessa perspectiva, faremos o levantamento dos termos com formativos eruditos nos livros didáticos da disciplina Ciências da Natureza, empregados pelos estudantes do 6º ano do EFII, não só pela pertinência científica do tema, mas também pelos aspectos morfológicos envolvidos na constituição lexical daqueles termos. Assim, com o propósito de coletar as unidades terminológicas e com a finalidade de elaborar o glossário a ser proposto nesta Tese, definimos os padrões estruturais que guiaram a organização e a análise dos termos selecionados, conforme se vê a seguir.

5.2.1 Padrões estruturais utilizados para a seleção dos dados

Os padrões estruturais para a seleção dos dados foram eleitos, em conformidade com a descrição do capítulo 3. Em síntese, retomamos Basílio (1987), Villalva (1996), Alves (2007) e Cunha & Cintra (2008) acerca dos mecanismos morfológicos dos termos constituídos por formativos eruditos, como resumimos a seguir:

- i) prefixo + base presa (*epífito*)
- ii) prefixo + base livre (*microrganismo*)
- iii) base presa + sufixo (*glicose*)
- iv) base presa + base presa + sufixo (*geocentrismo*)
- v) base presa + base presa (*ecologia*)
- vi) base presa + base presa + base livre (*biogeocenose*)
- vii) base presa + base livre (*geofísica*)

viii) base presa + base presa + base presa (*paleontologia*)

Esses padrões evidenciam que os formativos eruditos operam de maneira bastante dinâmica na língua portuguesa. A razão pela qual adotamos esses padrões como norteadores para a organização dos termos se dá em função de um dos objetivos dessa Tese, que é o de avaliar os significados veiculados pelos formativos eruditos, com o intuito de elaborar uma microestrutura que reflita os aspectos semânticos e pragmáticos desses constituintes para consulescentes em fase de aprendizagem escolar. Os critérios foram instituídos pela complexidade dessas unidades linguísticas, com plena circulação no discurso formal, porém, com compreensão limitada, tendo em vista que o conhecimento dos significados veiculados pela maioria dos formativos eruditos se restringe aos especialistas. Com base nos critérios propostos, prosseguimos com a coleta dos termos e dos contextos de ocorrência.

5.2.2 Coleta dos termos e dos contextos de ocorrência

O levantamento de dados ocorreu em quatro fases: (i) identificação dos livros didáticos utilizados nas aulas ministradas pelos professores de Ciências da Natureza; (ii) leitura dos livros didáticos; (iii) extração dos candidatos a termos, de forma manual; e (iv) extração dos candidatos a termos, por meio do programa *Lexico 3*. A recolha dos dados foi feita com o objetivo de compor o *corpus* definitivo da pesquisa.

A primeira fase, que denominamos *Identificação dos livros didáticos utilizados nas aulas ministradas pelos professores de Ciências da Natureza*, ocorreu no primeiro semestre de 2017. Inicialmente, fizemos uma busca no site do PNLD, a fim de verificar os livros utilizados na disciplina Ciências da Natureza. Esse programa, criado em 1985, pelo Ministério da Educação, consolidado pelo Decreto nº 7.084 de 27/01/2010, tem o intuito de distribuir livros didáticos, dicionários e outros tipos de materiais educativos, gratuita e regularmente.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) determina que “a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (LDBEN nº 9394/96, art. 22º). Nesse sentido, o PNLD busca ofertar às escolas públicas brasileiras livros didáticos atualizados, conforme a necessidade política, econômica, social, cultural e científica da sociedade contemporânea.

Por isso, a cada triênio é enviado às escolas um conjunto de livros para que os professores de suas respectivas áreas elejam qual livro didático será adotado. Segundo o Fundo

Nacional do Desenvolvimento da Educação (FNDE, 2017), o volume escolhido pela escola é utilizado durante um período de três anos, sendo que, no início do ano, os alunos devolvem os livros à escola no ato da matrícula, com o propósito de que outro aluno possa reutilizá-los. Feita a identificação, fomos a uma escola pública em Sobradinho – DF para ter acesso aos livros didáticos ofertados pelo PNLD, do triênio 2017, 2018 e 2019.

Como nem todas as escolas do Brasil escolhem os mesmos livros didáticos, decidimos desenvolver nosso projeto nos sete livros, que serão descritos a seguir. Estas obras, muitas vezes, são a única fonte de estudo das crianças, por isso preferimos fazer o levantamento e a análise das expressões contidas não apenas em um único volume. A escolha desses recursos didáticos aconteceu em razão da farta quantidade de termos com formativos eruditos.

Feita a identificação do material de coleta, passamos à segunda fase, que designamos *Leitura dos livros didáticos*. De início, lemos os sete livros didáticos de forma minuciosa, com o objetivo de verificar as ocorrências de unidades terminológicas formadas por elementos eruditos.

Após a leitura dos livros, partimos para a terceira fase, que chamamos *Extração dos candidatos a termos*, de forma manual, conforme os critérios descritos na seção 5.2.1. Optamos por esse critério porque os livros didáticos apresentam uma vasta terminologia; no entanto, nosso foco, nessa investigação, foi somente o levantamento dos termos constituídos por formativos eruditos.

O livro didático *Investigar e Conhecer - Ciências da Natureza* (ver figura 4), de acordo com orientações disponíveis na apresentação, tem o objetivo de mostrar para o estudante a importância dos fenômenos físicos e químicos responsáveis por influenciar a vida no planeta, bem como evidenciar as relações dos seres vivos entre si com o meio ambiente. Além disso, tem o propósito de formar não só um estudante com capacidade para investigar os fenômenos da natureza e da vida humana, mas também de ser um cidadão capaz de preservar os recursos naturais, diante da diversidade cultural, étnica, religiosa e de gênero.

O livro se divide em sete unidades subdivididas em capítulos. De forma geral, o livro apresenta termos relacionados à astronomia, ao planeta Terra, ao solo, à água, à hidrosfera, à atmosfera e aos fenômenos atmosféricos. No que concerne à configuração da obra, os capítulos são compostos de textos, figuras, exercícios e propostas de experimentos científicos. Todavia, a autora não expõe miniverbetes ao lado do texto para explicar os termos formados por elementos eruditos, nem um miniglossário no final do livro didático.

Figura 4: Livro didático - Investigar e conhecer



Fonte: (LOPES, 2015).

O livro didático *Tempo de Ciências - Ciências da Natureza* (ver figura 5), de acordo com as indicações descritas na apresentação, foi elaborado com o propósito de estimular a curiosidade, a “[...] capacidade de observar, experimentar, questionar e buscar respostas e explicações sobre os astros, o ambiente, os seres vivos, seu corpo e tantos outros fatores e fenômenos que fazem parte do mundo” (Tempo de ciências 6/ Editora Brasil, 2015, s.p.).

O livro está dividido em oito temas, que se subdividem em capítulos. Ele contém termos constituídos por formativos eruditos relacionados ao universo (astronomia, planetas, sistema solar, movimentação da terra, lua – satélite natural da terra, astronomia e os avanços científicos e tecnológicos); à água (estados físicos da água, mudança de estado físico, água no planeta, pressão e flutuação, propriedades da água, hidrosfera, ambientes aquáticos, a água e a vida humana, entre outros); ao ar (composição e importância do ar – gás nitrogênio, gás oxigênio, gás carbônico, fotossíntese, composição do ar e pressão atmosférica); à atmosfera (atmosfera terrestre, fenômenos atmosféricos); aos fenômenos climáticos (meteorologia); e ao solo (a estrutura do planeta terra, rocha e minerais, a formação do solo, tipos de solos, solo e erosão, degradação do solo). Ainda no que se refere à estrutura da obra, os capítulos contemplam textos, figuras, atividades e experimentos, além de destacarem em negrito alguns dos termos formados por elementos eruditos. Contudo, não há definições nem em nota de rodapé, nem ao lado da página dos textos.

Figura 5: Livro didático - Tempo de Ciências



Fonte: (PASSOS, SILLOS, 2015).

O livro didático *Ciências* (ver figura 6), nas orientações expostas na apresentação, não menciona o objetivo da obra, mas declara a importância da obra para a formação do estudante, que transcrevemos aqui: “Aprender Ciências é conhecer algumas das explicações que já foram apresentadas pelos cientistas e maneira de agir que levam à compreensão da natureza. É também aprender a relacionar causa e efeito, buscar evidências que nos ajudem a explicar fenômenos [...]” (TRIVELLATO JÚNIOR *et al.*, 2015, s.p.). O conteúdo do livro está dividido em nove unidades, que se subdividem em capítulos. No que diz respeito ao conteúdo dos capítulos, o volume da obra evidencia termos com referência à água no ambiente, água – tratamento e saúde, solo, rochas e minerais, solo, os organismos e os resíduos sólidos, o ar: propriedades e movimentos, atmosfera terrestre e tecnologia, atmosfera e poluição do ar, movimentos da Terra e o sistema solar. A obra se compõe de textos, figuras, atividades, propostas de experimentos, projetos e textos complementares de natureza científica. É importante salientar que alguns dos termos formados por elementos eruditos aparecem em negrito e com definições ao lado do texto.

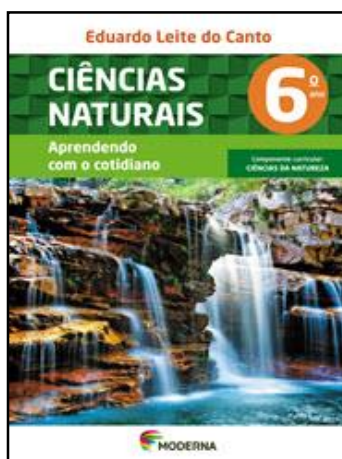
Figura 6: Livro didático - Ciências



Fonte: (TRIVELLATO, 2015).

O livro didático *Ciências Naturais: aprendendo com o cotidiano* (ver figura 7) também não apresenta os objetivos, porém, na carta destinada ao estudante, o livro indica recomendações gerais, entre as quais listamos: “procure desenvolver, a cada dia, o gosto pela leitura e pelo estudo; São atividades prazerosas; Consulte um dicionário toda vez que aparecer uma palavra, cujo significado você não conheça; O dicionário é um grande companheiro de quem estuda” (CANTO, 2015, s.p.). O livro é composto de 6 unidades, que, por sua vez, se dividem capítulos. Cada capítulo abriga termos relacionados aos fatores vivos e fatores não vivos presentes no ambiente: produtores e consumidores, produtores, decompositores, solo, alimentos, água, lixo, propriedades do ar, principais gases que compõem o ar, o caminho da água na natureza, geladeiras, chaminés e balões de ar quente, e, por fim, previsão do tempo. Os capítulos se constituem de textos, figuras, mapas conceituais, atividades, textos complementares com teor científico; outrossim, parte dos termos constituídos por elementos eruditos estão destacados em negrito e com orientação para pesquisar no dicionário.

Figura 7: Livro didático - Aprendendo com o cotidiano



Fonte:(CANTO, 2015).

O livro didático *Para Viver Juntos - Ciências da Natureza* (ver figura 8) tem o objetivo de “[...] [fundamentar] alguns ramos das ciências, como o estudo dos seres vivos, das relações que estabelecem entre si e com os ambientes que ocupam, e o estudo da constituição de nosso planeta e do lugar no Universo”. O livro divide-se em nove módulos que abrigam temas concernentes à água (estados físicos e propriedades), água e os seres vivos, água na natureza, estrutura da Terra, rochas e o solo, solo e ser humano, atmosfera, ar e seres vivos, biomas brasileiros e terra no sistema solar. Os módulos apresentam textos, figuras, atividades e propostas de pesquisa, ademais destacam em negrito a maioria dos termos formados por elementos eruditos; no entanto, não dispõem de definição ao lado da página, nem em nota de rodapé.

Figura 8: Livro didático - Para viver juntos



Fonte: (CATANI, 2015).

O livro didático *Projeto Araribá – Ciências* (ver figura 9) tem o objetivo de incentivar “[...] a pensar com qualidade, a criar bons hábitos de estudo e a ser um cidadão bem preparado para viver e cuidar do planeta” (Projeto Araribá – Ciências, 2014, s.p.). Apesar de não apresentar objetivo específico para o estudo das ciências, este, por sua vez, lança mão de algumas perguntas, com vistas a questionar o estudante, a saber: “Como a ciência funciona? Será que os cientistas têm sempre certeza de tudo? Como eles trabalham? Como é feita uma pesquisa? É fácil fazer descoberta científica? Só os cientistas fazem ciências?” (Projeto Araribá – Ciências, 2014, s.p.). O livro se divide em oito unidades, subdivididos em temas que abrigam termos constituídos por formativos eruditos com relação ao ambiente, aos biomas, à estrutura da Terra, ao solo, à água, à atmosfera, à astronomia. Os temas das unidades são formados de textos, figuras, atividades, mapas conceituais, experimentos e propostas de pesquisa; a maioria dos termos formados por elementos eruditos está escrita em negrito e alguns estão alocados ao lado da folha do texto com a definição, em forma de glossário.

Figura 9: Livro didático - Projeto Araribá



Fonte: (CARNEVALLE, 2014).

O livro didático *Projeto Teláris - Ciências Planeta Terra* (ver figura 10) tem o objetivo de proporcionar o conhecimento das “[...] características da Terra e de seus recursos e descobrir como cada um de nós pode contribuir para preservar o planeta” (Projeto Teláris, 2014, p. 3). Além disso, menciona, de forma genérica, o conteúdo a ser estudado no 6º ano do EFII, quais sejam, rochas, solo, ar, água, seres vivos, com destaque para a importância da preservação dos recursos naturais, uma vez que a humanidade depende desses recursos para sobreviver no Universo. O livro contém quatro unidades, distribuídas no total em 17 capítulos, que versam acerca da ecologia, a teia alimentar, as relações entre os seres vivos, o planeta terra, rochas e

minerais, solo, lixo, água, atmosfera, dentre outros. Cada capítulo se constitui de textos, figuras, exercícios, experimentos, textos suplementares de cunho científico, adaptados de manuais científicos, indicação de sites de teor científico, os termos constituídos por formativos eruditos, além de estarem em negrito, alguns são acompanhados de verbetes, ao lado do texto na folha, e, ao final, o livro dispõe de um glossário para alguns dos termos formados por elementos eruditos.

Figura 10: Livro didático - Projeto Teláris



Fonte: (GEWANDSZNAJDER, 2015).

Para a coleta dos termos com formativos eruditos, seguimos a pesquisa nesses livros; em seguida, os termos foram reunidos no programa *Excel* em ordem alfabética, para posterior sistematização dos campos lexicais. Os contextos que acompanham os verbetes foram extraídos dos livros por apresentarem uma escrita acessível aos usuários infantis. Estas obras contêm uma linguagem mais direta e objetiva, já que os leitores são crianças que estão inseridas em diversas classes sociais. Cabe destacar que os livros didáticos são elaborados por especialistas formados nas áreas de Biologia, Ciências Naturais, Engenharia Florestal, Engenharia Ambiental, entre outras áreas que estudam o Meio Ambiente, conforme se observa no minicurriculo que consta nos livros. Ao fim da coleta manual dos dados, identificamos 114 termos, porém sabemos que a realização de um trabalho de natureza terminológica sem o auxílio de ferramentas tecnológicas não transmite confiabilidade à base de dados, pois de acordo com Monteiro (1991) o levantamento de dados manual pode sofrer intercorrências, em função de lapso de memória e cansaço mental. Por esse motivo, utilizamos o programa *Lexico 3*, que será descrito na quinta fase. Após a utilização desse *software*, acrescentaram-se 46 termos novos que não constavam na lista coletada anteriormente, o que confirma a importância do uso de ferramentas telemáticas

para uma maior confiabilidade e inteligibilidade dos resultados obtidos, como destaca Bowker e Fisher (2012, p. 1) *apud* em Alberts-Franco (2015, p. 184):

developments have permitted such improvements in productivity, quality, and accessibility that it has become virtually unthinkable for those carrying out terminological research not to take advantage of the wide range of electronic resources and tools available to them.⁸²

Listamos, a seguir, os 114 termos, encontrados manualmente mais os 46, identificados por meio do programa *Lexico 3*, que somou um total de 160 termos. Destacamos que o programa confirmou os dados que foram identificados de forma manual. Desse conjunto de 160 termos, serão descritos apenas 87 entradas no glossário. Ressaltamos que alguns dos termos listados já entraram prontos na língua portuguesa, por meio de outras línguas, como, por exemplo, o francês e o italiano, no entanto, os componentes morfológicos são de origem grega e latina.

Quadro 54: Lista dos termos com formativos eruditos recolhidos dos livros didáticos

1. aeróbio
2. aeronave
3. aerossol
4. agricultor
5. agricultura
6. agroecossistema
7. agronegócio
8. agronomia
9. agrônomo
10. agropecuária
11. agrotóxico
12. altígrafo
13. altímetro
14. ancilostomose
15. anemômetro
16. anemoscópio
17. anfíbio
18. antifúngico
19. antibiótico
20. antitetânico
21. aquacultura
22. aquífero
23. arenito
24. arqueólogo

⁸² O “desenvolvimento tecnológico tem permitido tamanho progresso na produtividade, qualidade e acessibilidade, que se tornou virtualmente impensável àqueles que fazem pesquisa terminológica não tirar proveito do amplo leque de recursos e ferramentas eletrônicos à sua disposição”. (BOWKER e FISHER, 2012, p. 1). Tradução de Alberts-Franco (2015, p. 184).

25. arteriosclerose
26. asteroide
27. astroantena
28. astrofísica
29. astrofísico
30. astronauta
31. astronomia
32. atmosfera
33. autotrófico
34. barógrafo
35. barômetro
36. biociência
37. biocombustível
38. biodigestor
39. biodiversidade
40. biogás
41. biogeocenose
42. biologia
43. biólogo
44. bioma
45. biomassa
46. biopirataria
47. bioquímica
48. biosfera
49. biosistema
50. biotecnologia
51. calcita
52. calcopirita
53. cardiovascular
54. cassiterita
55. centímetro
56. cisticerco
57. cloreto
58. clorofila
59. decomposição
60. decompositor
61. dermatite
62. dermatologia
63. dióxido
64. ecologia
65. ecosfera
66. ecossistema
67. entomologia
68. epicentro
69. epífita
70. esfalerita
71. estratosfera
72. exosfera

73. filariose
74. fitoplâncton
75. fotografia
76. fotomontagem
77. fotosfera
78. fotossíntese
79. fungicida
80. gemologia
81. geocêntrico
82. geocentrismo
83. geofísica
84. geografia
85. geógrafo
86. geoide
87. geologia
88. geólogo
89. geomorfologia
90. glicose
91. heliocentrismo
92. heliocêntrico
93. hemisfério
94. hemoglobina
95. hepatite
96. herbicida
97. herbivoria
98. herbívoro
99. heterotrófico
100. hidrogênio
101. hidrografia
102. hidrosfera
103. hidrotermal
104. higrógrafo
105. higrômetro
106. infraestrutura
107. inseticida
108. ionosfera
109. isótopo
110. litosfera
111. mamífero
112. mesologia
113. mesosfera
114. meteoróide
115. meteorologia
116. micróbio
117. micrômetro
118. microonda
119. microrganismo
120. microscópio

121. monocelular
122. monocultura
123. monóxido
124. necrófago
125. nematicida
126. nematoide
127. nitrogênio
128. onívoro
129. orosfera
130. oxigênio
131. ozonosfera
132. paleontologia
133. parâmetro
134. parasitismo
135. parasitoide
136. pluviômetro
137. poliomielite
138. psicrômetro
139. quilograma
140. quilômetro
141. radiossonda
142. radiotelescópio
143. sacarose
144. sismógrafo
145. submarino
146. subsolo
147. talassosfera
148. telescópio
149. termômetro
150. termorregulação
151. termorregulador
152. termosfera
153. tropopausa
154. troposfera
155. tuberculose
156. ultravioleta
157. unicelular
158. virose
159. zoólogo
160. zooplâncton

Fonte: Livros didáticos.

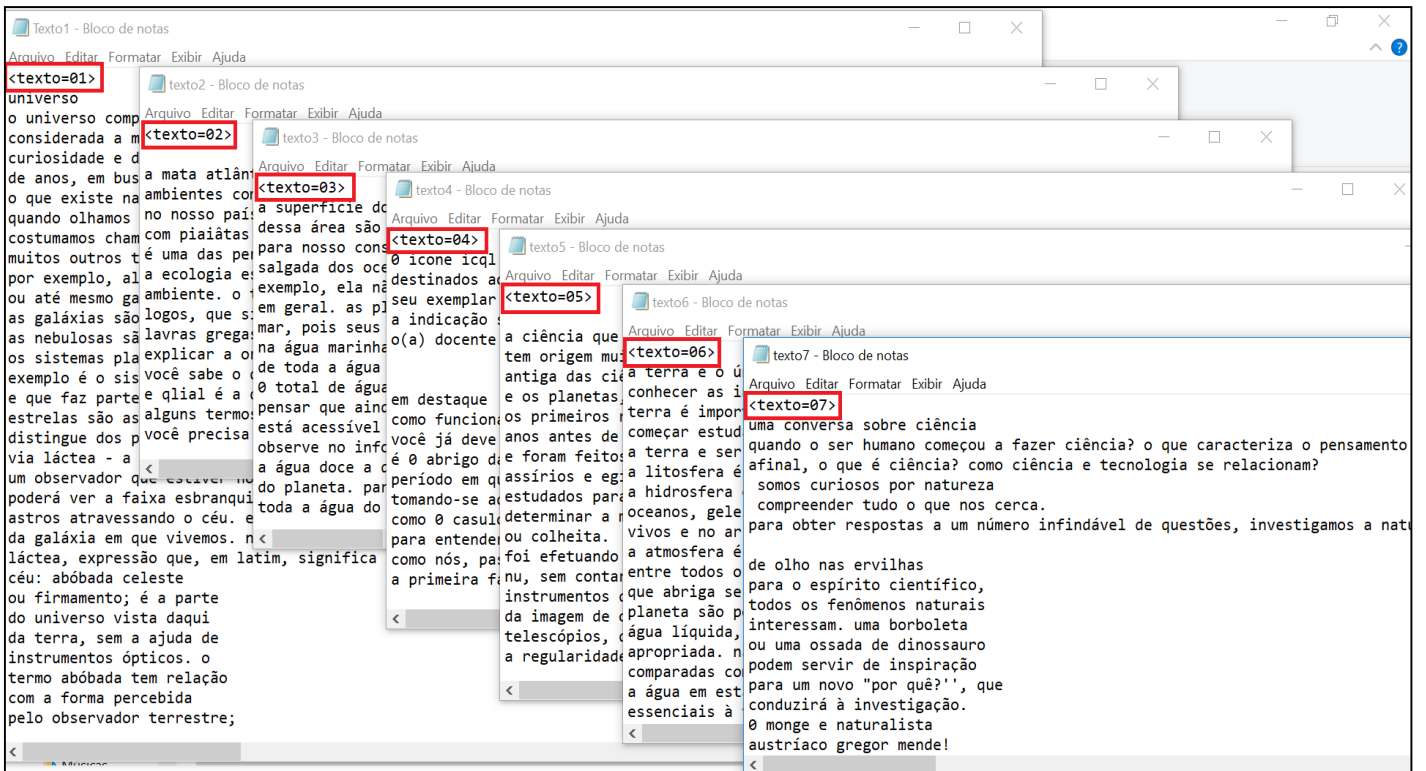
A quarta fase, que denominamos *Extração dos candidatos a termo por meio do programa Lexico 3*, descreve o processo do uso desse *software*, bem como do editor de planilha *Excel*. Conforme discutimos, no capítulo 4, as ferramentas tecnológicas são essenciais para o desenvolvimento de pesquisas terminológicas, por isso, para a recolha dos dados empregamos

o programa *Lexico 3*. Segundo Lamalle (2001), a primeira versão foi criada, em 1990, na Université Sorbone-Nouvelle, na França, pela equipe do Centro de Lexicometria e de Análise Automática de Textos (CLAT), vinculada à Equipe Systèmes Linguistiques, Enonciation et Discusivité (SYLED). Neste trabalho, utilizaremos a versão 3, considerada a mais completa, porque as últimas versões ainda se encontram em processo de atualização. O *software* está disponível, gratuitamente, no site <http://lexi-co.com/L3.6Presentation.html>, compatível com os principais sistemas operacionais, por exemplo, o *Windows*, *Mac*, *OSX* e *Linux* aos pesquisadores interessados em organizar banco de dados de cunho lexicográfico ou terminográfico.

O objetivo é ofertar ao usuário a possibilidade de armazenar dados, listar as ocorrências de um determinado item lexical, extrair palavras-chave, isolar uma lista de vocábulo selecionado e identificar a concordância e a análise de frequência.

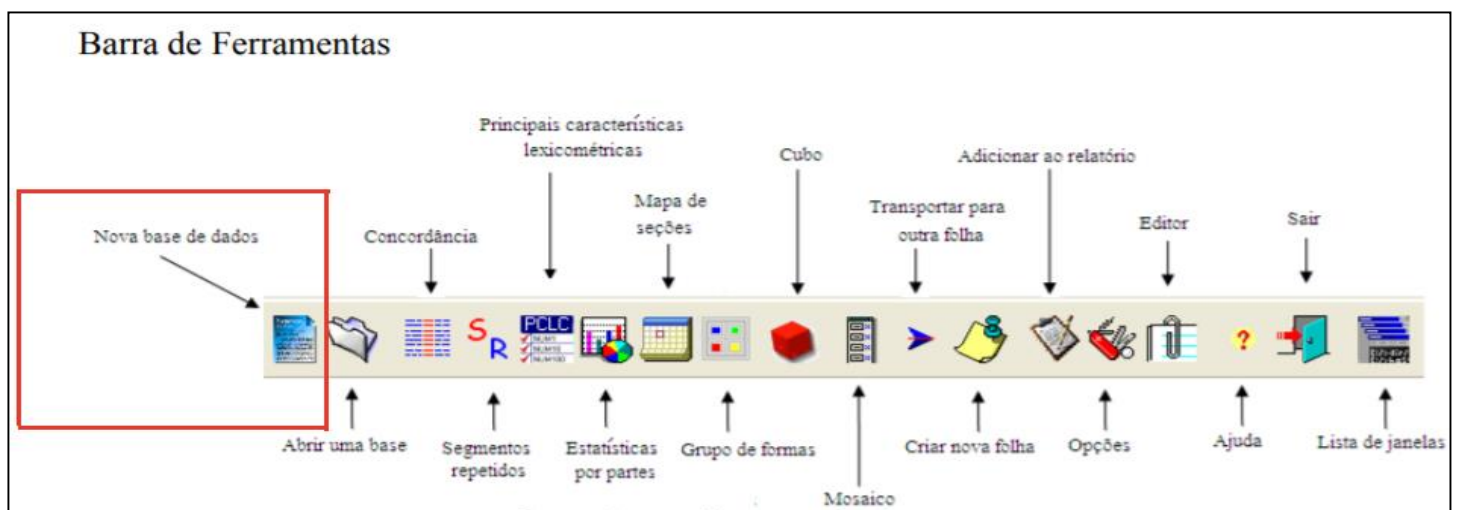
Para a aplicação do programa *Lexico 3* ao conteúdo selecionado para análise, foi necessário seguir algumas etapas. A primeira consistiu na digitalização dos livros didáticos impressos, usados para a recolha dos dados, por meio do escâner. A segunda consistiu em salvar os arquivos no formato PDF. A terceira consistiu em submeter os arquivos ao programa *PDFelement 6 Pro*, disponível gratuitamente no sítio eletrônico <https://pdf.wondershare.com/pt-br/pdfelement/whats-new.html>, com o objetivo de transformá-los no formato *.docx* (documento do *word*). Tendo em vista que, no ato da conversão do arquivo digitalizado para o *word*, diversos caracteres foram subtraídos ou trocados, o que é típico de conteúdos criptografados, foi necessário eliminar todos os caracteres não lidos pelo programa e ajustar todas as palavras que estavam cortadas. Como o texto estava inserido dentro de caixas, por causa da configuração do *PDFelement 6 Pro*, foi preciso copiar os textos dos livros para o formato *.docx*. Nesse processo, verificamos de forma apurada, com base no texto original, se houve a perda de elementos lexicais que comprometessem o entendimento dos aspectos conceituais do material descrito. A quarta consistiu em transformar os arquivos *.docx*, em formato *.txt* (documento de texto), uma vez que o programa *Lexico 3* processa somente textos com esse formato. A quinta etapa foi a balização da base de dados, que consistiu na inserção dos marcadores, com vistas à padronização dos textos de forma semelhante e sequencial para, posteriormente, ser inserido no programa. Uma vez que pretendíamos utilizar o texto completo dos livros, cada exemplar recebeu uma codificação numérica, de acordo com os parâmetros preestabelecidos pelo manual de uso do *software* disponível em <http://lexi-co.com/ressources/L3-usermanual.pdf>, a saber, <texto=1>; <texto=2>; <texto=3>; <texto=4>; <texto=5>; <texto=6>; <texto=7>, conforme ilustra a imagem subsequente:

Figura 11: Codificação numérica e sequencial dos livros em .txt



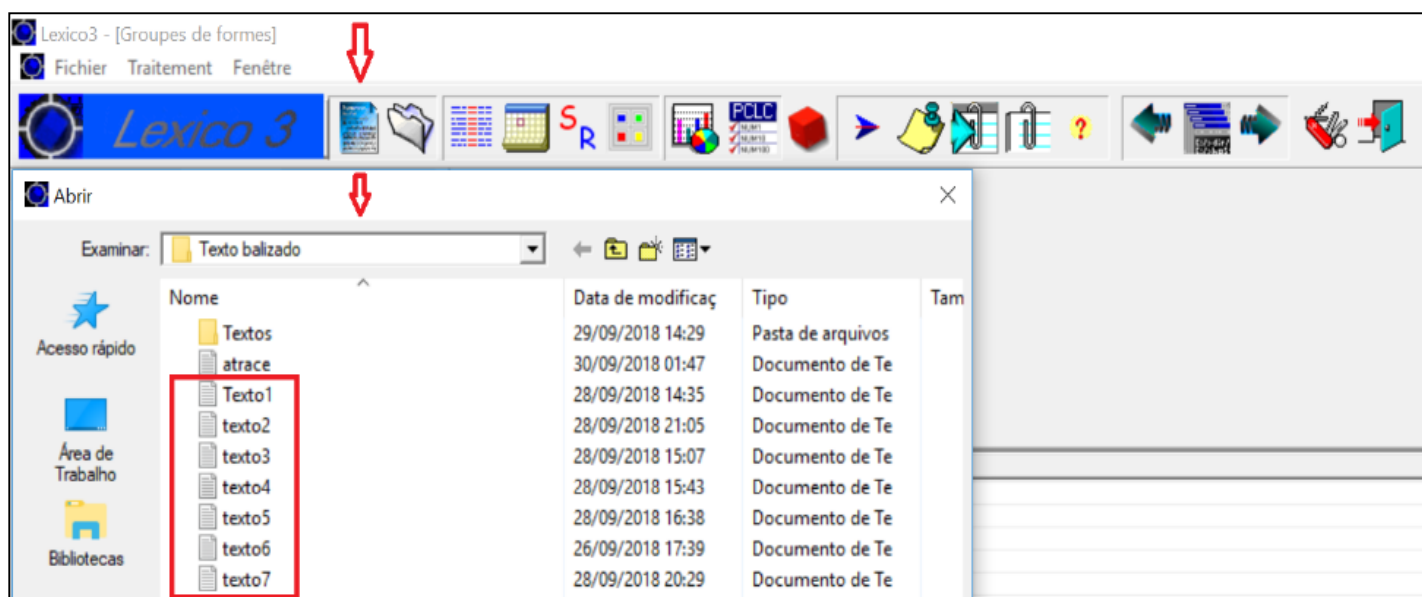
Após a inserção das balizas, conforme elucidada a imagem acima, formatamos os caracteres em letras minúsculas, pois o programa não reconhece letras maiúsculas. A sexta consistiu em inserir o banco de dados no *software* para iniciar o processo de análise, por intermédio da ferramenta *integrar o texto à base*, em conformidade com a figura, a seguir:

Figura 12: Ferramenta para inserção da base de dados



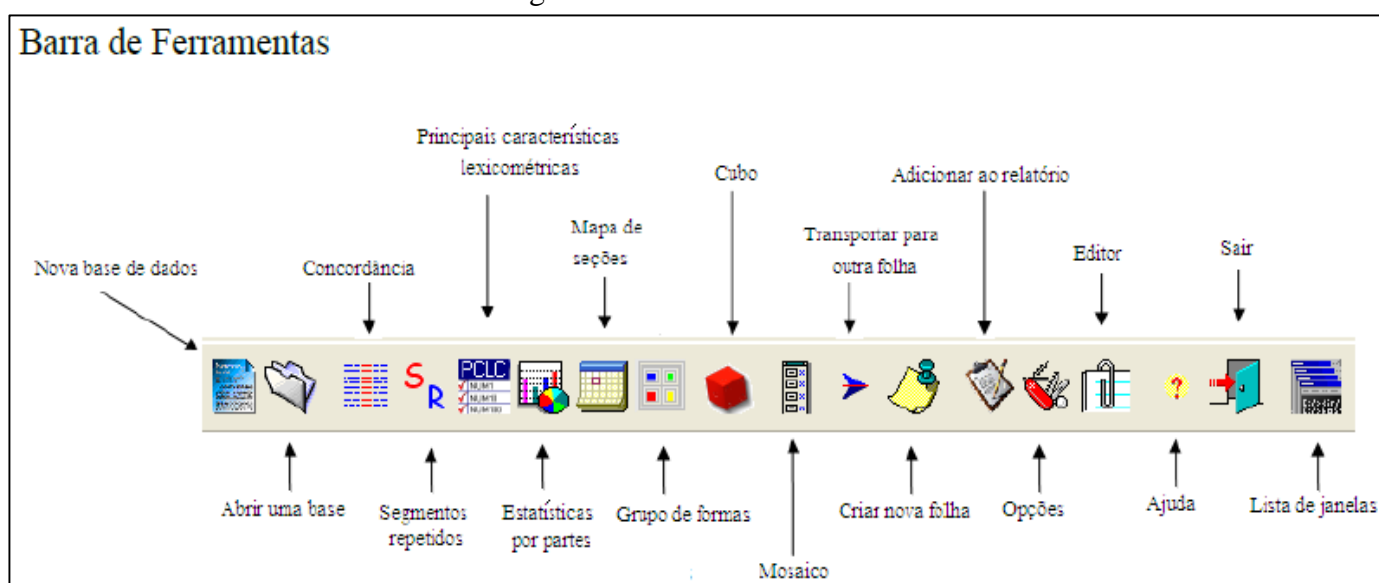
A ferramenta *nova base de dados*, destacada no quadro em vermelho, serve para o pesquisador inserir o banco de dados pré-selecionado. Para tanto, basta clicar no ícone da ferramenta que o *software* remete aos documentos do computador, armazenados no *hardware*. Após esse processo, é preciso identificar quais arquivos serão transportados para o programa, como se observa na figura abaixo:

Figura 13: Figura da etapa inserir a base de dados



A figura mostra, com destaque no retângulo em vermelho, os arquivos que selecionamos para analisar. Em seguida, iniciamos o processamento de dados.

O *software Lexico 3* inclui as seguintes ferramentas: i) integrar o texto à base; ii) identificar a concordância; iii) criar uma participação de *corpus*; iv) constituir um grupo de formas; v) criar um mapa de seção; vi) criar um inventário de segmentos repetidos; vii) calcular as especificidades de uma parte; viii) realizar uma análise fatorial de correspondência; ix) pesquisar os resultados; e, x) gravar os dados em relatório, como mostra a figura abaixo:

Figura 14: Ferramentas do *Lexico 3*

Das ferramentas supracitadas, utilizamos as seguintes:

- i) Ordem lexicométrica (*ordre lexicométrique*) – essa ferramenta computa e lista todas as concorrências do *corpus* – formas, símbolos e números, em ordem alfabética ou de frequência. Destacamos que as formas correspondem aos itens lexicais, propriamente ditos, por isso utilizamos o número total de formas e não o número de ocorrências para identificarmos os termos, com base nos critérios estabelecidos na seção 5.3.1. A figura seguinte evidencia tanto o valor total de ocorrências e a quantidade de formas quanto a soma de formas que ocorrem uma única vez – denominadas de *hápax* – em todo os *corpora* selecionados, bem como em cada livro didático adotado individualmente, assim como pode ser observado na figura 15, a seguir:

Figura 15: Valor total de ocorrências

Lexico3 - [Principales caracteristiques de la partition : texto]

Fichier Traitement Fenêtre

Lexico 3

Navigation Rapport Dictionnaire

Selectionnez une couleur :

Recherche :

Formes (ordre lexicométrique)	Frequence
de	11605
a	9333
e	7100
o	6151
que	5755
do	4229
é	3654
da	3446
em	3301
os	2706
água	2526
para	2491
se	2452
as	2272
um	2164
no	2155
por	2127
na	1807
uma	1789
com	1732
como	1610
são	1500
ou	1335
mais	1331
não	1206
dos	1146
ao	1088
ser	1077
ar	1020
das	1007
solo	942
terra	886
pode	801
n	700

16635 formes

Num	Partie	Occurenc	Formes	Hapax	Fmax	Forme
✓ 1	01	31415	5207	2746	1511	de
✓ 2	02	47054	6697	3565	2156	de
✓ 3	03	29983	5263	2822	1571	de
✓ 4	04	23347	4250	2295	1047	de
✓ 5	05	44675	5959	2826	2072	de
✓ 6	06	25149	4788	2645	1201	de
✓ 7	07	41061	6513	3397	2047	de

Nombre d'occurrences: 242684 Nombre de formes: 16615
 Nombre d'hapax: 7712 Fréquence maximale: 11605

Princ. Caract. Lexicométriques

A figura mostra que, do total de sete livros, empregados para a obtenção dos termos, computou-se o valor de 242.684 ocorrências e 16.615 formas, que podem ser lexemas e/ou termos. Ainda por meio da ferramenta *ordre lexicométrique*, detectamos os termos que continham na estrutura algum elemento erudito, seja prefixo, sufixo ou composto erudito. Como exemplo, a figura 16 mostra o termo *biosfera*, circulado em vermelho, bem como o respectivo número de frequência, que totalizou 16 vezes no *corpus*.

Figura 16: Identificação dos termos na ferramenta *ordre lexicometrique*

The screenshot shows the Lexica 3 software interface. On the left, there is a table with two columns: 'Formes (ordre lexicometrique)' and 'Frequence'. The word 'biosfera' is highlighted in red in the list. On the right, there is a text analysis window showing a paragraph of text with the word 'universo' highlighted in yellow. The text is in Portuguese and discusses the universe and astronomy.

Formes (ordre lexicometrique)	Frequence
seguintes	17
segurança	17
selembro	17
tarde	17
termos	17
tubos	17
única	17
usa	17
verme	17
voltada	17
2012	16
76	16
abastecimento	16
aberto	16
armazenada	16
atuais	16
biosfera	16
cair	16
característica	16
celsius	16
cimento	16
circular	16
compõe	16
construídos	16
continental	16
copépico	16
corporal	16
criar	16
debandando	16
deuses	16
dez	16
disponibilidade	16
dureza	16
16635 formas	16

Recherche : biosfera

<texto=01>

universo

o universo compreende tudo que existe toda matéria e toda energia . para melhor entendê - lo , faremos uma introdução à astronomia . considerada a mais antiga das ciências , a astronomia resulta da curiosidade e do estudo realizado por homens e mulheres , por milhares de anos , em busca de explicações sobre os astros celestes e sobre tudo o que existe na imensidão do universo . quando olhamos o céu noturno e vemos muitos pontos reluzentes , costumamos chamá - los de " estrelas " . no entanto , além das estrelas , há muitos outros tipos de astros no céu . por exemplo , alguns dos pontos cintilantes que podem ser nebulosas ou até mesmo galáxias . as galáxias são aglomerados de bilhões de estrelas , nebulosas e sistemas planetários . as nebulosas são grandes acúmulos de gases e poeira cósmica contidos nas galáxias . no interior delas , formam - se as estrelas . os sistemas planetários incluem planetas , satélites , asteroides , cometas , gases , poeiras e outras partículas sólidas orbitando estrelas . um exemplo é o sistema solar , conjunto de astros que inclui o planeta terra e que faz parte da galáxia via láctea . estrelas são astros que produzem luz e calor , e essa propriedade as distingue dos planetas e demais corpos celestes . via láctea - a galáxia onde moramos um observador que estiver no brasil , país cuja maior parte do território se localiza no hemisfério sul , em noite de inverno , sem a presença de nuvens ou poluição atmosférica , poderá ver a faixa esbranquiçada formada pelo brilho de incontáveis astros atravessando o céu . essa faixa é uma pequena parte da galáxia em que vivemos . na antiguidade , recebeu o nome de via láctea , expressão que , em latim , significa " caminho de leite " . observe a imagem ao lado .

céu : abóbada celeste ou firmamento ; é a parte do universo vista daqui

Ativar o Windows
Acesse Configurações para ativar o Wind

Com base na lista de ocorrências, em ordem de frequência, e por meio da ferramenta grupo de formas, foi possível identificarmos os termos que apresentaram na estrutura algum elemento erudito dentre os listados no quadro 54.

- ii) Grupo de formas (*groupe des formes*) – essa ferramenta isola formas presas (prefixos e sufixos), bases presas, bases livres, dentre outras, com o intuito de compor um banco de dados sobre determinado item lexical ou gramatical, conforme mostra a figura seguinte:

Figura 17: Grupo de formas

The screenshot shows the Lexico 3 software interface. The main window has a menu bar (Fichier, Traitement, Fenêtre) and a toolbar. A red box highlights a specific icon in the toolbar. The interface is divided into several sections:

- Navigation | Rapport | Dictionnaire**: A tabbed interface at the top left.
- Recherche :**: A search input field with a color selection dropdown.
- Formes (ordre lexicométrique) | Frequence**: A table listing common forms and their frequencies.
- Nom du groupe :** A dropdown menu set to "bio+".
- Le motif :** A text input field containing "bio".
- est une expression rationnelle**: A dropdown menu with several options, some highlighted by red arrows.
- Forme | Fréquence**: A table showing the results of the search for the morpheme "bio-".

Forme	Fréquence
bio	1
bioma	80
biodiversidade	30
biomas	28
biosfera	16
biodegradáveis	7
biodigestor	5
biologia	5
biológicos	5
biociclo	4
biocombustíveis	4
biodigestores	4
biológica	4
biociclos	3
biodegradável	3
biogás	3
biológicas	3
biológico	3
biodiesel	2
biomassa	2
biomonitoramento	2
biolita	2
biocos	1
biologicamente	1
bioquímica	1
bioquímicos	1
biota	1
biotecnologia	1
fábio	2
anaeróbio	1

Ao clicarmos no ícone que está em destaque no quadro vermelho, inserimos a forma desejada. Em seguida, selecionamos as subferramentas, em destaque pelas setas vermelhas, para que o programa mostrasse todas as formas com o elemento linguístico pesquisado. À guisa de exemplo, a figura abaixo, mostra o formativo *bio-*, inserido no campo *Le motif*, que isolamos, com o objetivo de identificar os termos que contivessem na estrutura tal elemento.

Figura 18: Grupo de formas

Forme	Fréquence
bio	1
bioma	80
biodiversidade	30
biomas	28
biosfera	16
biodegradáveis	7
biodigestor	5
biologia	5
biológicos	5
biociclo	4
biocombustíveis	4
biodigestores	4
biológica	4
biociclos	3
biodegradável	3
biogás	3
biológicas	3
biológico	3
biodiesel	2
biomassa	2
biomonitoramento	2
biotita	2
biocos	1
biologicamente	1
bioquímica	1
bioquímicos	1
biota	1
biotecnologia	1
fábio	2
anaeróbio	1

Em consonância com a figura 18, observa-se que a ferramenta *groupe des formes* possibilitou o isolamento e a criação de um grupo de termos formados pelo elemento erudito selecionado, por meio de 5 subferramentas, indicadas pelas setas vermelhas. Com a primeira, identificamos a forma erudita isoladamente, nesse caso o formativo *bio-*. Com a segunda, verificamos 13 termos que apresentam o elemento erudito *bio-* no início da estrutura do termo. Com a terceira, constatamos 3 termos que denotam o formativo erudito *-bio* no final da estrutura do termo. Com a quarta, detectamos 1 termo que contém o elemento erudito *-bio-* no meio da estrutura do termo. Com a quinta, identificamos todas as ocorrências lexicais formadas pelo formativo *bio-*. Em vista disso, o *groupe des formes* serviu para mostrar todas as formas linguísticas com *bio-*. Com base nos procedimentos dessas subferramentas, executamos o levantamento dos formativos feito nas gramáticas e nos dicionários. Após esse processo,

ferramenta nos permitiu identificar o real contexto das ocorrências do vocabulário, com o objetivo de refutarmos ou não o pertencimento do léxico ao universo conceitual das áreas científicas e técnicas.

Com base nos dados obtidos por meio do uso do *software Léxico 3*, realizamos o registro de todas as formas eruditas presentes para calculamos o percentual com o auxílio de outra ferramenta da *Microsoft*, o programa *Excel*, conforme o recorte exemplar abaixo:

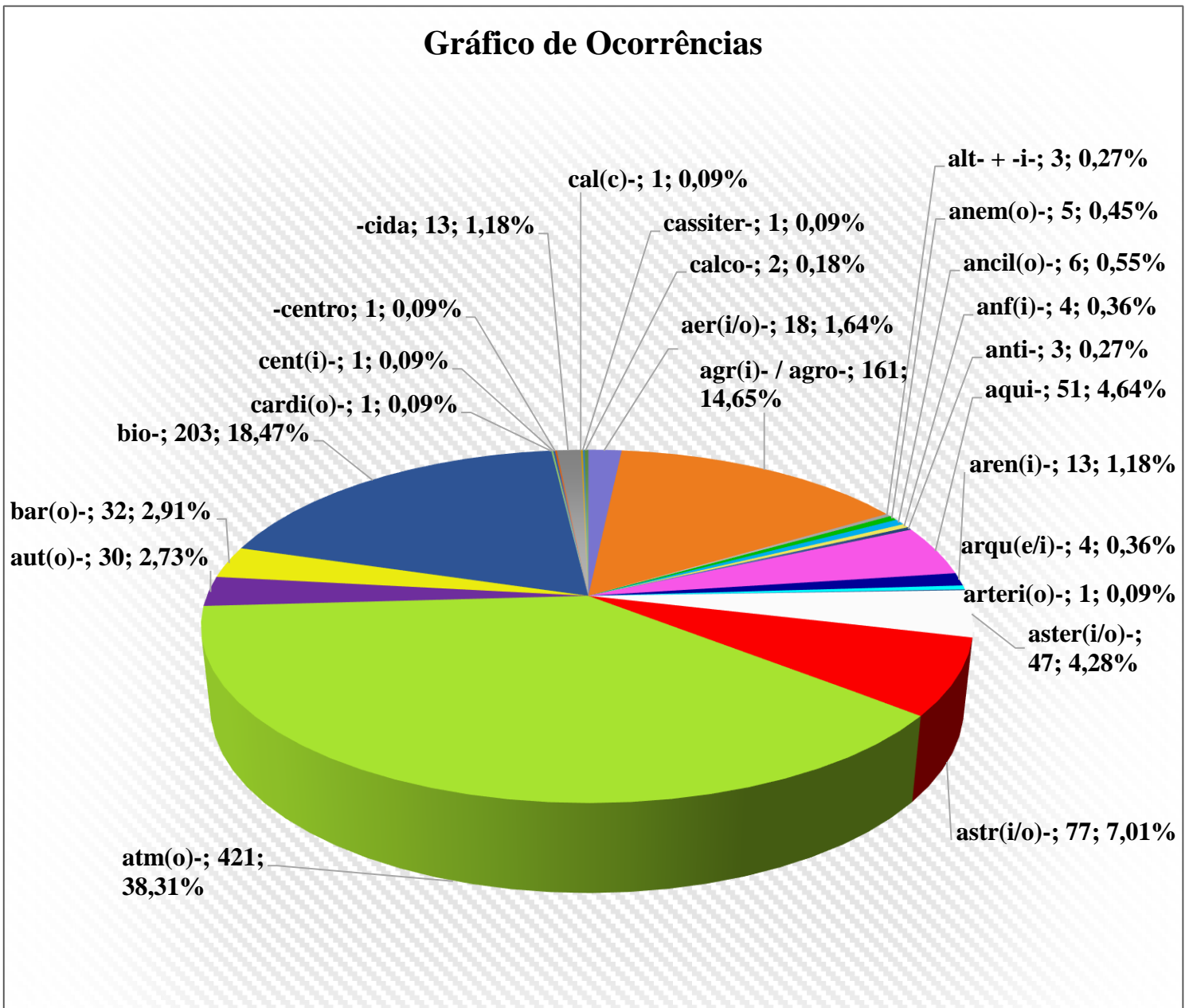
Figura 20: Registro das ocorrências dos formativos eruditos

	A	B	C	D	E	F	G	H	I
1	Formativos eruditos	Ocorrências	Ocorrência total de léxicos do texto	Percentuais					
2	aer(i/o)-	18	16615	0,11					
3	agr(i)- / agro-	161	16615	0,97					
4	alt- + -i-	3	16615	0,02					
5	anem(o)-	5	16615	0,03					
6	ancil(o)-	6	16615	0,04					
7	anf(i)-	4	16615	0,02					
8	anti-	3	16615	0,02					
9	aqui-	51	16615	0,31					
10	aren(i)-	13	16615	0,08					
11	arqu(e/i)-	4	16615	0,02					
12	arteri(o)-	1	16615	0,01					
13	aster(i/o)-	47	16615	0,28					
14	astr(i/o)-	77	16615	0,46					
15	atm(o)-	421	16615	2,53					
16	aut(o)-	30	16615	0,18					
17	bar(o)-	32	16615	0,19					
18	bio-	203	16615	1,22					
19	cardi(o)-	1	16615	0,01					
20	cent(i)-	1	16615	0,01					
21	-centro	1	16615	0,01					
22	-cida	13	16615	0,08					

Após a finalização da elaboração da planilha, observamos a recolha de um total de 130 formas eruditas de um universo de 16.615 formas (lexemas ou termos) de todos os livros didáticos analisados. Além disso, calculamos o percentual de cada uma dessas formas encontradas e criamos 5 gráficos para uma melhor visualização e descrição dos resultados como pode ser observado, a seguir:

Gráfico 1: Ocorrências de elementos eruditos - A - C

Gráfico de Ocorrências



aer(i/o)-	agr(i)- / agro-	alt- + -i-	anem(o)-	ancil(o)-	anf(i)-
anti-	aqui-	aren(i)-	arqu(e/i)-	arteri(o)-	aster(i/o)-
astr(i/o)-	atm(o)-	aut(o)-	bar(o)-	bio-	cardi(o)-
cent(i)-	-centro	-cida	cal(c)-	cassiter-	calco-

Gráfico 2: Ocorrências de elementos eruditos - C - F

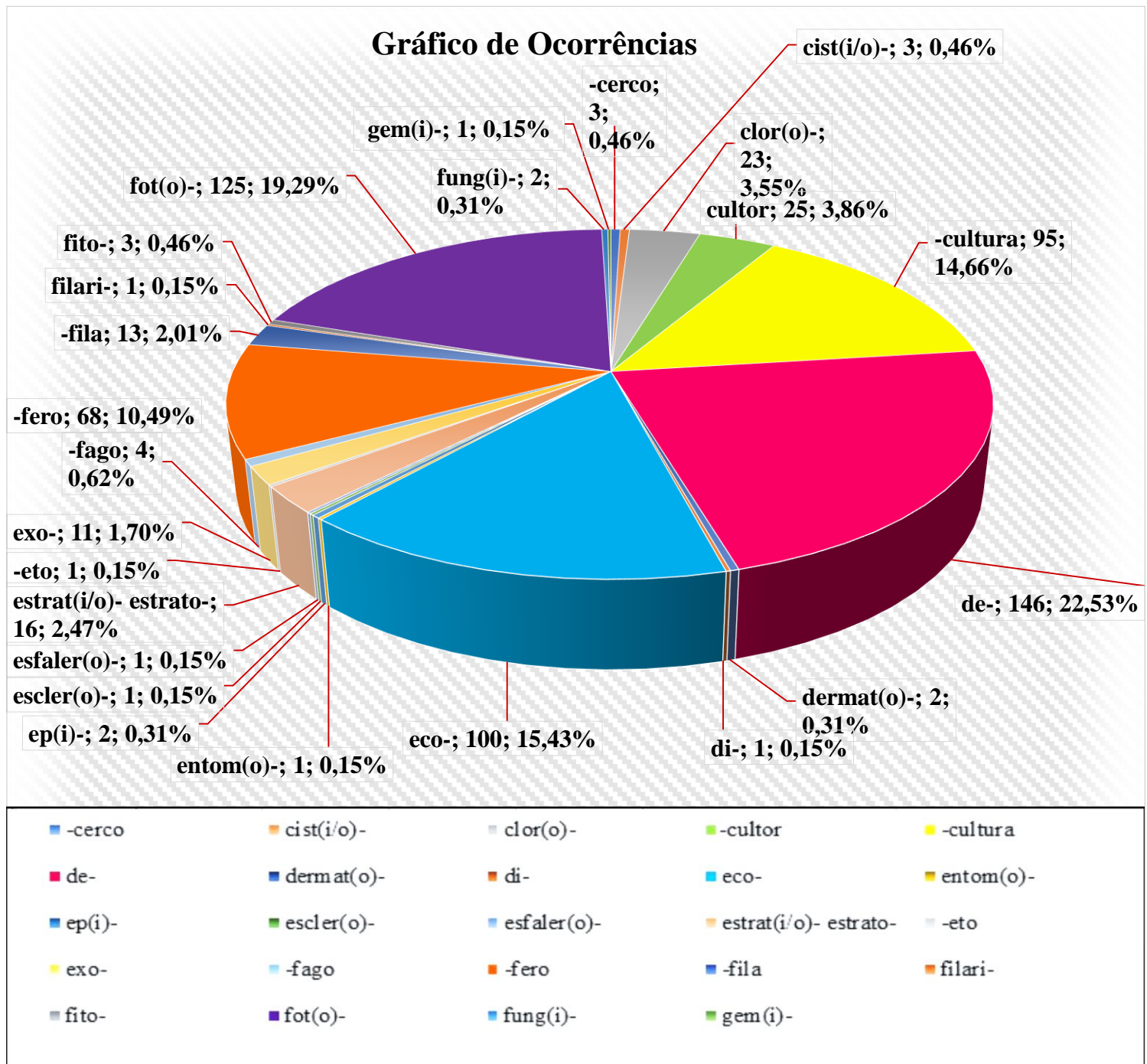


Gráfico 4: Ocorrências de elementos eruditos - L - O

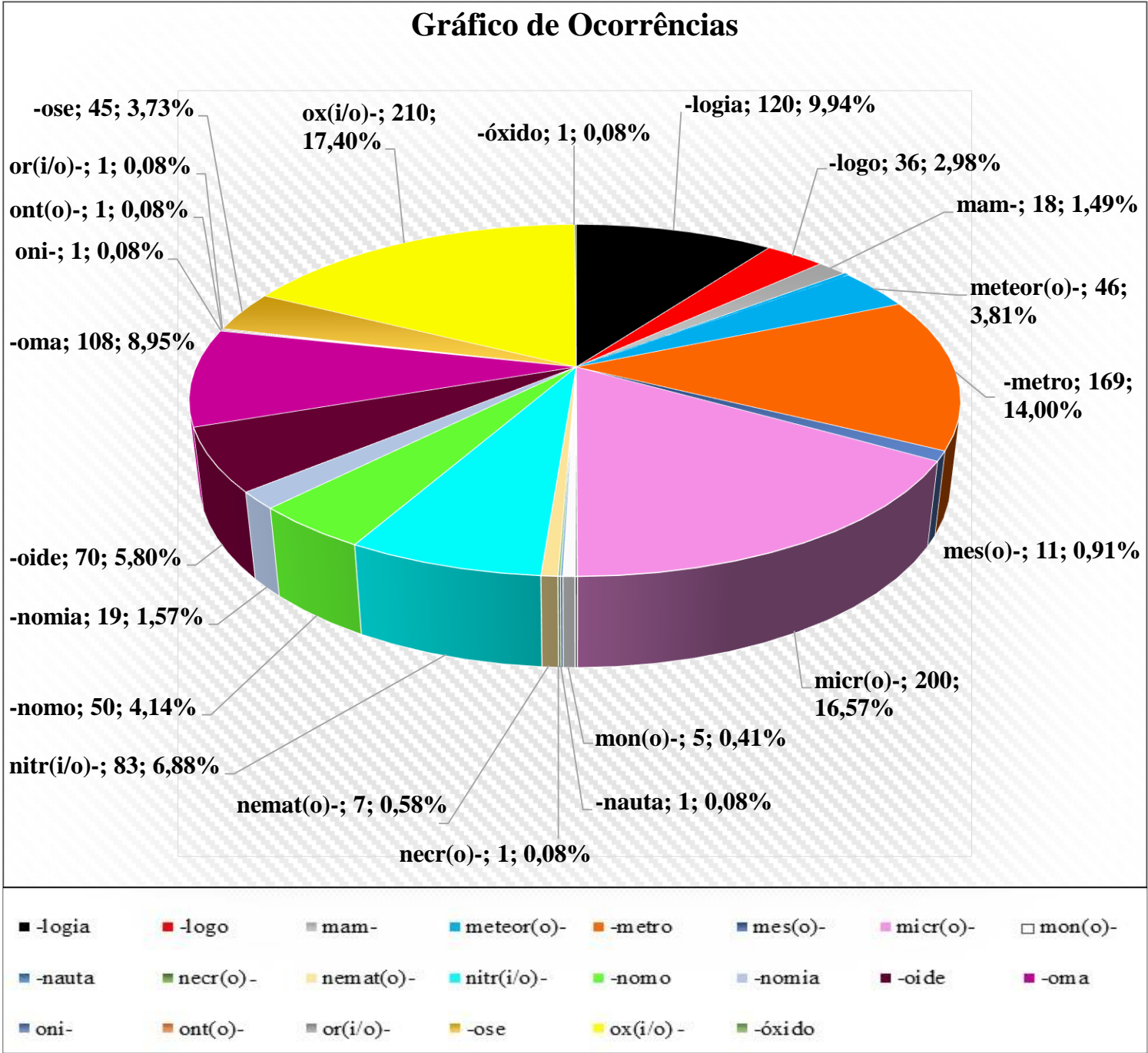
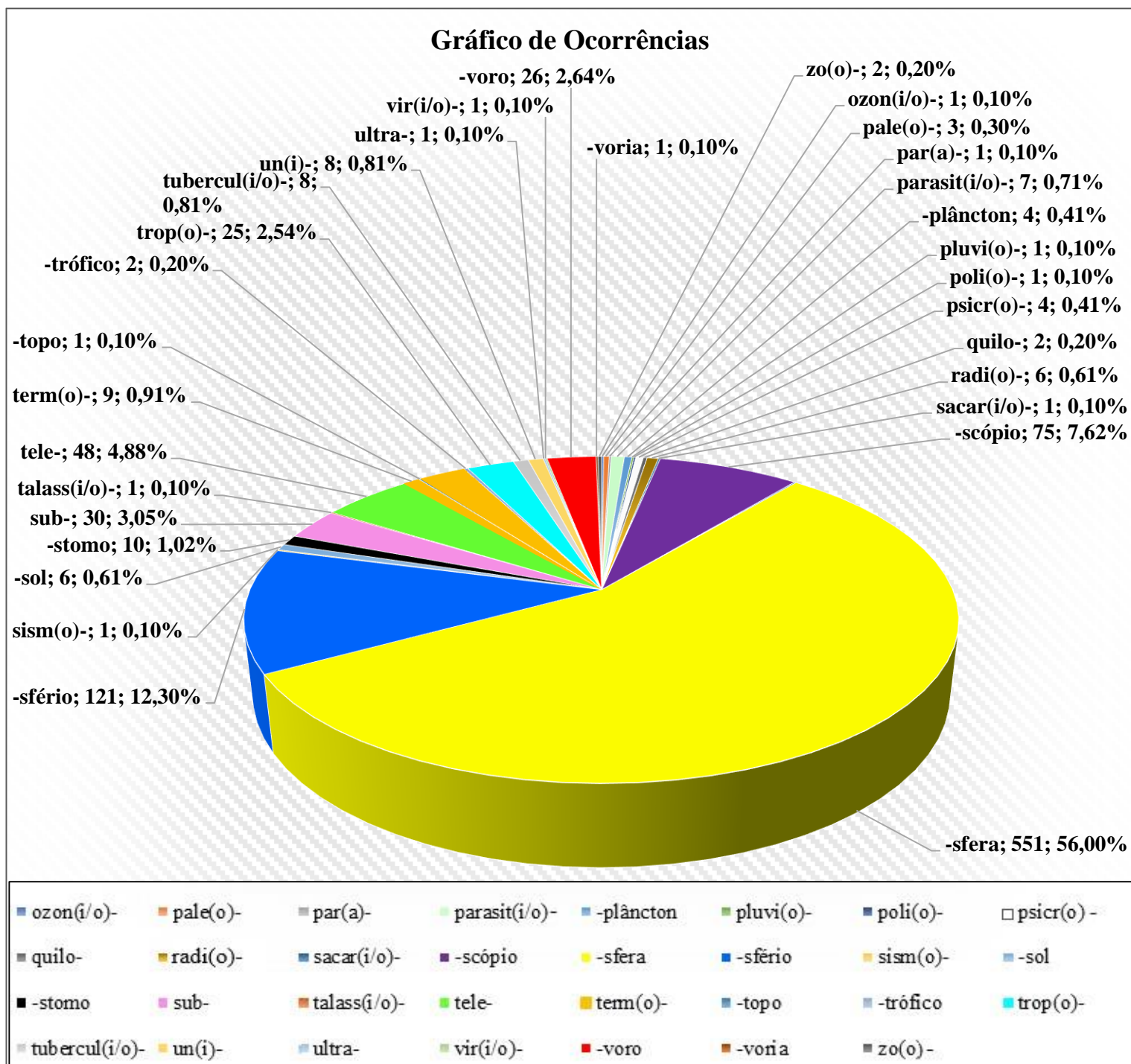


Gráfico 5: Ocorrências de elementos eruditos - O - Z



As frequências dos formativos eruditos possibilitaram dispô-los em gráficos (1, 2, 3, 4 e 5). Em função da quantidade, não couberam em um único gráfico, por esse motivo, os dados foram sistematizados em grupos por ordem alfabética. Algumas observações podem ser realizadas com base nos dados compilados. Notamos que há uma superioridade nas quantidades em: *-sfera* com 56% (Gráfico 5); *atm(o)-* com 38,31% (Gráfico 1); *-gênio* com 30,81% (Gráfico 3) e *ismo-* com 28,04% (Gráfico 3), na totalidade dos termos. Os dados sugerem que se o aluno do 6º ano do EFII tiver acesso ao glossário que explicará o significado dos elementos eruditos, ao estudar os conteúdos disseminados nos livros didáticos, possivelmente, terá uma aprendizagem mais significativa, se comparado ao aluno que não teve acesso ao material terminográfico em questão.

Assim sendo, após a identificação dos termos, passamos para o levantamento das definições no DAJ (2011).

5.2.3 Levantamento das definições dos termos formados por elementos eruditos no DAJ (2011) para divulgação científica

No quadro, a seguir, apresentaremos a compilação das definições do DAJ (2011), que serão utilizadas como base para o processo de reelaboração de definições e contextos, segundo a metodologia de divulgação científica, uma vez que a linguagem empregada pelos editores do dicionário não está de acordo com as particularidades linguísticas dos usuários. Por esse motivo, nesta Tese, as definições do glossário proposto passarão pelo processo da divulgação científica, em consonância com os princípios daquele recurso metalinguístico, conforme discutimos, no capítulo 4. Os procedimentos são: em primeiro lugar, identificaremos os itens lexicais ocorridos nas definições que exigem adaptação, e, em segundo lugar, adequaremos esses itens ao nível linguístico do estudante do 6º ano do EFII.

Quadro 55: Verbetes do DAJ (2011)

DAJ (2011)
a.e.ros.sol <i>subst. masc.</i> 1. Mistura constituída por um sólido ou um líquido divididos e dispersos em um gás. 2. <i>Por extensão</i> Embalagem com produto (tinta, desodorante, medicamento, etc.) que o emite em forma de aerossol. [Plural: <i>aerossóis.</i>]
a.gri.cul.tor (ô) <i>adj.</i> 1. Que pratica a agricultura: <i>povo agricultor. 170igr.170. masc. 2. Aquele que pratica a agricultura; lavrador.</i>
a.gri.cul.tu.ra <i>subst. fem.</i> Atividade de cultivar os campos para a produção de vegetais úteis ao homem; lavoura. Agricultura de subsistência. Atividade agrícola que se destina apenas ao consumo do próprio produtor e de seus familiares.
a.grô.no.mo <i>subst. masc.</i> Especialista em agronomia.
a.gro.pe.cu.á.ri:a <i>subst. fem.</i> Atividade econômica que combina a prática da agricultura e da pecuária.
a.gro.tó.xi.co (cs) <i>subst. masc.</i> Substância aplicada numa plantação para eliminar pragas.
altígrafo não tem verbete no DAJ.
al.tí.me.tro <i>subst. masc.</i> Instrumento para medir a altura.

a.ne.mô.me.tro <i>subst. masc.</i> Instrumento para medir a velocidade ou a força do vento.
anemoscópio não tem verbete no DAJ
an.fí.bi:o¹ <i>adj.</i> 1. Que vive tanto em terra como na água. 2. Que pode ser utilizado em terra ou na água. An.fí.bi:o² <i>adj. Ciências Naturais</i> 1. Dos, ou relativo aos anfíbios. 171igr.171. <i>masc.</i> 2 Animal anfíbio. anfíbios Classe de animais vertebrados, sem pelos ou escamas, que respiram pelas brânquias e pela pele, na fase larval e aquática, e pela pele e pelos pulmões, na fase adulta e terrestre. Exemplos: sapo, salamandra.
antifúngico não tem verbete no DAJ.
aquífero não tem verbete no DAJ.
ar.que.ó.lo.go <i>subst. masc.</i> Especialista em arqueologia.
as.te.roi.de (ói) <i>subst. masc. Ciências naturais</i> Cada um dos pequenos corpos rochosos, de forma irregular, que giram em redor do Sol, na maioria situados entre Marte e Júpiter; <i>planetoide</i> .
astroantena não tem verbete no DAJ
as.tro.no.mia <i>subst. fem.</i> Ciência que trata da posição, movimentos, constituição e evolução dos astros.
at.mos.fe.ra <i>subst. fem.</i> 1. Envoltório gasoso dos astros em geral. 2. Camada de ar que envolve a Terra. 3. O céu. 4. Unidade de pressão aproximadamente igual à pressão exercida pela atmosfera terrestre sobre um corpo ao nível do mar.
au.to.tró.fi.co <i>adj. Ciências naturais</i> Diz-se de organismo capaz de preparar o próprio alimento, a partir de substâncias minerais simples, como, por exemplo, gás carbônico, água, sais minerais: <i>As plantas verdes são autotróficas.</i> [Veja <i>heterotrófico</i> .]
barógrafo não tem verbete no DAJ.
ba.rô.me.tro <i>subst. masc. Ciências naturais</i> Instrumento para medir a pressão atmosférica.
bi:o.ci.ên.ci:a <i>subst. fem.</i> Nome genérico das ciências biológicas.
biodigestor não tem verbete no DAJ.
biogás não tem verbete no DAJ.
bi:o.ge:o.ce.no.se <i>subst. fem. Ciências naturais</i> Ecossistema.
bi:o.lo.gia <i>subst. fem.</i> A ciência que estuda os seres vivos: sua estrutura, funcionamento, evolução, distribuição e as relações existentes entre eles. Biologia marinha. Ramo da biologia que estuda os organismos marinhos. Biologia molecular. Área da biologia que estuda principalmente, proteínas e ácidos nucleicos.
bi.o.ma <i>subst. masc. Ciências naturais</i> Comunidade (5) de uma determinada região, como uma floresta tropical, um deserto, etc.
bi:os.fe.ra <i>subst. fem. Ciências naturais.</i> O conjunto das regiões da crosta e da atmosfera terrestres ocupadas pelos seres vivos; <i>ecosfera</i> .
bi:os.sis.te.ma 171igr.171. <i>mas. Ciências naturais</i> O conjunto dos componentes bióticos de um ecossistema.
clo.ro.fi.la <i>subst. fem. Ciências naturais</i> Pigmento verde encontrado nos vegetais (principalmente nas folhas), e que é responsável pela 171igr.171to171ese.
e.co.lo.gia <i>subst. fem.</i> Estudo das relações entre os seres vivos e o meio onde vivem, bem como de suas recíprocas influências.
e.cos.fe.ra <i>subst. fem. Ciências naturais</i> Biosfera.
e.cos.sis.te.ma <i>subst. masc. Ciências naturais</i> O conjunto formado pela comunidade e pelo meio ambiente: as relações que os seres vivos de uma comunidade estabelecem com os fatores ambientais, como solo, ar, água, etc.: “Um lago é um <u>ecossistema</u> . Uma floresta é um <u>ecossistema</u> . O mar é um <u>ecossistema</u> . O deserto é um <u>ecossistema</u> . Não importa o tamanho”. (Inácio de Lóiola Brandão, <i>O Manifesto Verde</i> .) [Sinônimo: <i>biogeocenose</i>].
e.pi.cen.tro <i>subst. masc.</i> O ponto da superfície terrestre diretamente acima do foco de um terremoto.
es.tra.tos.fe.ra <i>subst. fem.</i> Camada atmosférica situada acima de 12.000 metros de altitude.
exosfera não tem verbete no DAJ.
fi.to.plânc.ton <i>subst. masc.</i> Veja <i>plâncton</i> .
fo.tos.sín.te.se <i>subst. fem. Ciências naturais</i> Processo químico pelo qual plantas verdes e alguns outros organismos sintetizam compostos orgânicos, a partir de dióxido de carbono e de água, sob a ação da luz solar, e com desprendimento de oxigênio.
fun.gi.ci.da <i>adj.</i> 2 gên. 1. Que combate ou elimina fungos. 171igr.171. <i>masc.</i> 2. Substância fungicida (1).
geocentrismo não tem verbete no DAJ.
geoide não tem verbete no DAJ.
ge:o.lo.gi.a <i>subst. fem. Geografia</i> Ciência cujo objetivo é o estudo das origens, formação e sucessivas transformações e evoluções do globo terrestre.
ge.ó.lo.go <i>subst. masc.</i> Especialista em geologia.

he.mis.fé.ri:o <i>subst. masc.</i> 1. Metade de uma esfera. 2. <i>Geografia</i> Cada uma das metades em que a Terra é imaginariamente dividida pelo círculo do Equador.
he.mo.glo.bi.na <i>subst. fem. Ciências naturais</i> Proteína vermelha existente na hemácia, e que transporta oxigênio (dos pulmões para os tecidos).
her.bi.ci.da <i>adj. 2 gên.</i> 1. Que destrói ervas (especialmente as que se consideram daninhas). <i>172igr.172. masc. 2.</i> Substância herbicida (1).
herbivoria não tem verbete no DAJ.
her.bí.vo.ro <i>adj. 1.</i> Que se alimenta de vegetais. <i>172igr.172. masc. 2.</i> Indivíduo herbívoro.
he.te.ro.tró.fi.co <i>adj. Ciências naturais</i> Diz-se de organismos (animais em geral, fungos, algumas plantas, etc.) incapazes de sintetizar o próprio alimento e cuja nutrição se realiza pela ingestão e digestão de substâncias vegetais, animais e minerais. [Veja <i>autotrófico</i> .]
hi.dro.gê.ni:o <i>subst. masc. Ciências naturais</i> Elemento químico, gasoso, inflamável, que entre os gases tem a menor densidade [símbolo: H].
hi.dro.gra.fia <i>subst. fem. Geografia</i> O conjunto das águas correntes ou estáveis de uma região.
hi.dros.fe.ra <i>subst. fem. Geografia.</i> As águas oceânicas e as águas continentais da superfície terrestre, incluindo os lençóis subterrâneos e o vapor aquoso da atmosfera.
higrógrafo não tem verbete no DAJ.
hi.grô.me.tro <i>172igr.172. masc. Ciências naturais</i> Instrumento para medir a umidade do ar.
in.se.ti.ci.da <i>adj. 2 gên. 1.</i> Que mata insetos. <i>172igr.172. masc. 2.</i> Substância inseticida.
li.tos.fe.ra <i>subst. fem. Geografia.</i> A parte externa, consolidada, da Terra; crosta da Terra.
ma.mí.fe.ro ² <i>Ciências naturais adj. 1.</i> Dos, ou relativo aos mamíferos. <i>172igr.172. masc. 2.</i> Animal mamífero. mamíferos Classe de vertebrados caracterizados pela presença de glândulas mamárias, e por terem, geralmente, o corpo coberto de pelos. Exemplos: primatas, carnívoros e cetáceos.
mesologia não tem verbete no DAJ.
me.sos.fe.ra <i>subst. fem. Geografia</i> Camada atmosférica entre a estratosfera e a ionosfera.
me.te:o.roi.de (ói) <i>172igr.172. masc.</i> Pequeno corpo que vaga pelo espaço cósmico e que incandesce ao entrar na atmosfera terrestre.
me.te:o.ro.lo.gia <i>subst. fem.</i> O estudo do tempo e dos fenômenos da atmosfera. [Veja <i>meteoro</i> (1).]
mi.cró.bi:o <i>subst. masc. Ciências naturais</i> 1. Organismo unicelular bacteriano, vegetal, ou animal. 2. Microrganismo capaz de produzir doenças, e causar fermentação e putrefação; germe.
mi.cror.ga.nis.mo <i>subst. masc.</i> Nome comum a organismos microscópicos. Exemplos: bactéria, vírus.
mi.cros.có.pi:o <i>subst. masc.</i> Instrumento óptico para a observação e estudo de objetos de pequeníssimas dimensões.
mo.no.ce.lu.lar não tem verbete no DAJ.
mo.no.cul.tu.ra <i>subst. fem.</i> Cultura exclusiva de um produto agrícola. [Opõe-se a <i>policultura</i>].
ne.cró.fa.go <i>Ciências naturais adj. 1.</i> Que se alimenta de cadáveres. <i>172igr.172. masc. 2.</i> Animal necrófago.
nematicida não tem entrada no DAJ.
nematoide não tem entrada no DAJ.
ni.tro.gê.ni:o <i>subst. masc. Ciências Naturais</i> Elemento químico, gasoso, que é o constituinte principal do ar atmosférico e que participa de grande número de compostos essenciais à vida [Símbolo: N].
o.ní.vo.ro <i>adj. Ciências naturais</i> Que se alimenta de animais e de vegetais.
orosfera não tem verbete no DAJ.
o.xi.gê.ni:o (cs) <i>subst. masc. Ciências Naturais</i> Elemento químico, gasoso, constituinte do ar atmosférico e indispensável às formas de vida que utilizam a respiração (que são quase todas) [símbolo: O].
parasitoide não tem entrada no DAJ.
plu.vi.ô.me.tro <i>subst. masc.</i> Instrumento que mede a quantidade de chuva caída em determinado lugar e tempo.
psicrômetro não tem entrada no DAJ.
qui.lo.gra.ma <i>subst. masc. Ciências Naturais</i> Unidade fundamental de medida de massa no Sistema Internacional, equivalente a 1.000 gramas; quilo [símbolo: kg].
radiossonda não tem entrada no DAJ.
radiotelescópio não tem entrada no DAJ.
sis.mó.gra.fo <i>subst. masc.</i> Instrumento que registra os sismos.
sub.so.lo <i>subst. masc. 1. Geografia</i> Camada do solo imediatamente por baixo da camada visível ou arável. 2. Parte de uma construção, abaixo dos rés do chão.
talassofera não tem entrada no DAJ.
te.les.có.pi:o <i>subst. masc.</i> Instrumento óptico para a observação de objetos longínquos.
ter.mô.me.tro <i>subst. masc. 1. Tecnologia</i> Instrumento de medição de temperatura. 2. Figurado Indicação de certas condições físicas ou morais difíceis: <i>Antes da eleição o termômetro entre os eleitores subiu.</i>

ter.mos.fe.ra <i>subst. fem.</i> A região da atmosfera terrestre que começa a 80 quilômetros de altitude e se estende a grande distância, caracterizada por temperaturas muito altas, e em cuja parte inferior está a ionosfera.
tro.pos.fe.ra <i>subst. fem. Ciências Naturais</i> A camada atmosférica terrestre mais baixa, que se estende da superfície até a estratosfera; sua profundidade varia, de aproximadamente, de 6 quilômetros (nos polos) a 16 quilômetros (no equador).
u.ni.ce.lu.lar <i>adj. 2 gên. Ciências Naturais</i> Que tem, ou é formado de uma só célula: <i>A ameba é um ser unicelular.</i>
zo.ó.lo.go <i>subst. masc.</i> Especialista em Zoologia.
zo.o.plânc.ton <i>subst. masc. Ciências Naturais</i> Veja <i>plâncton</i> .

Fonte: Ferreira (2011).

Finalizada a transcrição das definições do DAJ (2011), iniciamos a elaboração do campo lexical, a fim de estruturar os termos quanto aos aspectos semânticos relacionados à hiperonímia, à hiponímia e à sinonímia.

5.2.4 Organização dos termos no campo lexical

O modelo de campo lexical que apresentamos segue a proposta de Coseriu (1977, p. 140) para quem o campo lexical é: “[...] uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que compartilham uma zona de significação comum em oposição imediata umas com as outras”. Além da definição de Coseriu (1977), também citamos a definição de Faulstich (2013b, p. 46): “Campo lexical é o conjunto de vocábulos empregados para designar, qualificar, caracterizar, significar uma noção, uma atividade, uma técnica, uma pessoa”. Considerando essas duas acepções, nesta Tese, assumimos que campo lexical é o conjunto de termos pertencentes a um saber, que, por sua vez, pode ser denominado de vocabulário por se reagrupar “[...] em pequenos campos, de acordo com as relações semânticas (hiponímia, sinonímia, antonímia etc.) [...]”. (FAULSTICH, 2013b, p. 46).

Ainda de acordo com a autora, a hiponímia é uma relação de significado que se estabelece entre unidades de valor mais específico e outra de valor mais genérico; enquanto a hiperonímia é relação de significado entre uma de valor mais geral que contém o significado de outra; já a sinonímia designa uma relação entre unidades com valor mais geral para o mais específico; já a antonímia designa uma relação de significado formada entre unidades de significado contextual próximo. A zona de significação comum constitui-se de propriedades compartilhadas pelos termos; por outro lado, as “[...] as oposições semânticas de um campo léxico é que determinam suas relações internas, enquanto estrutura de conteúdo”. Para elaborar o campo lexical que estrutura o vocabulário recolhido para esta Tese, partimos dos procedimentos indicados por Faulstich (2013b, p. 52):

Em primeiro lugar, fizemos a recolha dos termos constituídos por formativos eruditos e identificamos o termo-chave que compõe o núcleo da área do conhecimento descrita. Segundo Faulstich (2013b, p. 52): “Nesse momento surge o [arquitermo⁸³] do campo, que é a palavra de significação mais abrangente”. Em segundo, listamos os termos; em terceiro, reconhecemos as relações de sinonímia e hiponímia entre os termos com o auxílio do DH (2001) e de um professor, que ministra aulas da disciplina Ciências Naturais, formado em Biologia. Por fim, traçamos:

[...] um diagrama arbóreo, tomando por base as relações de inclusão – hiponímia – que há entre o [arquitermo] e o vocabulário subsequente, no sentido vertical (paradigmático); ao mesmo tempo, [abrimos] novo (s) galho (s) sempre que houver relação de equivalência – sinonímica – entre um lexema e outro, no sentido horizontal (sintagmático). (FAULSTICH, 2013b, p. 52).

Com essa concepção, apresentamos a organização do campo lexical BIOSFERA, na figura 21. Assim sendo, os termos que, numa posição estrutural mais alta, abrigam os conteúdos semânticos de outros inclusivos, podem ser designados *arquitermos*, como se dá com *biosfera*, que tem por equivalente sinonímico *ecosfera*, porque estão no mesmo nível hierárquico, e contêm no primeiro plano lexical como hipônimos, *bioma*, *hidrosfera*, *listosfera* e *atmosfera*. Estes, por sua vez, guardam relação de significado inclusivo com outras unidades do léxico terminológico, conforme ilustra a figura 21. Os termos instituem um conjunto, por meio das relações conceituais contidas em cada item lexical. Nesse sentido, o campo lexical é esquema arbóreo, que parte do conceito central para conceitos periféricos. Essa estruturação lexical desenvolve uma cadeia lógica, do tipo *contém* e *está contido*, de tal forma que a ‘zona de significação’ se estabelece por ‘pertencimento a’, como defende Faulstich (2011, s.p):

o conceito de pertencimento de um termo a uma área do conhecimento está diretamente condicionado ao conceito que a forma e o conteúdo do termo expressam no discurso de especialidade em que o termo se encontra. Digamos que esse discurso, que inclui o contexto e o cotexto, é o ‘lugar de posse’ do termo. É o lugar de pertencimento, uma vez que o termo contido *é ou faz parte de*.

Com essa concepção, apresentamos a organização do campo lexical BIOSFERA⁸⁴, na figura 21.

⁸³ No texto original da autora está arquilexema, porém utilizaremos a nomenclatura arquitermo, em função do recorte da Tese.

⁸⁴ Os termos identificados na pesquisa que não têm relação semântica com biosfera não foram inseridos no campo lexical.

Como se vê na figura, o arquitermo *biosfera* é um conceito genérico que aparece no plano superior do esquema. À direita, consta o termo *ecosfera*, que é uma variante coocorrente de *biosfera*, ou seja, um sinônimo, pois pode ser intercambiável no discurso sem interferir no conteúdo terminológico do referente. Encontramos no *corpus* dois ou três termos que contêm um mesmo significado na mesma área do conhecimento. Essa evidência expressa a importância da significação das palavras para o contexto semântico e, também, mostra que na linguagem de especialidade existem várias formas de expressar um mesmo conceito. Com a sistematização dos termos no campo lexical, passamos a categorização morfológica dos termos com elementos eruditos.

5.3 Categorização dos termos constituídos por formativo erudito

A categorização dos termos constituídos por formativo erudito seguiu as combinações morfológicas, descritas por Basílio (1987), Villalva (1996), Alves (2007) e Cunha & Cintra (2008). A seguir, descrevemos as ocorrências dos termos com formativos eruditos.

5.3.1 Termos: prefixo FORMATIVO ERUDITO + base presa FORMATIVO ERUDITO

No quadro 56, dispomos os termos constituídos por prefixo e base presa.

Quadro 56: Prefixo + base presa

TERMO	ESTRUTURA
1. anfíbio	<i>anf(i)- + -bio</i>
2. epicentro	<i>ep(i)- + -centro</i>
3. epífito	<i>ep(i)- + -fito</i>
4. exosfera	<i>exo- + -sfera</i>
5. micróbio	<i>micr(o)- + -bio</i>
6. microscópio	<i>micr(o)- + -scópio</i>

Fonte: Livros didáticos

5.3.2 Termos: prefixo FORMATIVO ERUDITO + base livre

No quadro 57, listamos os termos formados por prefixo e base livre.

Quadro 57: Prefixo + base livre

TERMO	ESTRUTURA
1. antibiótico	<i>ant(i)- + biótico</i>
2. antifúngico	<i>ant(i)- + fúngico</i>
3. antitetânico	<i>ant(i)- + tetânico</i>

4. decomposição	<i>de-</i> + <i>composição</i>
5. decompositor	<i>di-</i> + <i>óxido</i>
6. dióxido	<i>de-</i> + <i>compositor</i>
7. infraestrutura	<i>infra-</i> + <i>estrutura</i>
8. microrganismo	<i>micr(o)-</i> + <i>organismo</i>
9. submarino	<i>sub-</i> + <i>marino</i>
10. subsolo	<i>sub-</i> + <i>solo</i>
11. ultravioleta	<i>ultra-</i> + <i>violeta</i>

Fonte: Livros didáticos

5.3.3 Termos: base presa FORMATIVO ERUDITO + sufixo FORMATIVO ERUDITO

No quadro 58, arrolamos os termos constituídos por base presa mais sufixo.

Quadro 58: Base presa + sufixo

TERMO	ESTRUTURA
1. arenito	<i>aren(i)-</i> + <i>-ito</i>
2. calcita	<i>cal(c)-</i> + <i>-ita</i>
3. cassiterita	<i>cassiter-</i> + <i>-ita</i>
4. cloreto	<i>clor(o)-</i> + <i>-eto</i>
5. dermatite	<i>dermat(o)-</i> + <i>-ite</i>
6. dermatologia	<i>dermat(o)-</i> + <i>-logia</i>
7. esfalerita	<i>esfaler(o)-</i> + <i>-ita</i>
8. filariose	<i>filari-</i> + <i>-ose</i>
9. glicose	<i>glic(i/o)-</i> + <i>-ose</i>
10. virose	<i>vir(i/o)-</i> + <i>-ose</i>
11. hepatite	<i>hepat(o)-</i> + <i>-ite</i>
12. parasitismo	<i>parasit(i/o)-</i> + <i>-ismo</i>
13. sacarose	<i>sacar(i/o)-</i> + <i>-ose</i>
14. tuberculose	<i>tubercul(i/o)-</i> + <i>-ose</i>

Fonte: Livros didáticos

5.3.4 Termos: base presa FORMATIVO ERUDITO + base presa FORMATIVO ERUDITO + sufixo FORMATIVO ERUDITO

No quadro 59, registramos os termos formados por base presa mais base presa, seguido de sufixo.

Quadro 59: Base presa + base presa + sufixo

TERMO	ESTRUTURA
1. ancilostomose	<i>ancil(o)-</i> + <i>-stomo</i> + <i>-ose</i>
2. arteriosclerose	<i>arteri(o)-</i> + <i>escler(o)-</i> + <i>-ose</i>
3. geocentrismo	<i>ge(o)-</i> + <i>-centro</i> + <i>-ismo</i>
4. geocêntrico	<i>ge(o)-</i> + <i>-centro</i> + <i>-ico</i>

5. heliocêntrico	<i>heli(o)- + -centro + -ico</i>
6. heliocentrismo	<i>heli(o)- + -centro + -ismo</i>

Fonte: Livros didáticos

5.3.5 Termos: base presa FORMATIVO ERUDITO + base presa FORMATIVO ERUDITO

No quadro 60, expomos os termos constituídos por base presa mais base presa.

Quadro 60: Base presa + base presa

TERMO	ESTRUTURA
1. aeróbio	<i>aer(i/o)- + -bio</i>
2. aerossol	<i>aer(i/o)- + -sol</i>
3. agricultor	<i>agr(i)- + -cultor</i>
4. agricultura	<i>agr(i)- + -cultura</i>
5. agronomia	<i>agr(i)- + -nomia</i>
6. agrônomo	<i>agr(i)- + -nomo</i>
7. altígrafo	<i>alt- + -i- + -grafo</i>
8. altímetro	<i>alt- + -i- + -metro</i>
9. anemômetro	<i>anem(o)- + -metro</i>
10. anemoscópio	<i>anem(o)- + -scópio</i>
11. aquacultura	<i>aqua- + -cultura</i>
12. aquífero	<i>aqui- + -fero</i>
13. arqueólogo	<i>arqueo- + -logo</i>
14. asteroide	<i>aster(i/o)- + -óide</i>
15. astronomia	<i>astr(i/o)- + -nomia</i>
16. astronauta	<i>astr(i/o)- + -nauta</i>
17. atmosfera	<i>atm(o)- + -sfera</i>
18. autotrófico	<i>aut(o)- + -trófico</i>
19. barógrafo	<i>bar(o)- + -grafo</i>
20. barômetro	<i>bar(o)- + -metro</i>
21. biologia	<i>bio- + -logia</i>
22. biólogo	<i>bio- + -logo</i>
23. bioma	<i>bio- + -oma</i>
24. biosfera	<i>bio- + -sfera</i>
25. centímetro	<i>cent(i)- + metro</i>
26. cisticerco	<i>cist(i/o)- + -cerco</i>
27. clorofila	<i>clor(o)- + -fila</i>
28. ecologia	<i>ec(o)- + -logia</i>
29. ecosfera	<i>ec(o)- + -sfera</i>
30. entomologia	<i>entom(o)- + -logia</i>
31. estratosfera	<i>estrato- + -sfera</i>
32. fitoplâncton	<i>fit(o)- + -plâncton</i>
33. fotografia	<i>fot(o)- + -grafia</i>
34. fungicida	<i>fung(i)- + -cida</i>
35. gemologia	<i>gem(i)- + -o- + -logia</i>
36. geóide	<i>ge(o)- + -óide</i>
37. geografia	<i>ge(o)- + -grafia</i>
38. geógrafo	<i>ge(o)- + -grafo</i>

39. geologia	<i>ge(o)- + -logia</i>
40. geólogo	<i>ge(o)- + -logo</i>
41. hemisfério	<i>hemi- + -sfério</i>
42. herbicida	<i>herb(i)- + -cida</i>
43. herbivoria	<i>herb(i)- + -voria</i>
44. herbívoro	<i>herb(i)- + -voro</i>
45. heterotrófico	<i>heter(o)- + -trófico</i>
46. hidrogênio	<i>hidr(o)- + -gênio</i>
47. hidrografia	<i>hidr(o)- + -grafia</i>
48. hidrosfera	<i>hidr(o)- + -sfera</i>
49. higrógrafo	<i>higr(o)- + -grafo</i>
50. higrômetro	<i>higr(o)- + -metro</i>
51. inseticida	<i>inset(i/o)- + -cida</i>
52. ionosfera	<i>iono- + -sfera</i>
53. isótopo	<i>is(o)- + -topo</i>
54. litosfera	<i>lit(o)- + -sfera</i>
55. mamífero	<i>mam- + -fero</i>
56. mesologia	<i>mes(o)- + -logia</i>
57. mesosfera	<i>mes(o)- + -sfera</i>
58. meteoróide	<i>meteor(o)- + -óide</i>
59. meteorologia	<i>meteor(o)- + -logia</i>
60. micrômetro	<i>micr(o)- + -metro</i>
61. monocultura	<i>mon(o)- + -cultura</i>
62. necrófago	<i>necr(o)- + -fago</i>
63. nematicida	<i>nemat(o)- + -i- + -cida</i>
64. nematóide	<i>nemat(o)- + -óide</i>
65. nitrogênio	<i>nitr(i/o)- + -gênio</i>
66. onívoro	<i>oni- + -voro</i>
67. orosfera	<i>or(i/o)- + -sfera</i>
68. oxigênio	<i>ox(i/o)- + -gênio</i>
69. ozonosfera	<i>ozon(i/o)- + -sfera</i>
70. parâmetro	<i>par(a)- + -metro</i>
71. parasitoide	<i>parasit(i/o)- + -óide</i>
72. pluviômetro	<i>pluvi(o)- + -metro</i>
73. psicrômetro	<i>psicr(o)- + -metro</i>
74. quilômetro	<i>quilo- + -metro</i>
75. sismógrafo	<i>sism(o)- + -grafo</i>
76. talassosfera	<i>talass(i/o)- + -sfera</i>
77. telescópio	<i>tele- + -scópio</i>
78. termômetro	<i>term(o)- + -metro</i>
79. termosfera	<i>term(o)- + -sfera</i>
80. troposfera	<i>trop(o)- + -sfera</i>
81. zoólogo	<i>zo(o)- + -logo</i>
82. zooplâncton	<i>zo(o)- + -plâncton</i>

Fonte: Livros didáticos

5.3.6 Termos: base presa FORMATIVO ERUDITO + base livre

No quadro 61, exibimos os termos formados por base presa mais base livre.

Quadro 61: Base presa + base livre

TERMO	ESTRUTURA
1. aeronave	<i>aer(i/o)- + nave</i>
2. agroecossistema	<i>agro- + ecossistema</i>
3. agronegócio	<i>agro- + negócio</i>
4. agropecuária	<i>agro- + pecuária</i>
5. agrotóxico	<i>agro- + tóxico</i>
6. astroantena	<i>astr(i/o)- + antena</i>
7. astrofísica	<i>astr(i/o)- + física</i>
8. astrofísico	<i>astr(i/o)- + físico</i>
9. biociência	<i>bio- + ciência</i>
10. biocombustível	<i>bio- + combustível</i>
11. biodigestor	<i>bio- + digestor</i>
12. biodiversidade	<i>bio- + diversidade</i>
13. biogás	<i>bio- + gás</i>
14. biomassa	<i>bio- + massa</i>
15. biopirataria	<i>bio- + pirataria</i>
16. bioquímica	<i>bio- + química</i>
17. biosistema	<i>bio- + sistema</i>
18. biotecnologia	<i>bio- + tecnologia</i>
19. calcopirita	<i>calco- + pirita</i>
20. cardiovascular	<i>cardi(o)- + vascular</i>
21. ecossistema	<i>ec(o)- + sistema</i>
22. fotomontagem	<i>fot(o)- + montagem</i>
23. fotosfera	<i>fot(o)- + esfera</i>
24. fotossíntese	<i>fot(o)- + síntese</i>
25. geofísica	<i>ge(o)- + física</i>
26. geomorfologia	<i>ge(o)- + morfologia</i>
27. hemoglobina	<i>hem(o)- + glob(ul)ina</i>
28. hidrotermal	<i>hidr(o)- + termal</i>
29. microonda	<i>micr(o)- + onda</i>
30. monocelular	<i>mon(o)- + celular</i>
31. monóxido	<i>mon(o)- + óxido</i>
32. poliomielite	<i>poli(o)- + mielite</i>
33. quilograma	<i>quilo- + grama</i>
34. radiossonda	<i>radi(o)- + sonda</i>
35. radiotelescópio	<i>radi(o)- + telescópio</i>
36. termorregulação	<i>term(o)- + regulação</i>
37. termorregulador	<i>term(o)- + regulador</i>
38. tropopausa	<i>trop(o)- + pausa</i>
39. unicelular	<i>un(i)- + celular</i>

Fonte: Livros didáticos

5.3.7 Termos: base presa FORMATIVO ERUDITO + base presa FORMATIVO ERUDITO + base livre

No quadro 62, apresentamos o único dado encontrado, formado por duas bases presas, seguido de base livre.

Quadro 62: Base presa + base presa + base livre

TERMO	ESTRUTURA
1.biogeocenose	<i>bio-</i> + <i>ge(o)-</i> + <i>cenose</i>

Fonte: Livros didáticos

5.3.8 Termos: base presa FORMATIVO ERUDITO + base presa FORMATIVO ERUDITO + base presa FORMATIVO ERUDITO

No quadro 63, expomos o único termo formado por três bases presas.

Quadro 63: Base presa + base presa + base presa

TERMO	ESTRUTURA
1.paleontologia	<i>pale(o)-</i> + <i>ont(o)-</i> + <i>-logia</i>

Fonte: Livros didáticos

Depois de alocarmos a base de dados de acordo com as configurações adotadas, iniciamos a coleta dos significados dos formativos eruditos.

5.4 Coleta dos significados dos formativos em compêndios gramaticais e em dicionários da língua portuguesa

Após a categorização dos termos constituídos por formativos eruditos, buscamos os significados em compêndios gramaticais do final do século XIX e início do século XXI. Estas gramáticas, consultadas para o desenvolvimento da pesquisa, são normativas e foram elaboradas como material didático, para o ensino secundário e superior, conforme se observam nas indicações propostas para o público-alvo.

Nessas gramáticas, encontramos uma extensa lista dos significados dos formativos, os quais recebem diversas nomenclaturas, a saber: prefixos, sufixos, radicais e elemento de composição, porém todos têm um mesmo fim, que é fornecer significado dos formativos que nos interessavam. As listas dos elementos eruditos estão disponíveis na parte da Morfologia ou da Lexeologia, que trata dos processos de formação de palavras da língua portuguesa, quais sejam, a derivação e a composição, como já foi discutido no capítulo 3, desta Tese. Os autores das gramáticas apresentam uma definição clara e concisa desses dois processos, além de

exemplificarem, o que torna a gramática de fácil consulta. Com o objetivo de verificar se houve alteração de significado nos termos constituídos por formativos eruditos, ordenamos a pesquisa em dois momentos históricos, a saber: (i) de 1904 a 1972⁸⁵; (ii) de 1972 a 2000.

Quadro 64: Percurso histórico das gramáticas

Gramática	Autor	Ano
Grammatica Portugueza	João Ribeiro	1904
Serões gramaticaes ou Nova Grammatica Portuguesa	Ernesto Carneiro Ribeiro	1915
Grammatica Portugueza	Alfredo Gomes	1915
O Exame de Portuguez	Júlio Nogueira	1918
Gramática Normativa da Língua Portuguesa	Francisco da Silveira Bueno	1944
Gramática Metódica da Língua Portuguesa: curso único e completo	Napoleão Mendes de Almeida	1952
Gramática Normativa da Língua Portuguesa	Carlos Henrique da Rocha Lima	1962
Gramática Secundária da Língua Portuguesa	M. Said Ali	1965
Curso prático da língua portuguesa e sua literatura	Jânio Quadros	1969
Estudos de Lexicologia do Português	Mário Vilela	1994
Nova gramática do português contemporâneo	Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra	2008
Moderna Gramática Portuguesa	Evanildo Bechara	2009

A *Grammatica Portugueza*, de João Ribeiro, membro da Academia Brasileira, foi o primeiro compêndio pesquisado. Trata-se da terceira edição, publicada em 1904, com indicação para o ensino superior. Neste material, os elementos eruditos estão disponíveis no capítulo X,

⁸⁵ Fizemos este recorte temporal, porque a partir de 1972, no Brasil, as gramáticas passaram a seguir as regras da Nomenclatura Gramatical Brasileira; assim, o estudo da Morfologia passou a compreender a estrutura das palavras a formação, as flexões e classificação, porque antes desse documento oficial o estudo da morfologia estava incluído, ora na lexeologia, ora na etimologia, como notamos nos compêndios gramaticais pesquisados até 1969.

intitulado *Derivação e Composição*. Nesta divisão, todos⁸⁶ os formativos que figuram ao lado esquerdo do termo são denominados de prefixos, e no capítulo XI, *Derivação das palavras*, os elementos eruditos, situados à margem esquerda dos termos, são nomeados de sufixos. No capítulo X, o gramático explicita os conceitos de derivação e composição. Na visão desse autor, as palavras⁸⁷ derivadas são formadas por intermédio da adjunção de um sufixo ou de uma terminação, por exemplo, “[...] *amoroso* (de *amor* + o suffixo *oso*)” (RIBEIRO, 1904, p. 117).

A composição consiste da combinação de um prefixo a uma palavra ou de duas palavras justapostas e o gramático insere a prefixação no processo da composição, o que explica o fato de os prefixos, e de os compostos eruditos, estarem na mesma categoria. Dessa forma, o autor utiliza a nomenclatura com prefixos gregos e latinos para se referir aos elementos eruditos que, habitualmente, se manifestam à esquerda do termo, como em “Auto (o proprio). – *Autographo*, escriptura do proprio. *Autonomo*, o que se governa a si proprio” (Ribeiro, 1904, p. 125). No capítulo XI, Ribeiro (1904) deixa claro que a derivação ocorre com a união de uma palavra já existente na língua e um sufixo; portanto, esse processo resulta somente da sufixação, assim “[...] pedra formam-se as derivadas pedraria, pedreira, pedregulho, etc.” (Ribeiro, 1904, p. 128). Nesse sentido, o autor da gramática insere na categoria dos sufixos gregos e latinos os compostos gregos e latinos que figuram à direita dos termos, como em “-cida (o que mata). Compostos latinos: de mãe, *matricida*; de rei, *regicida*. Há outros modernos, *insecticida* e *formicida*” [Ribeiro, 1904, p. 131].

Seroes Grammaticaes ou *Nova Grammatica Portugueza*, de autoria do Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro, lente jubilado do Gymnásio da Bahia e Director do Gymnásio Carneiro Ribeiro, foi publicada pela primeira vez, em 1890. Durante a leitura, verificamos que se trata de um material farto de informações linguísticas para qualquer pesquisador interessado em fazer um estudo histórico, concernente aos aspectos gramaticais da língua portuguesa no final do século XIX. O espaço reservado para descrever os formativos eruditos consta na terceira parte da gramática, intitulada *Lexicologia*, que se subdivide em seis capítulos. Para o gramático: “A parte da *lexicologia* que estuda a palavra em sua forma e estrutura, isto é, como um todo composto de órgãos se chama **morphologia**” (Ribeiro, 1915, p. 91).

Na parte da morfologia, nos ativemos nos processos de constituição dos formativos e aos significados veiculados por eles naquele material. O estudo dos prefixos gregos e latinos está disposto no capítulo 3. Na primeira seção do capítulo, o autor lista os prefixos latinos; na segunda seção, o autor elucida os prefixos gregos e os compostos gregos, assim, para o

⁸⁶ Nesta gramática, os prefixos monossílabos, dissílabos e os radicais gregos e latinos são denominados de prefixos.

⁸⁷ Termo utilizado pelo gramático João Ribeiro.

gramático não há distinção entre a derivação prefixal e a composição com os elementos eruditos; o autor classifica *anfi-*, *bar(o)-*, *bio-*, *hidr (o)-* dentre outros formativos gregos de prefixos. No capítulo 3, o gramático inscreve não só os ditos sufixos, mas também os compostos eruditos no rol dos sufixos que formam as terminologias.

A *Grammatica Portugueza*, elaborada pelo Dr. Alfredo Gomes da Escola Normal, foi adotada no Collegio Pedro II, Escola Normal, Collegio Militar, Collegio Abilio, Lyceus Literario Portuguez e de Artes e de Officio, Gymnasio Mineiro, etc. O gramático descreve os prefixos, sufixos e compostos de origem grega e latina, na seção XXV, que versa sobre a composição das palavras. Para o gramático, as estruturas morfológicas da língua portuguesa formam palavras pela derivação e pela composição, este último mecanismo, por sua vez, se ramifica em justaposição propriamente dita, a prefixação e a aglutinação.

Segundo o autor, pela justaposição se formam palavras por meio de outras já existentes na língua, pela aglutinação compõem-se palavras, fundindo em um só vocábulo outras palavras existentes na língua. Para o autor, a prefixação “[...] que é caso particular da aglutinação, consiste em formar palavras novas, reunindo a uma palavra preexistente partículas portuguezas, latinas ou gregas” (Gomes, 1915, p. 188). Pelas mesmas razões às de Ribeiro (1904) e Ribeiro (1915), Gomes (1915) também arrola os elementos eruditos conhecidos, sobremaneira na literatura morfológica de compostos eruditos, na seção dos prefixos e acrescenta ao rol dos elementos eruditos, os ditos prefixos e sufixos, que também fazem parte do processo de denominação do universo científico e técnico. Após o levantamento dos elementos, observamos que essas estruturas não sofreram modificação nos significados veiculados.

A gramática, *O Exame de Portuguez*: exposição methodica das materias do programma official, escrita pelo gramático Julio Nogueira, professor supplementar do Collegio Pedro II e docente, por concurso da Escola Normal, foi prefaciada pelo Dr. José Oiticica, lente de portuguez do Collegio Pedro II. Na seção, *Processos formativos de palavras. Estudos de prefixos e sufixos*, o gramático apresenta a listagem dos elementos eruditos, que compreende tanto os ditos prefixos e sufixos de origem grega e latina, tal qual conhecemos hoje, bem como os compostos eruditos, responsáveis por formar termos das áreas de especialidade, conforme discutimos no capítulo 3. Porém, antes de mencionar os elementos eruditos, o autor apresenta uma discussão acerca dos processos de formação de palavras, com destaque para a funcionalidade dos vocábulos no ato da comunicação humana, tendo em vista que são por meios desses termos que a sociedade tira o melhor proveito para interagir uns com os outros. Além disso, evidencia que a formação de palavras é bastante dinâmica na língua, porque os vocábulos

surtem de diversas maneiras, ora pela combinação de duas palavras, ora pela anteposição ou posposição de elementos, a saber, o prefixo e o sufixo.

Face ao exposto, Nogueira (1918) afirma que a língua portuguesa, assim como as línguas românicas, não se contentou apenas com as palavras provenientes do latim, até porque, segundo o gramático, não eram suficientes para atender às necessidades da vida moderna; ao contrário, com base no cabedal de palavras proveniente da língua mãe, criou novos vocábulos que não existiam até então. Acrescente-se, ainda, que durante o período de transição do latim para o português “deu grande desenvolvimento ao processo da composição por meio de prefixos ou de justaposição e, pela sufixação, conseguiu um incontável número de palavras derivadas” (NOGUEIRA, 1918, p. 137-138). Nesse sentido, para o gramático, não só a justaposição é um caso de composição, mas também a prefixação, pois “a composição pode ser de palavras propriamente ditas, cada uma delas, possuindo o seu thema ou de palavra com a anteposição de simples elementos modificadores de sentido - os prefixos. [...] existe a composição por justaposição e por prefixação” (NOGUEIRA, 1918, p. 138-139).

Pelas considerações feitas pelo gramático, intuímos que a composição erudita se compõe de dois elementos e a prefixação, também um caso de composição, se estrutura por meio da união de um vocábulo a um prefixo que adiciona ao vocábulo uma ideia acessória (NOGUEIRA, 1918, p. 141). Feitas as discussões, acerca dos processos de formação de palavras na língua portuguesa, o gramático apresenta as listas dos significados dos elementos eruditos, quais sejam, prefixos, sufixos e compostos.

A *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, destinada ao curso superior, com suplementos histórico e literário, segundo os programas oficiais do Brasil, foi escrita pelo gramático Francisco da Silveira Bueno, Catedrático de Filologia Portuguesa da Universidade de São Paulo. O capítulo, que descreve os elementos eruditos, se chama *lexeologia*, hoje comumente conhecida de lexicologia na área da linguística, responsável pelo estudo da morfologia, da taxinomia, camponomia e semântica. Neste estudo, em razão do recorte teórico, enfatizaremos a morfologia, que, à época, tinha o propósito de estudar a formação dos vocábulos, com enfoque no gênero, no número, no grau e nas pessoas gramaticais. Em outras palavras, para o autor, essa parte da gramática focaliza o estudo das formas como um todo, mas, ao mesmo tempo, podem ser depreendidas em partes, como: raiz, tema e afixos. Como já foi destacado, anteriormente, vamos citar somente o entendimento do autor acerca dos prefixos e sufixos eruditos, formadores de termos pelos processos da derivação prefixal e sufixal. Os afixos, que compreendem os prefixos e os sufixos, nas palavras do autor (1944, p. 83) “são partículas modificadoras da raiz”. Ainda conforme o gramático: “As três grandes fontes dos

prefixos portugueses são o latim, o grego e o próprio idioma nacional, levando em conta que os prefixos nacionais ou vernáculos são quase sempre os latinos, modificados pelas leis da fonética portuguesa” (BUENO, 1944, p. 85).

Fundamentado nesse contexto, afirmamos que os termos derivados das áreas de especialidades geralmente apresentam elementos eruditos, uma vez que são oriundos do latim, assim, embora essas formas presas tenham sofrido modificação fonética ao longo dos anos, ainda, abrigam traços semânticos da língua latina. É importante ainda citar que os prefixos denotam: (i) *ideia de posição* (anterior, posterior, proximidade, oposição, intermédio, acima, abaixo); (ii) *ideia de movimento* (aproximação, tendência para, proximidade, para fora, para dentro, através, diante, traz, ao redor); (iii) *prefixos com ideia de repetição* (des, re); (iv) *prefixos com ideia de numeração* (bis, dis, tris); (v) *prefixos com ideia de negação* (des, a (an), in (im), menos); (vi) *prefixos com ideia de êxito ou de insucesso* (bene (bem), eu, male (mal) e dis) (BUENO, 1944, p. 86-88).

À vista dos sufixos, o gramático afirma que são de origem “[...] latino-vernáculos, isto é, sufixos latinos acomodados à fonética portuguesa, gregos, bascos e germânicos, tupi-guaranis” (BUENO, 1944, p. 89). Segundo o autor, os sufixos gregos mais comuns são *-ista*, *-ismo*, *-izar*, *-ite* e *ia*, percebidos em muitos termos derivados pela sufixação, como se nota no excerto transcrito do gramático: “De todos os processos criadores de palavras novas, a derivação é o mais popular e, por isto mesmo, o mais produtivo” (Bueno, 1944, p. 99). Parece claro que os prefixos e os sufixos atuam de maneira produtiva na denominação de termos do discurso científico e técnico, embora sejam em número mais reduzidos que os compostos eruditos, conforme observamos nas gramáticas analisadas para fins de elaboração desta Tese.

A *Gramática Metódica da Língua Portuguesa* - curso único e completo, publicado pela editora Saraiva -, foi escrita pelo gramático Napoleão Mendes de Almeida. Diferentemente dos gramáticos discutidos até aqui, esse autor é bastante sucinto na discussão referente aos processos de formação de palavras, de certa forma. Essa postura limita o autor a se dedicar à prefixação, que, na sua visão, também se trata de um caso de composição. Almeida (1952, p. 316) assinala: “limitar-me-ei a ver o que respeita à prefixação que vem a ser o processo de composição dos vocábulos mediante anteposição, a uma palavra, de partícula ou sílaba que modifique o sentido da palavra”. Outrossim, o gramático destaca a origem dos prefixos, que também se inserem no rol dos chamados compostos eruditos, são vernáculos (“que são prefixos latinos modificados ou aportuguesados), latinos (que se conservam na forma primitiva) e gregos, que se antepõem a palavras gregas” (ALMEIDA, 1952, p. 316).

Partindo dessa classificação, o gramático apresenta as listas com o significado dos prefixos em ordem alfabética. Depois disso, o autor adiciona em outra lista, os ditos compostos eruditos, antes, porém, afirma: “Para finalizar esta parte - que é a última da lexeologia - apresento uma lista de elementos gregos que entram na composição de várias palavras modernas, usadas nas ciências e nas artes” (ALMEIDA, 1952, p. 320). Nesse sentido, cumpre ressaltar que o autor aloca certos compostos eruditos, os quais denominam de derivados gregos na lista dos prefixos eruditos. Assim sendo, com referência ao estudo da morfologia, o autor encerra com a listagem dos elementos gregos utilizados no processo de denominação de termos das áreas especializadas.

A *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, escrita por Carlos Henrique da Rocha Lima, professor catedrático do Colégio Pedro II – Internato, com prefácio de Serafim da Silva Neto, à época, foi destinada a estudantes do Curso Médio. O capítulo XVI, intitulado *Formação de palavras*: derivação e composição, discorre sobre esses dois processos. Em primeiro lugar, o gramático define que a derivação é “[...] o processo pelo qual de uma palavra se formam outras, por meio da agregação de certos elementos que lhe alteram o sentido - referido sempre, contudo, à significação da palavra primitiva” (ROCHA LIMA, 1962, p. 181), enquanto que a composição “[...] é o processo pelo qual se cria uma palavra pela reunião de dois ou mais elementos vocabulares de significação própria, de tal sorte que o conjunto dêles passe a formar um todo com significação nova” (Rocha Lima, 1962, p. 181).

Em contraste com os demais gramáticos discutidos acima, Rocha Lima (1962) desmembra a derivação da composição, apesar de lembrar que alguns autores, como: Bourciez, Garcia de Diego, José Joaquim Nunes, Ribeiro de Vasconcelos, J. Mattoso Camara Jr., etc., considerarem a derivação um caso de composição. Ao contrário desses autores, Rocha Lima segue o critério adotado por Meyer-Lubke, Brunot, Dauzat, Nyrop, Grandgeant, Sweet, Said Ali e Antenor Nascentes, que inserem a prefixação na derivação. Depois de levar em consideração essa perspectiva, o gramático divide a derivação em quatro tipos, a saber, prefixal, sufixal, parassintética e regressiva; e composição em dois tipos, quais sejam, justaposição e aglutinação.

Conforme já destacamos, no capítulo 3, que versa sobre os processos de formação de termos, as derivações prefixais e sufixais são mais comuns no que concernem aos mecanismos de constituição morfológica dos termos. Embora Rocha Lima (1962) inclua derivação no processo da derivação, o gramático insere os ditos compostos eruditos na seção de derivação, denominando-os de cognatos de procedência grega e latina, que, segundo o autor: “Pertencem à mesma *família etimológica* as palavras que possuem o mesmo radical”. Em outras palavras,

os cognatos são aqueles termos constituídos do mesmo radical, por exemplo, o radical *agr(i)-agrário, agricultor, agrícola e peregrino*.⁸⁸ Portanto, a gramática de Rocha Lima (1962) apresenta um conjunto de definições concernente aos mecanismos de formação de termos na língua portuguesa, além de ofertar ao leitor uma série de elementos eruditos, que compreendem os prefixos, sufixos e compostos.

A *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, escrita por M. Said Ali, foi publicada pela editora Melhoramentos. Nesta gramática, a parte destinada ao estudo dos elementos eruditos encontra-se no capítulo *Formação das palavras*, que versa sobre os processos de derivação e composição. Segundo o autor, a “derivação é o processo pelo qual de umas palavras se formam outras, ajuntando-lhes certos elementos formativos que alteram a acepção primitiva, ou lhe acrescenta sentido novo” (Said Ali, 1965, p. 107) e a composição “[...] é a combinação de dous ou mais vocábulos com a qual se designa algum conceito novo, diferenciado do sentido primitivo dos termos componentes”. O primeiro excerto esclarece que derivação resulta de uma adjunção de certos elementos, que podem ser entendidos de prefixos e sufixos, formas presas que podem alterar o significado primitivo do elemento recebedor dos afixos. O segundo excerto explica que a composição é resultado da união de dois ou mais vocábulos numa mesma estrutura, mesmo que essas unidades linguísticas tenham significados independentes no ato da combinação passam a expressar um único significado. Para o gramático, a derivação se divide em quatro partes, a saber, derivação prefixal, sufixal, parassintética e regressiva, enquanto que a composição ocorre pela justaposição. Da mesma sorte que Rocha Lima (1962), Said Ali (1965) não inclui a prefixação na composição, mas insere os prefixos gregos na composição, separados das listas dos radicais gregos.

A gramática *Curso Prático da Língua Portuguesa e sua Literatura* foi escrita pelo gramático Jânio Quadros. Sobre essa gramática, podemos dizer que se trata de um compêndio normativo, assim como os demais apresentados acima, porém o autor utiliza uma linguagem mais simples para apresentar as definições e as classificações dos processos de formação de palavras. Para este gramático, o estudo da morfologia contempla a derivação, que é a “denominação do processo, segundo o qual se formam novas palavras, através da adição e da supressão de sufixos, ou ainda pela transferência da palavra para outra categoria” (QUADROS, 1969, p. 51). Como se observa, a derivação se constitui apenas da sufixação, ou seja, ocorre quando adicionamos ou suprimos sufixos da base; assim sendo, a prefixação está incluída na derivação. Segundo o gramático, a derivação pode ser própria “[...] quando as novas palavras

⁸⁸Fonte dos termos: Rocha Lima (1962, p. 202).

são constituídas através de sufixos” (QUADROS, 1969, p. 151) ou imprópria “[...] quando as novas palavras são formadas pela simples mudança de categoria gramatical” (QUADROS, 1969, p. 151).

Ainda no que diz respeito à derivação, o autor apresenta os tipos de sufixos, a saber: nominais e verbais, e as de significados em que os sufixos podem adicionar à base, por exemplo, o sufixo *-ismo* < grego *ísmós*, que significa origem, sistema, opinião ou crença (facismo, fatalismo, helenismo, catolicismo) e *-ista* < grego *istés*, que indica agente, profissão, adepto de partido ou escola (dentista, maquinista, comunista, capitalista, nazista)⁸⁹. Além desses sufixos, o autor apresenta uma extensa lista de sufixos gregos, latinos e vernáculos, sendo que muitos deles, sobretudo os eruditos, são empregados para denominar a linguagem das ciências. A composição é “o processo de formação de palavras, representado pela reunião de duas ou mais palavras com sentido próprio, com a finalidade de formar uma terceira com sentido novo” (QUADROS, 1969, p. 160).

De acordo com o gramático, a composição pode ser entendida de três formas: (i) por prefixação, (ii) por justaposição e (iii) e por aglutinação. Só descreveremos as duas primeiras, em função do recorte teórico desta Tese. A prefixação se insere na composição, portanto, há de se verificar que o prefixo é um elemento com sentido próprio, considerando a definição apresentada pelo autor para a composição. A prefixação “[...] é o processo linguístico, segundo o qual, se acrescenta um prefixo a uma palavra, adicionando-lhe desta forma uma ideia acessória (QUADROS, 1969, p. 160). Quanto à forma, o prefixo pode ser classificado em popular e erudito. O primeiro é aquele utilizado pelo povo (*empobrecer* e *aproximar*) e o segundo é aquele empregado somente pelas pessoas cultas (*ultramarino* e *superalimentado*) (QUADROS, 1969). Quanto ao valor pode ser expletivo e inxpletivo. O primeiro é aquele que não expressa nenhum significado à base (*alevantar*, *amostrar*, *encurvar* e *desinquieta*) e o segundo é aquele que adiciona um significado acessório à base (*inexperiente*, *oposição*, *regressar* e *introduzir*) (QUADROS, 1969). Quanto à origem podem ser latinos e gregos, segundo o autor.

A justaposição “[...] é o processo, segundo o qual, se unem duas ou mais palavras visando à formação de uma terceira, sem que haja alterações dos elementos componentes” (QUADROS, 1969, p. 171). Embora o autor não afirme que os compostos eruditos sejam formados pela justaposição, supomos que este mecanismo seja responsável pelo ordenamento desses compostos, uma vez que a composição erudita resulta da união de dois elementos ou

⁸⁹ Os formativos eruditos e os exemplos foram colhidos da gramática de Quadros (1969).

mais que contêm significados independentes, mas, ao se unirem, compõem um outro significado, por exemplo, o composto agrônomo,⁹⁰ constituído de duas bases presas *agr(o)-*, que significa campo e *-nomo*, que significa lei. Contudo, por meio da combinação desses dois elementos eruditos, forma-se a definição, *diplomado ou especialista em agronomia*⁹¹. O autor finaliza o capítulo destinado ao estudo da morfologia da língua portuguesa com a lista dos compostos eruditos, os quais denomina de radicais.

A Nova Gramática do Português Contemporâneo foi escrita pelos gramáticos Celso Cunha e Lindley Cintra. O estudo dos elementos eruditos se encontra no capítulo 6, *Derivação e Composição*. Mesmo que os gramáticos reconheçam que não há um consenso sobre a área que estuda as formas das palavras, assumem o posicionamento, com base em Jean Dubois *et al.* (1973)⁹²: “Chama-se formação de palavras o conjunto de processos morfossintáticos que permitem a criação de unidades novas com base em morfemas lexicais. Utilizam-se assim, para formar as palavras, os afixos de derivação ou os procedimentos de composição”. Conforme já discutimos no capítulo 3, os autores desmembram a prefixação da composição, apesar de ressaltarem que os prefixos são formas presas na língua que podem apresentar significado, com isso pode alterar o significado da base. Além disso, os autores apresentam de forma sucinta as definições de derivação prefixal e sufixal, consoante já visto no capítulo 3, e, por fim, tratam da composição. Os autores dispõem os elementos eruditos de forma paralela, desse modo, expõem os conceitos de prefixos, sufixos e compostos eruditos seguidos das listas com os significados e os exemplos.

A Moderna Gramática Portuguesa foi escrita pelo professor e gramático, Evanildo Bechara, Professor Titular e Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense, membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filologia e representante brasileiro do novo Acordo Ortográfico. O capítulo que versa sobre os elementos eruditos se intitula *Formação de palavras do ponto de vista constitucional*. De modo semelhante a Cunha e Cintra (2008), Bechara (2009) apresenta as definições de derivação prefixal e sufixal, ponderando que os afixos da língua portuguesa são provenientes do grego e do latim. Além disso, destaca que há certos sufixos que são empregados, basicamente, no discurso científico, por exemplo, o sufixo *-ato*, no domínio da Química, conforme já elucidado no capítulo 3. À vista dos compostos eruditos, nomeados de radicais gregos e latinos pelo autor, antes da lista desses elementos, o gramático apresenta

⁹⁰ Fonte: Quadros (1969).

⁹¹ Fonte: DH (2001).

⁹² Jean Dubois *et alii*. *Dictionnaire de Linguistique*, Paris, Larousse, 1973, s. v.

informações históricas concernente à entrada na língua portuguesa. Não entraremos em detalhe, nesse capítulo, haja vista termos detalhado no capítulo 3. Para finalizar, podemos dizer que esse gramático apresenta, de forma extensa e exaustiva, os elementos eruditos presentes na língua portuguesa.

Além das gramáticas analisadas, serviram de documentos para ajustes de conceitos dois dicionários, a saber, o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa* – DELP e o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* – DH.

O DELP, com prefácio de W. Meyer Lubke, professor jubilado da Universidade de Bonn, é de autoria de Antenor Nascentes, professor Emérito do Colégio Pedro II. Deve-se salientar que esta obra, elaborada durante um período de 20 anos, foi o segundo dicionário de etimologia da língua portuguesa, depois do dicionário de Adolfo Coelho; na visão de Antenor Nascentes, seu grande [...] predecessor digno de elogios e reconhecimentos” (HAMPEJS, 1961, p. 7). Porém, segundo Hampejs (1961) se considerarmos a noção conceitual moderna da palavra dicionário, a obra de Antenor Nascentes é o primeiro material lexicográfico de natureza etimológica, tendo em vista que Adolfo Coelho, no seu *Dicionário Etimológico*, somente apresenta um registro de étimos, “[...] enquanto que Nascentes dá, além disso, uma explicação fonética, histórica e sociológica etc. das palavras” (HAMPEJS, 1961, p. 7).

Trata-se de uma obra de grande valor linguístico e histórico, até porque, à época, o dicionário recebeu diversas críticas, tanto de estudiosos brasileiros quanto de estrangeiros. Dentre elas, podemos citar a do linguista francês Edouard Bourciez, citado por Hampejs (1961, p.8): “Sente-se em cada página, em cada artigo dêste livro [...] que o autor está perfeitamente ao corrente dos métodos da filologia romana”.⁹³ A crítica exalta a qualidade da obra lexicográfica, o que a torna a principal obra de referência no que se refere à etimologia do vocabulário da língua portuguesa. Na edição que tomamos para consulta, o autor menciona a origem dos elementos linguísticos responsáveis pela formação do léxico da língua portuguesa, além de explicar, por seção, como ocorreu a entrada dos vocábulos de outras línguas na língua portuguesa, são eles: elementos latinos, gregos, românicos, germânicos, árabes e exóticos (vocabulários provenientes de línguas africanas, asiáticas, hebraica, persa, dentre outros). Feita as considerações históricas da origem dos vocábulos, o dicionarista inicia a listagem das entradas na microestrutura.

⁹³ Excerto publicado pela primeira vez no *Bulletin Hispanique*, 1936, p.286-288 e, em tradução portuguesa, na *Revista de Cultura*, fasc. 130, p. 238-239 (HAMPGES, 1961, p. 8).

O DH é de autoria de Antônio Houaiss, professor, diplomata e filólogo, membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filologia. É um dicionário lexicográfico da língua geral, que, na lista de entradas, apresenta os elementos eruditos acompanhados de seus respectivos significados. Consultamos a obra para compor a escrita do texto definitório, principalmente no que se refere aos hiperônimos, que é a “expressão léxica que inicia a definição” (FAULSTICH, 2010, p. 182). Seleccionamos os hiperônimos mais prototípicos para representar o termo-entrada. É o dicionário de língua comum mais completo da língua portuguesa, por apresentar um material com informações fonético-fonológicas, morfológicas, semânticas e pragmáticas; além de enfatizar os aspectos etimológicos ao datar, por exemplo, a primeira ocorrência registrada da palavra na língua escrita, bem como a etimologia, por exemplo, o termo biologia: “bio- + -logia; o voc. *Biologie* ocorre pela 1ª vez em al., no título da obra (1802-1822) *Biologie oder Philosophie der lebenden Natur* (em port. *Biologia ou Filosofia da Vida Natural*), de Gottfried Reinhold Treviranus (1776-1837, naturalista alemão) e logo se estende às demais línguas europeias” (DH, 2001).

É diante desse contexto que destacamos o tratamento terminográfico dado pelos lexicógrafos do dicionário, que ao nosso ver, é fundamental para os consulentes que desejam conhecer os significados dos termos, e, na consulta, têm a oportunidade de também conhecer os significados dos elementos eruditos. Apesar de este dicionário apresentar as características ideais de um dicionário de língua, é destinado ao público adulto, daí a necessidade de um produto terminográfico adequado para o público infantil, que está na fase escolar e que precisa aprender os significados dos termos para a compreensão do mundo.

Além das gramáticas e dos dicionários, optamos pela inclusão do livro de Mário Vilela, *Estudos da Lexicologia de Português*, especificamente no capítulo 3, porque o autor descreve *A formação das palavras*, em que apresenta os pressupostos da formação do léxico de uma língua, com o intuito de evidenciar a importância da formação de palavras na constituição do léxico. Outro aspecto não menos relevante, discutido pelo autor, antes de se ater à investigação dos significados dos formativos eruditos, são pressupostos teóricos relacionados ao processo de formação de palavras, a saber, lexicologia (Carvalho, 1973 e Mostch, 1977); morfologia (REY-DEBOVE, 1984; BASÍLIO, 1980); sintaxe⁹⁴; semântica lexical (COSERIU, 1977), a pragmática (RIVARA, 1990). Ainda sobre os mecanismos de constituição das palavras, o autor destaca as estruturas morfológicas, responsáveis por formar palavras, quais sejam, os morfemas, que se subdividem em morfemas lexicais e gramaticais, e, por fim, enfatiza

⁹⁴ Não cita autor para a sintaxe.

os prefixos e os sufixos. Feita a discussão, concernente aos processos e às estruturas envolvidas, o autor passa a listar os significados, primeiramente, dos prefixos, dos sufixos, e, por último, os ditos compostos eruditos.

Quadro 65: Significados dos formativos eruditos

Formativos eruditos	Significados	Obra, autor e ano
<i>aer(i/o)-</i>	Radical grego aé, aéros = ar	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Radical grego aé, aéros ar	Gramática Normativa da Língua Portuguesa , de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Radical grego aer, aer-os = ar	Gramática Secundária da Língua Portuguesa , de M. Said Ali, 1965.
	Elemento de composição do gr. <i>aêr, aéros</i> = ar, atmosfera terrestre.	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>aêr, aéros</i> = ar	Moderna gramática portuguesa , Evanildo Bechara, 2009.
<i>agr(i)- / agro-</i>	Radical grego agró = campo	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Radical latino ager, agri = campo	Gramática Normativa da Língua Portuguesa , de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Antepositivo do lat. <i>ager, agri</i> = ' campo, domínio (público ou privado), território).	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>agr-ós</i> = campo	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>alt- + -i-</i>	Do latim <i>altu</i> = alto.	Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa , Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo latino do v. lat. <i>alo, is, alitum</i> ou <i>altum, alère</i> = fazer aumentar, crescer, desenvolver	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>anem(o)-</i>	Radical grego <i>anemos</i> = vento	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Derivado grego <i>ánemos</i> = vento	Gramática Metódica da Língua Portuguesa , Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Do grego <i>ánemos</i> = vento	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo do gr. <i>ánemos</i> = vento.	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Ánemos = Vento	Nova gramática do português contemporâneo , de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Radical grego <i>ánem-os</i> = vento, sopra	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>ancil(o)-</i>	Do grego <i>ágkylos</i> = curvo	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	antepositivo, do gr. <i>agkúlos, é, on</i> = curvo, apertado, aderente, atado, soldado	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>anf(i)-</i>	Prefixo grego <i>amphi</i> = dos dois lados, de todos os lados, ao redor.	Grammatica Portugueza , João Ribeiro, 1904.
	Prefixo grego <i>amphi</i> = em redor, dous	Grammatica Portugueza , Alfredo Gomes, 1915.
	Prefixo latino <i>amb.</i> = inseparável e dois. Prefixo grego <i>amphi</i> . (Prep. Corresponde ao pref. Latino <i>amb.</i> no sentido: dois e ao redor).	O Exame de Portuguez . Júlio NOGUEIRA, 1918.
	Prefixo grego (De ambos os lados) = movimento circular.	Gramática Metódica da Língua Portuguesa , Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Prefixo grego <i>amphí</i> = de um lado e outro lado.	Gramática Normativa da Língua Portuguesa , de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Prefixo grego <i>anfi</i> = ao redor, dos dous lados, duplo	Gramática Secundária da Língua Portuguesa , M. Said Ali, 1965.
	Prefixo grego <i>anfi</i> = duplicidade, ou dos dois lados.	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Prefixo grego <i>anfi</i> = à volta de.	Estudos de Lexicologia do Português , Mário Vilela, 1994.
	De um e outro lado, em torno	Nova gramática do português contemporâneo , de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.

	Duplicidade, ao redor, dos dois lados.	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>ant(i)-</i>	Prefixo grego = contra	Grammatica Portuguesa , João Ribeiro, 1904.
	Prefixo grego anti (oposição) anhipático e antypirina.	Grammatica Portuguesa , Alfredo Gomes, 1915.
	Prefixo grego anti indica oposição : antipatia	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Prefixo com sentido geral de oposição .	O Exame de Portuguez . Júlio NOGUEIRA, 1918.
	Prefixo grego = oposição	Gramática Metódica da Língua Portuguesa , Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Prefixo grego antí (oposição): antagonista e antítese	Gramática Normativa da Língua Portuguêsa , de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Prefixo grego antí (oposição): anticristo	Gramática Secundária da Língua Portuguesa , M. Said Ali, 1965.
	Prefixo grego que indica oposição	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Do grego antí = contra	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Prefixo grego (oposição, ação contrária) antiaéreo, antípoda.	Nova gramática do português contemporâneo , de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Prefixo grego anti (oposição, ação contrária): antídoto, antiaéreo.	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
Prefixo grego = contra, em oposição a.	DH , Antônio Houaiss, 2001.	
<i>aqui-</i>	Do latim <i>aqua</i> = água	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo latino = água	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>aren(i)-</i>	Do latim <i>arena</i> = areia .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo do lat. (<i>h</i>) <i>arēna,ae</i> = areia, praia, margem; arena.	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>arqu(e/i)-</i>	Prefixo grego archi ou arch e em composição às vezes arce = primazia, preeminência, princípio, origem, superioridade.	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Do grego <i>arché</i> = começo.	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego <i>arc-aïos</i> = antigo	Gramática Secundária da Língua Portuguesa , M. Said Ali, 1965.
	Radical grego <i>archaios</i> = antigo	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Antepositivo gr. <i>arkhê,ês</i> 'o que está na frente, donde começo, origem, princípio; ponto de partida, donde extremidade (de uma coisa); ponto de partida de um entroncamento; [...] quer na f. <i>arkhi-(arkhitektonikós</i> 'que diz respeito à arquitetura ou aos arquitetos; arquiteto, <i>p.ext.</i> qualquer pessoa que detém a fundo uma arte ou ciência e dirige outras pessoas'), quer na f. <i>arkhaio-</i> (<i>arkhaiologia</i> 'arqueologia, origem antiga').	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Antigo	Nova gramática do português contemporâneo , de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Radical grego <i>arc-aïos, arch-aïos</i> = antigo	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>arteri(o)-</i>	Antepositivo do gr. <i>artéria,as</i> artéria	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>aster(i/o)-</i>	Radical grego <i>astér</i> = astro	Gramática Normativa da Língua Portuguêsa , de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Radical grego <i>astér, astéros</i> = astro	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Antepositivo do gr. <i>astêr,éros</i> = estrela	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>astér, ast(é)r-os</i> = estrela	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>astr(i/o)-</i>	Do grego <i>ástron</i> = constelação, astro , pelo latim astru.	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo grego = astro, sistema de estrelas, constelação.	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>atm(o)-</i>	Do grego <i>atmós</i> = vapor.	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo grego do gr. <i>atmós,ôu</i> = vapor úmido	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>atmós</i> = vapor ⁹⁵	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>aut(o)-</i>	Prefixo grego = si mesmo, por isso mesmo, independentemente	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.

⁹⁵ Empregaremos no glossário com o significado de ar.

	Prefixo grego <i>auto</i> , próprio	Grammatica Portuguesa , Alfredo Gomes, 1915.
	Derivado grego <i>autós</i> = próprio, mesmo	Gramática Metódica da Língua Portuguesa , Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Radical grego <i>autós</i> = próprio .	Gramática Normativa da Língua Portuguesa , de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Radical grego <i>aut-os</i> = si mesmo	Gramática Secundária da Língua Portuguesa , M. Said Ali, 1965.
	Prefixo grego <i>auto</i> = própria suficiência	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Radical grego <i>autós</i> = próprio	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Auto – ocorre com dois valores: o de ‘ si mesmo ’ e o que corresponde a ‘ automóvel ’ (de que é uma forma encurtada).	Estudos de Lexicologia do Português , Mário Vilela, 1994.
	Antepositivo do gr. <i>autós,ê,ó</i> = (eu) mesmo, (tu) mesmo, (ele) mesmo, (si) mesmo .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>aut-ós</i> = si mesmo	Moderna gramática portuguesa , Evanildo Bechara, 2009.
<i>bar(o)-</i>	Prefixo grego <i>baro</i> = peso .	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Derivado grego <i>báros</i> = peso .	Gramática Metódica da Língua Portuguesa , Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Do grego <i>báros</i> = pêso .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego = peso	Gramática Normativa da Língua Portuguesa , de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Radical grego <i>bar-is</i> = pesado, grave	Gramática Secundária da Língua Portuguesa , M. Said Ali, 1965.
	Prefixo grego <i>baro</i> = peso	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Radical grego <i>baros</i> = peso	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Antepositivo, do gr. <i>báros,eos-ous</i> = gravidade, pressão atmosférica	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>bio-</i>	Sufixo grego <i>bio</i> = vida	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Prefixo grego <i>bio</i> = vida	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Elemento grego <i>bio</i> = vida	O Exame de Portuguez . Júlio NOGUEIRA, 1918.
	Derivado grego <i>bíos</i> = vida	Gramática Metódica da Língua Portuguesa , Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Do grego <i>bíos</i> = vida .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego <i>bíos</i> = vida	Gramática Normativa da Língua Portuguesa , de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Radical grego <i>bi-os</i> = vida	Gramática Secundária da Língua Portuguesa , M. Said Ali, 1965.
	<i>Bio</i> = vida .	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Radical grego <i>bios</i> = vida	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Antepositivo, do gr. <i>bíos</i> = vida .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>bi-os</i> = vida	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>cal(c)-</i>	Do latim <i>calce</i> = cal .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo, do lat. <i>calx,calcis</i> fem. cal, pedra calcária ou de cal, cabo branqueado com cal, mourão .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>calco-</i>	Do grego <i>chalkós</i> = cobre .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo, do gr. <i>khalkós,ou</i> = cobre, bronze .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>cardi(o)-</i>	Do grego <i>kardía</i> , coração , orifício superior do estômago.	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	antepositivo, do gr. <i>kardía,as</i> coração .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>cassiter-</i>	Do grego <i>kassiteros</i> = estanho .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo do gr. <i>kassíteros</i> = estanho	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>cent(i)-</i>	Centí, abreviatura, do latim <i>centesimu</i> .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo, do lat. <i>centum cem, cento</i> .	DH , Antônio Houaiss, 2001.

<i>-centro</i>	Do grego <i>kéntron</i> = centro .	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Pospositivo, do gr. <i>kéntron</i> , ou, lat. <i>centrum</i> (por emprt.) ' centro '.	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>-cerco</i>	Do grego <i>kérkos</i> = cauda	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Pospositivo, do gr. <i>kérkos</i> , ou = cauda, rabo	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>-cida</i>	Sufixo latino <i>cida</i> = o que mata	Grammatica Portuguesa, João Ribeiro, 1904.
	Sufixo latino <i>cida</i> , de <i>coedere</i> = matar	O Exame de Portuguez. Júlio NOGUEIRA, 1918.
	Do latim <i>cid</i> , raiz de <i>caedere</i> = matar .	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo do lat. <i>-cida</i> que mata	DH, Antônio Houaiss, 2001.
	Do latim que mata	Nova gramática do português contemporâneo, de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Radical latino <i>cida</i> , <i>cidio</i> (matar).	Moderna gramática portuguesa, de Evanildo Bechara, 2009.
<i>cist(i/o)-</i>	Do grego <i>kystis</i> = vesícula	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo do gr. <i>kústis</i> , <i>eós</i> ou <i>idos</i> bexiga, receptáculo inflado	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>clor(o)-</i>	Do grego <i>chlorós</i> = verde	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo do gr. <i>khlórós</i> , <i>á,ón</i> = pálido; (verde, amarelo) pálido .	DH, Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>clorós</i> , <i>khlórós</i> = verde	Moderna gramática portuguesa, de Evanildo Bechara, 2009.
<i>-cultor</i>	pospositivo, formador de agentes com o suf. <i>-or</i> e o rad. do supn. do v. <i>colo</i> , <i>is</i> , <i>ui</i> , <i>cultum</i> , <i>ère</i> = cultivar	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>-cultura</i>	Pospositivo, do lat. <i>cultura</i> , formado do supn. do v. <i>còlo</i> , <i>is</i> , <i>ùi</i> , <i>cultum</i> , <i>ère</i> cultivar .	DH, Antônio Houaiss, 2001.
	Ato de cultivar.	Nova gramática do português contemporâneo, de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
<i>de-</i>	Direcção de cima para baixo.	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa, de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	(Preposição) De cima para baixo. Cessação de um estado, separação.	O Exame de Portuguez. Júlio NOGUEIRA, 1918.
	Movimento de cima para baixo	Gramática Normativa da Língua Portuguesa, de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Der. da prep. lat. <i>de</i> de cima de; de, fora de, procedente de; em, sobre, no alto de, debaixo de; depois de; do meio de; à custa de; feito de; em vez de; por causa de; acerca de; contra	DH, Antônio Houaiss, 2001.
	Movimento de cima para baixo	Nova gramática do português contemporâneo, de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Movimento para baixo, separação, intensidade, negação	Moderna gramática portuguesa, de Evanildo Bechara, 2009.
<i>dermat(o)-</i>	<i>Dérmis</i> , <i>dérmatis</i> = pele	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura, de Jânio Quadros, 1969.
	Do grego <i>dérma</i> , <i>dérmatis</i> = pele .	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo, do gr. <i>dérma</i> , <i>atos</i> = pele .	DH, Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>dérm-a</i> = pele	Moderna gramática portuguesa, Evanildo Bechara, 2009.
<i>di-</i>	Prefixo do gr. <i>di-</i> <gr. <i>dís-</i> ' duas vezes '.	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>eco-</i>	Antepositivo grego = habitação	DH, Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>oícos</i> , <i>oíkos</i> = casa	Moderna gramática portuguesa, de Evanildo Bechara, 2009.
<i>entom(o)-</i>	Antepositivo, do gr. <i>éntomos</i> , <i>os</i> , <i>on</i> 'entalhado, inciso, cortado, (no neutro pl.) os insetos'.	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>ep(i)-</i>	Prefixo grego <i>epi</i> , <i>ep</i> = sobre, acima, depois	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa, de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Prefixo grego <i>epi</i> = sobre	Grammatica Portuguesa, João Ribeiro, 1904.
	Prefixo grego <i>epi</i> (<i>ep</i>) = sobre	Grammatica Portuguesa, Alfredo Gomes, 1915.
	Prefixo grego <i>epi</i> = prep: sobre , equivalente a super no latim	O Exame de Portuguez. Júlio NOGUEIRA, 1918.
	Prefixo grego <i>epí</i> = posição superior	Gramática Metódica da Língua Portuguesa, Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Do grego <i>epí</i> = sobre .	DELP, Antenor Nascentes, 1955.

	Prefixo grego = posição superior; movimento para	Gramática Normativa da Língua Portuguesa , de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Prefixo grego <i>epi</i> = sobre	Gramática Secundária da Língua Portuguesa , M. Said Ali, 1965.
	Prefixo grego <i>epi</i> , <i>ep</i> = posição posterior ou superior.	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Prefixo = posição superior ou acima de.	Estudos de Lexicologia do Português , Mário Vilela, 1994.
	Posição superior, movimento para, posterioridade	Nova gramática do português contemporâneo , de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Sobre, em cima de	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
	Prefixo do gr. <i>epí</i> 'em cima; muito perto; depois, a seguir; além de, e também; sobre, em cima de; em; no meio de; segundo, conforme a; por, por causa de, em vista de; com respeito a; ao alcance de, no poder de; contra etc.';	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>escler(o)-</i>	Antepositivo, do gr. <i>sklérós, á, ón</i> 'duro, seco'.	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>esfaler(o)-</i>	Do grego <i>sphalerós</i> = escorregadio .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo do gr. <i>sphalerós, á, ón</i> = resvaladiço, escorregadio .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>estrat (i/o)-</i> <i>estrato-</i>	Antepositivo do latim <i>strátum, í</i> camada; nuvem extensa '.	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>-eto</i>	Sufixo empregado em termos químicos ou conexos, como acetileto, acetilineto, bicloreto, bissulfeto, brometo, carboneto, carbureto, cianeto, cianureto, cloreto, dissulfeto, haleto, halogeneto, hidreto, hidrocarboneto, iodeto, nitreto, percloroeto, seleneto, sulfeto, sulfureto .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Sufixo utilizado para formar termos relacionados a sais, por exemplo, cloroeto .	Nova gramática do português contemporâneo , de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Sufixo que forma nome de sais , por exemplo, cloroeto .	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>exo-</i>	Prefixo grego <i>exo</i> = fora, de fora, no exterior	Serões gramaticais ou Nova gramática portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Prefixo <i>ex</i> = para fora	Gramática Normativa da Língua Portuguesa , Francisco da Silveira, Bueno, 1944.
	Prefixo = fora de, exterior a	Estudos de Lexicologia do Português , Mário Vilela, 1994.
	Prefixo que corresponde ao adv.prep.gr. <i>éksó</i> = fora, de fora, por fora, afora	DH , Antônio Houaiss, 2001..
	Exterioridade, movimento para fora, separação	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>-fago</i>	Sufixo grego <i>phagia</i> , <i>phago</i> = prática ou acto de comer, comer, que come	Serões gramaticais ou Nova gramática portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Radical grego <i>fag-o</i> = comer	Gramática Secundária da Língua Portuguesa , M. Said Ali, 1965.
	Antepositivo do gr. <i>-phágos</i> , segundo o modelo de <i>sitophágos</i> que come pão .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	que come	Nova gramática do português contemporâneo , de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Radical grego <i>fag-o</i> , <i>phágo</i> , <i>phageîn</i> comer	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>-fero</i>	Sufixo grego <i>phoro</i> que traz consigo, que produz	Serões gramaticais ou Nova gramática portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Sufixo latino <i>fero</i> – Elemento formativo, procedente do verbo latino <i>fero</i> , <i>fers</i> , <i>ferre</i> , = produz, que traz em si ou consigo .	Serões gramaticais ou Nova gramática portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Sufixo latino <i>fero</i> , de <i>ferre</i> = conduzir, produzir	O Exame de Portugal . Júlio NOGUEIRA, 1918.
	Do latim <i>fer</i> , raiz de <i>ferre</i> = trazer	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego <i>fer-o</i> = levar, trazer, for-os = que traz	Gramática Secundária da Língua Portuguesa , M. Said Ali, 1965.
	Pospositivo do v.lat. <i>fēró, fers, tetili</i> , depois <i>tíli, iátum, ferre</i> levar, trazer, estar com, ter, produzir, causar etc	DH , Antônio Houaiss, 2001.

	Que contém ou produz	Nova gramática do português contemporâneo , de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Radical grego <i>fero, foros</i> – <i>phéro</i> levar, trazer, phror-ós = que leva	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>-fila</i>	Do grego <i>phyllon</i> = fôlha .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Pospositivo, do gr. <i>phúllon</i> , ou neutro folha .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>filon, phyllon</i> = folha	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>filari-</i>	Do latim <i>filariu</i> , novelo de linha. É um verminho delgado como um fio .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo, do lat. cien. <i>filaria</i> (der. de <i>filum</i> 'fio' + <i>-aria</i>).	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>fito-</i>	Sufixo grego <i>phyto</i> = planta	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Do grego <i>phytón</i> = planta	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego <i>phytón</i> = planta	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Antepositivo do gr. <i>phutón</i> , ou vegetal, árvore, planta .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>fot(o)-</i>	Prefixo grego <i>photo, phos</i> = luz	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Derivado grego <i>phôs - photós</i> = luz	Gramática Metódica da Língua Portuguesa , Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Radical grego <i>phós, photos</i> = luz	Gramática Normativa da Língua Portuguesa , de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Radical grego <i>fos, fot-os</i> = luz	Gramática Secundária da Língua Portuguesa , M. Said Ali, 1965.
	Antepositivo do grego <i>fos</i> = luz	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>fôs, fotós - phos, photós</i> = luz	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>fung(i)-</i>	Do latim <i>fungu</i> = fungo	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo do latim <i>fungus, i</i> cogumelo	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>gem(i)-</i>	Antepositivo, do lat. <i>gemma, ae</i> 'gomo (da videira), renovo, rebento; pedra preciosa '.	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>-gênio</i>	Sufixo grego <i>geno</i> que designa hoje tanto o objecto que é gerado, que é produzido, como objecto productora, que gera, que produz	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Do grego <i>gen</i> , raiz de <i>gignomai</i> = gerar , sufixo <i>-io</i>	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Pospositivo conexo com <i>genia</i> = nascimento, origem, descendência, raça	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>ge(o)-</i>	Do grego <i>gê</i> = terra	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego <i>gê</i> = terra	Gramática Normativa da Língua Portuguesa , de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Radical grego <i>gê</i> = terra	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	<i>gê</i> = terra	Gramática Metódica da Língua Portuguesa , Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Radical grego <i>ge</i> = terra	Gramática Secundária da Língua Portuguesa , M. Said Ali, 1965.
	Antepositivo do gr. <i>gê, ês</i> = terra, país, região	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>gê, geo</i> = terra	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>glic(i/o)-</i>	Do grego <i>glykys</i> = doce .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo, do gr. <i>glukús, éta, ú</i> = doce .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>-grafia</i>	Sufixo grego <i>graphia, grafe, grafo</i> escrever, escripta, descrição, que descreve	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Elemento grego <i>graphia</i> = descrição, gravura	O Exame de Portuguez . Júlio NOGUEIRA, 1918.
	Do grego <i>graph</i> , raiz de <i>grafo</i> = escrever e sufixo <i>-ia</i> .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Elemento de composição do gr. <i>graphê, ês</i> = escrita, escrito, convenção, documento, descrição + o suf. formador de subst. abstratos <i>-ia</i> .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Escrta, descrição .	Nova gramática do português contemporâneo , de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Radical grego <i>graph-ia</i> = descrição .	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.

<i>-grafo</i>	Radical grego <i>grápho</i> = escrevo	Gramática Normativa da Língua Portuguesa , de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Radical grego <i>graf-o</i> = escrever , e daí <i>graf-ia</i> = descrição , <i>graf-o</i> = o que escreve , <i>gram-a</i> = o que está escrito .	Gramática Secundária da Língua Portuguesa , M. Said Ali, 1965.
	Radical grego <i>grápho</i> = escrevo	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Pospositivo conexo com <i>-grafia</i> = escrita , escrito , ver, em compostos der. dos subst. lá relacionados com a noção de 'pessoa ou coisa que escreve, descreve, convencionada e afins'.	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	que escreve	Nova gramática do português contemporâneo , de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Radical grego <i>gráf-o</i> , <i>gráph-o</i> = escrever .	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>heli(o)-</i>	Do grego <i>hélíos</i> = sol .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo do gr. <i>hêlios</i> , ou = Sol .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Sol .	Nova gramática do português contemporâneo , de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Radical grego <i>hélíos</i> = sol .	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>hemi-/semi-</i>	Prefixo grego <i>Hemi</i> – do grego, <i>hemi</i> = meio .	Serões gramaticais ou Nova gramática portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Prefixo grego <i>hemi</i> = metade .	Gramática Portuguesa , João Ribeiro, 1904.
	<i>Hemi</i> = meio .	Gramática Portuguesa , Alfredo Gomes, 1915..
	Prefixo grego equivale a <i>semi</i> , no lat.	O Exame de Portuguez . Júlio NOGUEIRA, 1918.
	Prefixo grego <i>hemí</i> = mediação .	Gramática Metódica da Língua Portuguesa , Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Prefixo grego = meio .	Gramática Normativa da Língua Portuguesa , de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Prefixo grego <i>hemi</i> = meio .	Gramática Secundária da Língua Portuguesa , M. Said Ali, 1965.
	Prefixo grego <i>hemi</i> = significa metade .	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Prefixo <i>hemi</i> = metade	Estudos de Lexicologia do Português , Mário Vilela, 1994.
	Antepositivo gr. <i>hêmi-</i> pela metade, pelo meio .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Metade .	Nova gramática do português contemporâneo , de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Radical grego <i>hemí</i> = metade).	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
	<i>hem(o)-</i>	Prefixo grego <i>Hemato</i> , <i>hemo</i> , <i>hema</i> = sangue .
Derivado grego <i>haíma</i> , <i>haímatos</i> = sangue .		Gramática Metódica da Língua Portuguesa , Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
Do grego <i>haíma</i> = sangue .		DELP , Antenor Nascentes, 1955.
Radical grego <i>háima</i> , <i>háimatos</i> = sangue .		Gramática Normativa da Língua Portuguesa , de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
Radical grego <i>haím-a</i> , <i>atos</i> = sangue .		Gramática Secundária da Língua Portuguesa , M. Said Ali, 1965.
Prefixo grego <i>hemato</i> , <i>hemo</i> , <i>hema</i> = sangue .		Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
Radical grego <i>haíma</i> , <i>haímatos</i> = sangue .		Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
Antepositivo hema do gr. <i>haíma</i> , <i>atos</i> sangue .		DH , Antônio Houaiss, 2001.
Sangue .		Nova gramática do português contemporâneo , de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
Radical grego <i>hem-a</i> – <i>haêm-a</i> – <i>atos</i> sangue .		Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>hepat(o)-</i>	Do grego <i>hêpar</i> , <i>hêpatos</i> = figado .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo, do gr. <i>hêpar</i> , <i>hêpatos</i> = figado .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>herb(i)-</i>	Antepositivo do latim <i>herba</i> , <i>ae</i> = erva .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>heter(o)-</i>	Derivado grego <i>héteros</i> = outro .	Gramática Metódica da Língua Portuguesa , Napoleão Mendes de Almeida, 1952.

	Do grego <i>héteros</i> = outro, diferente .	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego <i>héteros</i> = outro	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura, de Jânio Quadros, 1969.
	Antepositivo do gr. <i>héteros,a,on</i> = outro, diferente .	DH, Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>héter-os</i> = outro .	Moderna gramática portuguesa, de Evanildo Bechara, 2009.
<i>hidr(o)-</i>	<i>Hydro, hydr</i> da raiz grega <i>hydro</i> = água .	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa, de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Elemento grego <i>hydro</i> = água .	O Exame de Portuguez. Júlio NOGUEIRA, 1918.
	Derivado grego <i>hýdor</i> = água .	Gramática Metódica da Língua Portuguesa, Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Do grego <i>hydor</i> = água .	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego <i>hydor</i> = água .	Gramática Normativa da Língua Portuguêsa, de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Radical grego <i>hid-or, atos</i> = água .	Gramática Secundária da Língua Portuguesa, M. Said Ali, 1965.
	Radical grego <i>hydro, hýdatos</i> = água	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura, de Jânio Quadros, 1969.
	Elemento de composição do gr. <i>húdór,húdatos</i> = água .	DH, Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>hid-or – hýd-or</i> = água	Moderna gramática portuguesa, de Evanildo Bechara, 2009.
<i>higr(o)-</i>	Derivado grego <i>hygrós</i> = úmido .	Gramática Metódica da Língua Portuguesa, Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Do grego <i>hygrós</i> = úmido .	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego <i>hygrós</i> = úmido	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura, de Jânio Quadros, 1969.
	Antepositivo do gr. <i>hugrós,á,ón</i> = molhado, úmido, chuvoso .	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>hip(o)-</i>	Pref. culto do gr. <i>hupó</i> (adv. e prep., origin.) ' sob, debaixo de, embaixo '.	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>-ico</i>	Distinguem óxidos, anídridos, ácidos e sais – cloreto mercúrico.	Moderna gramática portuguesa, de Evanildo Bechara, 2009.
<i>infra-</i>	Prefixo culto, do lat. <i>infra</i> (adv. e prep., origin.) abaixo, embaixo, em posição inferior .	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>iono-</i>	Antepositivo, do gr. <i>iôn,ióntos</i> , part. pres. do v.gr. <i>eími</i> 'ir, andar', através do ing. <i>ion</i> (c1834), em cientificismos como ionizabilidade, ionização, ionizado, ionizante, ionizar, ionizável .	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>-ismo</i> ⁹⁶	Do grego <i>ísmós</i> = origem, sistema, opinião ou crença .	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura, de Jânio Quadros, 1969.
<i>inset(i/o)-</i>	Do latim <i>insectu</i> = inseto .	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo, do lat. <i>insectum,i</i> = inseto .	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>is(o)-</i>	Do grego <i>isos</i> = igual .	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo, do gr. <i>-isos,os,on</i> = igual (em número, em força, em partes).	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>-ita</i>	Esse sufixo em mineralogia serve para designar nomes antigos ou modernos de espécies minerais , como calcita e hematita.	DH, Antônio Houaiss, 2001.
	A nomenclatura da mineralogia e da geologia adota esse sufixo para o nome das espécies minerais: pirita .	Nova gramática do português contemporâneo, de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Forma espécies minerais: pirita .	Moderna gramática portuguesa, de Evanildo Bechara, 2009.
<i>-ite</i>	Inflamação de um órgão indicado pelo thema da palavra: aortite, bronchite, gastrite, hepatite, meningite, nephrite, peritonite, etc.	O Exame de Portuguez. Júlio NOGUEIRA, 1918.
	Do grego <i>ítis</i> = inflamação : bronquite e colite.	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura, de Jânio Quadros, 1969.
	Inflamação : bronquite, gastrite.	Nova gramática do português contemporâneo, de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Emprega-se para inflamações : pleurite, rinite, bronquite.	Moderna gramática portuguesa, Evanildo Bechara, 2009.
<i>-ito</i>	A nomenclatura da mineralogia e da geologia adota esse sufixo para o nome das rochas: granito .	Nova gramática do português contemporâneo, de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Tomado em sentido particular para rochas: granito .	Moderna gramática portuguesa, de Evanildo Bechara, 2009.

⁹⁶ Na terminologia caracteriza ou denomina certos fenômenos.

<i>-lito</i>	Pospositivo do grego <i>lithos</i> , ou = pedra .	DH, Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>litos</i> , <i>lithos</i> = pedra	Moderna gramática portuguesa, Evanildo Bechara, 2009.
<i>lito-</i>	Prefixo grego litho – prefixo de origem grega, da raiz <i>lithos</i> – pedra .	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa, de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Elemento grego <i>Litho</i> = pedra .	O Exame de Portuguez. Júlio NOGUEIRA, 1918.
	Derivado grego <i>lithos</i> = pedra .	Gramática Metódica da Língua Portuguesa, Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Do grego <i>lithos</i> = pedra .	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego <i>lithos</i> = pedra .	Gramática Normativa da Língua Portuguêsa, de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Radical grego <i>lit-os</i> = pedra .	Gramática Secundária da Língua Portuguesa, M. Said Ali, 1965.
	Radical grego <i>lithos</i> = pedra	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura, de Jânio Quadros, 1969.
	Antepositivo do gr. <i>lithos</i> , ou pedra .	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>-logia</i>	Sufixo grego logia = doutrina, teoria, tratado sobre um assumpto qualquer .	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa, de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Elemento grego <i>logia</i> = discurso, sciencia .	O Exame de Portuguez. Júlio NOGUEIRA, 1918.
	Derivado grego <i>logos</i> = razão, discurso, tratado .	Gramática Metódica da Língua Portuguesa, Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Do grego <i>logos</i> = tratado , suf. -ia.	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego <i>logos</i> = discurso, tratado .	Gramática Normativa da Língua Portuguêsa, de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Discurso, tratado ou ciência .	Nova gramática do português contemporâneo, de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Elemento de composição do gr. - <i>logía</i> = ciência, arte, tratado, exposição cabal, tratamento sistemático de um tema' ou de conexão com palavra ou proporção.	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>-logo</i>	Do grego <i>logos</i> = tratado .	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego <i>logos</i> = discurso, tratado .	Gramática Normativa da Língua Portuguêsa, de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Radical grego <i>log-os</i> = discurso, tratado, ciência .	Gramática Secundária da Língua Portuguesa, M. Said Ali, 1965.
	Radical grego <i>lógos</i> = tratado, palavra, discurso .	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura, de Jânio Quadros, 1969.
	pospositivo do gr. <i>lógos</i> , ou = linguagem; discurso, parte do discurso; o que estuda, conhece, é especialista em .	DH, Antônio Houaiss, 2001.
	Que fala ou trata .	Nova gramática do português contemporâneo, de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Radical grego <i>lóg-os</i> = discurso, tratado, ciência .	Moderna gramática portuguesa, de Evanildo Bechara, 2009.
<i>mam</i> ⁹⁷	Do latim <i>mamma</i> = mama .	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo do latim <i>mamma,ae</i> = mama, teta, peito, seio .	DH, Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>mazós</i> = mama, seio .	Moderna gramática portuguesa, de Evanildo Bechara, 2009.
<i>mening(o)-</i>	Do grego <i>méninx</i> , <i>méniggos</i> = membrana muito fina .	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo, do gr. <i>mênigks, iggos</i> membrana muito fina: membrana do cérebro, meninge; túnica do olho; cartilagem da orelha .	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>meteor(o)-</i>	Do grego <i>meteoros</i> = elevado no ar .	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo grego <i>metéóros, os, on</i> = que é do alto, que se eleva, os espaços e os corpos e os fenômenos celestes .	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>-metro</i>	Sufixo grego <i>metro</i> , <i>metra</i> , <i>metria</i> = medida .	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa, de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Prefixo grego metro do grego <i>metron</i> = medida .	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa, de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Elemento grego <i>metro</i> = medida .	O Exame de Portuguez. Júlio NOGUEIRA, 1918.
	Do grego <i>metr</i> , raiz de <i>metréo</i> = medir .	DELP, Antenor Nascentes, 1955.

⁹⁷ “Cada um dos órgãos glandulares, em número de dois ou mais, característicos dos mamíferos” (CUNHA, 1982).

	Radical grego metr-on = medida.	Gramática Secundária da Língua Portuguesa , M. Said Ali, 1965.
	Prefixo grego metro = medida .	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Radical grego <i>métron</i> = medida	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Pospositivo do subst. de orig. gr. <i>metro</i> = unidade de medida .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Que mede.	Nova gramática do português contemporâneo , de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Radical grego <i>métron</i> medida .	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>mes(o)-</i>	Derivado grego <i>mésos</i> = meio .	Gramática Metódica da Língua Portuguesa , Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Do grego <i>mésos</i> = meio .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego <i>mes-os</i> = meio .	Gramática Secundária da Língua Portuguesa , M. Said Ali, 1965.
	Radical grego <i>mésos</i> = meio	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Antepositivo do gr. <i>mésos, é, on</i> = meio, centro .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Meio .	Nova gramática do português contemporâneo , de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Radical grego <i>mésos</i> = meio .	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>micr(o)-</i>	Prefixo grego micro raiz grega <i>micros</i> = pequeno .	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Prefixo grego = pequeno .	Grammatica Portugueza , João Ribeiro, 1904.
	Prefixo grego <i>micro</i> = pequeno .	Grammatica Portugueza , Alfredo Gomes, 1915.
	Elemento grego <i>micro</i> = pequeno .	O Exame de Portuguez . Júlio NOGUEIRA, 1918.
	Derivado grego <i>mícrós</i> = pequeno .	Gramática Metódica da Língua Portuguesa , Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Do grego <i>míkrós</i> = pequeno .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego <i>míkrós</i> = pequeno	Gramática Normativa da Língua Portuguesa , de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Radical grego <i>micr-os</i> = pequeno .	Gramática Secundária da Língua Portuguesa , M. Said Ali, 1965.
	Prefixo grego <i>micro</i> = pequeno .	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Radical grego <i>míkrós</i> = pequeno	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Radical grego <i>mícrós, míkrós</i> = pequeno .	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
	Antepositivo origin. o mesmo que o pref. <i>micro-</i> [ver ' <i>micr(o)-</i>] = pequeno curto .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>mon(o)-</i>	Prefixo grego <i>mono</i> do grego <i>monos</i> = só, somente, solitário, um .	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Prefixo grego = um só .	Grammatica Portugueza , João Ribeiro, 1904.
	Prefixo grego <i>mono</i> = um só .	Grammatica Portugueza , Alfredo Gomes, 1915.
	Elemento grego <i>mono</i> = solitário .	O Exame de Portuguez . Júlio NOGUEIRA, 1918.
	Derivado grego <i>mónos</i> = único .	Gramática Metódica da Língua Portuguesa , Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Do grego <i>mónos</i> = único .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego <i>mónos</i> = um só .	Gramática Normativa da Língua Portuguesa , de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Prefixo grego <i>mono</i> = um .	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Radical grego <i>mónos</i> = um só .	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Antepositivo do gr. <i>mónos, é, on</i> = único, só, solitário, isolado; um só ser, uma única coisa .	DH , Antônio Houaiss, 2001.

	Radical grego <i>mónos</i> = só.	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>-nauta</i>	Pospositivo, do gr. <i>naútés</i> , ou marinheiro, marujo .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>necr(o)-</i>	Prefixo grego <i>necro</i> = morto.	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Elemento grego <i>necro</i> = morte.	O Exame de Portuguez . Júlio NOGUEIRA, 1918.
	Derivado grego <i>necrós</i> = cadáver.	Gramática Metódica da Língua Portuguesa , Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Radical grego <i>nekrós</i> = morto.	Gramática Normativa da Língua Portuguêsa , de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Prefixo grego <i>necro</i> = morto.	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Radical grego <i>nekrós</i> = morto	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Antepositivo do gr. <i>nekrós</i> , ou, morto, cadáver .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Morto .	Nova gramática do português contemporâneo , de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Radical grego <i>necros</i> – <i>nekrós</i> = morto, cadáver.	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>nemat(o)-</i>	Antepositivo do grego <i>nêma</i> , atos = fió, filamento .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>nitr(i/o)</i> ⁹⁸	Elemento de composição do latim <i>nitrum</i> , <i>i</i> , der. do grego <i>nítron</i> , ou 'natrão'; ocorre em voc. já orig. grego, como <i>nitro</i> (<i>nútron</i>), já em vários cultismos da terminologia, preferentemente química, do sXIX em diante, indicando a presença do radical -NO ₂ .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>-nomo</i>	Sufixo grego <i>nomo</i> = que conhece, que regula .	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Derivado grego <i>nómos</i> = lei.	Gramática Metódica da Língua Portuguesa , Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Radical grego <i>nom-os</i> = lei, administração, porção .	Gramática Secundária da Língua Portuguesa , M. Said Ali, 1965.
	Pospositivo grego, conexo com -nomia (ver), formador de comp. relacionados com <i>-nômico</i> ; enquanto estes, como <i>autônômico</i> , são regularmente adj. eventualmente substantiváveis, os em <i>-nomo</i> são regularmente subst. eventualmente adjetiváveis, como <i>autônomo</i> ; designam, nestes casos, já produtos, já agentes (como <i>agrônomo</i> , <i>astrônomo</i> , <i>bibliotecônomo</i> , <i>ecônomo</i> , <i>gastrônomo</i>).	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Que regula .	Nova gramática do português contemporâneo , de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Radical grego <i>nóm-os</i> = lei, administração, porção .	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>-nomia</i> ⁹⁹	Sufixo grego <i>nomia</i> = lei, regra, conhecimento .	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Elemento de composição do gr. <i>nómos</i> , ou 'o que cabe por partição, opinião geral, o que é de lei e de direito' (há, paralelamente, o gr. <i>nomós</i> 'divisão territorial, província, distrito') + o suf. formador de subst. abstratos <i>-ia</i> (ver) em comp. eruditos do sXIX.	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Lei, regra .	Nova gramática do português contemporâneo , de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
<i>-oide</i>	Sufixo grego <i>oide</i> = que tem a forma de .	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Do grego <i>eidos</i> = forma .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.

⁹⁸ As obras pesquisadas para identificar o significado desse elemento não deixam claro o conceito num sentido *stricto*, por isso empregaremos o sentido *lato*, a saber, gás.

⁹⁹ Nesta Tese, empregaremos esse formativo com o significado de ciência, por exemplo, em agronomia e astronomia.

	Radical grego <i>eídos</i> = forma	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Pospositivo, composto de <i>-o-</i> como vogal de ligação típica do gr., + o gr. <i>eidos</i> = aspecto, forma .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>id-os, eíd-os</i> = forma , donde procede <i>oide</i> = que se assemelha a .	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>-oma</i>	Pospositivo da term. da pal. gr. <i>óγκóma, atos</i> = inchação, tumor . Na área da biologia esse formativo serve para denominar nome de conjuntos ou sistemas.	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>oni-</i>	Elemento de composição do lat. <i>omnis, e</i> = todo, todos; tudo; qualquer; de toda a espécie; todo, inteiro .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>ont(o)-</i>	Do grego <i>on, ontos</i> = ser .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo do gr. <i>ón, óntos</i> ou <i>ôn, óntos</i> = ser, criatura , part.pres. de <i>eimí</i> = ser .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>or(i/o)-</i>	Do grego <i>óros</i> , montanha.	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo, do gr. <i>óros, óreos-ous</i> 'montanha, colina'.	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>óros</i> (montanha): orografia.	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>-ose</i>	Dermatose, tuberculose, nevrose, necrose, periostose.	O Exame de Portuguez . Júlio NOGUEIRA, 1918.
	Exprime afecção mórbida : dermatose, psicose.	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
<i>ox(i/o)-</i>	Do grego <i>oxys</i> = azêdo (ácido).	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego <i>oxi-s</i> = ácido, agudo .	Gramática Secundária da Língua Portuguesa , M. Said Ali, 1965.
	Radical grego <i>oxys</i> = agudo	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Elemento de composição do gr. <i>oksús, eia, ú</i> = ácido, penetrante .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>óxis – óxys</i> = ácido, agudo .	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>-óxido</i>	Pospositivo, ocorre na pal. <i>óxido</i> mesma, em que o suf. <i>-ido</i> , de orig. gr., é basicamente 'descendência, linhagem' e nos voc. compostos de <i>óxido</i> : alcóxido, bióxido, decóxido, dióxido, fenóxido, fotóxido, hidróxido, hipóxido, metóxido, monóxido, óxido, pentóxido, peróxido, protóxido, sesquóxido, sideróxido, tetróxido, trióxido .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>ozon(i/o)-</i>	Antepositivo, do gr. <i>ózón, ontos</i> 'que exala, que recende', em vocábulos da terminologia científica, esp. química, na acp. de 'relativo ou referente ao ozônio'.	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>pale(o)-</i>	Derivado grego <i>palaiós</i> = antigo .	Gramática Metódica da Língua Portuguesa , Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Do grego <i>palaiós</i> = antigo .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego <i>palaiós</i> = antigo .	Gramática Normativa da Língua Portuguesa , de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Radical grego <i>palai-os</i> = antigo .	Gramática Secundária da Língua Portuguesa , M. Said Ali, 1965.
	Radical grego <i>pailaós</i> = antigo	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	do gr. <i>palaiós, á, ón</i> = velho, antigo .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>paleos – palaiós</i> = antigo .	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>par(a)-</i>	Prefixo culto, do adv.prep. gr. <i>pará</i> 'junto; ao lado de; por (com agente da passiva); em, em casa de; durante; para; ao longo de; exceto, salvo; para além de'; ocorre quer em grande número de voc. origin. gregos, quer formados subsequenteemente, segundo o padrão clássico; sua composição em vern. reveste as noções de: 1) 'proximidade': <i>parágrafo, paraninfo, paratireóide, parenteral, parênTese, parótico, parótida</i> ; 2) 'oposição': <i>paranomia, paradoxo</i> ; 3) 'para além de': <i>parapsicologia, parapsíquico</i> ; 4) 'defeito': <i>parafasia, paralexia, paramimia, paramnésia, paraplegia</i> ; 5) 'semelhança': <i>parastaminia, parastémone, parastilo</i> .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>parasit(i/o)-</i>	Do grego <i>parasitos</i> = comensal, conviva , indivíduo que come à custa de outro, vive ao lado da (pará) comida (sitos).	DELP , Antenor Nascentes, 1955.

	Antepositivo, do gr. <i>parásitos,os,on</i> = que come ao lado de ou com.	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>-plâncton</i>	Pospositivo do gr. <i>plagktós,ê,ón</i> = errante, instável.	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>pluvi(o)-</i>	Do latim <i>pluvial</i> = chuva.	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo do lat. <i>pluvia,ae</i> = chuva, água da chuva.	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>poli(o)-</i>	Do grego <i>poliós</i> = cinzento.	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo, do gr. <i>poliós,á,ón</i> = grisalho, cinzento, branco.	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>psicr(o)-</i>	Do grego <i>psychrós</i> = frio.	DELP, Antenor Nascentes, 1955..
	Antepositivo do gr. <i>psukhrós,á,ón</i> = frio.	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>quilo-</i>	Prefixo Do SI, simbolizado por <i>k</i> , do gr. <i>khílioi,ai,a</i> 'mil, milhar', adotado arbitrariamente como <i>kilo-</i> pela lei de 7 de abril de 1795 na França, e, no Brasil, por lei de 1833 e de 1862, equivalente a um multiplicador 10 ³ , seja, <i>mil</i> .	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>radi(o)-</i>	Antepositivo, do lat. <i>radius,i</i> = raio (de roda, círculo ou luz).	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>sacar(i/o)-</i>	Do grego <i>sakeháron</i> = açúcar.	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo, do gr. <i>sákkhar,aros</i> ou <i>sákkharon,ou</i> = açúcar.	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>-scópio</i>	Sufixo grego <i>scopio</i> = vista, observação.	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa, de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915
	Elemento grego <i>scopio</i> , de <i>skopé-ô</i> = examinar.	O Exame de Portuguez. Júlio NOGUEIRA, 1918.
	Do grego <i>skop</i> , raiz de <i>skopéo</i> = olhar, e suf. -io.	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego <i>skopéo</i> = vejo.	Gramática Normativa da Língua Portuguesa, de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Radical grego <i>scope-o</i> = examinar: scopio = que faz ver.	Gramática Secundária da Língua Portuguesa, M. Said Ali, 1965.
	Pospositivo do gr. <i>skopéo</i> = olhar atentamente, considerar, observar, examinar; visar a, ter como objetivo.	DH, Antônio Houaiss, 2001.
	Instrumento para ver.	Nova gramática do português contemporâneo, de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Radical grego <i>scope-o</i> - <i>skopéo</i> = examinar, daí scópio que faz ver.	Moderna gramática portuguesa, de Evanildo Bechara, 2009.
<i>sism(o)-</i>	Do grego <i>seismós</i> = abalo.	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego <i>seismós</i> = abalo, terremoto.	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura, de Jânio Quadros, 1969.
	Antepositivo, do gr. <i>seismós,ou</i> = abalo, comoção; tremor de terra.	DH, Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>sismo-os</i> - <i>seism-ós</i> , daí <i>sism</i> = estremecimento.	Moderna gramática portuguesa, de Evanildo Bechara, 2009.
<i>-sfera</i> ¹⁰⁰	Do grego <i>sphaira</i> = esfera.	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego <i>sphaíra</i> = esfera	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura, de Jânio Quadros, 1969.
	Pospositivo formador de substantivos com o gr. <i>sphaíra,as</i> = globo, esfera, bola.	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>-sfério</i>	Pospositivo formador de substantivos com o gr. <i>sphaíra,as</i> = globo, esfera, bola.	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>-sol</i>	Pospositivo lat. <i>solutio,ónis</i> = decomposição de um ser.	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>-stomo</i>	Do grego <i>stóma</i> = boca.	DELP, Antenor Nascentes, 1955.
	Boca: estomatite e anastomose.	Gramática Normativa da Língua Portuguesa, de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Radical grego <i>estoma, stóma</i> = boca.	Moderna gramática portuguesa, de Evanildo Bechara, 2009.
	Pospositivo, do gr. <i>stóma,atos</i> = boca.	DH, Antônio Houaiss, 2001.
<i>sub-</i>	Debaixo: submissão.	Grammatica Portuguesa, Alfredo Gomes, 1915.
	(Preposição). Submitter, subrogar, subjugar, submissão e submergir.	O Exame de Portuguez. Júlio NOGUEIRA, 1918.

¹⁰⁰ Na terminologia que estamos descrevendo esse elemento erudito significa globo terrestre, camada, conjunto e região.

	Abaixo: subterrâneo, subcutâneo.	Gramática Normativa da Língua Portuguesa , Francisco da Silveira, Bueno, 1944.
	Movimento de baixo para cima; posição inferior subjugar e submeter.	Gramática Normativa da Língua Portuguesa , de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Culto, da prep.lat. <i>sub sob, embaixo de, por baixo de, abaixo de.</i>	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Movimento de baixo para cima, inferioridade: subalterno.	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>talass(i/o)-</i>	Do grego <i>thálassa</i> = mar .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo do gr. <i>thálassa,és</i> = mar e <i>thalássios,on</i> = marinho, marítimo .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>tele-</i>	Prefixo grego <i>tele</i> = longe, distante .	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Prefixo grego <i>tele</i> = ao longe .	Grammatica Portuguesa , João Ribeiro, 1904.
	Prefixo grego <i>tele</i> = longe .	Grammatica Portuguesa , Alfredo Gomes, 1915.
	Elemento grego <i>tele</i> = longe .	O Exame de Portuguez . Júlio NOGUEIRA, 1918.
	Derivado grego <i>téle</i> .	Gramática Metódica da Língua Portuguesa , Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Do grego <i>têle</i> = longe .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego <i>têle</i> = longe .	Gramática Normativa da Língua Portuguesa , de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Radical grego <i>têle</i> = longe	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Tele – pode apresentar em três valores: o de ‘ a distância, de longe ’ o de ‘ televisão ’ e o de ‘ teleférico ’.	Estudos de Lexicologia do Português , Mário Vilela, 1994.
	Antepositivo do adv. gr. <i>têle</i> = longe, ao longe, de longe .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>têle</i> = longe .	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>term(o)-</i>	Prefixo grego <i>thermo</i> = calor :	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Derivado grego <i>thérme</i> = calor .	Gramática Metódica da Língua Portuguesa , Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Do grego <i>thérme</i> = calor .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego <i>thermós</i> = calor .	Gramática Normativa da Língua Portuguesa , de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Radical grego <i>term-os</i> = quente .	Gramática Secundária da Língua Portuguesa , M. Said Ali, 1965.
	Radical grego <i>thérme</i> = calor	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Elemento de composição do gr. <i>thermós,ê,ón</i> = quente, ardente .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Radical grego <i>termós</i> – <i>thermós</i> = calor .	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>-topo</i>	Do grego <i>topos</i> = lugar .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Pospositivo, do gr. <i>tópos,ou</i> = lugar .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Lugar: topografia e toponímia.	Nova gramática do português contemporâneo , de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Radical grego <i>tópos</i> = lugar .	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.
<i>-trófico</i>	Sufixo grego <i>trepho</i> = alimento .	Grammatica Portuguesa , João Ribeiro, 1904.
	Radical grego <i>trophé</i> = alimento .	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Pospositivo conexo com -trofia ação de alimentar, alimento, nutrição, nutriente (ver); formador, com o suf. -ico .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>trop(o)-</i>	antepositivo, do gr. <i>trópos,ou</i> que significa ‘mudança; mudança de tempo, de lugar’: <i>tropofilia, tropofílico, tropófilo, tropófita, troponomia, troponômico, troposfera</i> .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>tubercul(i/o)-</i>	Do latim <i>tubérculo</i> = tubérculo .	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Antepositivo, do lat. <i>tuber,èris</i> = tumor, excrescência .	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>un(i)-</i>	Prefixo latino <i>uni, un</i> do adjectivo latino <i>unus</i> - um .	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.

	Um: uníssonos.	Nova gramática do português contemporâneo , de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Elemento de composição do lat. <i>unus,a,um um</i> ; apenas um, único.	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>ultra-</i>	Prefixo culto ou semiculto, da prep.adv.lat. <i>ultra</i> 'para além de, adiante de, fora de; além, mais longe'.	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>vir(i/o)-</i>	Antepositivo, do lat. <i>virus,i</i> 'sumo, suco; sêmen; peçonha, veneno'.	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>-voro</i>	Sufixo latino vocabulo latino, que outra coisa não é que verbo <i>voro, voras, voravi, vorare = comer, engulir.</i>	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Sufixo latino <i>voro</i> , de <i>vovare = devorar, comer.</i>	O Exame de Portuguez. Júlio NOGUEIRA, 1918.
	Que come: carnívoro e herbívoro.	Nova gramática do português contemporâneo , de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Elemento de composição do v.lat. <i>vòro,as,ávi,átum,áre = devorar, engolir, tragar, comer com avidez.</i>	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>-voria</i>	Pospositivo composto do rad. lat. <i>-vòr-</i> = devorar, comer, alimentar-se de + o suf. <i>-ia</i> formador de substantivos de noção, abstratos, na relação do tipo <i>camívoro: camívoria</i> ,	DH , Antônio Houaiss, 2001.
<i>zo(o)-</i>	Do grego <i>zoon = animal.</i>	Serões gramaticaes ou Nova grammatica portuguesa , de Ernesto Carneiro Ribeiro, 1915.
	Elemento grego <i>zoo = animal.</i>	O Exame de Portuguez. Júlio NOGUEIRA, 1918.
	Derivado grego <i>zôon = animal.</i>	Gramática Metódica da Língua Portuguesa , Napoleão Mendes de Almeida, 1952.
	Do grego <i>zôon = animal.</i>	DELP , Antenor Nascentes, 1955.
	Radical grego <i>zôon = animal.</i>	Gramática Normativa da Língua Portuguesa , de Carlos Henrique da Rocha Lima, 1962.
	Radical grego <i>zo-on = animal, ser vivo.</i>	Gramática Secundária da Língua Portuguesa , M. Said Ali, 1965.
	Prefixo grego <i>zoo = animal.</i>	Curso prático da língua portuguesa e sua literatura , de Jânio Quadros, 1969.
	Elemento de composição do gr. <i>zôion,ou = ser vivo, animal.</i>	DH , Antônio Houaiss, 2001.
	Animal: zoógrafo e zoologia.	Nova gramática do português contemporâneo , de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra, 2008.
	Radical grego <i>zôi-on = animal, ser vivo</i>	Moderna gramática portuguesa , de Evanildo Bechara, 2009.

Fonte: Gramáticas e dicionários, conforme a indicação ao lado de cada elemento erudito.

A busca dos significados dos elementos eruditos nas obras pesquisadas demonstrou que os formativos recebem diferentes denominações, como prefixos, sufixos, antepositivo, pospositivo, radical e compostos, conforme podemos observar no quadro acima. Embora haja variados termos para designar os mesmos formativos, a pesquisa evidenciou que os significados não mudaram ao longo do tempo; porém, os termos constituídos por formativos eruditos, formados pelo processo da recomposição, quando combinado com base livre, geralmente não recuperam o significado do elemento erudito, mas, sim, do significado de outro termo que contenha o elemento erudito.

Gonçalves (2011b, p. 72) adverte que: “nas novas formações, entretanto, a base, numa espécie de metonímia formal, remete à acepção do composto que lhe deu origem, afastando-se, com isso, de seu significado original”. É o que acontece, por exemplo, com *eco-*, de *ecologia*,

na formação como *ecoturismo* e *bio-*, de *biologia*, na formação como *biogás*. Concernente ao termo *ecoturismo*, o formativo *eco-* é utilizado em relação à *ecologia*, por isso não atualiza a acepção de *casa e habitação*; de semelhante modo, ocorre com o formativo *bio-* em *biogás*, que é utilizado com referência ao termo *biologia*. À vista dos elementos eruditos, por um lado, notamos que os gramáticos listam basicamente os mesmos formativos, sobretudo, aqueles elementos mais usuais na formação de termos do discurso formal, como, por exemplo, *bio-*, *tele-*, *zoo-*; porém, isso não significa dizer que os compêndios não listem elementos diferentes uns dos outros. Por outro lado, observamos que os dois dicionários, empregados nesta pesquisa, listam formativos não mencionados pelas gramáticas, é o caso dos formativos *sacar(i/o)-*, *psicr(o)*, *tubercul(i/o)-*, que constam apenas do DELP (1955). Em contrapartida, o DH (2001) apresenta todos os formativos eruditos, identificados nos termos, recolhidos dos livros didáticos Ciências da Natureza, prefixos, sufixos, ou os ditos compostos eruditos.

Para finalizar, acerca dos elementos eruditos, ainda podemos ressaltar que os compêndios e os dois dicionários utilizados para fins desta pesquisa não só descrevem o significado do termo, mas também a origem etimológica, os exemplos e as explicações semânticas, quanto ao uso do formativo na estrutura dos termos, à exceção do DELP (1955), que apresenta apenas o significado e a origem etimológica dos formativos. Por fim, cumpre destacar que, ao transcrever as informações das gramáticas para o quadro 65 dos significados dos formativos eruditos, procuramos manter a ortografia vigente, no período em que foram publicados, pois consideramos importante preservar a época em que foram escritos. Na seção subsequente, apresentamos a síntese do capítulo.

5.5 Síntese do capítulo

Neste capítulo, expusemos, em primeiro lugar, a delimitação do público-alvo com o intuito de definir a proposta do glossário, o tipo de definição, o tipo de *layout* e o tipo de formato, impresso ou digital. Assim, decidimos empregar o modelo digital, considerando as ferramentas disponíveis para inclusão dos termos e dos significados, na plataforma da web, com vistas à aprendizagem do usuário. Em segundo, mencionamos como ocorreu a constituição da terminologia, com o propósito de indicar quais seriam as obras de referências empregadas para a constituição dos termos, a serem incluídos no glossário. Citamos os critérios utilizados para selecionar os dados que comporiam a obra terminográfica, assinalamos como se deu a coleta dos termos, dos contextos e do conteúdo terminológico, a fim de propor as definições e delineamos o modelo de campo lexical a ser adotado nesta Tese, que, por sua vez, será

implementado no glossário digital como uma ferramenta de busca dos termos. Em terceiro, categorizamos os termos em suas devidas combinações morfológicas, uma vez que tanto os teóricos discutidos no capítulo 3 bem como os dados selecionados para esta pesquisa demonstram que a estruturação combinatória dos formativos eruditos é bastante dinâmica. Por fim, registramos os significados dos formativos eruditos, com base nos compêndios gramaticais e nos dicionários, com o objetivo de constatar se o significado do formativo se mantém na base do conceito do termo erudito. Esses procedimentos metodológicos deram a forma e o conteúdo ao glossário escolar de elementos eruditos para estudantes do 6º ano do EFII, como veremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 6

PROPOSTA DE GLOSSÁRIO SISTÊMICO DE TERMOS FORMADOS POR ELEMENTOS ERUDITOS PARA ESTUDANTES DO 6º. ANO DO EFII

INTRODUÇÃO

O objeto de descrição e análise deste estudo são os termos com formativos eruditos do componente curricular *Ciências da Natureza*. A escolha dessa temática se justifica pela necessidade de haver um veículo de comunicação para facilitar a aprendizagem da terminologia científica e técnica. Além disso, as diretrizes dos PCNs (1998) fazem referência direta ao ensino das terminologias para o EFII. Neste capítulo, então, considerando o que foi dito nos capítulos que o antecedem, apresentaremos nossa proposta de *Glossário Sistemico de termos formados por elementos eruditos para estudantes do 6º do EFII*. O capítulo está organizado em duas grandes seções: na seção 6.1, mostramos como os princípios e critérios, apresentados ao longo desta Tese, foram aplicados para a elaboração do glossário; na seção 6.2, apresentamos o funcionamento do glossário, que está disponível no site: <https://rebekadoutorado.wixsite.com/cienciasdanaturezaef>.

6.1 Metodologia para a elaboração de proposta de glossário sistemico: aplicação dos conceitos terminológicos e terminográficos para a elaboração do glossário

A Terminologia é um tipo de disciplina que adota critérios para a delimitação do estudo, razão pela qual optamos pela estrutura proposta por Faulstich (1995b):

Quadro 66: Estrutura do glossário

Grande área do conhecimento	Ciências
Área do conhecimento	Ciências da Natureza
Organização	Sistêmica e alfabética
Língua	Português
Destinatários	Estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental
Objetivo	Descrever e difundir os termos com formativos eruditos do componente curricular Ciências da Natureza.

Fonte: Adaptado de (FAULSTICH, 1995b).

Para melhor esclarecimento dos itens que caracterizam a estrutura do glossário, detalhamos a seguir.

A *grande área do conhecimento* é “o aglomerado de diversas áreas do conhecimento, em vista da afinidade de seus objetos, métodos cognitivos e recursos instrumentais refletindo contextos sociopolíticos específicos” (CAPES, 2018, s.p); no caso desta pesquisa, Ciências; a *área do conhecimento* é o “conjunto de conhecimentos inter-relacionados, coletivamente construído, reunido segundo a natureza do objeto de investigação com finalidades de ensino, pesquisa e aplicações práticas” (*ibid*, 2018, s.p); no caso desta pesquisa, Ciências da Natureza; a *organização* é a estrutura do glossário em ordem sistêmica e alfabética. Sistêmica porque os hiperônimos e hipônimos das definições que exigem complemento semântico se ligam por meio de remissivas. *Alfabética* porque os termos-entrada obedecem à ordem das letras do alfabeto em português. *Destinatário* é o público-alvo para quem o glossário é idealizado, no caso, alunos do 6º ano do EFII. *Objetivo* é a utilidade do glossário, que visa a descrever e a difundir os termos com formativos eruditos.

6.1.1 Aplicação dos princípios e critérios para a elaboração da microestrutura do glossário

A fundamentação dos conceitos terminológicos e terminográficos, especificados nos capítulos anteriores, especialmente no capítulo 4, foram aplicados na organização do glossário que criamos.

6.1.1.1 Ficha terminológica

Conforme detalhamos no capítulo 5, os dados foram coletados de livros didáticos, do componente curricular *Ciências da Natureza*, utilizados por alunos do 6º ano do EFII. Após a seleção, os dados foram sistematizados na ficha terminológica. Os itens que compõem a ficha terminológica são: entrada + categoria gramatical + gênero ± sinônimo + definição + fonte da definição + o contexto + fonte do contexto ± nota ± remissiva (FAULSTICH, 2010). O sinal + indica que os campos serão preenchidos, de forma obrigatória, uma vez que se trata de elementos básicos para a elaboração da microestrutura. O sinal ± indica que o elemento pode compor ou não o verbete, assim o preenchimento dessas partes dos verbetes fica a cargo do terminógrafo, conforme o objetivo da obra. Os verbetes estão organizados em ordem alfabética do português.

Na estrutura da ficha terminológica, optamos por não utilizar o elemento equivalente em línguas estrangeiras, tendo em vista que a obra terminográfica, proposta nesta Tese, é escrita na língua portuguesa para alunos, falantes do idioma, no Estado brasileiro. Por se tratar de um glossário sistêmico, a remissiva precisa ser considerada, razão pela qual esse componente

deixou de ser facultativo e se tornou obrigatório. Fundamentadas nas características, expostas acima, ilustramos no quadro subsequente o modelo de ficha, que empregamos, nesta pesquisa:

Quadro 67: Modelo de ficha terminológica

FICHA TERMINOLÓGICA	
Número	
1. entrada	
2. categoria gramatical	
3. gênero	
4. sinônimo (s)	
5. área	
6. definição	
7. fonte da definição	
8. contexto	
9. fonte contexto	
10 remissivas	
11. autor	
12. redator	
13. data	

Fonte: Faulstich (2010).

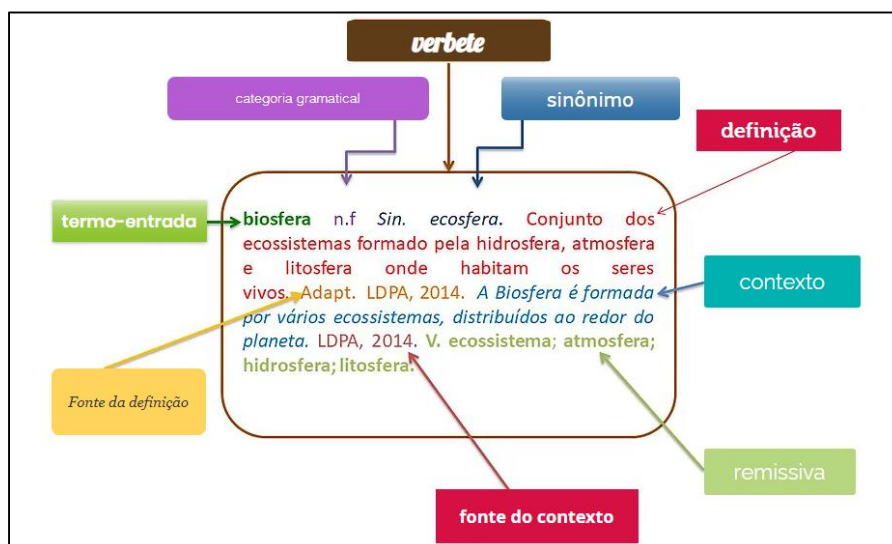
A seguir, apresentamos a ficha terminológica, preenchida com o termo *biosfera*, para a elaboração do verbete.

Quadro 68: Ficha terminológica do termo *biosfera*

FICHA TERMINOLÓGICA	
1	
1. entrada	Biosfera
2. categoria gramatical	Nome
3. gênero	Feminino
4. sinônimo (s)	Ecosfera
5. área	
6. definição	Conjunto dos ecossistemas formado pela hidrosfera, atmosfera e litosfera onde habitam os seres vivos.
7. fonte da definição	LDPA (2014).
8. contexto	<i>A Biosfera é formada por vários ecossistemas, distribuídos ao redor do planeta.</i>
9. fonte contexto	LDPA (2014).
10. remissivas	Ecossistema, atmosfera, hidrosfera e litosfera.
11. autor	Rebeka da Silva Aguiar
12. redator	Rebeka da Silva Aguiar
13. data	22/03/2017

Após a sistematização dos dados na ficha terminológica, as informações terminológicas foram transcritas para o verbete, como mostra a figura abaixo:

Figura 22: Verbetes



Para a elaboração das definições, empregamos o DAJ (2011), o DH (2001) e os livros didáticos utilizados pelos alunos do 6º ano do EFII; para a seleção dos contextos do glossário, empregamos os livros didáticos. Além disso, contamos com o apoio de um professor, que ministra a disciplina *Ciências da Natureza*, formado em Biologia. Com o intento de dispor as definições de modo padronizado no verbete do glossário proposto, seguimos o modelo de

definição pragmática, desenvolvido por Faulstich (2014), *o que é e para que serve*, contudo, para atender ao nível linguístico dos estudantes, acrescentamos mais quatro componentes, a saber, *constituente, característica, conteúdo e localização*.

O componente *o que é* significa a categoria conceitual do termo. Essa estrutura se encontra com frequência nos compêndios terminográficos, além disso, é o único componente compartilhado por todos os termos; o componente *constituente* determina o que a coisa tem e contém; o componente *característica* significa as qualidades distintivas do termo, como, por exemplo, cor, formato, textura, efeito; o componente *localização* significa local, lugar, espaço físico, delimitação geográfica; e o componente *para que serve* significa a funcionalidade do termo.

De acordo com Faulstich (2014, p. 381), a definição pragmática tem a “[...] função didática de ensinar a utilidade do objeto, contida no significado da palavra”. Salientamos que os elementos contidos na base da estrutura da definição se referem a um conjunto de propriedades semânticas que formam o conceito dos termos com formativos eruditos, de forma que o glossário seja de fácil compreensão. Por essas razões, as definições alcançam uma homogeneidade lógico-semântica mais expressiva, visto que terão um padrão, conforme pode ser conferido nos quadros, a seguir.

Quadro 69: Análise dos componentes da definição

Biosfera	
Termo	Biosfera
Definição	Conjunto dos ecossistemas formado pela hidrosfera, atmosfera e litosfera onde habitam os seres vivos.
Fonte da definição	LDPA (2014).
Adaptação	Rebeka da Silva Aguiar
Descrição dos elementos da definição pragmática	
o que é	conjunto dos ecossistemas
constituente	formado pela hidrosfera, atmosfera e litosfera
características	
localização	onde habitam os seres vivos.
para que serve	

Quadro 70: Análise dos componentes da definição

Biologia	
Termo	Biologia
Definição	Ciência que estuda a origem, a evolução, a estrutura e o comportamento dos seres vivos.
Fonte da definição	LDPT (2015).
Adaptação	Rebeka da Silva Aguiar
Descrição dos elementos da definição pragmática	
o que é	Ciência
constituente	
características	
localização	
para que serve	que estuda a origem, a evolução, a estrutura e o comportamento dos seres vivos.

Quadro 71: Análise dos componentes da definição

Litosfera	
Termo	Litosfera
Definição	Região da biosfera, que é formada pela superfície terrestre, contém minerais, gases e petróleo e serve para o desenvolvimento dos ecossistemas.
Fonte da definição	LDIC (2015).
Adaptação	Rebeka da Silva Aguiar
Descrição dos elementos da definição pragmática	
o que é	região da biosfera
constituente	contém minerais, gases e petróleo
características	formada pela superfície terrestre
localização	
para que serve	serve para o desenvolvimento dos ecossistemas.

A definição traz conteúdo terminológico e deve transmitir as informações sobre o que é o termo num dado contexto científico, com o intento de expor as peculiaridades referentes aos conceitos de determinado domínio do conhecimento. Rey (2010 p. 195)¹⁰¹ esclarece que: “en terminographie, l’unité de départ est extralinguistique même si ele est représentée par un mot

¹⁰¹Em terminografia, a unidade de base é extralinguística mesmo representada por uma palavra da língua, que é uma entrada; interessa-nos efetivamente as relações pragmáticas ou conceituais, logo extralinguísticas. Tradução nossa.

de la langue, qui est une entrée; on s'intéresse en effet à des relations pragmatiques ou conceptuelles, donc extralinguistiques”.

A descrição dos componentes da definição pragmática é útil para a sistematização do conteúdo terminológico. Uma vez que o público-alvo do glossário são estudantes do 6º ano do EFII, a linguagem deve ser clara, objetiva e precisa, porém, sem perder o rigor científico e técnico que caracterizam as áreas de especialidades. Pelo exposto, entendemos que o conjunto de componentes são essenciais para eliminar informações supérfluas ou secundárias, haja vista que os conceitos dos verbetes não podem ser redundantes. Reiteramos que a definição terminológica estrutura conceitos, que visam a atender às necessidades de um grupo de pessoas interessadas em aprender e apreender conteúdos de natureza científica. Todos os termos identificados, com base nos critérios estabelecidos, foram organizados na ficha terminológica. Após esse processo, tivemos o material necessário para a sistematização da microestrutura, como se vê na figura abaixo, do glossário proposto:

Figura 23: Verbetes *litosfera*



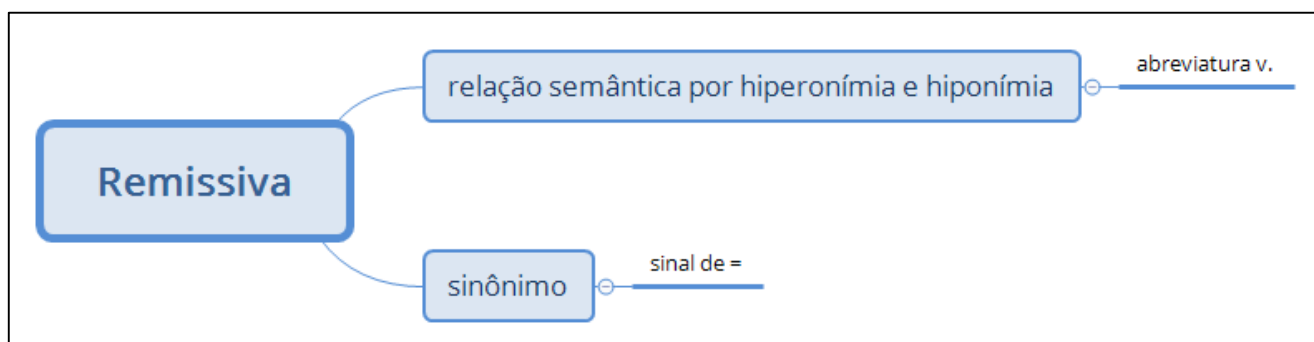
A figura mostra que o termo-entrada está em negrito, seguido da constituição morfológica, da categoria gramatical e do sinônimo, que se encontra em cor branca, inserida numa caixa azul, com o objetivo de destacar o processo da remissão. A definição está escrita em fonte *open sans*, tamanho 18, acompanhada da fonte da definição. O contexto, embora esteja com a mesma fonte e tamanho da definição, está em itálico. Por fim, se encontra a fonte do contexto e as remissivas por hiponímia. Dessa forma, ao sistematizarmos a microestrutura com o apoio dos *hiperlinks*, estamos fazendo uso das ferramentas da informática, que possibilita a

criação de glossários, em formato de hipertextos, conforme discutimos no capítulo 4. A seguir, discutiremos sobre remissiva, item essencial para a organização do glossário sistêmico.

6.1.1.2 Remissivas

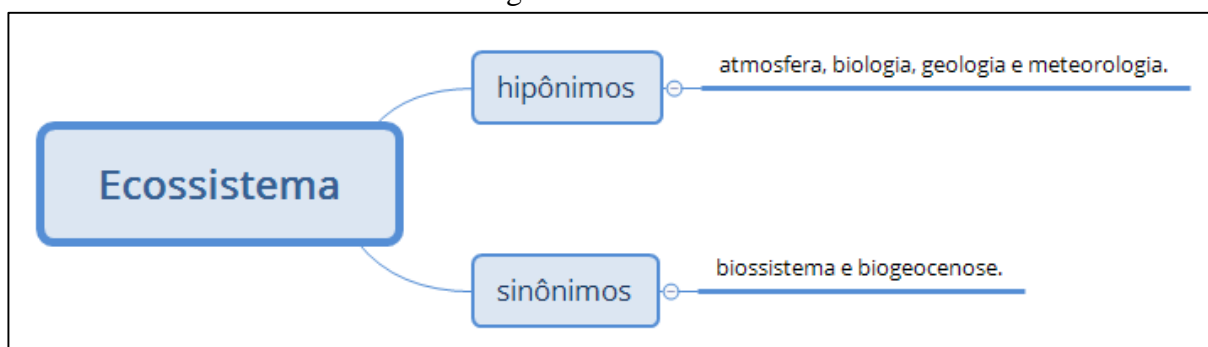
As remissivas relacionam itens lexicais do verbete entre si. Na elaboração do *Glossário sistêmico de termos formados por elementos eruditos para estudantes do 6º ano do EFII*, estabelecemos dois critérios para estruturar as remissivas, quais sejam: (i) relação semântica por hiperonímia e hiponímia, que será indicada pela abreviatura v. de ver; e (ii) sinônimo, que será indicado pelo sinal de igual =, conforme ilustra a figura a seguir:

Figura 24: Remissiva



Na figura 25, exemplificamos o registro do termo ecossistema, com as respectivas remissivas, tanto por meio dos hipônimos quanto por meio dos sinônimos.

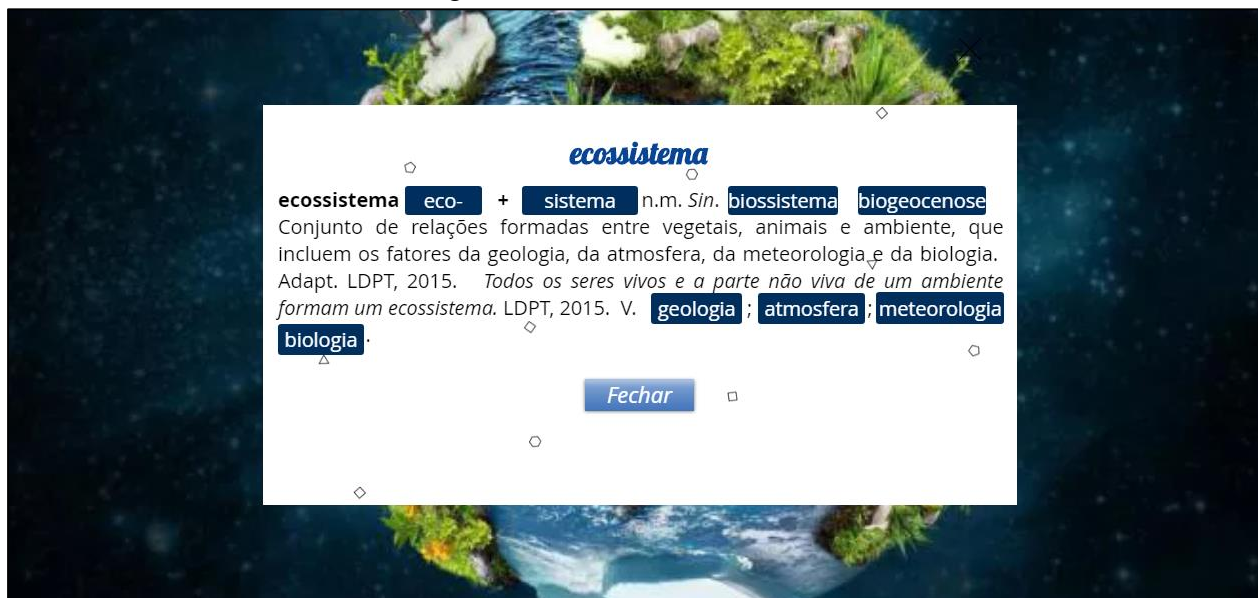
Figura 25: Remissiva



Na figura 26, ilustramos o verbete *ecossistema* inserido no glossário digital. As remissivas foram organizadas numa caixa de texto de cor azul escura e com letras brancas, com vistas a chamar a atenção do consulente. Como se observa na figura 26, os sinônimos se situam logo após a categoria gramatical, e os hiperônimos e hipônimos se situam, logo após a fonte do

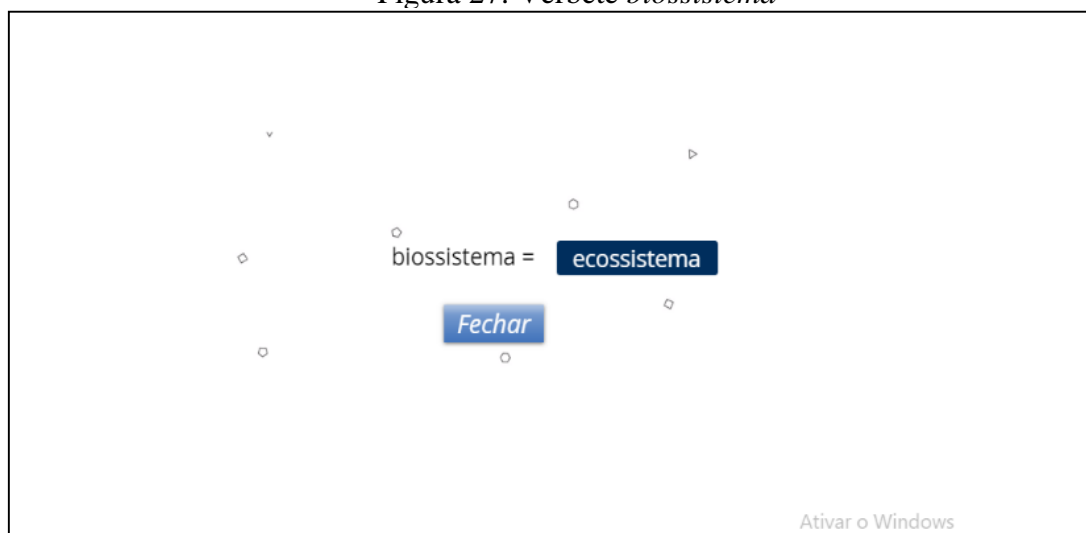
contexto. Para acessar o item remissivo, basta o consulente clicá-lo com o botão esquerdo do mouse, se for no computador, e no celular basta dar um clique, pois são *hiperlinks*.

Figura 26: Verbete *ecossistema*



Ao clicar no sinônimo *biossistema*, automaticamente remete ao item remissivo, que indica ao leitor o mesmo significado do termo entrada *ecossistema*, conforme notamos na figura, a seguir. Cumpre ressaltar que esse processo ocorre com todos os sinônimos.

Figura 27: Verbete *biossistema*



Na figura subsequente, apresentamos o item remissivo *geologia* do verbete de *ecossistema*, ilustrado na figura 28.

Figura 28: Verbetes *geologia*

Da mesma forma que ocorre com os sinônimos, os hipônimos são ligados por *hiperlinks*. Dessa maneira, o aluno poderá clicar em cima da caixa de texto do termo *geologia*, e, imediatamente, aquela ferramenta remete a esse termo-entrada. Na subseção seguinte, discorreremos sobre os mecanismos da divulgação científica para a escrita da definição.

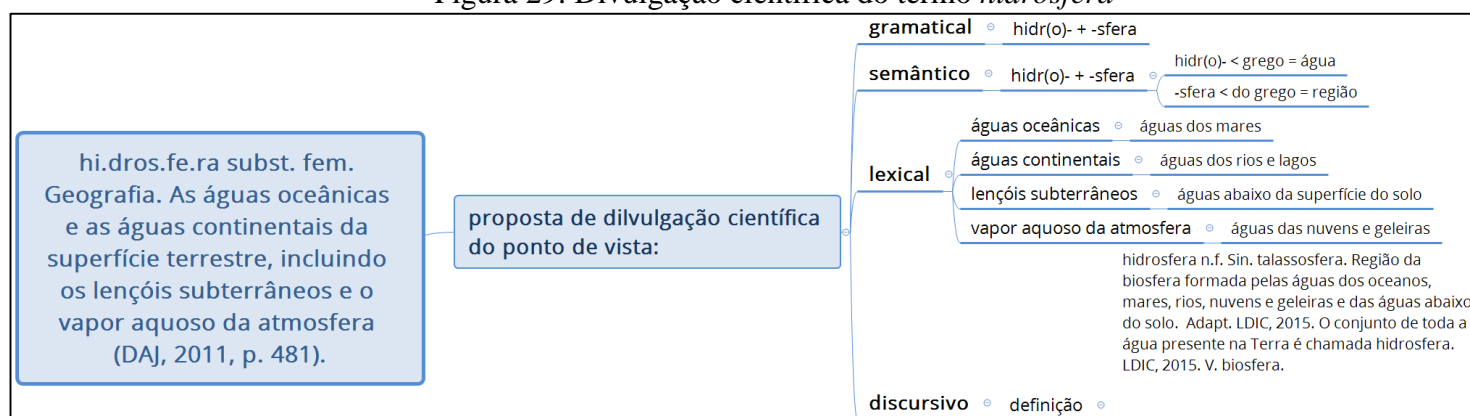
6.1.1.3 A divulgação científica aplicada às definições

Uma análise das definições do DAJ (2011), conforme apresentada no capítulo 2, demonstrou que a escrita do texto definitório dos termos não está de acordo com as particularidades linguísticas do usuário, tendo em vista que os conteúdos científicos e técnicos, veiculados, naquela obra, não empregam uma linguagem, consoante ao perfil linguístico dos estudantes. Essa falta de adequação compromete o ensino e a aprendizagem dos termos que constituem a linguagem de especialidade dos componentes curriculares, uma vez que o DAJ (2011) descreve definições com vocabulário do universo adulto. Em concordância com o capítulo 1, a sociedade contemporânea exige um sujeito cada vez mais letrado, que conheça diferentes gêneros textuais e demonstre amplo conhecimento dos aspectos sociais, educacionais, culturais e científicos.

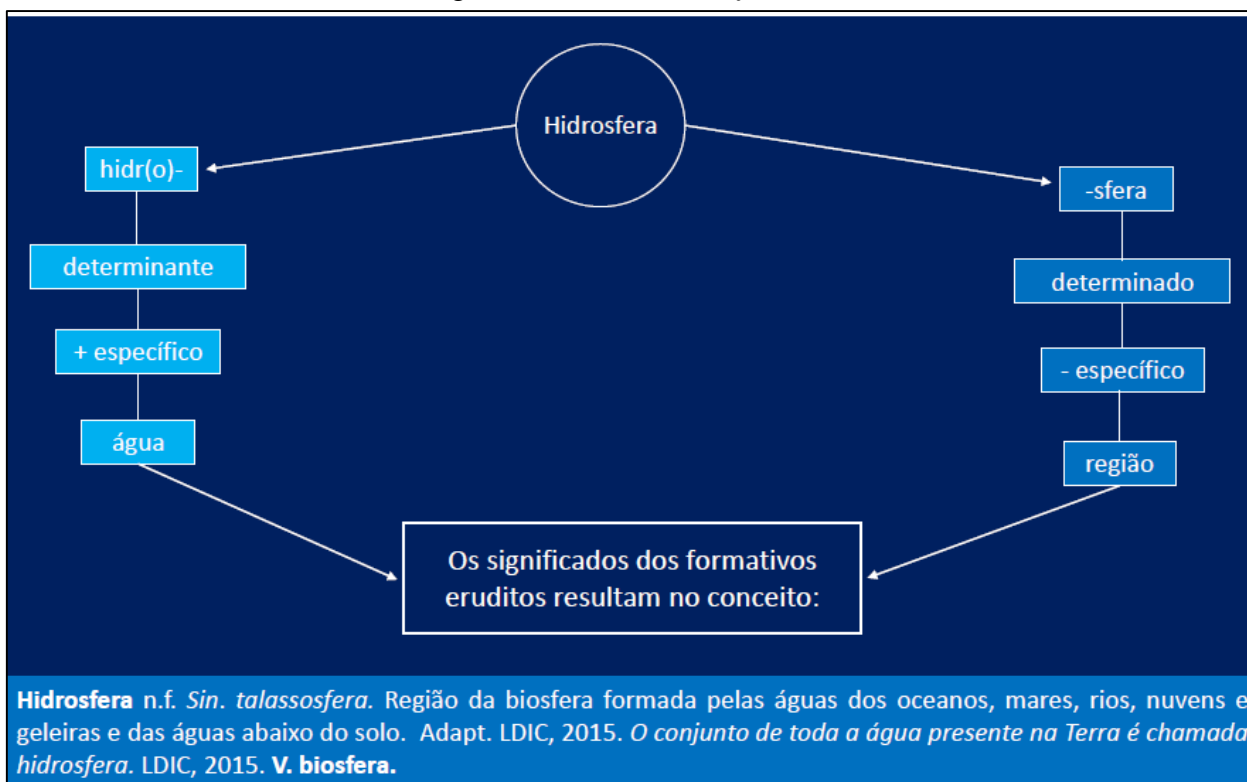
As definições foram adaptadas, segundo as regras de divulgação científica. É um recurso metalinguístico, que possibilita a transposição de informações, com alto teor terminológico para código adequado ao nível linguístico do público-alvo. A adaptação de uma linguagem complexa por linguagem acessível tem sido, na pesquisa, um processo de divulgação

científica que assume uma função metalinguística para facilitar a compreensão do significado dos termos, como demonstramos no exemplo de hidrosfera. O procedimento seguido foi, em primeiro lugar, compilar o verbete do DAJ (2011), depois indicar as expressões que necessitavam ser reescritas. Do verbete *hidrosfera*, destacamos *águas oceânicas*, *águas continentais*, *lençóis subterrâneos* e *vapor aquoso da atmosfera*, e, em seguida, apresentamos as substituições metalinguísticas, *águas dos mares*; *águas dos rios e lagos*; *águas das nuvens e geleiras*; e, *águas abaixo da superfície do solo*, consoante se nota na figura 29.

Figura 29: Divulgação científica do termo *hidrosfera*



Explicamos, então, que o termo é constituído de dois formativos eruditos que obedecem às regras gramaticais da língua. Do ponto de vista semântico, a compreensão do significado implícito nos formativos eruditos coopera para a aprendizagem conceitual do termo, bem como de outros termos, que contenham em sua base o mesmo formativo. Do ponto de vista lexical, a transposição do vocabulário complexo para um vocabulário mais acessível permite que os conceitos científicos e técnicos sejam aprendidos. Do ponto de vista discursivo, o texto se equipara ao nível de compreensão de alunos do EFII porque a paráfrase da definição torna-se precisa, como vemos na figura a seguir.

Figura 30: Termo *hidrosfera*

Na figura, o formativo *hidr(o)-* apresenta significado mais específico que o formativo *-sfera*; esclarece que os elementos eruditos contêm significados internos que são recuperados no contexto pragmático, por intermédio da definição. No texto definitório, por exemplo, o formativo *-sfera* corresponde ao hiperônimo região, mas em outros termos equivale a conjunto e camada. O formativo *hidr(o)-*, que significa água, aparece em mares, rios, nuvens, geleiras e águas abaixo do solo. O verbete completo de *hidrosfera* resultou assim:

Figura 31: Verbetes *hidrosfera*

Na seção seguinte, apresentamos a proposta de *Glossário Sistemico de termos formados por elementos eruditos*.

6.2 Apresentação do modelo de glossário sistemico de termos formados por elementos eruditos para estudantes do 6º. ano do EFII

A proposta do glossário digital se fundamenta nos princípios da Terminologia e da Terminografia, em consonância com as ferramentas digitais disponibilizadas pela página da internet. Conforme já destacamos em capítulos anteriores, o glossário foi elaborado especialmente para alunos que iniciaram o EFII, por isso visa oferecer conteúdo linguístico e extralinguístico sobre os conceitos dos termos constituídos por formativos eruditos, uma vez que, a partir do 6º ano, os alunos, com 10 a 12 anos, começam a estudar conteúdos abstratos.

O site, criado para difundir o glossário, é um suporte digital disponibilizado gratuitamente na página da web, por meio do editor de *site Wix*, que é uma plataforma *online* para a elaboração de *sites*, repleta de ferramentas que facilitam o gerenciamento dos dados no espaço virtual. Para criar sites, por meio dessa ferramenta, usamos painel de controle *online*, constituído de *templates* profissionais, que são modelos de sites prontos. Cada *template* contém características próprias, de acordo com o objetivo do site que o programador deseja elaborar, para tanto é necessário criar e editar as páginas com os materiais previamente selecionados. No caso do glossário, em questão, arrastamos para o editor *Wix* todo o material da macroestrutura e da microestrutura que elaboramos no formato *Word*. Além disso, este programa possibilita acrescentar animações, textos, imagens, botões de navegações, músicas, *slideshow*, vídeos, entre outros. Esse editor de *site* também permite o armazenamento e a manutenção de

informações, sempre que houver necessidade de atualização. Ainda no que concerne ao editor Wix, para a criação do site, é necessário o registro nessa plataforma, de um e-mail e de uma senha; depois desse processo, o programador precisa clicar no botão *criar*, e terá a sua disposição uma série de modelos para a criação do *site*. Após esse procedimento, basta clicar em editar e iniciar a criação.

O site do *Glossário sistêmico* foi desenvolvido pela mestrandia Paula Rodrigues, que é pesquisadora do grupo de pesquisa *Sociolinguística, Letramento para a Educação do Campo* (SOLEDUC), da Universidade de Brasília (UnB). O *site*, que criamos, está acessível no endereço <https://rebekadoutorado.wixsite.com/cienciasdanaturezaef> para consultas online, e, poderá ser acessado gratuitamente por *notebooks*, *smartphones*, *tabletes* e demais dispositivos com acesso à internet.

Escolhemos o editor de site Wix pelo custo benefício, uma vez que é uma plataforma gratuita disponível na internet para a criação e difusão de informações de interesse público, também pelo fácil manuseio dos comandos. É um site que pode ser acessado por navegadores, como o *Google Chrome*, ou o *Firefox*, ou o *Internet Explore*. O site está organizado em cinco abas, *apresentação*, *como usar este glossário*, *abreviaturas e símbolos*, *ficha técnica* e *entradas*. Ao acessar cada uma delas, são ofertadas informações acerca do glossário. Essas abas serão descritas minuciosamente nas subseções, a seguir. A figura 32 ilustra a macroestrutura da obra digital.

Figura 32: Página inicial do glossário

Glossário sistêmico de termos formados por elementos eruditos para estudantes do 6º ano do EFII

Produzido no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos - Centro Lexterm

Apresentação Como usar este glossário Abreviaturas e símbolos Busca Ficha técnica e referências



Bem-vindo ao glossário escolar de termos formados por elementos eruditos!

O Glossário de termos formados por elementos eruditos foi criado especialmente para o estudante do 6º ano do Ensino Fundamental II. Aqui, você encontrará 87 termos, campos lexicais, definições, contextos e ilustrações relacionadas aos seres vivos, meio ambiente e planeta. Este material tem o objetivo de auxiliar você estudante na compreensão dos significados dos termos.

6.2.1 Glossário sistêmico de termos formados por elementos eruditos

A macroestrutura do *Glossário sistêmico de termos formados por elementos eruditos* traz as informações gerais da obra. Essa parte do compêndio compreende o conjunto de informações disponibilizadas como guia. A seguir, apresentamos as partes do glossário.

6.2.1.1 Apresentação

A apresentação está na página inicial do glossário. Nesta aba, informamos quem é o público-alvo. Além disso, evidenciamos que o compêndio é composto de 87 entradas, campo lexical, definições, contextos e ilustrações. Por fim, destacamos o objetivo pelo qual construímos o *site*. Para o leitor acessar a apresentação, basta dar um clique, na aba apresentação. Na figura 33 mostra este campo da macroestrutura.

Figura 33: Apresentação do glossário

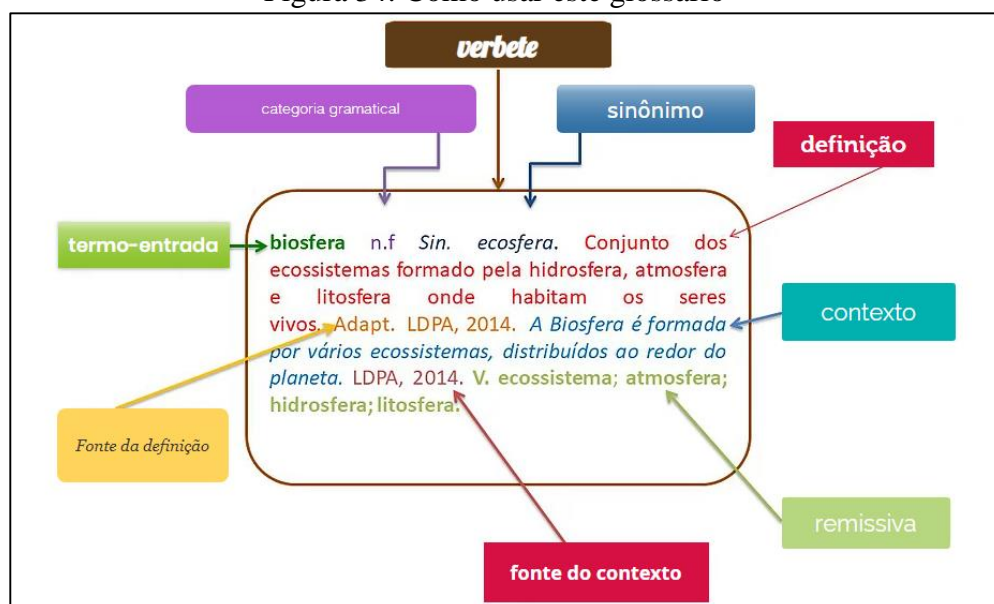


Na próxima subseção, abordaremos sobre *como usar este glossário*.

6.2.1.2 Como usar este glossário

Nesta aba, o leitor conhecerá as partes que compõem o verbete, também chamado de microestrutura. O verbete é o componente principal de uma obra terminográfica, pois é nele que estão as informações gramaticais, semânticas e pragmáticas do termo. O leitor terá bom proveito da leitura de um glossário, se houver orientações claras e objetivas sobre o uso da obra. O verbete do glossário se desdobra em componentes, conforme a figura 34 ilustra:

Figura 34: Como usar este glossário



Convém ressaltar que todos os elementos que compõem a microestrutura, com *hiperlinks*, estão devidamente explicados. Para facilitar a consulta, com apenas um clique, o usuário tem a explicação de cada componente, como se nota nas figuras seguintes:

Figura 35: Verbetes

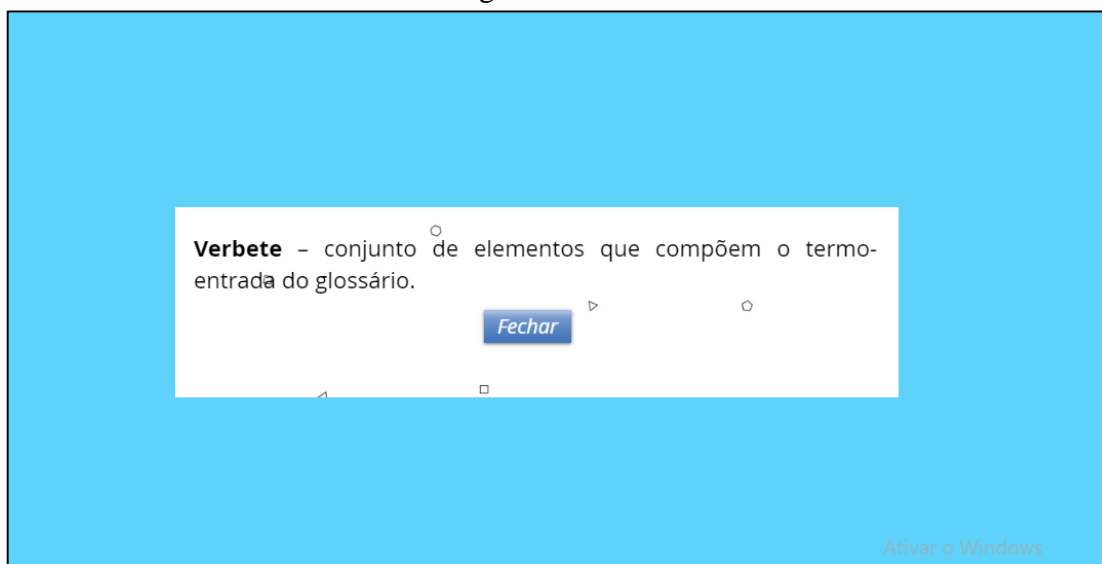


Figura 36: Termo entrada

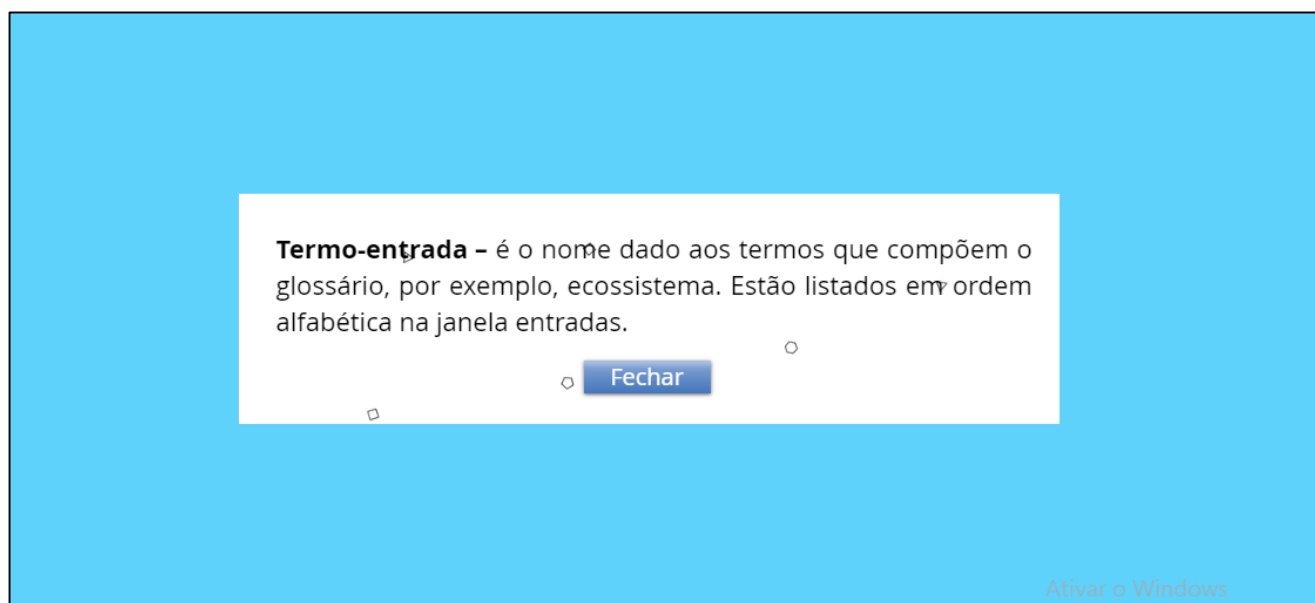


Figura 37: Categoria gramatical

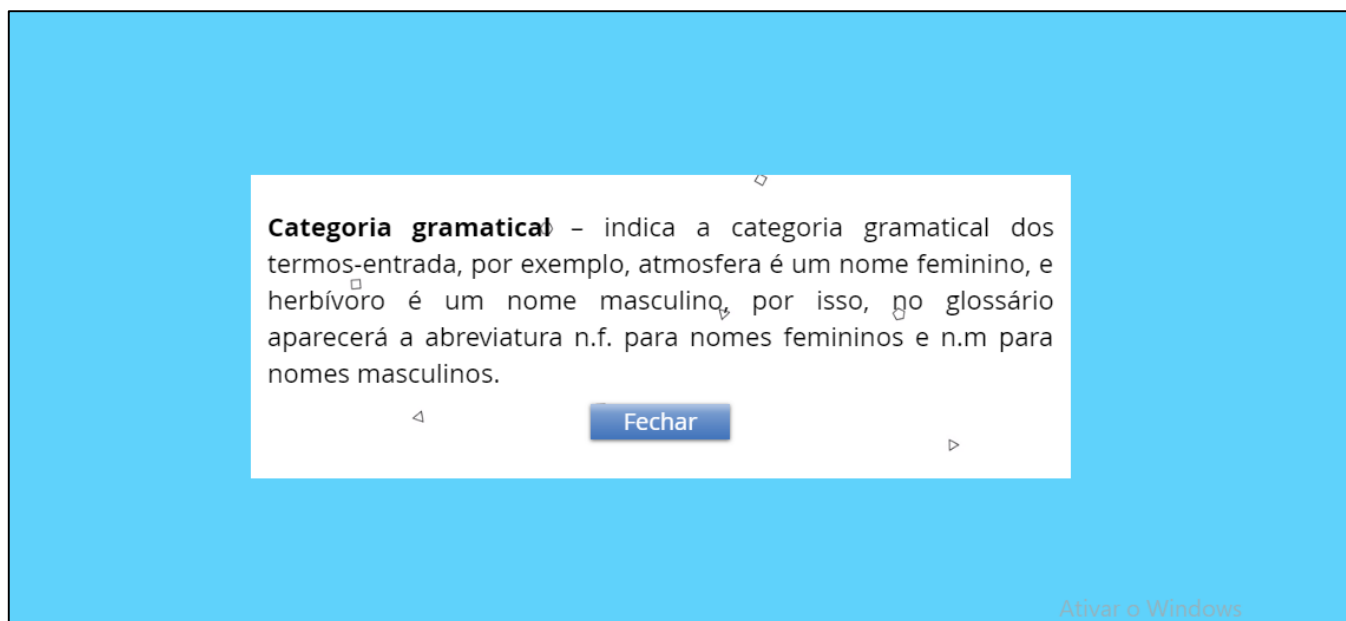


Figura 38: Sinônimo

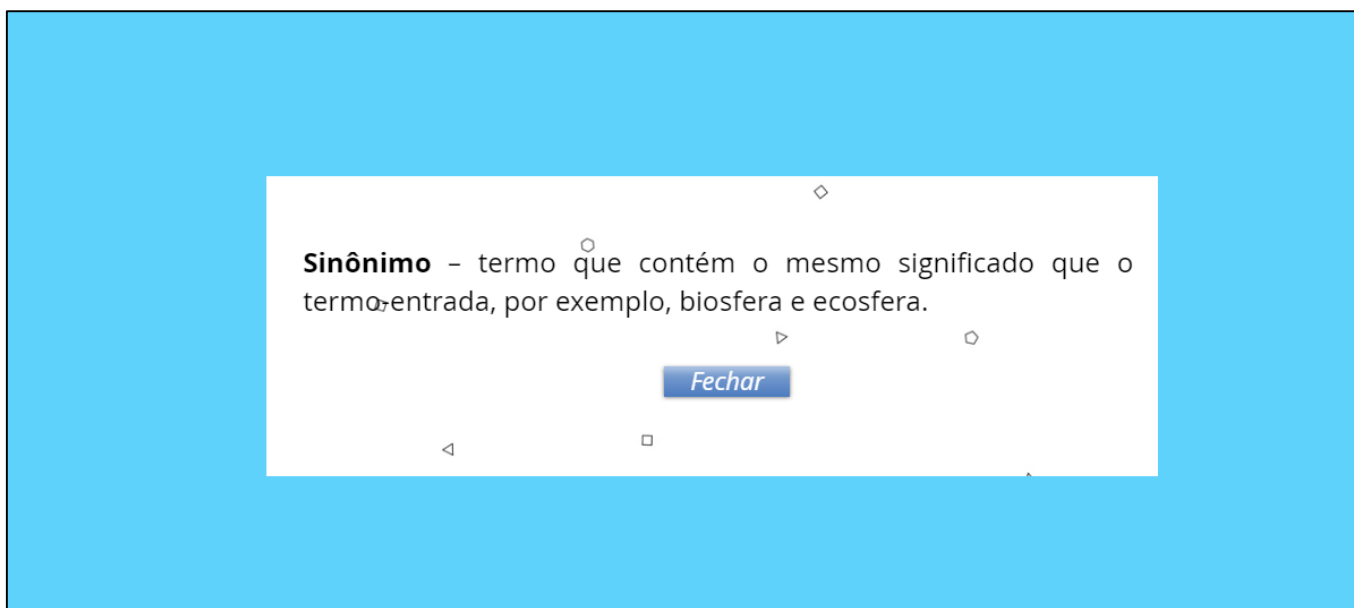


Figura 39: Definição

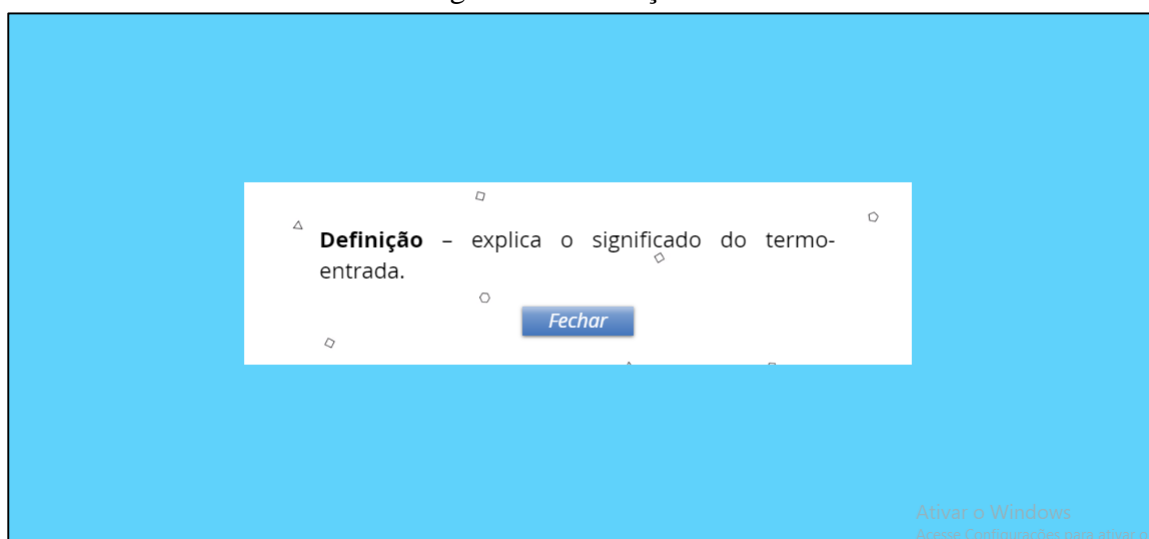


Figura 40: Fonte da definição

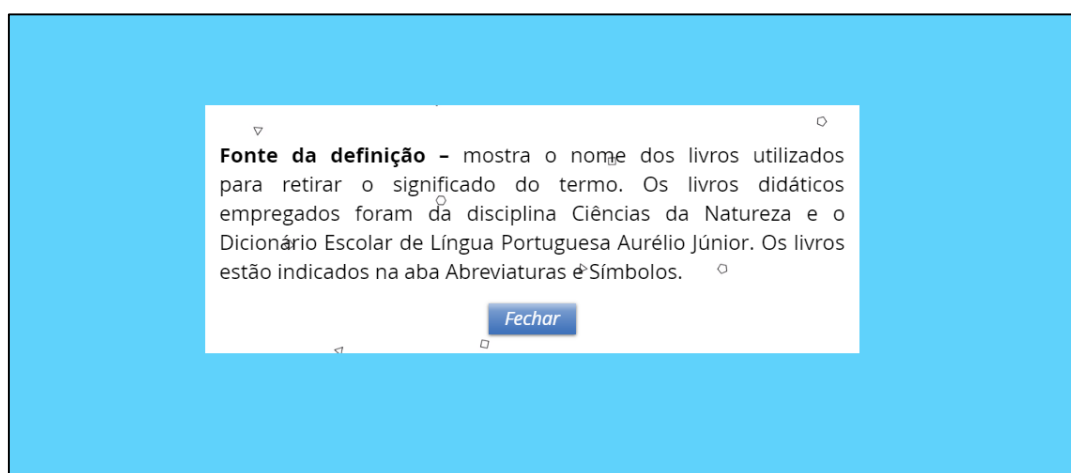


Figura 41: Contexto

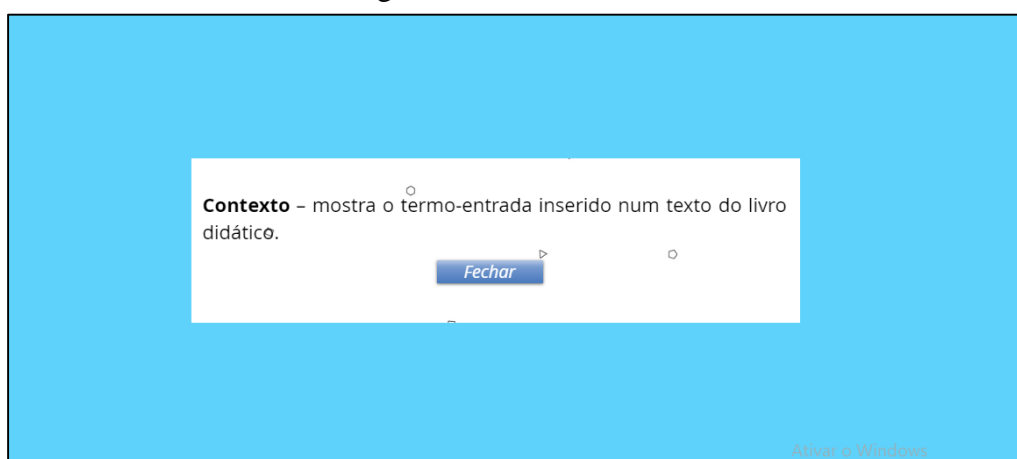


Figura 42: Fonte do contexto

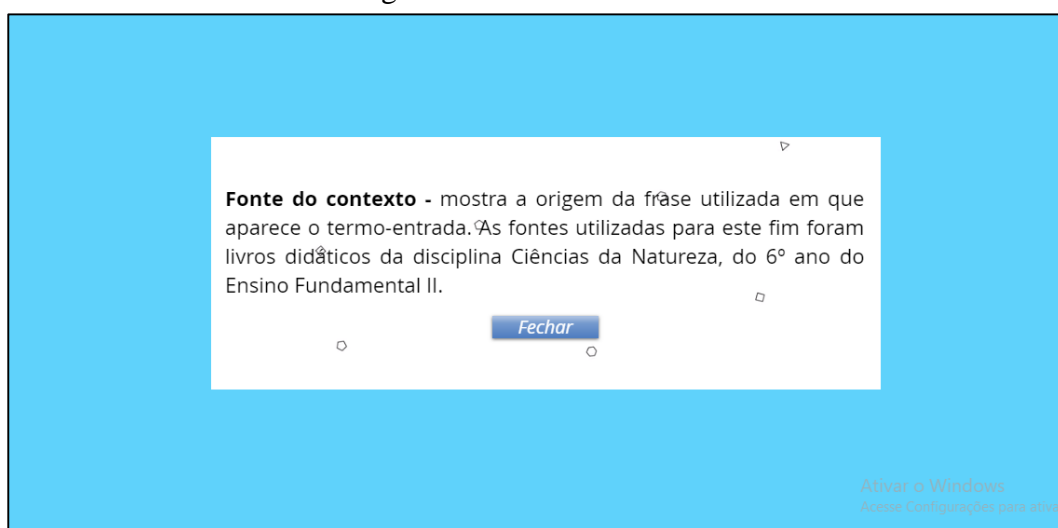
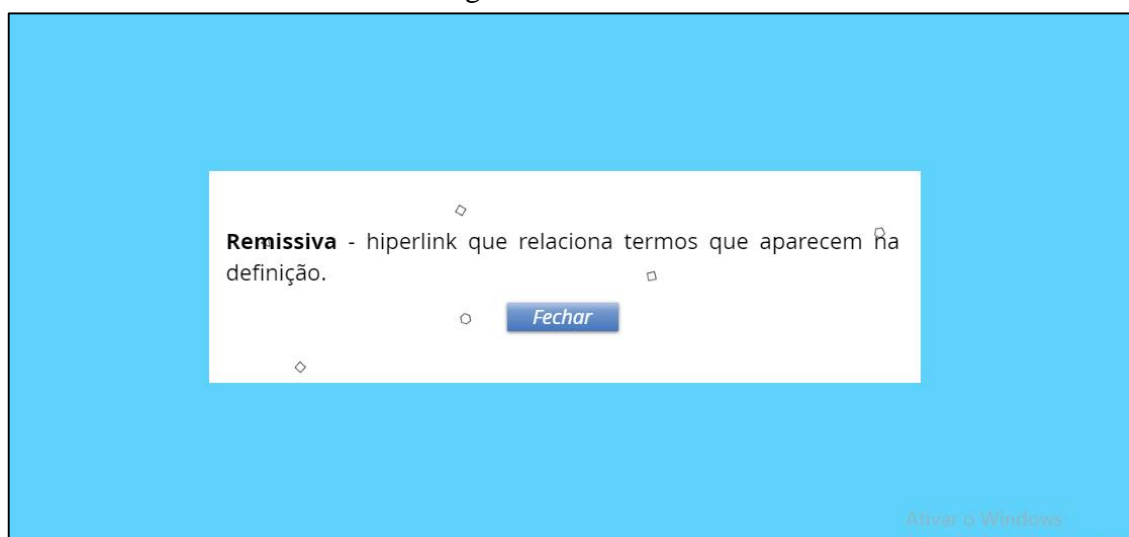


Figura 43: Remissiva



6.2.1.3 Abreviaturas e símbolos

A lista de abreviaturas e de símbolos servem para o usuário se familiarizar com os dados do *corpus* empregado na obra. Para ter acesso, o leitor clicará na terceira aba, que corresponde ao campo abreviaturas e símbolos.

Figura 44: Abreviaturas e símbolos

Abreviaturas e símbolos



Abreviaturas e símbolos

Abreviaturas

Adaptação = **adapt.**
Dicionário Aurélio = **DA**
Dicionário Aurélio Júnior = **DAJ**
Dicionário Houaiss = **DH**
Feminino = **f.**
Livro Didático de Ciências = **L.D.C**
Livro Didático Ciências Naturais = **L.D.C.N**
Livro Didático Investigar e Conhecer = **L.D.I.C**
Livro Didático Projeto Aribabá = **L.D.P.A**
Livro Didático Projeto Teláris = **L.D.P.T**
Livro Didático Tempo de Ciências = **L.D.T.C**
Livro Didático para Viver Juntos = **L.D.V.J.**
Masculino = **masc.**
Nome = **n.**
Sinônimo = **sin.**
Ver = **v.**

Símbolos

< significa que o elemento erudito vem do grego ou do latim.
= significa que o termo-entrada tem o mesmo significado de outro termo-entrada ou indica o significado do elemento erudito.

fotossíntese

6.2.1.4 Tipos de busca

A busca ocorrerá de três formas: ordem alfabética, campo lexical e lista dos formativos eruditos, como mostra a figura subsequente:

Figura 45: Página inicial do campo de busca

Glossário sistêmico de termos formados por elementos eruditos para estudantes do 6º ano do EF11

Produzido no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos - Centro Lexterm

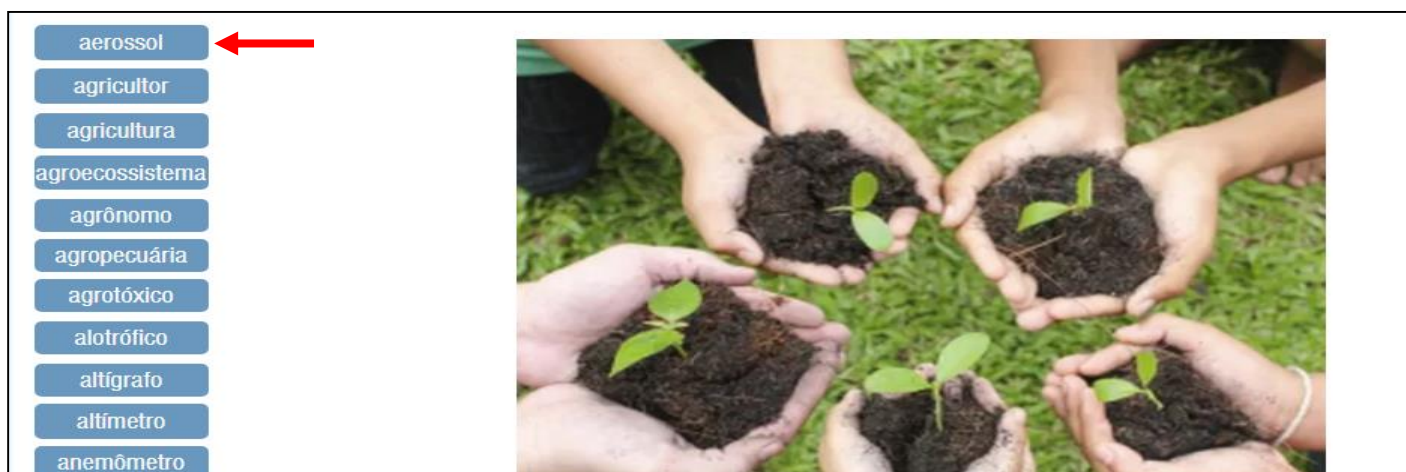
Apresentação	Como usar este glossário	Abreviaturas e símbolos	Busca	Ficha técnica e referências	
<div style="display: flex; flex-direction: column; gap: 5px;"> <div style="background-color: #004a7c; color: white; padding: 2px 10px; border-radius: 5px;">aerossol</div> <div style="background-color: #004a7c; color: white; padding: 2px 10px; border-radius: 5px;">agricultor</div> <div style="background-color: #004a7c; color: white; padding: 2px 10px; border-radius: 5px;">agricultura</div> <div style="background-color: #004a7c; color: white; padding: 2px 10px; border-radius: 5px;">agroecossistema</div> <div style="background-color: #004a7c; color: white; padding: 2px 10px; border-radius: 5px;">agrônomo</div> <div style="background-color: #004a7c; color: white; padding: 2px 10px; border-radius: 5px;">agropecuária</div> <div style="background-color: #004a7c; color: white; padding: 2px 10px; border-radius: 5px;">agrotóxico</div> </div>				<div style="background-color: #004a7c; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px; margin-bottom: 5px;">Ordem alfabética</div> <div style="background-color: #004a7c; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px; margin-bottom: 5px;">Campo lexical</div> <div style="background-color: #004a7c; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px;">Lista dos formativos eruditos</div>	<div style="display: flex; flex-direction: column; gap: 10px;"> <div style="color: red; font-size: 2em;">←</div> <div style="color: red; font-size: 2em;">←</div> <div style="color: red; font-size: 2em;">←</div> </div>

As setas em vermelho indicam os três tipos de busca disponíveis.

6.2.1.4.1 Ordem alfabética

Os termos foram organizados em ordem alfabética, como vemos na figura, a seguir:

Figura 46: Lista em ordem alfabética das entradas



Todas as entradas contêm *hiperlinks*; assim, ao clicar no termo, se abrirá a página com a microestrutura. Para ilustrar, selecionamos o termo *aerossol*, indicado pela seta vermelha, na figura anterior. A imagem, a seguir, ilustra a microestrutura de *aerossol*.

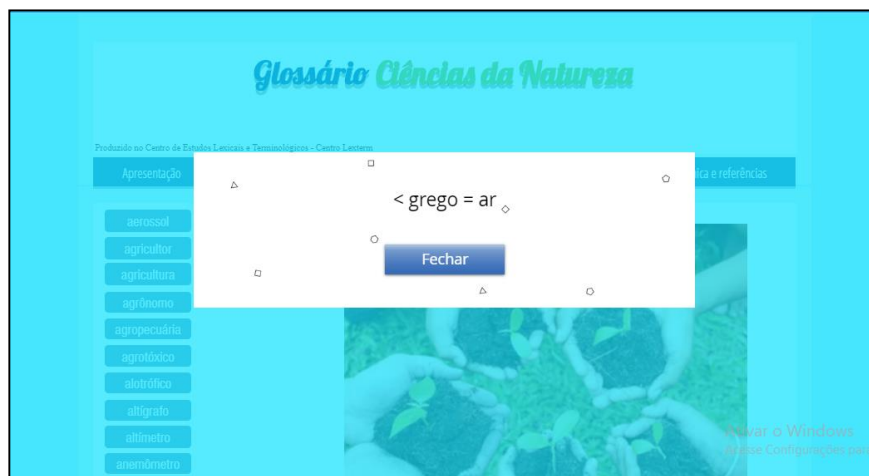
Figura 47: Microestrutura de *aerossol*



Conforme podemos observar, a microestrutura é composta de formativos eruditos, que constituem o termo, de categoria gramatical, de definição, de contexto e de remissiva. Os

elementos eruditos também contêm *hiperlinks*, que automaticamente abre o significado posto, como mostra a figura seguinte:

Figura 48: Significado de *aer(i/o)*-

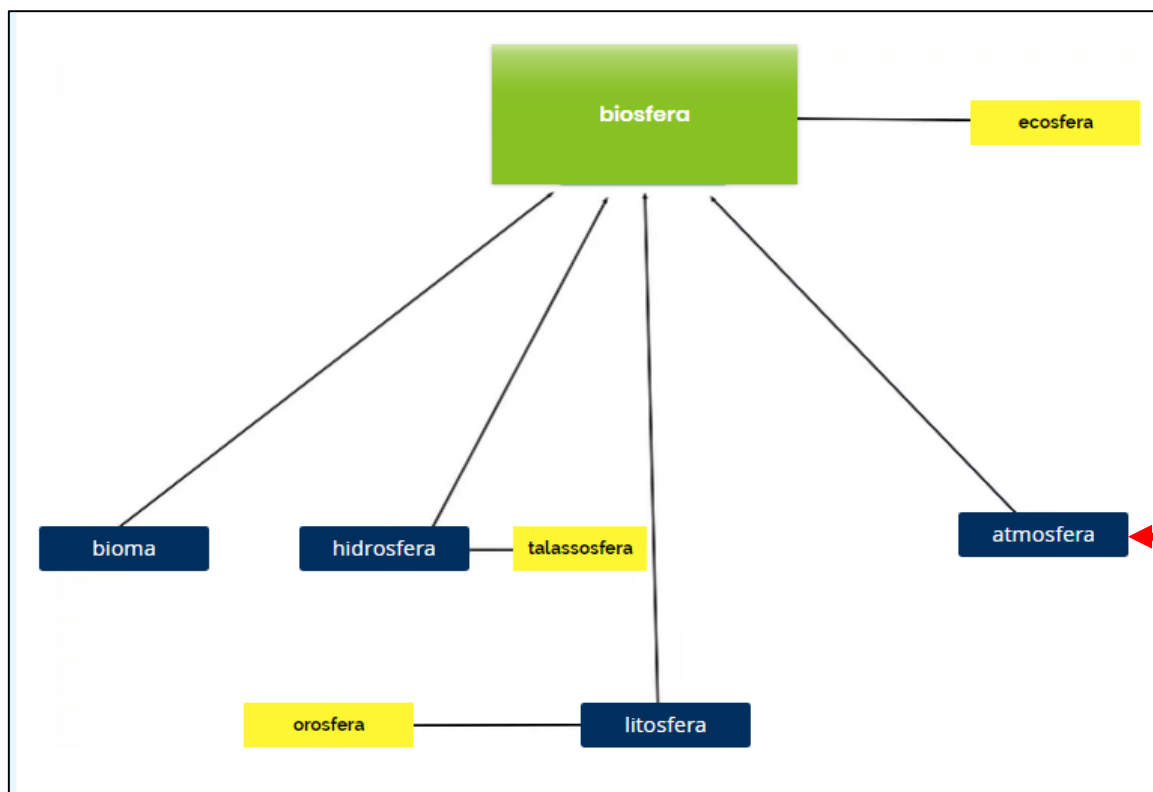


Empregamos o símbolo <, que significa a origem etimológica do formativo erudito, e o sinal de =, que indica o significado. Destacamos que esses sinais estão explicados no glossário no campo *Abreviaturas e símbolos*.

6.2.1.4.2 Campo lexical

Além da ordem alfabética, poderão buscar o significado nos campos lexicais.

Figura 49: Campo lexical



Ao clicar no termo que compõem o campo lexical, por exemplo, *atmosfera* abre-se a microestrutura do termo, como se observa na figura a seguir:

Figura 50: Termo *atmosfera*

A imagem mostra uma janela de definição para o termo **atmosfera**. O termo é exibido em uma fonte azul e decorada. Abaixo dele, a definição é apresentada: **atmosfera** atm(o)- + -sfera n.f. Região da biosfera que contém oxigênio e nitrogênio. Adapt. LDVC, 2015. A camada de ar que envolve a superfície da Terra é chamada atmosfera. LDIC, 2015. Nota: A camada de ar da atmosfera serve para a respiração dos animais e das plantas, proteção contra os raios solares e manutenção da temperatura da Terra. V. biosfera, oxigênio, nitrogênio. Um botão azul com o texto 'Fechar' está visível na parte inferior da janela. O fundo da janela é composto por imagens de paisagens aéreas com nuvens. No canto inferior direito, há uma barra de Windows com o texto 'Ativar o Windows' e 'Acesse Configurações para ativar o W'.

6.2.1.4.3 Lista dos formativos eruditos

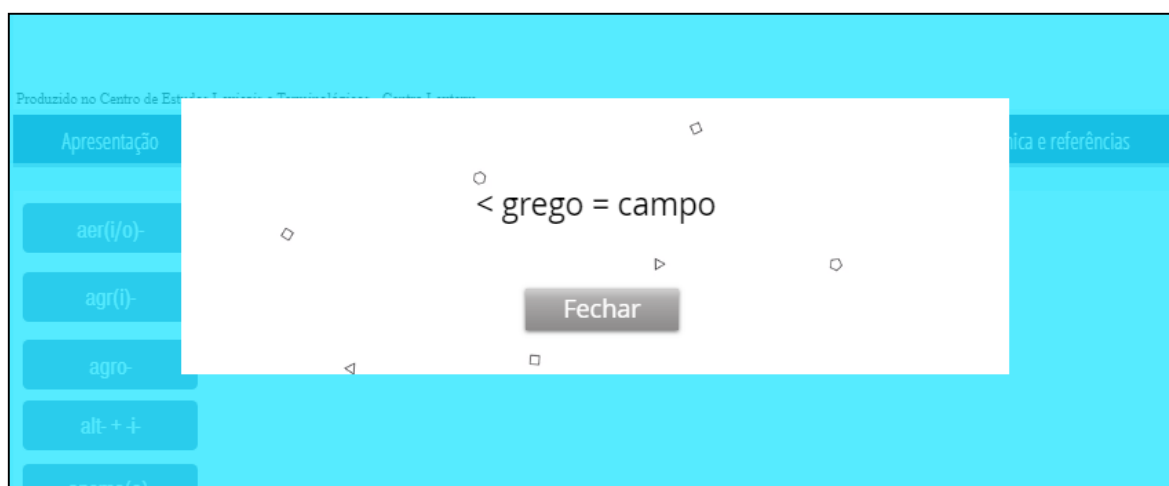
Outra forma de pesquisar no glossário é pela lista dos formativos eruditos, ao clicar na aba *Origem do termo*, se abrirá a lista de todos os elementos eruditos que compõem a estrutura morfológica dos termos inseridos no glossário.

Figura 51: Busca da microestrutura pelo formativo erudito



Ao clicar em *agro-*, o significado aparece, como se observa na figura a seguir:

Figura 52: Significado de *agro-*



Na subseção, a seguir, discorreremos sobre a ficha técnica.

6.2.1.5 Ficha técnica

Na última aba do site do glossário, apresentamos a equipe participante da elaboração do glossário e as referências utilizadas para a sistematização dos conteúdos científicos e técnicos da microestrutura.

Figura 53: Ficha técnica e referências

Ficha técnica e referências

Universidade de Brasília - UnB
Autora do glossário Rebeka da Silva Aguiar
Criação do site Paula Rodrigues
Programação visual e diagramação Paula Rodrigues
 Produzido no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – Centro Lexterm.

Referências

CANTO, Eduardo Leite. **Ciências Naturais: aprendendo com o cotidiano**. 6º ano. 5 ed. São Paulo: Moderna, 2015.

CARNEVALLE, Maíra Rosa. **Projeto Araribá: ciências**. 6º ano. 4 ed. São Paulo: Moderna, 2014.

CATANI, André; AGUILAR, João Batista. ROSELINO, Fernando Tapajós. **Para viver juntos: ciências da natureza**. 6º ano: anos finais: ensino fundamental. 4 ed. São Paulo: Edições SM, 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa**. Coordenação de Marina Baird Ferreira e Margarida dos Anjos; ilustrações Alex Sande. 2ª ed. Curitiba: Positivo, 2011.

Ativ.
Acess

6.3 Síntese do capítulo

Neste capítulo, foram discutidos a estrutura e o funcionamento do glossário, com o objetivo de explicitar a aplicação dos procedimentos metodológicos e com base nos aspectos terminográficos adotados, discutidos nos capítulos anteriores. Nesse sentido, procuramos englobar simultaneamente um olhar científico voltado para o significado dos termos e um olhar prático voltado para terminografia, em que elaboramos um material didático para alunos que estão em fase de aprendizagem de conceitos científicos e técnicos, durante a formação escolar. Conjugando os aspectos conceituais, metodológicos e teóricos, procuramos estabelecer caminhos investigativos que conduzam à descrição e à análise dos fatos linguísticos e

extralinguísticos que interferem diretamente no vocabulário de especialidade quando representado no glossário.

CONCLUSÃO

O projeto de estudos e a elaboração de um roteiro de pesquisa foram seguidos no texto da Tese que apresentamos, composta por 6 capítulos. Como objeto final, elaboramos um glossário de caráter linguístico, educacional e social, porque faltam dicionários e glossários que preencham lacunas de conhecimento dos estudantes do EFII. Desde o início, nossa intenção foi buscar os termos de Ciências Naturais porque levantamos a hipótese de que, na estrutura gramatical, residiam termos de compreensão difícil, uma vez que os significados não são transparentes por serem provenientes de línguas – latim e grego – que os jovens estudantes desconhecem.

O problema central de pesquisa teve origem na análise do Dicionário Escolar da Língua Portuguesa Aurélio Júnior – DAJ (2011) tendo em vista que as definições dos termos não informam claramente porque “x se chama y”, no caso, por que “a um conceito é atribuído um termo” quando a estrutura do termo guarda formativos que mantêm, num fundo lexical derivacional ou composicional, um significado ou do grego ou do latim. Esses formativos constituem o que a literatura chama de ‘elementos eruditos’. O que constatamos e relatamos no capítulo 2 é que a proposta lexicográfica do Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa DA (2004), dicionário destinado ao público em geral, é transposta para o DAJ (2011), depois de este ter passado por alguns cortes do texto definitório. Como proposta de pesquisa, reescrevemos as definições, servindo-nos de recursos da divulgação científica.

Demonstramos que, para a elaboração de obras lexicográficas ou terminográficas, existem parâmetros de metalexigrafia, próprios para o desenvolvimento de dicionários ou de glossários, conforme discutimos nos capítulos 1 e 4. Tendo em vista o projeto metalexical de nossa pesquisa, identificamos que, no corpo dos verbetes, não há itens remissivos. Procuramos, então, suprir essa necessidade. Estruturamos um glossário sistêmico, por meio de ferramentas do editor de *site Wix*. O emprego dos botões com *hiperlinks* demonstrou ser possível tornar o glossário sistêmico com remissivas e de fácil manuseio.

A pesquisa dos processos que constituem os termos com formativos eruditos acompanhou a tendência atual dos estudos da Morfologia Lexical, e, com base em autores que descrevem e analisam a combinação de estruturas morfológicas lexicais, fundamentamos a descrição que compõe o glossário de termos extraídos dos livros didáticos, como nos capítulos 3 e 6. O estudo empreendido deixou claro que os termos formados por elementos eruditos, que chegam ao léxico, decorrem de uma base gramatical, com certos formativos que se localizam à

margem esquerda da composição sintagmática, outros, que se situam somente à direita; há outros que se movimentam, pois ora aparecem à direita, ora à esquerda. O que percebemos é que, no processo de formação, os termos se estruturam, quer pela composição, quer pela derivação, quer ainda pelo *continuum* derivação-composição. E, na busca das áreas do conhecimento científico em que os termos estão alocados, ficou claro que a terminologia decorrente de formativos eruditos faz parte, primordialmente, de áreas especializadas do saber, de vocabulários de uso das ciências.

Ao rever nossa pesquisa de Tese na totalidade, reconhecemos que a metodologia adotada para a elaboração do glossário pode ser aplicada a outros trabalhos terminográficos. De manuseio bastante amigável, o programa *Lexico 3* possibilitou não só a identificação dos dados gerais, mas também dos formativos, o que nos deu confiabilidade para continuar a análise minuciosa dos conceitos e significados. Assim, é preciso reiterar que o *software* listou os formativos eruditos com maior frequência, possibilitou análises quantitativas e estatísticas dos formativos eruditos, com a precisão capaz de demonstrar quais formativos eruditos são os mais recorrentes nos livros didáticos da disciplina Ciências Naturais, conforme demonstrado no capítulo 5.

A história das línguas tem sido fiel ao revelar que a elaboração de dicionários e glossários é entendida como feito inovador no registro dos léxicos que entram nas línguas. No nosso caso, a inovação do trabalho terminográfico, nesta pesquisa, se situa na aplicação das novas tecnologias, que partiu da coleta de dados até a elaboração final do glossário, por isso, vale a pena reiterar que o editor de site *Wix* nos possibilitou: i) selecionar um *layout* de acordo com a faixa etária; ii) inserir figuras e campos lexicais; iii) escolher as cores e os tipos de botão para colocar os itens remissivos; iv) organizar as formas de buscas. As remissivas com *hiperlinks* são benefícios ofertados pelos recursos tecnológicos que servem para relacionar conceitos e significados e, dessa forma, facilitar a leitura e a compreensão do discurso próprio de verbetes.

O resultado de toda a discussão teórica, vista nos capítulos 1, 3 e 4, aplicada aos fins da sistematização de um léxico de especialidade, resultou na elaboração do *Glossário Sistemático de termos formados por elementos eruditos para estudantes do 6º ano do EFII*. É sabido que esta pesquisa deve ser ampliada; no entanto, procuramos atender à necessidade de conhecimentos linguísticos, educacionais e culturais de estudantes que estão numa fase crucial de aprendizagem, entre o ensino fundamental e o médio, e que precisam dominar conceitos que os acompanharão durante toda a formação escolar. Sob essa perspectiva, esperamos tornar público esse estudo aplicado, que tem caráter não só científico e técnico, mas social e cultural.

REFERÊNCIAS

ABREU, Sabrina Pereira de. Sobre a presença de elementos eruditos na formação de termos: entre a derivação e a composição. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). **As ciências do léxico**: Lexicologia, lexicografia, Terminologia. Campo Grande: UFMS, 2012. Versão revisada e ampliada. Disponível em: <https://sites.google.com/site/sabrinapereiradeabreu/>. Acesso em 6 jan. 2019.

_____. O termo: estruturas prototípicas. *In*: **Teoría y praxis en terminología**. CATALÁ, Sara Álvarez; BARITÉ, Mario (coord.). Universidad de la República Uruguay. Montevideo-Uruguay: Biblioteca plural, 2017. Versão revisada e ampliada. Disponível em: <https://sites.google.com/site/sabrinapereiradeabreu/>. Acesso em 6 jan. 2019.

ALBERTS-FRANCO, Cristina. Linguística de *corpus* e terminologia bilíngue: o programa antconc e a extração de termos em alemão. **The ESpecialist**, São Paulo, vol. 36, n. 2, 2015. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/viewFile/23977/17279>. Acesso em: 10 out. 2018.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**: curso único e completo. 6 ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1952.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**: criação lexical. Série Princípios, 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

BECHARA. Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução: Eduardo Guimarães *et al.* 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

Brasil. **Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 1990.

_____. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Com direto à palavra**: dicionários em sala de aula. Brasília: MEC/SEF, 2012.

BUENO, Francisco da Silveira. **Gramática Normativa da Língua Portuguêsa**. São Paulo: Saraiva & CIA, 1944.

CAETANO, Maria do Céu. A meio caminho entre a derivação e a composição. **Estudos Linguísticos/Linguistics Studies**, Lisboa, v. 5, 2010. Disponível em: http://clunl.fctsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2017/07/M.-C.-Caetano_1.pdf. Acesso em: 6 out. 2018.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología: teoria, metodologia, aplicaciones.** Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

CABRÉ, Maria Teresa; Mercè Lorente. La terminologia, avui: termes, textos i maquines. *In: Artcles de didàctica de la lengua i de la literatura: Terminologia i ensenyament.* Barcelona: Graó, 1996.

CABRÉ, Maria Teresa. Morfología y terminología. En Felú, Elena (ed.). **La Morfología a debate.** Jaén: Universidad de Jaén, 2006.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática: referente à língua portuguesa.** 13 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

_____. **Problemas de lingüística descritiva.** Petrópolis: Vozes, 1969.

_____. **Estrutura da língua portuguesa.** Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. **Princípios de lingüística geral.** 5 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1977.

CANTO, Eduardo Leite. **Ciências Naturais: aprendendo com o cotidiano.** 6º ano. 5 ed. São Paulo: Moderna, 2015.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – **CAPES.** Disponível em: <http://www.capes.gov.br/>. Acesso em: 8 out 2018.

CARNEVALLE, Maíra Rosa. **Projeto Araribá: ciências.** 6º ano. 4 ed. São Paulo: Moderna, 2014.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro.** 1ª ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2014.

CATANI, André; AGUILAR, João Batista. ROSELINO, Fernando Tapajós. **Para viver juntos: ciências da natureza.** 6º ano, 4 ed. São Paulo: Edições SM, 2015.

CONTENTE, Maria Madalena D. Marques. **Terminocriatividade, Sinonímia e equivalência interlingüística em Medicina.** Lisboa: Edições Colibri, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/riterm/article/view/21295/12281>. Acesso em: 2 jun. 2018.

COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e linguística geral.** Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp, 1977.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro. Lexikon, 2008.

CUNHA, Celso Ferreira. **Gramática normativa da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1975.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira. Contribuição para o estudo do pseudoprefixo em português. **D.E.L.T.A.**, v. 15, n. 2, 1999.

_____. Problemas e proposta para identificação da raiz em português. **Revista Philologus**, Ano 14, n. 41. Rio de Janeiro: CiFEFiL, maio/ago.2008a.

_____. Fronteiras Lexicais: Sugestão para uma delimitação dos prefixóides em português. **Revista Philologus**, ano 14, n. 42, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2008b.

ESTOPÀ, Rosa. Juguem a definir la ciència: recursos per treballar el lèxic especialitzat a l'escola. *In*: Miquel-Àngel Sànchez Fèrriz (cur.). **La terminologia en les ciències de la vida, em la química i em el món educatiu**. Barcelona: Instituts d'Estudis Catalans, 2013.

ESTOPÀ, Rosa. **Construir para deconstruir y volver a construir**: elaboración colaborativa de un diccionario escolar de ciencias. n° 32.3. Barcelona: Enseñanza de las Ciencias, 2014.

ESTOPÀ, Rosa Bagot; CORNUDELLA, Miquel Gaya. **El club lexic y el microscópio, plataformas em línea para construir diccionarios científicos colaborativos en un proyecto universidad-escuela**. Girona: Uninvest, 2013.

FAULSTICH, Enilde. Redes de remissões em um glossário técnico. *In*: MACIEL, A. M. B. **Cadernos do IL**. Porto Alegre: UFRGS, 1993.

_____. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia**: termo e variação. Universidade de Brasília. Brasília, 1995a.

_____. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, V. 24, n. 3, 1995b. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewFile/486/441>>. Acesso em: 26 fev. 2013.

_____. A Terminologia no Brasil: histórico e perspectiva II. Terminômetro, número especial n° 3. **A terminologia no Brasil**. Paris: União Latina – DTIL, 1998.

_____. A função social da terminologia. **Humanitas**, São Paulo, FFLCH, USP, 1999.

_____. Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas. *In*: FAULSTICH, E.; ABREU, S. P. **Linguística aplicada à terminologia e à lexicologia** – Cooperação Brasil e Canadá. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003.

_____. A Socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Ciência e Cultura**, v. 58, n.2, abr. 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a12v58n2.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2013.

_____. Para gostar de ler um dicionário. *In*: **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística**: entrelaçando saberes e vidas – homenagem a Socorro Aragão, São Luís: Edufma, 2010.

_____. Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica. *In*: **TERMISUL 20 anos**: Terminologia, Terminografia e Tradução. **Organon**. Universidade de Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. Vol. 1, n. 1, Porto Alegre: UFRGS, 2011a.

_____. Pertencimento em Terminologia: diferenças entre ‘termo profundo’ e ‘termo de superfície’ e o lugar da variação na expressão e no conteúdo. *In: 7^e Journée scientifique REALITER*. Multilinguisme et pratiques terminologiques. Québec, 1^{er} juin 2011b.

_____. A Terminologia da criança na conversa do dia a dia. *In: Terminologia: uma ciência interdisciplinar*. MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013a.

_____. **Como ler, entender e redigir um texto**. 26^a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013b.

_____. Características conceituais que distinguem o que é de para que serve nas definições de terminologias científica e técnica. *In: ISQUERDO, A. N; DAL CORNO, G. O. M. (Orgs.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, Vol. 7. Campo Grande: Ed. UFMS, 2014.

FAULSTICH, Enilde; VILARINHO, Michelle M. de Oliveira. Lexicografia bilíngue: Versatilidade e Complexidade. *In: Estudos do Léxico em contextos bilíngues*. NADIN, Odair Luiz; Claudia ZAVAGLIA. (orgs.). Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Júnior**: dicionário escolar da língua portuguesa. Coordenação de Marina Baird Ferreira e Margarida dos Anjos; ilustrações Alex Sande. 2^a ed. Curitiba: Positivo, 2011.

_____. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Coordenação de Marina Baird Ferreira e Margarida dos Anjos. 3^a ed. Curitiba: Positivo, 2004.

GUIA PNLD 2107. Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação - **FNDE**. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/guia-do-livro-didatico/item/8813-guia-pnld-2017>. Acesso em: 31 jul 2018.

GEWANDSZNAJDER, Fernando. **Projeto Teláris: ciências: ensino fundamental 2**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2015.

GOMES, Alfredo. **Grammatica Portugueza**. 16 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1915.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Compostos Neoclássicos: Estrutura e Formação. **ReVEL**, edição especial n. 5, 2011a. ISSN 1678-8931.

_____. Composição e Derivação: Polos Prototípicos de um *Continuum*? Pequeno Estudo de Casos. **Domínios de Linguagem** v. 5, n. 2, 2011b. ISSN 1980- 5799.

HAMPEJS, Zdenek. Três aspectos da obra de Antenor Nascentes. **Revista dos Cursos de Letras**. n. 12, Curitiba, 1961.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Léxico e Semântica**: estudos produtivos sobre a semântica e significação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0. São Paulo: Objetiva, 2001.

KRIEGER, Maria da Graça. Políticas públicas e dicionários para escola: o programa nacional do livro didático e seu impacto sobre a lexicografia didática. **Cadernos de Tradução**. v. 2, n. 18, Florianópolis, 2006.

LAMALLE, Cédric *et al.* **Manual resumido de utilização do *Lexico 3***. Tradução: Dirceu Cleber Conde. Université Sorbone-Nouvelle, Paris, 2001. Disponível em: <http://www.tal.univ-paris3.fr/lexico/lex3-10pas/Lexico3-10premierspas-portugais.pdf>. Acesso em: 25 set. 2018.

LYONS, John. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

LOPES, Sônia. **Investigar e conhecer: ciências da natureza**, 6º ano. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 2015.
MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* **Fonética, fonologia e morfologia do português**. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

MONTEIRO, José Lemos. **A estilística**. São Paulo. Editora Ática. 1991.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 2ª tiragem do I Tomo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.

NOGUEIRA, Júlio. **O Exame de Portuguez**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora de Leite Ribeiro & Maurillo, 1918.

PASSOS, Eduardo; SILLOS, Ângela. **Tempo de Ciências**. 6º ano. 2 ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2015.

PIRES, Flávia de Oliveira Maia. **Proposta de dicionário de aprendizagem: descrição de alguns verbos no contexto do Português do Brasil como segunda língua**. 2015. xi, 207 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

PONTES, Antônio Luciano. Terminologia Científica: o que é e como se faz. **Revista de Letras** v. 19 n° 1/2 jan/dez, 1997.

QUADROS, Jânio. **Curso prático da língua portuguesa e sua literatura**. 3 ed. São Paulo: Editôra Formar Limitada, 1969.

REY, Alain. Préalable à une définition de la terminologie. *In: Langues et Linguistique*. v. 33, Québec: Université Laval, 2010.

REY-DEBOVE, Josette. Léxico e dicionário. Tradução MORAIS, CLÓVIS BARLETA DE. *In: ALFA*. São Paulo, v. 28. 1984.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. **Serões gramaticaes ou Nova grammatica portugueza**. 2 ed. Bahia: Livraria Catilina, 1915.

RIBEIRO, João. **Grammatica Portugueza**. 11 ed. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1904.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: F. Editora Briguiet & CIA, 1962.

SAGER, Juan C. **Curso práctico sobre el procesamiento de la terminología**. Tradução: Laura Chumillas Moya. Fundación Germán Sánchez Ruipérez. Madrid: Pirámide, 1993.

SAID ALI, M. **Gramática Secundária da Língua Portuguesa**. 6 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 6 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

SANDMANN, Antônio José. **Morfologia Lexical**. São Paulo: Editora Contexto, 1992.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

TEBÉ, Carles. Noves tecnologies i nous productes terminològics. *In: Artcles de Didàctica de la Llengua i de la Literatura: terminologia i ensenyament*. Barcelona - Espanha: Graó, 1996.

TRIVELLATO, José *et al.* **Ciências, 6º ano**. 1 ed. São Paulo: Quinteto Editorial, 2015.

VILLALVA, Alina. **Respostas da Morfologia à pergunta dos terminólogos**. Comunicação apresentada no curso "Terminologias Científicas e Técnicas", organizado pela União Latina e ILTEC, no âmbito da Universidade de Verão / Cursos da Arrábida, em julho de 1996.

_____. **Análise Morfológica do Português**. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1986.

VILARINHO, Michelle M. de Oliveira; FAULSTICH, Enilde. As remissões em dicionários eletrônicos de língua portuguesa: ontologia e *hyperlinks*. *In: Calígrama Revista de estudos românicos*. Tema: Lexicologia e Lexicografia, v. 18, n. 2, 2013.

VILELA, Mario. **Estudos de Lexicologia de Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica**. Campinas: Autores associados, 2001.

APÊNDICE

GLOSSÁRIO

aerossol n.m. Partícula pequena formada por fuligem que fica na atmosfera. Adapt. DH, 2001. *Alguns gases, como os CFCS (clorofluorcarbonetos), já foram muito usados em aerossóis e refrigeradores.* LDVJ, 2015. Nota: o aerossol prejudica a visão e a respiração das pessoas. **V. atmosfera.**

agricultor n.m. Profissional que prepara o solo e planta vegetais utilizados na alimentação do homem e dos animais. Adapt. DAJ, 2011. *Para que o resultado do plantio seja o melhor possível, é necessário também que o agricultor estude o solo e suas relações com o clima e com os seres vivos da região.* LDIC, 2015.

agricultura n.f. Atividade rural que consiste na preparação do solo para a plantação de vegetais utilizados pelo homem e pelos animais. Adapt. DAJ, 2011. *A agricultura cultiva não apenas alimentos para atender a população e para ser exportados, mas também plantas usadas na produção de combustível e de matérias-primas para a indústria.* LDPA, 2014.

agrônomo n.m. Profissional que estuda as técnicas utilizadas para cultivar o solo. Adapt. LDPT, 2015. *Para preservar o solo e garantir boas colheitas, são necessários certos procedimentos, que devem ser orientados por profissionais chamados agrônomos.* LDPT, 2015.

agropecuária n.f. Atividade que envolve a agricultura e a criação de gado. Adapt. DAJ, 2011. *A conservação do solo agrícola e as atividades agropecuárias devem ser escolhidas de acordo com as características do solo e do clima de cada região.* LDPA, 2014. **V. agricultura.**

agrotóxico n.m. Produto químico utilizado pelos agricultores para controlar as pragas e doenças causadas na agricultura. Adapt. LDPT, 2015. *Os agrotóxicos que o agrônomo receita para os agricultores também utilizam a água.* LDPT, 2015. **V. agricultor; agricultura.**

altígrafo n.m. = barógrafo.

altímetro n.m. Aparelho que serve para medir altitudes. Adapt. LDIC, 2015. *Os altímetros indicam a altitude em unidades de comprimento, como o metro e o pé, sendo esta a unidade mais comum nos aviões, embora não pertença ao Sistema Internacional de Unidades (SI).* LDIC, 2015.

anemômetro n.m. Aparelho que serve para medir a velocidade dos ventos. Adapt. LDTC, 2015. *O anemômetro apresenta estruturas semelhantes a conchas que rodam ao redor de um eixo quando impulsionadas pelo vento.* LDTC, 2015.

anemoscópio n.m. Aparelho que serve para determinar a direção do vento. Adapt. LDC, 2015. *Um tipo característico de anemoscópio é a biruta.* LDC, 2015.

anfíbio n.m. Animal que vive na água e na Terra. Adapt. LDVJ, 2015. *Sapos, rãs e pererecas são anfíbios, animais vertebrados que vivem perto de água doce, onde se reproduzem.* LDVJ, 2015.

antifúngico n.m. = fungicida.

aquífero n.m. Grande reserva de água localizada no subsolo. Adapt. LDVJ, 2015. *O solo é também muito importante no processo de infiltração de água para o abastecimento dos aquíferos, conhecidos como reservatórios de água em profundidade (no subsolo).* LDVJ, 2015. **V. subsolo.**

arqueólogo n.m. Profissional que estuda os costumes e as culturas dos povos antigos. Adapt. DH, 2001. *Os arqueólogos chamam de “sítio arqueológico” o local onde os primeiros agrupamentos humanos deixaram vestígios de suas atividades.* LDIC, 2015.

asteroide n.m. Corpo rochoso que gira em torno do Sol. Adapt. LDVJ, 2015. *Os asteroides estão localizados, em sua maioria, entre os planetas Marte e Júpiter, região conhecida como cinturão de asteroides.* LDVJ, 2015.

astroantena n.f. = radiotelescópio.

astronomia n.f. Ciência que estuda o sol, a lua, as estrelas, os planetas e os cometas. Adapt. LDIC, 2015. *A ciência que estuda os astros celestes e o Universo é chamada de Astronomia e tem origem muito remota, sendo frequentemente considerada a mais antiga das ciências.* LDIC, 2015.

atmosfera n.f. Região da biosfera que contém oxigênio e nitrogênio. Adapt. LDVC, 2015. *A camada de ar que envolve a superfície da Terra é chamada atmosfera.* LDIC, 2015. Nota: A camada de ar da atmosfera serve para a respiração dos animais e das plantas, proteção contra os raios solares e manutenção da temperatura da Terra **V. bios-fera; oxigênio; nitrogênio.**

autotrófico n.m. Ser vivo que produz o próprio alimento. Adapt. DAJ, 2011. *Nos aquáticos (rios, mares, lagos, etc.), são algas microscópicas, que formam o fitoplâncton, nome dado ao conjunto de seres autotróficos que flutuam livremente na água.* LDPT, 2015.

barógrafo n.m. Sin. *altígrafo*. Tipo de barômetro que serve para medir a pressão atmosférica de forma contínua e automática. Adapt. LDTC, 2015. *Os barógrafos são instrumentos que medem contínua e automaticamente a pressão atmosférica.* LDTC, 2015. **V. barômetro.**

barômetro n.m. Aparelho que serve para medir a pressão do ar. Adapt. LDCN, 2015. *A pressão atmosférica pode ser medida num aparelho chamado barômetro.* LDCN, 2015.

biociência n.f. = biologia.

biodigestor n.m. Tanque grande que serve para produzir biogás. Adapt. LDCN, 2015. *Os restos de alimentação dos habitantes, as fezes dos animais, e os restos de plantas são jogados em um grande tanque, denominado biodigestor.* LDCN, 2015. **V. biogás.**

biogás n.m. Gás combustível que serve para produzir energia elétrica. Adapt. LDCN, 2015. *O gás produzido dessa forma costuma ser chamado de biogás, e o material que sobra dentro do biodigestor é usado como adubo na própria fazenda.* LDCN, 2015. Nota: O biogás é gerado no biodigestor pela fermentação de restos de alimentos, fezes de animais e restos de plantas. **V. biodigestor.**

biogeocenose n.f. = ecossistema.

biologia n.f. Sin. *biociência*. Ciência que estuda a origem, a evolução, a estrutura e o comportamento dos seres vivos. Adapt. LDVC, 2015. *A Biologia analisa a vida e suas transformações*. LDVC, 2015.

bioma n.m. Conjunto de ecossistemas composto de vegetação, animais, clima, relevo, água e solo que apresentam características estáveis. Adapt. LDPA, 2014. *A biosfera é constituída de inúmeros ecossistemas distintos, que são agrupados em biomas*. LDPA, 2014. Nota: O Cerrado, a Caatinga, a Tundra, a Amazônia e o Mangue são tipos de biomas. **V. ecossistema.**

biosfera n.f. Sin. *ecosfera*. Conjunto dos ecossistemas formado pela hidrosfera, atmosfera e litosfera onde habitam os seres vivos. Adapt. LDPA, 2014. *A Biosfera é formada por vários ecossistemas, distribuídos ao redor do planeta*. LDPA, 2014. **V. ecossistema; atmosfera; hidrosfera; litosfera.**

biossistema n.m. = ecossistema.

clorofila n.f. Substância verde que absorve a energia solar utilizada no processo da fotossíntese. Adapt. DAJ, 2011. *A fotossíntese, portanto, é a reação entre o gás carbônico e a água, que produz açúcares e gás oxigênio na presença de clorofila e de luz solar*. LDVJ, 2015. Nota: A clorofila se encontra nas células das plantas e das algas. **V. fotossíntese.**

ecologia n.f. Sin. *mesologia*. Ciência que estuda as relações entre os seres vivos e o meio ambiente onde habitam. Adapt. LDPA, 2014. *A ciência biológica que estuda as interações dos seres vivos entre si com o ambiente é a ecologia*. LDPA, 2014.

ecosfera n.f. = biosfera.

ecossistema n.m. Sin. *biossistema; biogenocenose*. Conjunto de relações formadas entre vegetais, animais e ambiente, que incluem os fatores da geologia, da atmosfera, da meteorologia e da biologia. Adapt. LDPT, 2015. *Todos os seres vivos e a parte não viva de um ambiente formam um ecossistema*. LDPT, 2015. **V. geologia; atmosfera; meteorologia; biologia.**

epicentro n.m. Ponto localizado na superfície da Terra onde inicia o terremoto. Adapt. LDIC, 2015. *O ponto na superfície terrestre alinhado verticalmente com o hipocentro é chamado epicentro*. LDIC, 2015.

estratosfera n.f. Camada da atmosfera localizada entre a troposfera e a mesosfera que serve para proteger os seres vivos da radiação solar. Adapt. LDIC, 2015. *A camada de ozônio provoca aumento de temperatura na estratosfera, que pode ultrapassar a temperatura da superfície da litosfera*. LDIC, 2015. Nota: A estratosfera contém gás ozônio que forma a camada de ozônio. **V. atmosfera; troposfera; mesosfera.**

exosfera n.f. Camada da atmosfera localizada acima da termosfera que contém ar frio e pouco ar. Adapt. LDIC, 2015. *A exosfera seria uma fronteira entre a atmosfera da Terra e o espaço cósmico, onde não existe ar*. LDIC, 2015. **V. atmosfera; termosfera.**

fitoplâncton n.m. Conjunto de pequenos vegetais, que vivem soltos em água doce ou salgada e servem de alimento para os animais que vivem em águas doce ou salgada. Adapt. LDPT, 2015. *Nos aquáticos (rios, mares, lagos, etc.), são as algas microscópicas, que formam fitoplâncton, nome dado ao conjunto de seres autotróficos que flutuam livremente na água*.

LDPT, 2015. Nota: O fitoplâncton gera a maior quantidade de oxigênio disponível na atmosfera, por meio da fotossíntese.

fotossíntese n.f. Processo que serve para produzir o próprio alimento das plantas e para gerar oxigênio por meio da combinação da luz solar, da água e do gás carbônico. Adapt. LDTC, 2015. *A fotossíntese é o processo por meio do qual as plantas produzem seu próprio alimento.* LDTC, 2015. **V. oxigênio.**

fungicida n.m. Sin. *antifúngico*. Agrotóxico que serve para combater fungos. Adapt. DH, 2001. *Além da análise de comestíveis, adubos, inseticidas e fungicidas importados, passou a realizar também estudos de solos e de plantas de valor industrial.* LDPA, 2014. **V. agrotóxico.**

geoide n.m. Forma achatada da Terra. Adapt. LDTC, 2015. *Os geólogos chamam de geoide a forma da Terra, que é ligeiramente achatada nos polos e apresenta irregularidades na superfície por causa das altas montanhas e grandes profundidades oceânicas.* LDTC, 2015.

geologia n.f. Ciência que estuda a origem, a formação e as transformações das rochas e do solo. Adapt. DAJ, 2011. *A geologia procura definir maneiras menos destrutivas de utilizar os materiais geológicos.* LDIC, 2015.

geólogo n.m. Profissional que estuda o processo de formação, origem, estrutura e transformação da Terra. Adapt. DAJ, 2011. *Os geólogos chamam de geoide a forma da Terra, que é ligeiramente achatada nos polos e apresenta irregularidades na superfície por causa das altas montanhas e grandes profundidades oceânicas.* LDTC, 2015.

hemisfério n.m. Linha imaginária que divide a Terra em duas partes, Ocidental e Oriental. Adapt. DAJ, 2011. *Hemisfério: é a metade da superfície da Terra limitada por um círculo máximo. Quando dividida: por um meridiano (o de referência é o de Greenwich), temos os hemisférios Ocidental e Oriental.* LDTC, 2015.

hemoglobina n.f. Proteína vermelha, localizada no interior das células dos animais e de certas plantas, que serve para transportar o oxigênio. Adapt. DH, 2001. *A inalação do monóxido de carbono prejudica a captação de oxigênio pela hemoglobina.* LDC, 2015. **V. oxigênio.**

herbicida n.m. Agrotóxico que serve para combater plantas invasoras. Adapt. DAJ, 2011. *Além de fertilizar o solo, o composto resultante permite a passagem de água e ar, reduzindo também a quantidade de fertilizantes, herbicidas e pesticidas necessários ao cultivo agrícola.* LDVJ, 2015. **V. agrotóxico.**

herbivoria n.f. Hábito alimentar dos animais que consomem plantas. Adapt. LDPT, 2015. *A herbivoria ou herbivorismo é uma relação semelhante ao predatismo, que ocorre entre um animal herbívoro e as plantas das quais se alimenta.* LDPT, 2015.

herbívoro n.m. Animal que se alimenta de plantas. Adapt. DAJ, 2011. *O pacupeva é um peixe herbívoro muito apreciado na culinária de Cuiabá e dos arredores.* LDVJ, 2015.

heterotrófico n.m. Ser vivo pequeno que não produz o próprio alimento. Adapt. DAJ, 2011. *As algas servem de alimento para o zooplâncton, que é o conjunto de seres heterotróficos que também flutuam nas águas, como protozoários e pequenos animais.* LDPT, 2015. Nota: Os animais heterotróficos se alimentam de vegetais, animais e minerais.

hidrogênio n.m. Gás sem cor e sem gosto que combinado com o oxigênio forma a água. Adapt. DAJ, 2011. *A água é um composto químico constituído por dois átomos de hidrogênio (H) e um átomo de oxigênio (O)*. LDIC, 2015. **V. oxigênio.**

hidrografia n.f. Estudo dos rios, lagos, mares e oceanos. Adapt. LDPA, 2014. *Domínio morfoclimático é uma área geográfica onde há predominância de certas características de clima, relevo, hidrografia, vegetação e solo*. LDPA, 2014.

hidrosfera n.f. Sin. *talassosfera*. Região da biosfera formada pelas águas dos oceanos, mares, rios, nuvens e geleiras e das águas abaixo do solo. Adapt. LDIC, 2015. *O conjunto de toda a água presente na Terra é chamada hidrosfera*. LDIC, 2015. **V. biosfera.**

higrógrafo n.m. Aparelho que serve para medir a umidade relativa do ar. Adapt. LDTC, 2015. *Higrômetro e higrógrafo. Ambos são aparelhos que medem a umidade relativa do ar*. LDTC, 2015.

higrômetro n.m. Aparelho que serve para medir a umidade de gás ou de ar. Adapt. LDTC, 2015. *A umidade relativa do ar varia de um dia para outro, e é maior quando está para chover. Ela pode ser medida por um aparelho chamado higrômetro*. LDPT, 2015.

inseticida n.m. Agrotóxico que serve para matar os insetos prejudiciais aos vegetais e ao ser humano. Adapt. LDVJ, 2015. *Um caso de poluição por defensivos foi o do inseticida conhecido como DDT, que acabava matando tanto insetos prejudiciais quanto os não prejudiciais às plantações*. LDVJ, 2015. **V. agrotóxico.**

litosfera n.f. Sin. *orosfera*. Região da biosfera, que é formada pela superfície terrestre, contém minerais, gases e petróleo e serve para o desenvolvimento dos ecossistemas. Adapt. LDIC, 2015. *A crosta terrestre e a porção do manto que fica logo abaixo dela formam uma camada de rochas sólidas chamada litosfera, que significa “esfera de pedra”*. LDIC, 2015. **V. biosfera; ecossistema.**

mamífero n.m. Animal que contém mama. DAJ, 2011. *A maioria dos mamíferos contribui com o ciclo da água pela transpiração, que é a eliminação de suor por meio da pele*. LDIC, 2015.

mesologia n.f. = ecologia.

mesosfera n.f. Camada da atmosfera localizada entre a estratosfera e a termosfera que contém ar frio. Adapt. LDIC, 2015. *Na mesosfera, ocorre a combustão (queima) de blocos rochosos - os meteoroides -, provocando o fenômeno conhecido por meteoro ou estrela cadente*. LDTC, 2015. **V. atmosfera; estratosfera; termosfera.**

meteoróide n.m. Tipo de asteroide pequeno que vaga no espaço. Adapt. LDVJ, 2015. *Meteoroides são asteroides de dimensões muito reduzidas que vagam pelo espaço*. LDVJ, 2015. **V. asteroide.**

meteorologia n.f. Ciência que estuda o ar, a chuva, a neve, o vento, o relâmpago e a previsão do tempo. Adapt. LDPT, 2015. *O psicômetro é um higrômetro mais complexo, utilizado pelos serviços de meteorologia para avaliar a quantidade de vapor-d'água contido na atmosfera*. LDIC, 2015.

micróbio n.m. Ser vivo unicelular bacteriano capaz de gerar doenças e causar fermentação e apodrecimento. Adapt. DAJ, 2011. *Os micróbios causadores de doenças são denominados microrganismos patogênicos*. LDCN, 2015. **V. unicelular.**

microrganismo n.m. Pequenos animais que só podem ser vistos pelo microscópio. Adapt. DAJ, 2011. *Quando um animal, uma planta, um fungo e até um microrganismo morrem, esses decompositores também entram em ação, produzindo o húmus*. LDIC, 2015. Nota: As células, fungos, vírus e bactérias são microrganismos. **V. microscópio.**

microscópio n.m. Aparelho utilizado para ver microrganismos. Adapt. LDPT, 2015. *Microscópio de luz ou óptico: com esse instrumento podemos ver o que seria impossível enxergar a olho nu, como as algas microscópicas*. LDPT, 2015.

monocelular n.f. = unicelular.

monocultura n.f. Atividade rural que consiste na preparação do solo para a plantação de um único vegetal. Adapt. DH, 2001. *O esgotamento dos nutrientes do solo é um problema sério acarretado pela monocultura, ou seja, o cultivo de um único tipo de planta*. LDVJ, 2015.

necrófago n.m. Animal que se alimenta de animais mortos. Adapt. LDCN, 2015. *Comportam-se como necrófagos, animais que ingerem cadáveres, às vezes já em processo de decomposição (“carniça”)*. LDCN, 2015.

nematoide n.m. Verme alongado que causa doenças nas plantas ou nos animais ao retirar alimento para o próprio sustento. Adapt. LDCN, 2015. *Nematoide ou nematódeos – tipo de verme*. LDCN, 2015. Nota: O nematoide se parece com um fio de linha.

nitrogênio n.m. Gás sem cor e sem cheiro que serve para o crescimento, floração e frutificação das plantas. Adapt. DAJ, 2011. *Todas as proteínas têm nitrogênio em sua composição*. LDIC, 2015.

onívoro n.m. Animal que se alimenta de vegetal e de outros animais. Adapt. LDPT, 2015. *Os animais que, como o ser humano, se alimentam de vegetais e animais são chamados onívoros*. LDPT, 2015.

orosfera n.f. = litosfera.

oxigênio n.m. Gás sem cor e sem cheiro que serve para o desenvolvimento dos seres vivos. Adapt. DAJ, 2011. *Além disso, algumas espécies possuem adaptações que possibilitam a sobrevivência no solo pobre em gás oxigênio*. LDPA, 2014.

parasitoide n.m. Animal que se alimenta de um hospedeiro. Adapt. LDCN, 2015. *Certo organismo abriga o parasitoide que é consumido por ele (como alimento) durante o desenvolvimento e acaba morrendo, não chegando à fase adulta de reprodução*. LDCN, 2015.

pluviômetro n.m. Aparelho que serve para medir a quantidade de chuva caída numa região. Adapt. LDTC, 2015. *Tal acompanhamento é feito com o auxílio de diversos tipos de instrumentos, tais como o barômetro, o anemômetro, o cata-vento, a biruta, o pluviômetro e os satélites meteorológicos*. LDCN, 2015.

psicrômetro n.m. Aparelho que serve para indicar a quantidade de vapor na atmosfera. Adapt. LDC, 2015. *Um instrumento utilizado para medir a umidade relativa do ar é o psicrômetro.* LDC, 2015. **V. atmosfera.**

quilograma n.m. Unidade de medida que serve para indicar o peso sólido de um produto. Adapt. LDPA, 2014. *Geralmente utilizamos as unidades quilograma (kg) ou grama (g) para expressar a massa de um material (1 kg equivale a 1.000g).* LDPA, 2014.

radiossonda n.m. Aparelho com sensor que emite sinais de rádio para medir a pressão atmosférica, temperatura e umidade, localizadas nas camadas altas da atmosfera. Adapt. LDTC, 2015. *As radiossondas são aparelhos levados por balões meteorológicos, que enviam essas informações por meio de sinais de rádio.* LDPT, 2015. **V. atmosfera.**

radiotelescópio n.m. Sin. *astroantena*. Aparelho que serve para captar ondas de rádio emitidas pelas estrelas, asteroides, cometas, meteoros, meteoritos, planetas, satélites artificiais e naturais e nuvens de poeira e gás. Adapt. LDPT, 2015. *Hoje, além dos telescópios que captam a luz e outras radiações, como a ultravioleta e o infravermelho, existem os radiotelescópios.* LDPT, 2015. **V. asteroide.**

sismógrafo n.m. Aparelho que serve para monitorar, detectar e registrar os sinais de movimentação da crosta terrestre. Adapt. LDPA, 2014. *Por meio dos sismógrafos, os cientistas podem ter acesso a informações como hora, duração e intensidade dos tremores.* LDPA, 2014.

subsolo n.m. Camada profunda localizada abaixo do solo. Adapt. LDTC, 2015. A maioria desses recursos está nas camadas mais profundas do solo, conhecidas como subsolo. LDTC, 2015.

talassosfera n.f. = hidrosfera.

telescópio n.m. Aparelho que serve para observar as estrelas, cometas, planetas e a Lua. Adapt. LDIC, 2015. *Um telescópio permite observar corpos celestes – como estrelas, cometas, planetas e luas – que estão muiiiiito longe de nós.* LDIC, 2015.

termômetro n.m. Aparelho que serve para medir a temperatura do ambiente e do corpo humano. Adapt. LDTC, 2015. *O termômetro comum é usado para medir a temperatura em determinado momento.* LDTC, 2015.

termosfera n.f. Camada da atmosfera localizada entre a mesosfera e a exosfera que contém ar quente. Adapt. LDIC, 2015. *A termosfera inicia-se a cerca de 80 a 85 km de altitude e estende-se por cerca de 500 quilômetros, sendo difícil dizer qual é o seu limite com a última camada da atmosfera, pois lá o ar é muito rarefeito.* LDIC, 2015. **V. atmosfera; mesosfera; estratosfera.**

troposfera n.f. Camada da atmosfera que apresenta variação na mudança do tempo e faz limite com a superfície da Terra onde se encontram todos seres vivos. Adapt. LDIC, 2015. *É na troposfera que ocorrem os fenômenos atmosféricos que determinam as condições do tempo, como a formação de nuvens, de chuva e de neve.* LDIC, 2015. Nota: A troposfera fica localizada até 10 km da superfície da terra. **V. atmosfera.**

unicelular n.m. Sin. *monocelular*. Organismo formado por uma única célula. Adapt. LDIC, 2015. *Para estudar as células e os seres unicelulares, é necessário o auxílio de um microscópio*. LDIC, 2015.

zoólogo n.m. Profissional que estuda os animais. Adapt. DAJ, 2011. *A Ecologia foi um termo cunhado em 1866 pelo zoólogo alemão Ernest Haeckel, e os primeiros passos para a organização da disciplina foram dados por volta de 1890*. LDPA, 2014.

zooplâncton n.m. Conjunto de pequenos animais heterotróficos, que vivem soltos na água doce ou salgada e servem de alimento para os animais maiores. Adapt. LDPT, 2015. *As algas servem de alimento para o zooplâncton, que é o conjunto de seres heterotróficos que também flutuam nas águas, como protozoários e pequenos animais*. LDPT, 2015. **V. heterotrófico.**